



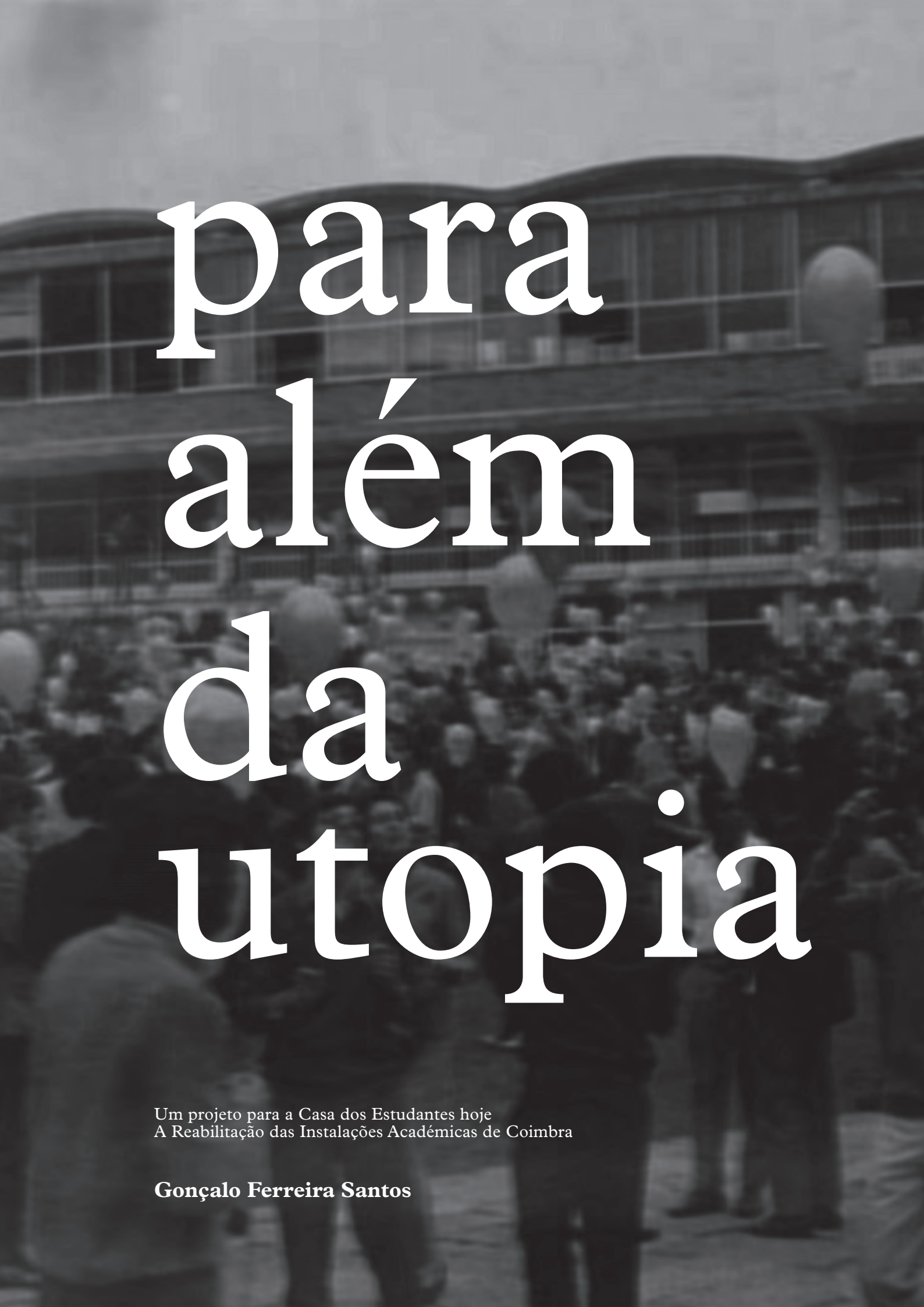
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Gonçalo Ferreira Santos

PARA ALÉM DA UTOPIA
UM PROJETO PARA A CASA DOS ESTUDANTES HOJE
A REABILITAÇÃO DAS INSTALAÇÕES ACADÉMICAS DE COIMBRA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor Rui Aristides Bixirão Neto Marinho Lebre
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2020



para além da utopia


Um projeto para a Casa dos Estudantes hoje
A Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Gonçalo Ferreira Santos

Nota de edição

O documento segue o novo Acordo Ortográfico exceto na palavra arquitectura e palavras da mesma família

Utiliza-se para citações, por decisão do autor, a norma da American Psychological Association, 6ª edição

O símbolo  indica que existe conteúdo na parte posterior da página

Para a melhor compreensão do projeto, propõe-se o acompanhamento da leitura com os desenhos presentes em anexo.

Gonçalo Ferreira Santos

*Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides Lebre*

Departamento de Arquitectura, FCTUC, julho de 2020



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradeço,

Aos meus pais à minha irmã, à minha avó Elsa, e à minha avó Rosa pelo esforço e dedicação que me permitiram fazer aquilo que gosto.

À minha Madrinha, ao meu Padrinho, à Solange e ao Rui, que sempre estiveram comigo quando precisei,

À Fundação Rotária Portuguesa, pelo apoio e confiança,

À Direção do Núcleo de Estudantes de Arquitectura 2016/17 e à Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra 2018, em especial à Mariana Rodrigues e ao Guilherme São Pedro que me ajudaram a perceber o mundo da *Academia*,

Ao dARQ, ao Sr. Cardoso, à Dona Lurdes, ao Augusto e à Andreia que sempre me fizeram sentir em casa. Ao Nina, por toda a paciência, e ensinamentos que não vou esquecer,

Aos meus amigos, Pita, Teresa, Érica, Vanessa, Miguel, Morais, Tota, malta da São Salvador, Aleixo, Sofia, Lara, Guilherme e todos os que me cruzaram comigo nestes anos. Ao Ivan, à Andreia, à Ana Baia, ao Sil e à Daniela, que me acompanharam desde o início,

Ao meu orientador, Rui Aristides, pelo entusiasmo e desafios permanentes que acompanharam todo o processo,

À Laura, pela exigência, paciência, carinho, e presença durante este percurso.

Resumo

A *Academia* de Coimbra tem ao longo do tempo mostrado uma vivência particular, assim como uma vida associativa que marca desde o início a vida dos estudantes e da cidade, as Instalações Académicas de Coimbra dão lugar a essas vivências. Contudo é de notar algum distanciamento dos estudantes em relação ao edifício. Este tem sofrido alterações pontuais não consensuais, gerando algum desagrado por parte das estruturas internas, assim como da comunidade académica em geral.

Este tema surge da necessidade de repensar um espaço nevrálgico da cidade de Coimbra, com um potencial material e imaterial. As Instalações Académicas, apesar de devidamente classificadas enquanto Património, carecem de uma intervenção que dignifique o conjunto enquanto objeto arquitectónico e espaço maior da comunidade estudantil. Ao longo de meio século foi perdendo alguns traços distintivos e foi-se acrescentando ruído à composição moderna.

Através de um estudo histórico e de contextualização sobre o que hoje são umas instalações académicas, associado a um estudo participado do caso de Coimbra pretende-se descobrir um caminho para suprir as necessidades atuais e devolver o edifício aos estudantes.

Palavras-chave: Instalações Académicas de Coimbra, Associação de Estudantes, Reabilitação, Património Moderno

Abstract

The Coimbra Academy has, over time, shown a particular experience, as well as an associative life that has impacted the lives of both students and the city since the beginning. The Coimbra Students Center gives place to these experiences, however, it is noteworthy that students are distant from the building. This has undergone occasional non-consensual changes, generating some displeasure on the part of the internal structures, as well as the academic community in general.

This theme arises from the need to rethink a crucial space in the city of Coimbra, with material and immaterial potential. The Coimbra Students Center, although properly classified as Heritage, needs an intervention that dignifies the whole building as an architectural object and a space for the student community. Over half a century, some of the distinctive features have been lost and noise has been added to the modern composition.

Through a historical study and contextualization of how student centers work today, associated with a participatory study of the case of Coimbra, it is intended to find a way to meet current needs and return the building to students.

Keywords: Coimbra Students Centre, Student Union, Design rehabilitation, Modern Heritage

Sumário

Introdução	17
I - Sede	
História da <i>Academia</i> através dos seus espaços	29
O Teatro e o Associativismo Académico em Coimbra	31
O Colégio de São Paulo, o Eremita e a Tomada da Bastilha	41
Instalações Académicas de Coimbra	57
II - Cidade	
Caracterização e Análise das Instalações Académicas de Coimbra	75
Envolvente Urbana	77
O edifício	83
Casos de Estudo	105
III - Projeto	
Estratégia Geral de Intervenção	129
Frentes Urbanas, Corpo I, Corpo III, Jardins e Encosta Nascente	137
Definição Material e Construtiva	159
Considerações Finais	165
Fontes das Imagens	169
Bibliografia	177
Anexos	190



Fig. 1 - Fotografia aérea das Instalações Académicas de Coimbra

Acrónimos e Siglas

AAC - Associação Académica de Coimbra

AAUAv - Associação Académica da Universidade de Aveiro

CAPOCUC - Comissão Administrativa do Plano de Obras para a Cidade Universitária de Coimbra

CITAC - Circulo de iniciação Teatral da Academia de Coimbra

DOCOMOMO - Documentation and Conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the Modern Movement

GEFAC - Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra

FAP - Federação Académica do Porto

IAC - Instalações Académicas de Coimbra

ICOMOS - Internacional Scientific Committee on Twentieth-Century Heritage

IIT - Illinois Institute of Technology

OA - Organismos Autónomos da Academia

RUC - Rádio Universidade de Coimbra

SASUC - Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra

TAGV - Teatro Académico Gil Vicente

TEUC - Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

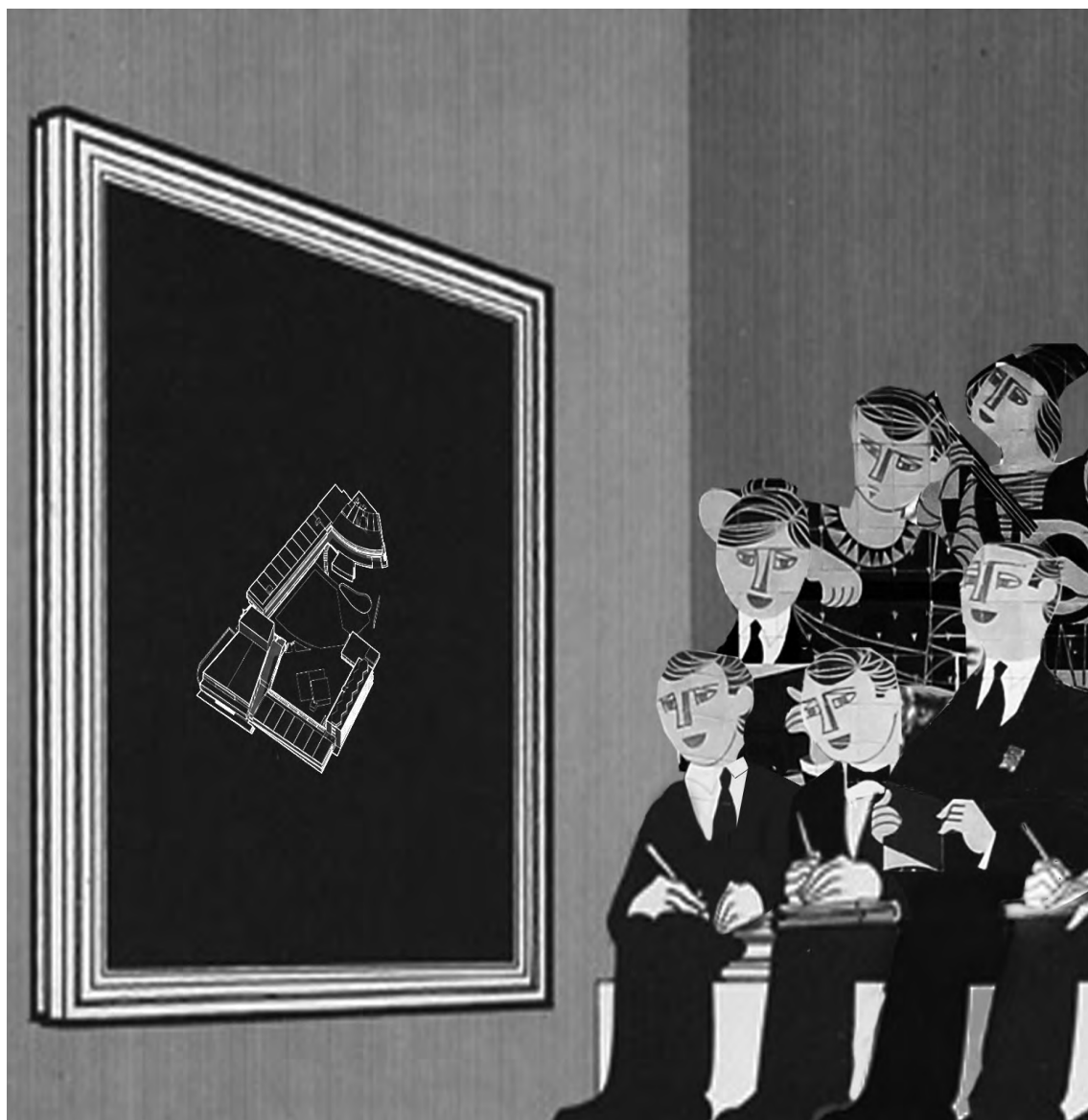


Fig. 2 - Ilustração a partir de uma imagem de Abel Manta

Introdução

As Instalações Académicas de Coimbra [IAC] são sede da Associação Académica de Coimbra [AAC] e demais Organismos Autónomos [OA], que entre si marcam a vida académica dos estudantes que por Coimbra passam. A *Academia*, como vernaculamente os estudantes denominam a comunidade que pertence à AAC e OA, pauta-se por uma grande atividade social e cultural, existindo um sentimento de comunidade e solidariedade entre pares.

Foi-se construindo um ideário coletivo de igualdade e liberdade, onde todos tem lugar. Estes interesses e vontades foram-se materializando em diversas estruturas ao longo do percurso da *Academia*, desde o teatro à música. Estas foram construindo o seu espaço em Coimbra e ao mesmo tempo cruzando-se com a história do próprio país quer indiretamente, quer diretamente. Neste tempo o Movimento estudantil foi-se alojando em vários Colégios e casas na Alta da cidade de Coimbra, havendo uma luta constante com vista à construção de uma sede própria com condições para os albergar e desenvolver a sua atividade e concretizar a utopia de um lugar para todos.

A necessidade do atual edifício para acolher a *Academia* surge aquando da demolição da antiga sede, o Colégio de São Paulo, integrada no plano da Cidade Universitária. Aí a Comissão Administrativa do Plano de Obras para a Cidade Universitária de Coimbra [CAPOCUC] fala da necessidade de dar um lugar decente e condigno para a Casa dos Estudantes. (Mendes, R. 2004). O desejo do uso da “tradição portuguesa” em comunhão com as técnicas mais atuais por parte do Governo viria, no entanto, a resultar num edifício francamente moderno o que não agradara a este órgão, embora mais tarde, viesse a reconhecer qualidades urbanas. (Rosmaninho, 2006)

As IAC surgem num momento de transição de paradigma da arquitetura moderna, no panorama internacional em que a construção de uma nova tipologia com um novo desenho faz nascer o *centro cultural*, gerador de uma nova monumentalidade, de onde vieram a resultar edifícios como o Royal Festival Hall em Londres. A materialização de um ideário de humanização da arquitetura encontrou numa cultura cada vez menos elitista um caminho aberto para se demonstrar, assim como um conjunto de políticas públicas propícias. Apesar do contexto político nacional não ser favorável a tais ideais, as

Para além da Utopia

IAC fomentaram uma nova forma de construir e pensar o equipamento e a cidade, tendo a arquitectura um papel preponderante. (Silva, 2017)

Embora o seu valor patrimonial e arquitetónico comece a ser reconhecido, a modificação do edificado tem sido crescente. Desde a construção sobre as diversas coberturas no Corpo III (Cantinas), com a inclusão de elevadores, à desordenação dos Jardins com a inclusão de bares exteriores e de pavilhões anexos dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra [SASUC] tem desfigurado a edificação (Mendes, 2004) tornando a sua leitura menos clara. A construção de um acrescento no antigo Restaurante que recebe as Monumentais e o remate inacabado junto à Casa das Caldeiras, retiram dignidade e integridade ao conjunto que é indispensável à organização espacial da encosta nascente da Alta de Coimbra (Costa, A. 1997) quebrando a relação com esta, que estava prevista em estudos prévios.

O crescimento e democratização do ensino levou a um aumento exponencial do número de estudantes e a um alargar do espectro da população que chegava ao ensino superior, (Pascueiro, 2009) o que leva a uma mudança de paradigma do que é ser estudante universitário e os interesses e atividades que desenvolvem em simultâneo com o curso. A cidade aumentou e os estudantes já não estão só cingidos à alta universitária, hoje habitam num raio muito maior ao que ocupavam na década de 50 e a própria Universidade se foi espalhando pela cidade. Posto isto torna-se necessário refletir o que deve ser hoje a Casa dos Estudantes enquanto agregador de uma comunidade e qual o seu papel na cidade.

Torna-se importante perceber a rede de significados de cada ocupação espacial, e como potenciá-las numa lógica de suprir melhor as suas necessidades. Dentro das IAC vemos que foi construída uma vivência própria e uma apropriação por parte de quem a habita que se tem revelado gradualmente controversa.

O edifício está sobrelotado e houve uma sobre-utilização do mesmo que lhe retirara alguma identidade (Bandeirinha, 2007) que possivelmente resultaram num desconhecimento do valor deste conjunto por parte da comunidade. Apesar disto, a *Academia* é movida por objectivos que muitos apelidam de utópicos (Vasconcelos, 2007), este projecto pretende materializar a antiga vontade de conseguir um espaço para todos os estudantes, indo assim para além dessa utopia.

Para além da Utopia

Objectivos

O presente trabalho apresenta uma proposta de intervenção e requalificação das Instalações Académicas de Coimbra, enquadrando o edifício no seu tempo e a sua pertinência.

Para isso surge a necessidade de enquadrar o que é uma “Casa dos Estudantes” e se como o edifício é inserido neste âmbito. A história da AAC e estruturas autónomas da *Academia* será alvo de pesquisa de modo a perceber o que levou à construção das IAC, os objetivos que resultaram naquela forma edificada e qual o seu papel na cidade.

Este projeto para as Instalações Académicas de Coimbra pretende ser também em si um estudo do edifício e o que representa para a *Academia* ao longo deste meio século, assim como das necessidades dos utilizadores atuais, e pensar a forma como o projeto desenvolva o espaço sem o musealizar. Alicerçado nos estudos feitos até hoje, pretende-se valorizar o desenho de Alberto Pessoa e Abel Manta e voltar a dar vida a este conjunto edificado.

A dissertação explora a ideia de um espaço comum a toda uma comunidade, abertura e um sentimento de pertença, potenciando um lugar aglutinador de ideias e vontades, estabelecendo paralelos com exemplos mais recentes de instalações académicas. Devolve-se o edifício aos estudantes permitindo que estes moldem o conjunto conforme as suas expectativas do que este deve ser.

Com isto pretende-se uma visão completa das várias valências que devem ter umas instalações académicas, enquanto estruturas evolutivas e dinâmicas conforme as diferentes gerações que vão habitando o espaço. Num contexto particular partindo do presente, olhando o passado, propõe-se um possível futuro.

Para além da Utopia

Método

Para esta dissertação houve uma pesquisa quer a nível histórico, ao nível material e ao nível da utilização do edifício, para dar forma ao projeto.

Numa primeira fase é feita uma contextualização daquilo que são as estruturas que habitam as Instalações Académicas, recorrendo a bibliografia e depoimentos de antigos estudantes, definem-se quem são os atores das IAC a sua História e quais foram os lugares em que a *Academia* se instalou antes de se firmar no conjunto que hoje ocupa.

Em seguida é exposta uma análise de quais foram os primeiros passos do conjunto edificado, quer a nível político, quer a nível formal. Deu-se ênfase ao método de construção do programa e as decisões tomadas, com base em leituras de fontes secundárias que dissertam sobre este edifício. Foi importante também a pesquisa de artigos da comunicação social de modo a perceber qual foi o percurso que o edifício teve e como foi a Academia ocupando o espaço.

Após a compreensão geral do conjunto, como objeto inserido num contexto específico, analisaram-se os diversos temas que tomaram parte da discussão desta dissertação, com o auxílio de um estudo participado, com vista a cruzar a análise morfológica e formal com a opinião e vivência dos estudantes. Este estudo foi composto por um inquérito *online*. Este continha perguntas que visavam perceber a sua relação com o espaço, quais os pontos negativos e positivos de todo o conjunto. Foi também conduzido um inquérito presencial aos estudantes nas imediações das IAC questionando quais os fluxos que estes faziam, marcando-os numa planta, complementado por pequenas conversas sobre o edifício.

O projeto final passou por um processo seletivo, retratado com o auxílio de esboços e fotografias, fazendo a crítica e síntese do conjunto de fatores enumerados ao longo do processo que caracterizam o espaço e a sua vivência. O balanço entre o existente e a proposta permite trazer uma nova harmonia às Instalações Académicas de Coimbra e a todos que pertencem a esta Casa, com vista não só à melhoria espacial do conjunto, mas também ao melhor funcionamento das instituições que nele se inserem.

Para além da Utopia

Estrutura

Esta dissertação divide-se em três momentos; sede, cidade e projeto.

Na primeira parte fala-se do percurso da *Academia* Coimbrã e de como os estudantes se foram organizando de forma a caracterizar o associativismo, na sua relação com a cidade, explorando os vários lugares que a *Academia* foi ocupando, assim como a génese na cultura e exposição pública dos estudantes. É também nesta parte que se caracteriza o conjunto edificado, quer formalmente, quer o processo e as necessidades dos estudantes que levaram à construção das IAC na Avenida Sá da Bandeira e como o edifício foi usado até hoje.

A segunda parte é um momento de análise da situação atual do conjunto das IAC, partindo de uma análise morfológica e urbana da cidade, cruzada com um estudo participado, por meio de um inquérito e de uma análise de percursos do edifício. São estudadas as várias alterações que o conjunto foi sofrendo, de forma a perceber quais os motivos. São também apresentados três casos de estudo de instalações académicas contemporâneas, as propostas de reabilitação existentes para as IAC e algumas notas sobre a intervenção em Património Moderno de forma a enquadrar a intervenção

Na parte final é apresentada a proposta de intervenção nas IAC, partindo do conceito geral e programa proposto e qual o seu método de intervenção, seguindo-se a apresentação das várias partes do projeto colocando também ênfase no processo que levou ao desenho final, expondo o material gráfico e físico produzido.

1.

se
de

Para além da Utopia



Fig. 3 - IAC em construção

História da *Academia* através dos seus espaços

Este capítulo vai abordar a história da *Academia* na sua procura de uma sede na sua relação com a Cidade e a Universidade. Incorporando as lutas e o percurso dos estudantes, caracteriza-se o caminho para a construção da Casa dos Estudantes, as estruturas que nela se inserem, e a importância da Cultura na vivência dos Estudantes. Essencialmente pretende-se focar a forma como a ideia de um espaço para além da disciplina académica se materializou no atual edifício da Rua Padre António Vieira, formando um espaço heterotópico.

A Universidade, após vários anos de intermitência entre Lisboa e Coimbra, fixa-se no séc. XVI na cidade do Mondego. Durante os séculos subsequentes esta foi crescendo e criando hábitos, tradições, uma cultura própria, marcada pelo inconformismo, irreverência e um idealismo associados aos estudantes universitários. A história da *Academia* além de tradições, mostra-nos um legado de vida associativa e intervenção cultural muitas vezes esquecido (Torgal, 2004). Os princípios da universalidade, da igualdade e de democracia (AAC, 2017) estão explanados nos estatutos da Associação Académica de Coimbra, instituição que representa a *Academia*, criando um ideal coletivo de liberdade onde todos tem lugar.

Apesar de no passado os estudantes se mobilizarem e terem marcado não só a história da cidade, como do país, hoje estão mais alheados da vida associativa, (Estanque, 2006) simultaneamente as Instalações Académicas de Coimbra [IAC] se foram deteriorando, não tendo o fulgor dos anos 60. As IAC foram e são palco dos mais importantes acontecimentos gerados por estudantes, fruto de uma luta permanente, pela conquista de um espaço digno para a produção estudantil, uma Casa para os Estudantes de Coimbra, espaço para pensar, espaço para produzir, espaço com qualidade. Perceber a *Academia* é um mote para conhecer o edifício, enquanto estrutura evolutiva e dinâmica.

A teia de significados que dão sentido às vivências do edifício dos estudantes dá-nos as indicações de como a *Academia* se foi regenerando e qual o seu papel na cidade. No fundo, como se materializou e como se foi construindo o ideal do lugar para todos e onde este ideal se foi perdendo, é essencial para perceber como reabilitamos o edifício, e ao mesmo tempo, damos ferramentas à instituição para se renovar também.

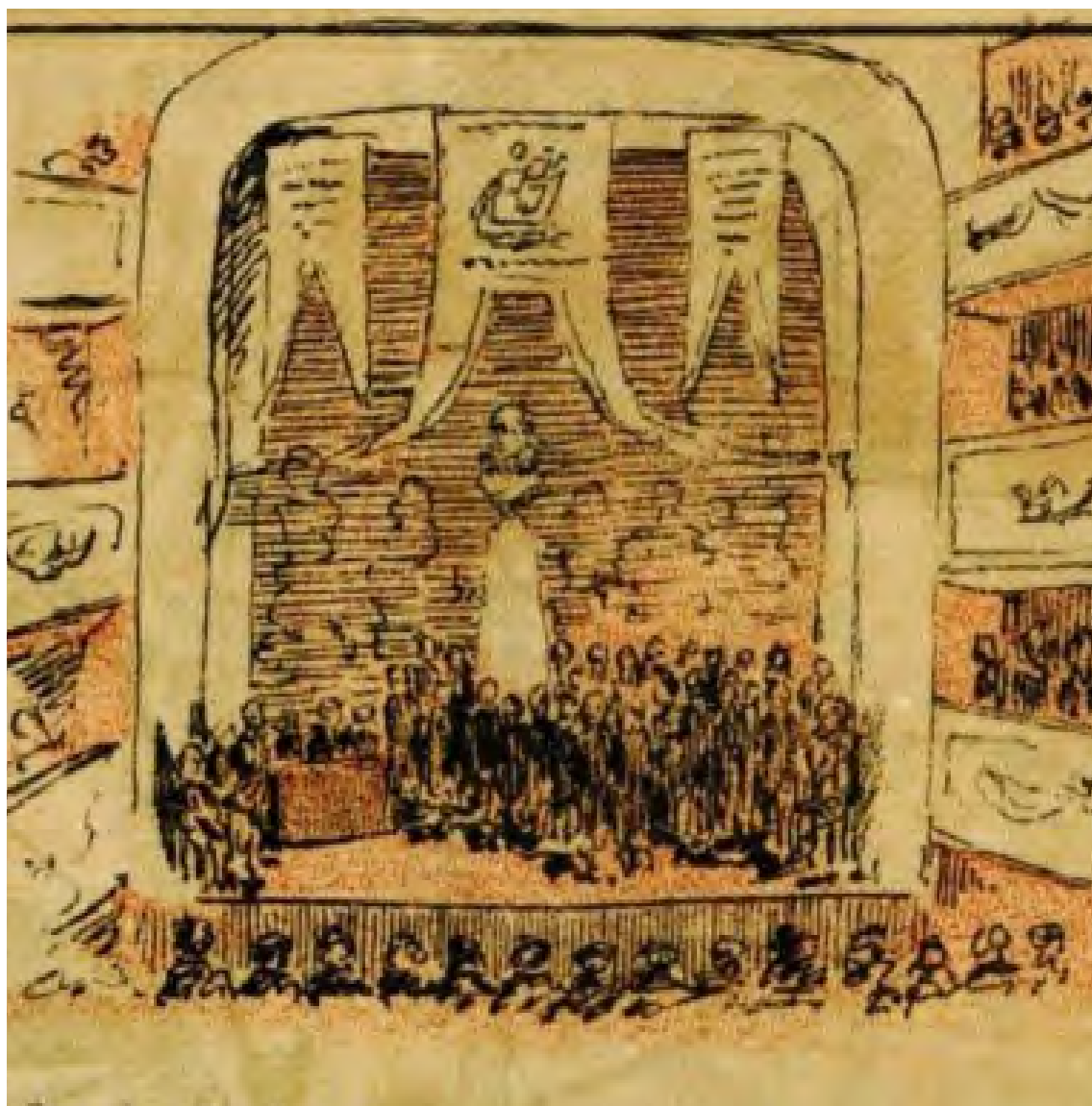


Fig. 4 - Ilustração do Colégio de São Paulo, o Apóstolo

1.1 O Teatro e o Associativismo Académico em Coimbra

O sentimento da formação de uma comunidade estudantil surge com a estabilização da Universidade na cidade de Coimbra em 1537 (Vasconcelos citado em Rosmaninho, 2006). Surge então a expressão: “Sou estudante de Coimbra” como uma divisa do qual este se orgulha. (Ribeiro, 2002) Até aí com as recorrentes mudanças entre Lisboa e Coimbra não haveria tempo para cultivar um sentido de comunidade, embora só se comece a afirmar após a Reforma Pombalina no início do séc. XIX passando a denominar-se a comunidade estudantil como *Academia* ou os *Briosos* (Ribeiro, 2002).

O que num primeiro momento terá despoletado o interesse pelo associativismo foram os ineficazes métodos de ensino, que se mostravam monótonos e imóveis, com aulas de presença obrigatória e os professores a debitar matéria. Os estudantes começaram a sentir a necessidade de expandir os seus conhecimentos e ação, para se fazerem cidadãos de corpo inteiro e não apenas assimiladores de matéria. Necessitavam de algo que desenvolvesse o seu espírito de iniciativa. Precisavam de um espaço que fosse de sua gestão, para poderem disfrutar e produzir atividades nos seus tempos livres (Ribeiro, 2002).

Nessa altura houve também um grande interesse pelas artes dramáticas não só por parte de alunos como também de professores. É então que surge no rés do chão do Colégio das Artes o *Teatro do Museu* que marcou o início do associativismo formal no ano letivo de 1813-14 na Universidade de Coimbra (Lamy, 24, 1991). Asseguradas as instalações a atividade da recente estrutura aumentou, inaugurando o espaço com a peça *Merinnel* de Arnaut e *Zaira* de Voltaire (Ribeiro, 2002). Esta estrutura associativa é, no entanto, encerrada pela Universidade devido à realização de algumas peças polémicas, como o *Bruto* de Voltaire, pelas tendências liberais que estes representavam (Lamy, 24, 1990).

O Associativismo Académico em Coimbra tem, portanto, as suas origens na prática teatral, enquanto espaço criativo e possivelmente democrático à margem ou rebelia das cátedras altamente hierarquizadas e desiguais promovidas pela Universidade. Até 1836 são replicados alguns destes grupos teatrais, com ênfase para a criação da Academia Dramática [AD] em 1837 que surge também no Colégio das Artes (Santos, 93, 1991). Esta acaba por definir, e dá origem a um grupo com o mesmo nome.

Para além da Utopia

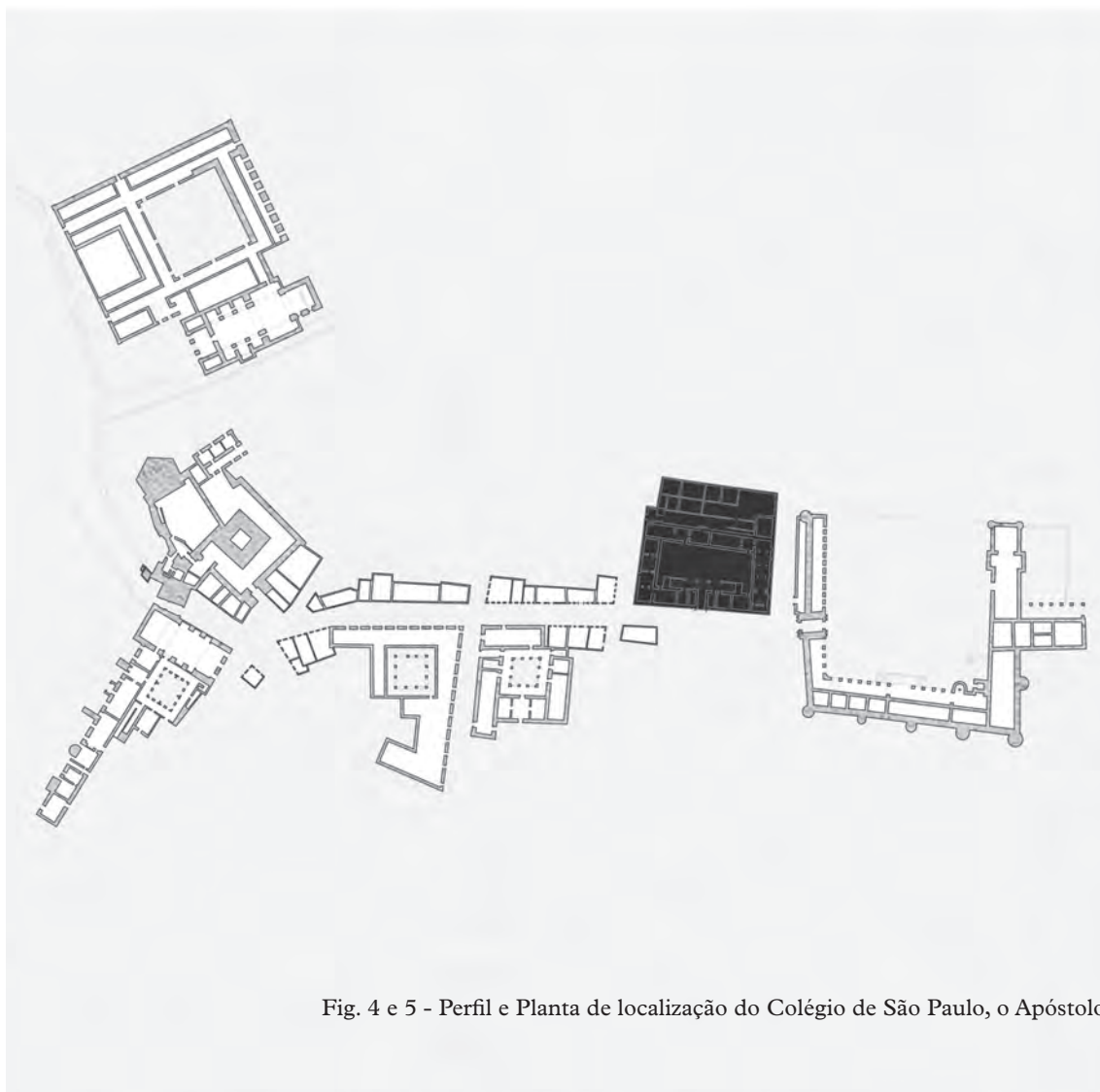


Fig. 4 e 5 - Perfil e Planta de localização do Colégio de São Paulo, o Apóstolo

Colégio de São Paulo o Apóstolo

A AD instala-se no Colégio de São Paulo, o Apóstolo,¹ em 1839, onde estudantes, professores e alguns licenciados se juntaram e construíram no pátio deste Colégio, o *Teatro Académico*. (Ribeiro, 2002) Este edifício foi um grande foco de atividade cultural da época, tendo uma grande influência na vida universitária (Santos, 92, 1991).

O *Teatro Académico* segundo Trindade Coelho: (citado em Lamy, 83, 1990)

“fazia parte do edifício do Clube, nada tinha de notável. Era uma plateia regular, com uma ordem de frisas e duas de camarotes, tudo liso, sem ornatos, e tudo pintado de branco! O palco era um casarão enorme; os camarins uns verdadeiros cubículos; e a casa chamada dos adereços, da arrecadação, ou guarda-roupa, toda ilustrada pelas paredes, pelo que lá continha! Mas, em noites de festa, tudo aquilo parece que o tocava uma varinha mágica”

A *Academia Dramática* reforçava a sua posição na Universidade tendo em dezembro de 1840 aprovado os seus novos estatutos que conferiam a sua área de intervenção tripartida entre um instituto dramático, de música e de pintura (Lamy, 80, 1990). Contudo, com uma nova mudança de estatutos em 1849 os Professores dissolveram os três institutos e centralizam tudo num único, no qual teriam o controlo sobrepondo-se aos estudantes em todos os assuntos.

Os estudantes, sentindo-se postos de parte da instituição, separam-se do corpo docente em 1851 (Santos, 93, 1991). Os professores perante esta cisão criam o Instituto de Coimbra, que viria a ser conhecido por *Clube dos Lentos* pela exigência na seleção dos seus membros. Instalam-se no Colégio de São Paulo, o Ermita, na Rua Larga, enquanto a AD continua no Colégio de São Paulo, o Apóstolo. Ao mesmo tempo perde algum fulgor associada ao estado degradante do Teatro Académico, que era à data o grande agregador da comunidade estudantil. (Lamy, 83, 1990)

No início da década de 60 criou-se o *Clube Académico de Coimbra*, também instalado no Colégio de São Paulo, o Apóstolo. Este Clube viria cinco anos mais tarde a ser integrado na AD. Esta estrutura tinha como missão principal a criação de uma Associação de Estudantes, pois a AD apenas teria como objetivo a realização de peças de teatro e a gestão do edifício. Nos seus primeiros estatutos estava expresso que a instituição teria de prezar pela instrução dos seus membros, assim como proporcionar uma atividades de vertente recreativa e cultural.

¹- O Colégio de São Paulo o Apóstolo foi mandado construir por D. João III em 1550, onde acabariam por ser instalados os Estudos Velhos no tempo da Universidade Dionisiana, estes estavam instalados em Edifícios devolutos que foram demolidos para dar origem ao novo colégio, cuja construção se inicia em 1550, sendo 12 anos depois incorporado na Universidade, inaugurando a 2 de maio de 1563. (Boas, 29, 2010) O Colégio acabaria por ser extinto e entregue à Universidade em 1836 já depois deste edifício ser bastante afetado com o terramoto de 1 de Novembro de 1755, tendo sofrido alguns vários danos. (Lamy, 81, 1990)



Fig. 6 - Fachada principal do Colégio de São Paulo, o Apóstolo



Fig. 7 - Fachada tardoz do Colégio de São Paulo, o Apóstolo

Em 1880 é fundado mais antigo organismo cultural da *Academia* que ainda mantém atividade, o *Orfeon Académico de Coimbra*, que atua pela primeira vez no Colégio de São Paulo, o Apóstolo nas comemorações do Tricentenário da Morte de Luís de Camões (Caseiro, 1992). Mais tarde formam-se mais grupos, como a Tuna Académica, ou o Teatro dos Estudantes reforçando o papel da *Academia* na cidade enquanto motor de produção criativa.

A Criação da Associação Académica de Coimbra

António Luís Gomes² assume a presidência da AD e juntamente com mais 17 estudantes coordenaram uma grande mudança nos estatutos. O nome da instituição muda para *Associação Académica de Coimbra* [AAC], cujo alvará data de 3 de novembro de 1887. Esta mudança nos estatutos traz consigo a influência do Clube Académico. Os primeiros pontos dos novos estatutos mostram a ambição por um amplo campo de atividade da instituição, a nível cultural e académico, não focando apenas em Coimbra como também no resto do país (Santos, 93, 1991). António Luís Gomes, acabaria por ser o primeiro presidente da instituição, durante três anos, aos quais juntou dois anos de presidência da AD (Ribeiro, 2002).

Os interesses culturais da Academia não se resumiam ao teatro, como já descrito, no caso do *Orfeon*, a música era um grande interesse. Durante alguns anos foram-se formando algumas estruturas musicais porém efémeras, que ou se extinguíam ou se aglutinavam à AD, contudo, com a visita da Estudantina Universitária de Compostela acelerou-se a fundação da Estudantina Académica de Coimbra, hoje conhecida como Tuna Académica [TAUC], nome que levou até aos dias de hoje. Estreou-se ao público em Coimbra em 1888 (Ribeiro, 2002).

Ainda durante o primeiro mandato da associação os estudantes foram expulsos do Colégio de São Paulo, o Apóstolo, dada a necessidade de demolição do edifício. A AD na década de 70 teria ponderado um empréstimo com vista a obras de manutenção do edifício, contudo acaba por não obter resposta ao seu pedido, tendo também a Universidade descartado a possibilidade de auxiliar financeiramente o velho Teatro. O edifício encerra em 1883. Contudo a sentença final do Colégio surge após uma auditoria ao edifício que mostrou deficiências que poderiam levar a um desastre semelhante ao do Teatro Basquet do Porto (Lamy, 83, 1990). O Colégio é mandado encerrar após a última Récita de Despedida do V ano Jurídico, sendo demolido em 1888 assim como as habitações anexas.

² - António Luís Gomes foi o primeiro presidente da Associação Académica de Coimbra, enquanto estudante de Direito foi ainda presidente da Academia Dramática. Integrou o primeiro Governo provisório da República e foi reitor da Universidade de Coimbra.

Para além da Utopia



Fig. 8 - Imagem aérea do Colégio da Trindade

Este acontecimento foi marcante pois, devido ao desaparecimento do Teatro Académico a atividade cultural académica acabaria por ser diminuída até à sua quase inexistência, dado que as novas instalações nas quais se foram instalar, o Colégio da Trindade não permitiam a realização de espetáculo, o que causou um grande impacto visto que à data eram a principal fonte de receitas. A Academia perdia então o seu grande aglutinador cultural. (Lamy, 83, 1990)

Houve, no entanto, promessas de reconstrução do Teatro Académico, após grande insistência por parte da Direção da AAC que queriam ver restabelecida a sua sede que servisse de Teatro, lugar de convívio, salas de jogos e ginásio. O edifício viria a ser implantado no mesmo lugar, com projeto do arquitecto italiano Nicolau Bigaglia, (Boas, 41, 2010) recuaria um pouco no lote formando um largo, no entanto, acaba por ficar pelos alicerces. O projeto do novo Teatro Académico acabaria por estar novamente em cima da mesa dada a grande insistência dos estudantes em ver-lhes restabelecida a sua casa, contudo este viria a ser polémico, acabando por ser sugerida a adaptação do Colégio de S. Boaventura, na Alta. (Ribeiro, 2002)

No último ano de presidência de António Luís Gomes, sem sede, a Associação realizava as suas Assembleias Gerais no Teatro D. Luís, onde hoje se localiza o Centro Comercial Avenida. Após contestação, os estudantes conseguem a Associação volte a instalar-se no Colégio da Trindade³. Este espaço acabaria por revelar algumas valências que no passado não eram exploradas como a ginástica, criando assim condições para se desenvolver a vertente desportiva da *Academia*. Contudo este acontecimento iria fazer diminuir a atividade cultural da Academia visto que o “Salão da Trindade” não tinha condições para a realização de espetáculos que viriam a realizar-se pontualmente no Teatro D. Luís (Ribeiro, 2002).

A presença no Colégio da Trindade acabaria por não ser longa dado que em 1892 a Associação Académica viria a ser encerrada pelo Governo, por problemas com as autoridades após a condenação de um estudante devido a desobediência de diretivas da Reitoria. Vários colegas acabariam por mostrar a sua solidariedade junto da Prisão Académica, o que viria a resultar na agressão de vários estudantes resultado de uma carga policial. Os estudantes revoltados iniciaram uma greve geral que leva ao encerramento das instalações e suspensão das atividades da AAC, assim como a proibição dos Clubes Académicos (Lamy, 153, 1990).

Neste período os organismos académicos viram-se ilegalizados e durante três anos não existem formalmente. Contudo em 1895 um grupo de estudantes funda uma pequena associação, denominada então *Clube Irmãos Unidos*, localizada numa pequena sede na

³- Situado a Sul do pátio da Universidade, O Colégio da Triendade foi construído em 1562. Foi um dos primeiros colégios a ser construídos na Alta, ocupando todo o quarteirão, na altura pretendia-se desenvolver uma continuidade urbana entre o Largo da feira, em frente à Sé Nova, e o Colégio da Trindade, com uma malha de ruas ortogonais neste espaço. Com a extinção das ordens, parte foi vendida em hasta pública, além de uma das Sedes da Associação Académica, o edifício acabaria por ser também Tribunal da Comarca de Coimbra, um colégio e até uma Carpintaria (Lobo, 1999).

Para além da Utopia



Fig. 9 - Sede temporária da AAC

Rua Larga, que viria a crescer. Um ano depois assume novamente o nome de Associação Acadêmica, num lugar mais espaçoso na mesma rua, no primeiro andar de um prédio sobre uma Papelaria (Campos, 16, 2009).

A Academia continuava a passar então dificuldades espaciais para desenvolver a sua atividade, andava de sede em sede, sempre em condições precárias. Em 1901 volta a ocupar o Colégio da Trindade como ginásio. Desde o término do Teatro Académico, a situação dos estudantes mostrou-se bastante complexa, sendo necessária a dedicação dos então dirigentes com vista à sobrevivência da instituição dada a constante mudança de instalações e falta de condições para a realização de atividades (Santos, 95, 1991).

A participação estudantil era baixa o que faz com que a Associação perca legitimidade perante o Governo, complicando o objetivo de conseguir uma sede. Desde o duro golpe que foi a destruição do Colégio de São Paulo, o Apóstolo, a Associação teve dificuldade em alcançar o vigor dos tempos da Academia Dramática. Este período foi marcado por um alheamento dos estudantes ampliando os problemas na gestão da instituição (Campos, 21, 2009).

A esperança de construção do Teatro Académico dissipa-se quando o Governo decide instalar a Faculdade de Letras no lote até aí destinado ao edifício dos estudantes, que acabaria por ser desenhado por Silva Pinto que mantém a curva que estaria destinada ao auditório no projeto de Bigaglia. Em 1911 os estudantes são informados da desistência do projeto. (Rosmaninho, 125, 2006)

Para além da Utopia

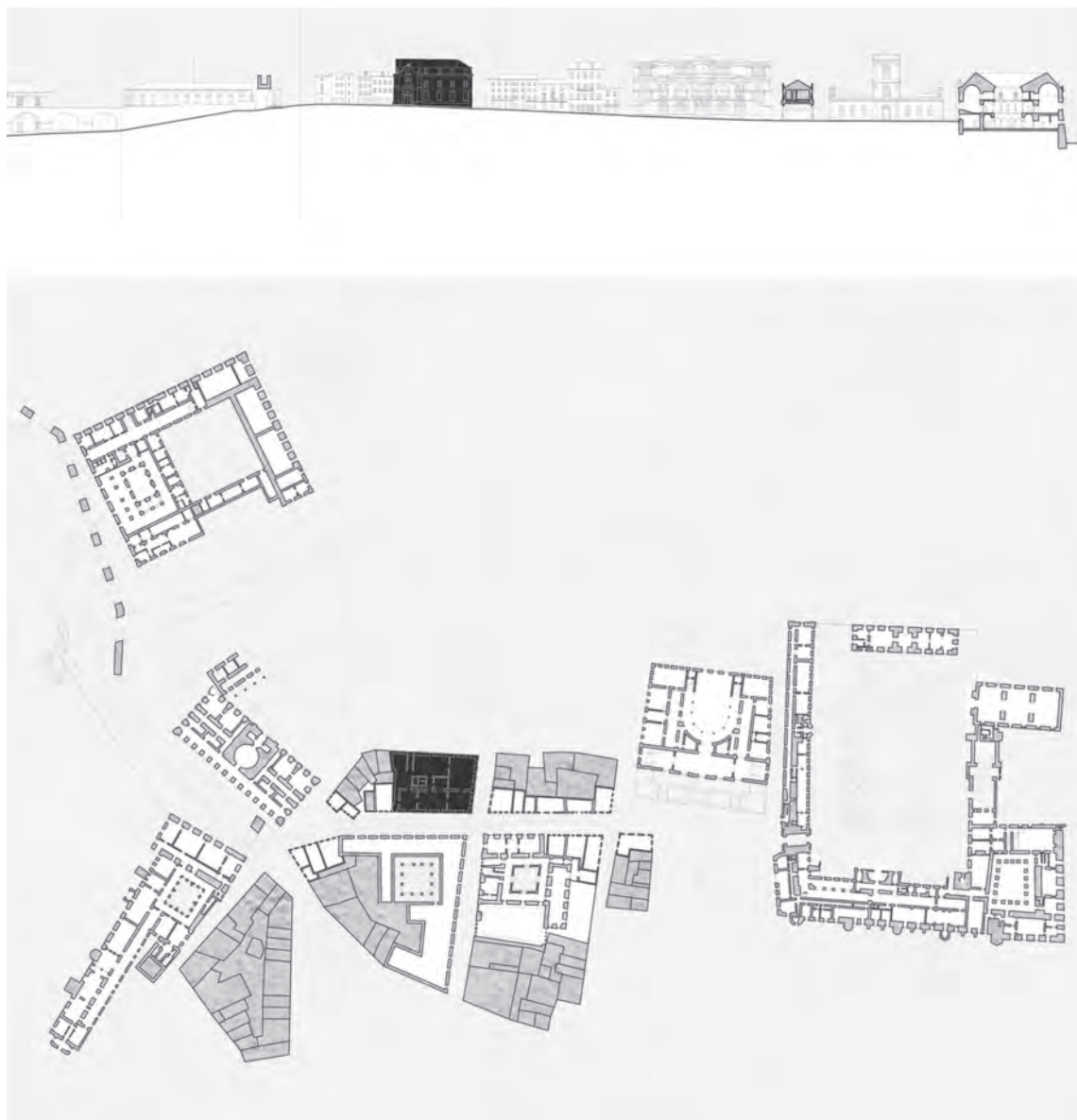


Fig. 10 e 11 - Perfil e Planta de localização do Colégio de São Paulo, o Eremita

1.2 Colégio de São Paulo, o Eremita e a Tomada da Bastilha

O reitor Guilherme Moreira, decide em 1913 conceder à Associação Académica de Coimbra o rés-do-chão do Colégio de São Paulo, o Eremita⁴, (Campos, 23, 2009) onde ainda estava instalado o Instituto de Coimbra no primeiro piso e mansardas, voltando assim a juntarem-se as duas instituições derivadas da AD, a AAC e o Clube dos Lentes, nessa altura já independentes entre si.

Com a fixação da AAC no Colégio, esta volta a ganhar estabilidade que teria perdido aquando da mudança constante de sede, desde o momento em que foi expulsa do Colégio de São Paulo, o Apóstolo, em 1883. À cedência do piso térreo do Colégio de São Paulo juntou-se a cedência por parte da Câmara Municipal de parte dos Jardins de Santa Cruz para a prática desportiva da Academia. Com isto os estudantes foram obtendo lugar para realizar as suas atividades e conseguindo assim um desenvolvimento crescente em atividades e representação vendo crescer o seu número de sócios e participantes ativos.

Os estudantes acabariam também por receber por parte do Estado apoios financeiros com vista à construção de uma nova sede (Campos, 28, 2009). Apesar da notória melhoria do funcionamento, o piso térreo do Colégio de São Paulo começava a ser escasso, a Associação Académica, a Tuna e o Orfeon necessitavam de mais espaço para desenvolver a sua atividade.

O aumento no número de associados era progressivo tornando impossível que todos tivessem espaço no edifício. Mais impossível ainda era a permanência no edifício no Inverno, pois não teria as condições de salubridade e conforto necessárias. Todos eram sensíveis às necessidades dos estudantes, no entanto ninguém parecia fazer nada em relação a tal (Santos, 32, 1991) adiando assim a construção da Casa dos Estudantes, prometida desde o encerramento do Teatro Académico.

⁴- O Colégio de São Paulo, O Eremita, também conhecido por Colégio dos Paulistas era o mais recente dos edifícios colegiais da Alta. Fundado em 1779 e entregue à Universidade em 1842, apenas metade do projeto inicial foi construído. Tinha um portal nobre no topo esquerdo, por causa de não ter sido construída restante metade do edifício. No piso térreo era dividido em lojas, uma dispensa e também umas cavalariças com ligação ao exterior. No primeiro piso haveria a capela, dormitório, cozinha e refeitório e finalmente acima, as águas furtadas. (Boas, 39, 2010) Aqui ficou sediado o Conselho Superior de Instituição Pública até à sua transferência para Lisboa, assim como a Livraria da Universidade. (AAEC, 34,1991) Neste edifício funcionava o Instituto de Coimbra desde 1868

Para além da Utopia



Fig. 12 - Estudantes na preparação da Tomada da Bastilha

O espírito de revolta perante a dicotomia entre o piso da Associação Académica e o Instituto de Coimbra era crescente. Para além de mais espaçoso, o recheio do Instituto também era diferenciado; à AAC caberia o mobiliário velho e de pouca qualidade, juntando isto à pouca comodidade do edifício.

Foi notório o favorecimento dos *Lentes* em relação aos estudantes, apesar de todos os esforços. O sentimento de injustiça era crescente. Ao mesmo tempo os estudantes viam outras instituições da cidade a inaugurar novas sedes como a Associação Cristã de Estudantes, ou o Centro Académico de Democracia Cristã (Ribeiro, 2002).

No seio da AAC começam a ser colocadas em cima da mesa outras hipóteses como a ocupação de todo o Colégio de São Paulo, o Eremita, sendo apresentada esta hipótese ao Reitor que em novembro de 1920 acaba por diligenciar favoravelmente a proposta dos estudantes. (Ribeiro, 2002) A situação política e económica do pós-guerra não era a mais favorável e os estudantes decidiram preparar uma intervenção com vista a resolver os problemas vigentes. (Santos, 33, 1991) Primeiramente os estudantes consideraram assaltar o novo edifício da Faculdade de Letras visto que este teria sido destinado primeiramente à AAC, no entanto perceberam que dado os elevados custos do projeto de Silva Pinto nunca obteriam frutos desta ação e apenas criariam um clima hostil entre estudantes e Universidade. Os estudantes resolveram então tomar de assalto o Colégio, ocupando todo o edifício. Os *conjurados* como foram denominados os autores da intervenção, assinam no dia anterior uma declaração de compromisso, onde assumiam que poriam a sua vida em risco se necessário para a conquista do espaço. Na noite de 24 para 25 de novembro foi desencadeado em segredo o plano que viria a conceder aos estudantes a totalidade do edifício da Rua Larga (Ribeiro, 2002). Quarenta estudantes, denominados pelos próprios de *conjurados*, dividiram-se em dois grupos, o primeiro avanço rumo à Torre da universidade e o segundo rumo ao Colégio de São Paulo, o Eremita. Assim que o segundo grupo conquistasse os andares do Colégio, o primeiro daria então a notícia de que os estudantes possuíam o espaço. Os estudantes para consagrar uma transição pacífica juntaram todos os pertences do Instituto numa única divisão com o intuito de não danificarem o seu património, ao mesmo tempo que mudavam a sua mobília para o primeiro piso.

Tudo correria como previsto, e enquanto a cidade acordava sobressaltada ao bater da torre da Universidade os estudantes enviam um comunicado ao Ministro da Instrução Pública onde mostraram a sua felicidade pela cedência total do edifício. Esta felicitação à resolução do problema, desarma a Reitoria e os *Lentes* que acabam por aceitar e compreender a irreverência pactuando com a cedência do espaço, afinal tudo o que os estudantes desejavam era um lugar para convívio; uma biblioteca, um espaço para conferências.

Logo que o morteiro foi lançado os sinos repicaram e uma salva de 101 tiros fora lançada do Colégio, afinal os estudantes tinham Tomado a Bastilha. Os estudantes em festa desfilaram por toda a cidade no *cortejo dos Archotes* (Lamy, 2017, 1990)



Fig. 13 - Baile da AAC no Salão do Colégio de São Paulo, o Eremita



Fig. 14 - Fachada Principal do Colégio de São Paulo, o Eremita

Este dia fica marcado como o dia da *Academia* de Coimbra e por isso à data seria feriado para a comunidade académica. Ainda hoje se festeja este acontecimento todos os anos, fazendo uma recriação histórica dos eventos, do Paço das Escolas até à Rua Padre António Vieira, nascendo um grande simbolismo à volta da *Tomada da Bastilha* materializada no edifício (Santos, 34, 1991).

Este evento ajudou a desenvolver a AAC, além de haver a possibilidade de a expandir e quebrar a barreira aluno/professor, pela atitude e força que os estudantes demonstraram naquele dia. O Instituto de Coimbra acabaria por ocupar a Casa do Arco, concretizando a transição pacífica onde nenhum estudante acabaria por ser sancionado. (Ribeiro, 2002)

Supõe-se que a Direção da Associação Académica não saberia do acontecimento desta ação, o que é pouco provável, contudo, o que é facto é que nenhum dirigente fez o papel de conjurado o que prova que a necessidade espacial e a vontade de mais espaço veio dos estudantes e não da administração da altura, os estudantes sentiram que precisavam de melhores condições para a Associação Académica, para a Tuna e para o Orfeon. Com este evento aumenta o número de sócios.

Entretanto, é finalmente entregue aos estudantes o dinheiro referente à construção de um novo edifício. Estes empregam em obras de reformulação da “Bastilha” no verão de 1921. Foram feitas salas de conferência, salas de prática desportiva assim como um local para realização de espetáculos (Ribeiro 2002). Além da conquista da sede surge também a construção do campo de jogos, nos Jardins de Santa Cruz, hoje Jardim da Sereia, que haveria de inaugurar em 1922 no terreno cedido pela Câmara Municipal (Campos, 28, 2009).

A Academia e o Estado Novo

Já durante a ditadura, em 1936, a Associação Académica começa a ser dirigida por Comissões Administrativas nomeadas por portaria, diretamente pelo Ministério da Educação Nacional, os estudantes perderam o poder de eleger os seus representantes, numa estratégia do Governo de controlar uma instituição que poderia vir a incomodar António Oliveira Salazar. Em 1944 o Governo nomeia um estudante que não estaria inscrito na Universidade e os estudantes insurgem-se contra este facto elegendo numa Assembleia Magna Francisco Salgado Zenha para seu presidente, decisão aceite pelas instâncias superiores. É neste mandato que pela primeira vez o voto é permitido a mulheres (Lamy, 243, 1990)

Salgado Zenha não acabaria o seu mandato, a actividade da Associação estava a trazer problemas ao regime ditatorial, organizando conferências com oradores não afetos ao regime, criticando os métodos de avaliação e o funcionamento da Universidade através

Para além da Utopia



Fig. 15 - Planta do Projeto de Cottinelli Telmo da Cidade Universitária de Coimbra

da orientação da publicação *Via Latina* (Campos, 52, 2009).

A AAC volta a ser controlada por uma Comissão Administrativa, após o convite de Salazar aos estudantes para participarem num evento de agradecimento ao regime. Este foi sufragado em Assembleia Magna e recusado por maioria. O evento causou a demissão da direção por ordem do Ministério, nomeando uma nova comissão administrativa, que não é aceite pelos estudantes. Estes decidem em Assembleia Magna não aceitar qualquer tipo de processo que não fossem as eleições livres, repudiando qualquer colega que aceitasse ser nomeado para uma Comissão Administrativa. Em fevereiro de 1947 decorreram então as primeiras eleições livres, desde o início da nomeação de Comissões por parte do Regime (Lamy, 244, 1990).

Em 1938, vemos surgir um novo organismo, dedicado às artes teatrais. O TEUC, Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, na altura denominado Grupo Cénico da Secção de Fado Académico de Coimbra, nasce influenciado nos seus primeiros anos pela direção artística do professor Paulo Quintela, levando a palco peças de Gil Vicente, Camões ou Torga.

Foi nesta altura que surgem os planos de construção da Cidade Universitária de Coimbra, em reação à construção da homónima em Lisboa. Em 1941 cria-se a CAPOCUC, Comissão para as Obras da Cidade Universitária de Coimbra⁶, em que se decreta a construção de novas instalações para a Universidade de Coimbra na Alta Universitária.

Com a atividade da academia não parava de crescer a “Bastilha” começou a ficar apertada. Durante algum tempo é discutida a hipótese de estender o Colégio dos Paulistas para nascente o que permitiria terminar a fachada inacabada do mesmo, no âmbito da construção da Cidade Universitária. No entanto os estudantes, apesar de todo o esforço de conquista da “Bastilha” consideram o edifício irrecuperável, pois, mesmo com o acrescento não seria possível implantar um Teatro e um Ginásio, desejos imprescindíveis para a Academia e os Organismos.

Haveria uma grande atenção para com a Sede da AAC e o Estádio Universitário pela intenção de uma formação moral e física dos estudantes. A Alta que hoje conhecemos chega quando Cottineli Telmo encabeça a CAPOCUC em 1941, pondo em prática a sua ideia de espaço vital em que não basta o edifício, mas o lugar em que ele se implanta. No seu plano contempla a demolição de todos os colégios à exceção da Sé Nova, do Paço das Escolas e Laboratório Chimico.

A AAC a Dezembro de 1943 é chamada pela primeira vez a uma reunião da Comissão para as Obras da Cidade Universitária de Coimbra, com o reitor Maximino Correia, Sá e Melo e Cottinelli Telmo, na qual é pela primeira vez comunicada a decisão da demolição do Colégio de São Paulo, o Eremita, é sugerido então que a sede da Associação Académica

⁶ - Acerca da construção da Cidade Universitária de Coimbra consultar “O poder da arte, o Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra” (Rosmaninho, 2006)

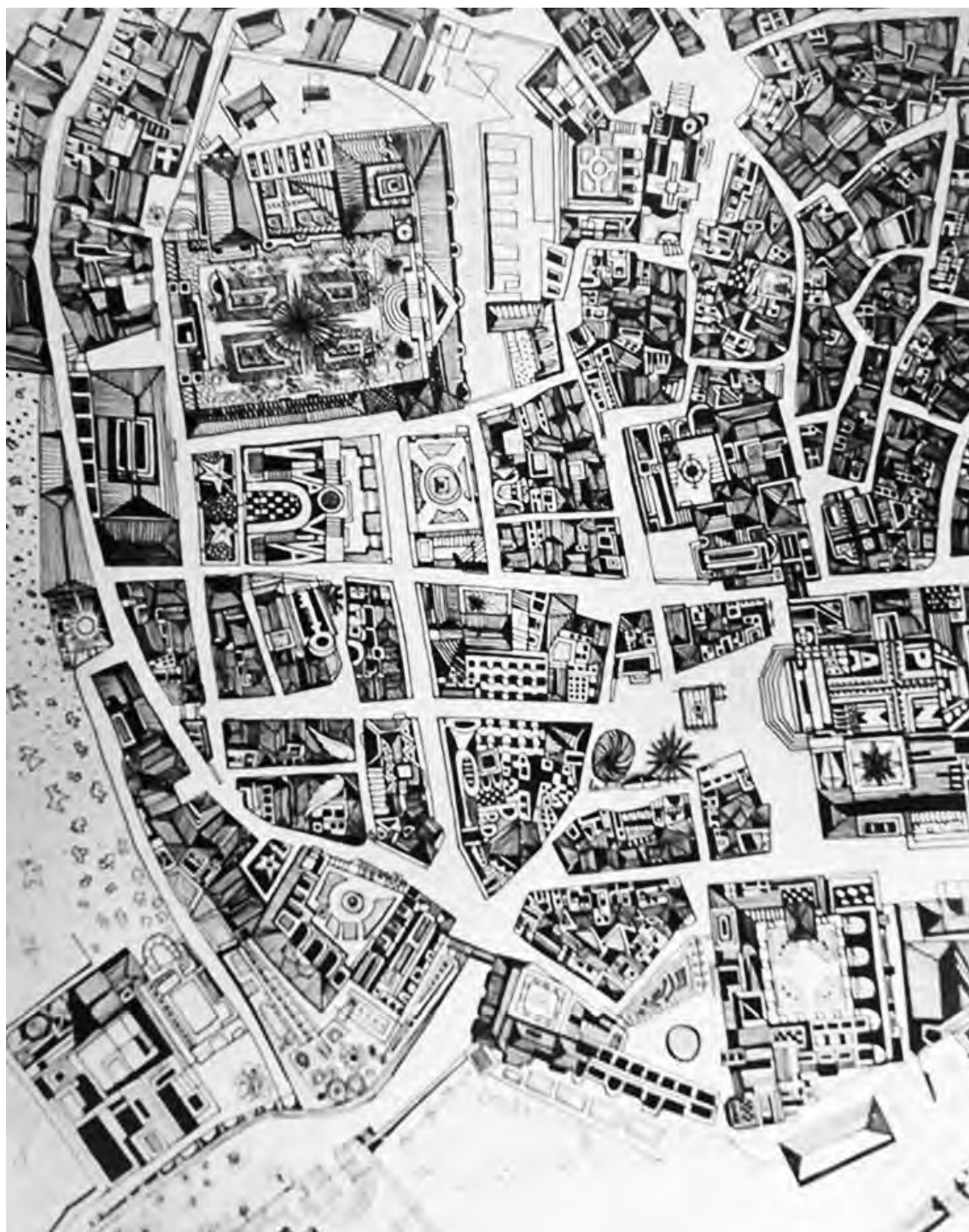


Fig. 16 - Planta ilustrada da Alta de Coimbra antes das demolições

e Organismos passasse para o Colégio de São Bento em 1949, mas dada a escassez espacial, acabam por se mudar para o Colégio dos Grilos nesse mês de agosto.

A demolição do Colégio de São Paulo o Eremita, ocorreu entre setembro e dezembro desse mesmo ano. O jornal universitário da Academia faz um *in memoriam* que representou o luto dos estudantes pelo edifício. Aos olhos dos estudantes o mau estado de conservação da “Bastilha” justificou a demolição. Na despedida voltaram-se a acender os archotes e os estudantes fizeram uma serenata. (Rosmaninho, 142, 2006)

O Colégio dos Grilos foi a última casa da Associação Académica e dos Organismos Autónomos antes da construção da atual na rua Padre António Vieira fazendo a transição entre o edifício que foi conquistado e a promessa de um novo. O Palácio dos Grilos acaba por ser destinado inicialmente a Casa dos Professores, com projeto de adaptação de Alberto José Pessoa. O edifício teria sido apetrechado com uma biblioteca, salas de reunião, restaurantes e um pátio. (Rosmaninho, 119, 2006) Este volta a sofrer alterações aquando da mudança da AAC e Organismos Autónomos para este, também por Alberto José Pessoa (Rosmaninho, 356, 2006), onde é possível que tenha entrado em contacto com a dinâmica da Academia.

A Segunda Tomada da Bastilha

Segundo os estudantes da altura, o Colégio dos Grilos encontrava-se em melhores condições físicas do que a *Bastilha*, contudo as instalações continuam a ser manifestamente insuficientes, sendo impossível a permanência das estruturas académicas por muito tempo naquele espaço. De notar também que esta solução sempre foi vista como provisória e como já se teria passado no Colégio dos Paulistas, as promessas eram constantes e as soluções escassas (Silva, 2019).

A relação entre a Direção-Geral da AAC e o reitor era positiva. Numa reunião com este falaram-se de soluções para o edifício da Associação e Organismos, inclusivamente de uma solução no Campo de Santa Cruz, concentrando a Cultura e o Desporto num só sítio, mas outras opções foram postas em cima da mesa como o Quartel ou a Penitenciária. Nesta reunião, o reitor, tomando conhecimento da problemática da sede comenta que, com a proximidade entre o Palácio dos Grilos e o Instituto de Coimbra na rua da Ilha, poderia haver outro assalto como o da Tomada da Bastilha em 1920. Embora cordiais, as reuniões entre AAC e reitoria não se revelavam proficuas (Silva, 2019).

⁵ Desde a sua construção em 1755, o Colégio dos Grilos sofreu várias alterações ao seu programa, desde alojamento estudantil, a residência particular, serviu também várias instituições de ensino privadas.



Fig. 17 - Ilustração da Tomada da Bastilha II

Os estudantes insatisfeitos fazem-se representar por seis colegas que após um ensaio da TAUC, no dia 4 de abril de 1954, saem do Palácio dos Grilos com destino novamente ao Instituto de Coimbra. Arrombam a parte de trás e invadem o Instituto, trocando a placa que tinha inscrito “Propriedade da Universidade de Coimbra” por uma placa de Cartão que dizia “Propriedade da Associação Académica de Coimbra” e içam a bandeira negra.

Entretanto a polícia chega à Rua da Ilha, contudo para sorte dos golpistas, quem liderava o grupo de intervenção era um agente que se relacionava bem com os estudantes, o que evita confusões ainda maiores. Enquanto isto o presidente da AAC estava no café Aeminium à espera de um telefonema do reitor. Este acaba por chegar às instalações do Instituto de Coimbra às 4 da manhã para reunir com os estudantes que lhe abrem a porta. Após alguns minutos de reunião os estudantes pedem escusa ao reitor para se reunirem em Assembleia Magna na sala ao lado. Aquando da saída dos estudantes ouve-se o reitor exclamar “Se eles não saírem daqui, não serei mais reitor deles!” ao que os estudantes agradados com a proposta exclamam “Se ele quer deixar de ser nosso reitor, porque não aproveitamos?”, o reitor parece ter ouvido ao que prontamente mostra uma disponibilidade de diálogo (Silva, 2019).

Numa nova conversa com o reitor, este promete fazer todas as diligências para que finalmente um novo edifício fosse construído para a AAC e os Organismos Autónomos, desta vez a ocupação ao Instituto de Coimbra duraria apenas aquela noite. O que é hoje transmitido pelos estudantes da época é que o reitor acabaria por arrastar o processo de construção de uma nova sede.

A discussão sobre o lugar onde construir foi acontecendo. Ao saber da situação Bissaya Barreto contacta os estudantes e mostra o terreno do Ninho dos Pequenitos, na Praça da República, fazendo uma proposta de 6000 contos aos estudantes, que eles acabam por recusar. Acabou por haver uma permuta entre a Quinta da Rainha, terreno mal aproveitado do Estado em Santa Clara (atual Portugal dos Pequenitos) e o terreno na Praça da República (atuais IAC) (Campos, 61, 2009). O médico acabaria por ter um papel importante na nova sede, mantendo contacto direto com Salazar, este chega a mandar-lhe uma mensagem dizendo “fui a Coimbra e verifiquei que os rapazes têm razão”, o que levou a uma maior rapidez na construção (Silva, 2019). O edifício prometido desde o início da AAC estava em vias de ser construído na Praça da República, olhando para o sítio onde pela primeira vez a AAC jogou um jogo de futebol.

Ainda antes da ocupação do edifício, em 1956, a *Academia* viu-se ameaçada por um novo decreto que limitava a autonomia da Associação, reforçando o papel do Ministério da Educação e do reitor nas respetivas associações estudantis. Este documento reiterava que as assembleias gerais não decorreriam com representação direta dos estudantes e as direções teriam de ser homologadas pelo governo, podendo até ser substituídas novamente por Comissões Administrativas.

A Academia une-se em volta da AAC pedindo a revogação deste documento, que conta com o apoio do reitor. Este decreto teria sido redigido com vista a reprimir o



Fig. 18 - Planta de localização das Instalações Académicas de Coimbra

entusiasmo que a candidatura de Humberto Delgado teria criado. Este decreto viria a pôr em causa os princípios basilares da AAC e das restantes associações estudantis nacionais, já há muito consagrados. A contestação foi intensa resultando num bloqueamento do decreto na Assembleia Nacional, que acabaria por revogar o diploma.

Neste caso ficou provada a força dos estudantes, mesmo quando se tratava de uma reivindicação contra um governo autoritário, naquele que viria a ser um prenúncio do que se iria passar durante os anos sessenta (Lamy, 260, 1990).

O processo e projeto das Novas Instalações Académicas de Coimbra

A necessidade de expansão dos espaços dos estudantes vem nos relatórios da CAPOCUC em 1934 e 1939, tendo como intenção criar um centro de vida coletiva que exponenciasse a solidariedade e civismo, assim como a cultura física para os futuros dirigentes do país (Rosmaninho, 1996). Na revisão do plano geral de 1947 já estava prevista a construção do novo edifício nos terrenos do Ninho dos Pequenitos. O reitor preferia uma opção na Ínsua dos Bentos, concentrando todas as atividades da AAC no Campo de Santa Cruz, juntando sede social, desportiva e uma zona residencial. Estava concretizada a intenção de Salazar de uma Alta exclusiva à atividade letiva, excluindo as IAC desse perímetro.

Já em 1942 os estudantes tinham feito um relatório com as necessidades para a instalação da Casa do Estudante, quando este ainda era previsto na alta. Enviam um documento denominado *Das Construções* em que nomeiam quais os sectores da vida académica na época, assim como mostram preferência por uma localização mais próxima da Alta. Estes pediam uma sede social com: salas de reuniões; gabinetes; salas de conferências; bibliotecas; estúdios e arquivo; um Cine teatro com 1500 lugares; campos e ginásios para as secções desportivas (Silva, 247, 2017). A comunicação entre estudantes e CAPOCUC era difícil, pois algumas vezes confundiam-se as necessidades espaciais com necessidades materiais, havendo até pedidos de material de escritório (Bandeirinha, 84, 1998).

Existiram duas propostas para a construção do edifício no campo de Santa Cruz da autoria do arquitecto Manuel Travassos Valdez, muito criticadas pela falta de relação com a massa verde do Parque (Rosmaninho, 174, 2006). Estas ideias foram descartadas e é definida a construção na Avenida Sá da Bandeira, devido ao acordo com Bissaya Barreto dando primazia à sede social e desportiva, deixando a componente habitacional de lado.

Cristino da Silva, arquitecto chefe da CAPOCUC desde o falecimento de Cottineli Telmo em 1948, desenvolve as primeiras propostas, concentrando todos os programas na cota baixa das escadas monumentais, edificando o Estádio Universitário no Bairro de Santa Cruz e o ginásio na encosta nascente. Estas opções acabariam por não ser levadas a cabo, pois a topografia e a grande quantidade de demolições necessárias inviabilizariam a construção (Rosmaninho, 175, 2006).

Para além da Utopia



Fig. 19 - Planta doo proposta das IAC na Campo de Santa Cruz



Fig. 20 - Planta do Anteplano de Cristino da Silva



Fig. 22 - Planta de Implantação das IAC na Cidade Universitária



Fig. 21 - Anteprojeto de Abel Manta e Alberto José Pessoa



Fig. 23 - Maquete do projeto das IAC

O arquitecto Alberto José Pessoa, autor da Faculdade de Letras, juntamente com João Abel Manta e Norberto Correa, é chamado pela CAPOCUC em 1954 para a execução do projeto das IAC. Este foi um projecto que contou com uma significativa participação dos estudantes (Bandeirinha, 84, 1998). Nesse ano é apresentada uma proposta que vai de encontro aos primeiros esquemas de Cristino da Silva, com o ginásio na encosta e um volume em L na Sá da Bandeira rematado com o Cine-Teatro recuado. Em relação com as Escadas Monumentais, há um desenho de um volume em leque onde estariam as piscinas e as intenções de um franco jardim central.

Num segundo momento é finalmente descartado o ginásio na encosta nascente, mantendo: um volume de piscinas; o edifício em L; o Teatro, desta vez junto à Avenida; e um volume que atravessa os jardins na zona central. Já em 1955 é pela primeira vez desenhada a intenção de um anfiteatro exterior na encosta nascente, assim como aparecem alguns elementos formais como as coberturas em abóboda. Em dezembro de 1955 é apresentada a última versão do anteprojecto com uma configuração bastante aproximada do projeto final, sendo exposta uma maquete no Colégio dos Grilos. (Silva, 250, 2017)

Perante a proposta os estudantes pedem algumas alterações, tendo em vista o aumento da dimensão do palco do Teatro, do número de camarins e de uma saída direta do palco para o exterior. Pretendiam também aumentar o número de salas para cursos práticos e de mais salas de estudo (DGAAC, 1956). O TEUC lança também algumas notas, pedindo para aumentar o Teatro para 2000 lugares, a execução do auditório ao ar livre que tinha sido retirado do projeto, pequenos palcos nas salas de ensaio isoladas acusticamente, e a revisão do projeto de exteriores (TEUC, 1957).

Em resposta Alberto Pessoa diz que o auditório ao ar livre seria possível, mas foi retirado por indicação superior, e que com a construção do teatro já em andamento seria impossível aumentar a capacidade para o dobro, assim como o aumento do número de salas (Pessoa, 1958). Contudo como verificado no final, foi de facto aumentado um piso ao Volume dos Gabinetes na construção, não previsto no projeto original.

Para além da Utopia

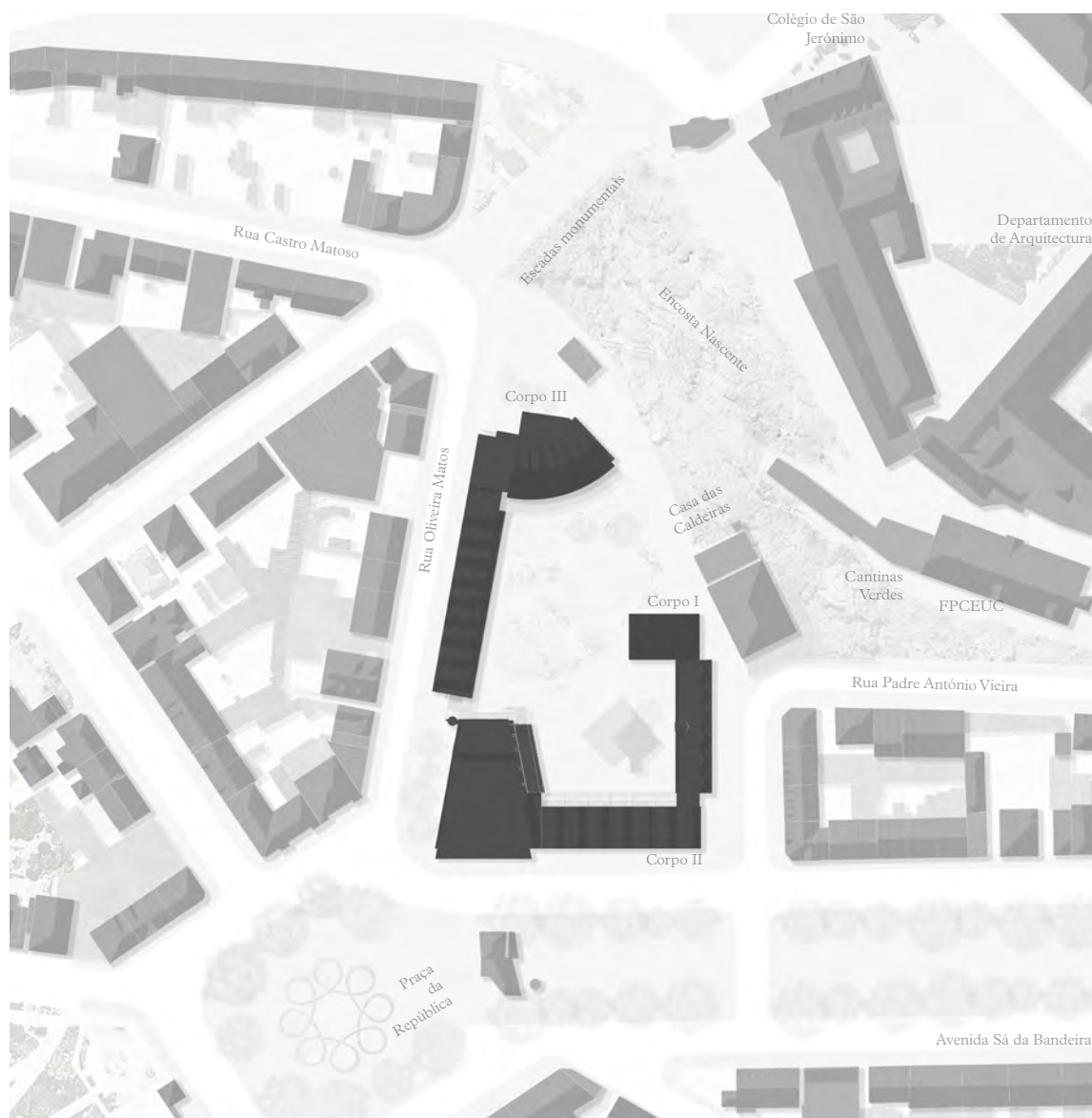


Fig. 24 - Planta de localização atual das IAC

Instalações Académicas de Coimbra

O edifício faz transparecer a sua gênese modernista, pela forma como os diferentes volumes são remetidos para as diferentes funções, fazendo alusão à lógica de *Form follows Function* de Louis Sullivan, apesar de estar longe de ser uma obra pura do Estilo Internacional. Não deixa por isso de ser um dos exemplos mais marcantes do período modernista na cidade de Coimbra (Bandeirinha, 86, 2017). A composição de Alberto Pessoa e Abel Manta assumem o quarteirão e a relação de escala com a envolvente próxima, sendo o elemento excepcional dedicado ao programa mais público, o teatro (Silva, 263, 2017). Divide-se em três corpos: o Corpo I, que engloba o volume de gabinetes da AAC e OA e o volume da sala de estudo; o Corpo II respeitante às salas de ensaio e bar; e o Corpo III do qual fazem parte o ginásio, e o complexo de cantinas.

Em contraponto com a Alta Universitária, as IAC desenharam-se modernas, indo contra as recomendações do Conselho Nacional de Obras Públicas que queriam um edifício que se relacionasse formalmente com a “tradição portuguesa”. O grande defensor do projeto foi Cristino da Silva enaltecendo a sua implantação e funcionalidade, acabando por convencer as instâncias superiores da qualidade deste (Silva, 294, 2017).

As IAC marcaram também pela inclusão de várias disciplinas de paisagismo, técnicas e artes, funcionando a arquitetura como catalizadora destas. A integração é visível nos painéis de azulejo da autoria de Abel Manta, que além de participarem na caracterização do edifício, representam a *Academia* nas suas atividades e a sua expressão desportiva e cultural (Silva, 281, 2017). Estavam projetados dois painéis, um na fachada da Avenida Sá da Bandeira que representaria as atividades desportivas, um segundo no Corpo III que representaria as atividades culturais. Contudo, ambos tiveram de ceder a pareceres superiores que alteraram a sua configuração inicial. O painel das atividades culturais acabaria por se colocar isolado nos jardins, e o painel que representava o desporto, foi substituído por painéis que mostram a evolução do traje académico. Apesar das concessões ficou patente o envolvimento das várias disciplinas aglutinadas ao edifício, assemelhando-se também ao que representa a Academia e o seu espírito neste lugar comum.

A qualidade espacial do edifício é marcada pelo tratamento cuidado da luz nos

Para além da Utopia



Fig. 25 - Jardins das IAC



Fig. 26 - Corpo II



Fig. 27 - Entrada do Corpo III



Fig. 28 - Corpo III e sala de estudo

Para além da Utopia

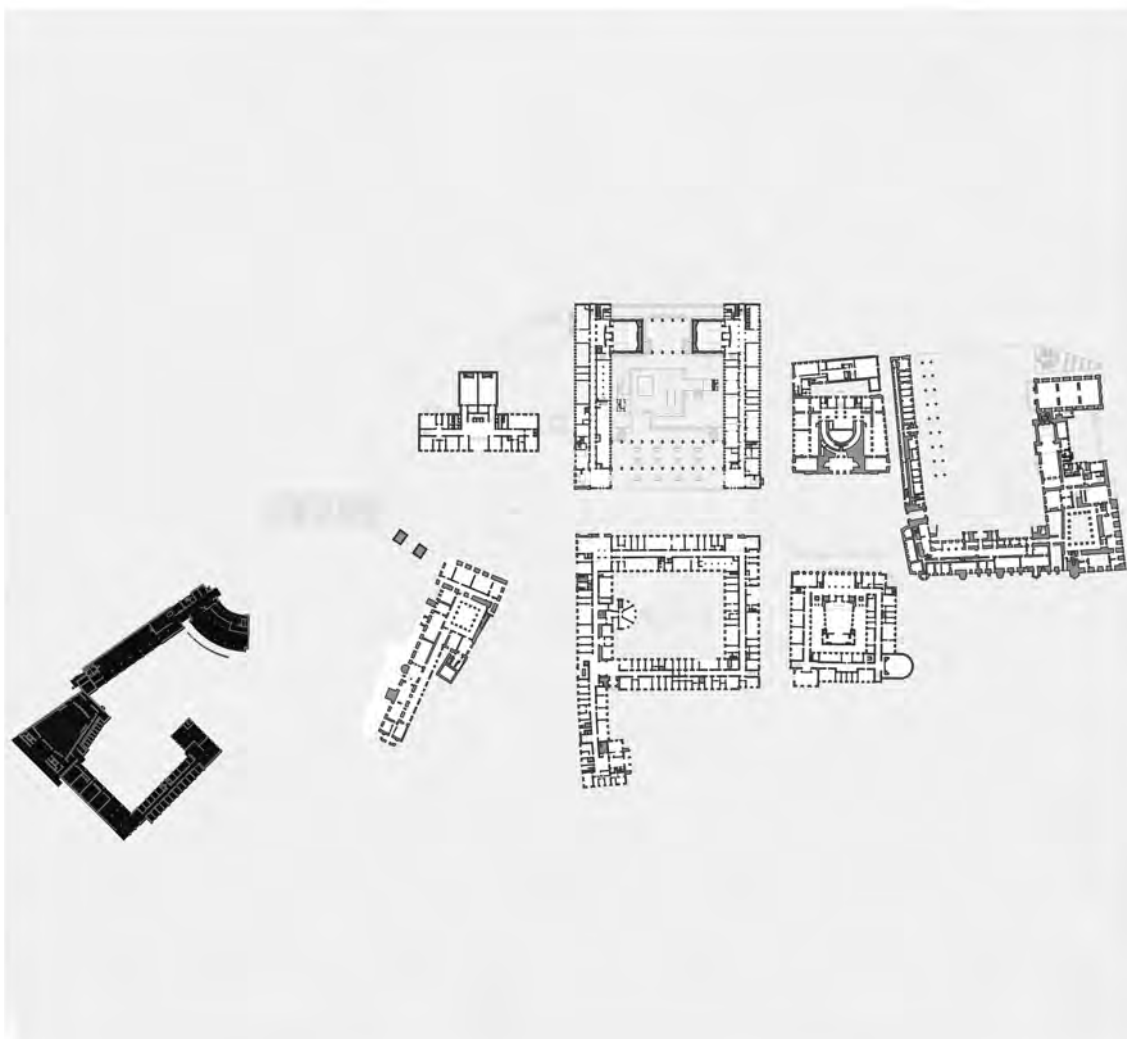


Fig. 29 e 30 - Perfil e planta de localização das Instalações Académicas de Coimbra

vários volumes, adequada a cada programa. Os caixilhos leves permitem que a luz inunde os espaços coletivos, ao mesmo tempo que rasgos estratégicos iluminam mas também dão privacidade a salas de ensaio. O criterioso uso dos materiais mostra também as intenções de criar um espaço cuidado e prático com o uso das madeiras e do linóleo, por exemplo.

As instalações Académicas acabam por ganhar um grande destaque na composição da Cidade Universitária, funcionando como entrada para o grande eixo das faculdades e potenciando o papel de charneira entre cidade e Universidade.

A Academia na Avenida Sá da Bandeira

O início da estadia nas instalações atuais foi marcado por uma forte oposição ao regime, os estudantes tanto em Coimbra como no resto do país demarcam-se claramente das políticas autoritárias e pedem a democratização do ensino e uma universidade livre, face às tentativas de controlo das estruturas estudantis. As manifestações estudantis não podem ser dissociadas do início da Guerra Colonial em 1961, assim como dos eventos de maio de 68 em França. Junta-se o facto da universidade embora não democratizada, começasse a ser cada vez mais participada por estudantes da classe média de origem cidadina, que estavam atentos ao que se passava fora de Portugal, o que criou um conflito entre uma universidade envelhecida e conservadora e uma nova sociedade informada (Lamy, 287, 1990).

No início de março de 1962, os estudantes organizariam o primeiro Encontro Nacional de Estudantes, em Coimbra. Este evento foi fortemente reprimido pelo regime que exigia a sua não realização. Após uma reunião com o Ministro da Educação, os estudantes ficam convictos que a proibição tinha desaparecido e acabam por fazê-lo acontecer de qualquer maneira. Na vinda para Coimbra vários estudantes foram retidos por instâncias policiais à entrada da cidade, tendo de realizar o resto do percurso a pé. Com isto o Ministério corta o subsídio que entregava à AAC, o que faz com que o Ministro seja recebido com uma manifestação na inauguração da Biblioteca Geral (Lamy, 270, 1991).

A 24 de março na comemoração do Dia do Estudante em Lisboa, os estudantes são novamente impedidos de chegar ao destino ficando retidos. O Governo decreta a proibição das comemorações e são enviadas forças de intervenção para a Cidade Universitária de Lisboa. Para o Governo os espaços de reunião de estudantes passam a ser vistos como espaços de oposição.

Foi instaurado um processo à AAC pela realização do Encontro Nacional de Estudantes, daí resulta a suspensão de 15 alunos da Universidade e a nova suspensão de eleições na Associação, sendo nomeada uma Comissão administrativa que volta a não ser aceite. Pela primeira vez os estudantes não realizam a Queima das Fitas em protesto e marcam uma manifestação em frente ao Governo Civil.

Para além da Utopia



Fig. 31 - Fotografia aérea das Instalações Académicas de Coimbra

Em 1962 são assinados os autos de entrega do edifício à Universidade de Coimbra e entre 1963 e 1964 a AAC e OA instalam-se no edifício da Rua Padre António Vieira. A instalação da Academia acabaria por não ser pacífica, haveria vários desentendimentos no que concerne à gestão dos espaços, a Direção-Geral exigia a gestão do Teatro Académico, o que leva a Assembleia Magna a decretar a não entrada de estudantes nas instalações até estar resolvido o estatuto da sua utilização.

Em 1965, a *Academia* volta a revoltar-se, a sua Direção-Geral era constituída por elementos afetos à oposição do regime. Desde cedo tem problemas com a PIDE e com o reitor, pela não acatamento das proibições de proliferação de cartazes ou boletins, mas essencialmente pela organização de uma viagem a Paris, da qual um dos estudantes não regressou. A Universidade exigia então a entrega das chaves de salas de serviços importantes para a Academia. A Assembleia Magna recusa a entrega, por não ver necessidade nem razão para tal, os estudantes são então intimados pela Polícia Judiciária pela não entrega das chaves. Os elementos da Direção-Geral são suspensos da permanência em universidades portuguesas, e a sede da AAC é encerrada, apenas reabrindo meses mais tarde, liderada por uma Comissão Administrativa. A resposta da *Academia* seria considerada frágil, apenas movimentando algumas centenas de estudantes como resposta à expulsão dos seus dirigentes e encerramento das IAC.

As Comissões Administrativas voltaram a lideraram a AAC até 1968, altura em que toda a Academia se juntou para que houvesse novamente uma direção eleita livremente pelos estudantes. Juntaram-se: o Conselho de Repúblicas; a TAUC; o CITAC; e o Coro Misto com o intuito de forçar o Ministério a aceitar as eleições, surgindo então uma Comissão Pró-Eleições. Esta junta esforços e consegue realizar uma petição que juntaria 2500 estudantes para que voltasse o normal funcionamento da *Academia* e dos seus Órgãos (Lamy, 282,1990).

A *Tomada da Bastilha* desse ano seria comemorada com a presença massiva dos estudantes de Lisboa e Porto, apesar das pressões do Governo no sentido de não se transportarem estudantes para Coimbra. Nesse dia, os estudantes reunidos escrevem a Declaração de Coimbra, que em oito pontos reivindicava: as demissões das Comissões Administrativas da AAC; o incentivo à criação de associações de estudantes no país; a participação estudantil nos órgãos de Governo da Universidade; a amnistia aos estudantes expulsos e presos; e o direito à livre informação. Nessa noite, durante o *Cortejo dos Archotes*, estiverem presentes 5000 estudantes que gritariam por eleições livres na AAC. A 10 de Fevereiro de 1969 a lista composta por elementos do Conselho de Repúblicas ganha as eleições, seguindo um caminho de oposição ao governo (Lamy, 284,1990).



Fig. 32 - Inauguração do edifício das matemáticas



Fig. 33 - Protesto dos estudantes entre o edifício das Matemáticas e as IAC

A Crise Académica de 1969

Os estudantes viram-se motivados nesta luta pela recente ascensão ao poder de Marcello Caetano, que prometia um caminho de liberalização do país. No entanto a “Primavera Marcelista” acabou por se mostrar fogo-de-vista sendo o governante bastante influenciado pela ala mais conservadora do regime e pela presença forte do presidente Américo Tomaz (Martins, 40, 2013).

Dois meses depois da sua eleição, a Direção-Geral é convidada a estar presente na inauguração do Edifício das Matemáticas decorrente da reformulação da Cidade Universitária na Alta de Coimbra. Alberto Martins, presidente da AAC, mandatado pela Direção-Geral, iria pedir respeitosamente a palavra em nome dos Estudantes de Coimbra. O reitor previamente avisa que não será possível dar a palavra aos estudantes, uma vez que não haveria tempo. A recusa viria a lançar a revolta estudantil, cerca de 1000 estudantes estariam à porta do Edifício das Matemáticas aquando da sua inauguração com cartazes que pediam a democratização do ensino, a exigência do diálogo e mensagens de apoio à Direção da AAC. À chegada do presidente Américo Tomaz estariam um conjunto de estudantes prontas para estender as capas para este passar em sinónimo de boas-vindas, contudo este foi recebido com vaias vindas da Praça Dom Dinis. A sessão solene decorreria dentro do auditório do edifício, onde conseguiram entrar cerca de 200 estudantes, esperando os restantes à saída. Depois de falar o reitor, Alberto Martins levanta-se e pede a palavra sendo, no entanto, recusada. (Lamy, 289, 1990)

O estudante fora ovacionado pelos seus colegas, José Hermano Saraiva Ministro da Educação Nacional fala, e sem dar a palavra aos estudantes, os governantes abandonam o auditório, perante apupos. Os estudantes fazem a sua própria sessão solene, onde manifestam as suas vontades e desejos embora não estivesse presente quem eles queriam que ouvisse.

Nessa tarde, o presidente da AAC não comparece ao almoço para o qual tinha sido convidado pelo Presidente da República e os estudantes dirigem-se para as IAC, onde passam a tarde nos jardins, organizando um convívio onde houve um sarau improvisado. Nessa noite por volta das duas da manhã, a PIDE que esperava Alberto Martins, detém-no à saída do edifício para ser interrogado pela noite fora. Os seus colegas dirigem-se para a frente do edifício da PIDE para contestar a sua detenção, onde vários ficaram feridos pelas cargas efetuadas de polícia de choque (Martins, 54, 2013).

Houve também tentativas dos estudantes no sentido de pressionar o Governador Civil ou o reitor a tomar alguma atitude perante o sucedido, o que se revelou infrutífero. Alberto Martins apenas seria libertado na manhã seguinte. A Assembleia Magna reuniu com 2000 estudantes.

A 22 de Abril os elementos da Direção-Geral são informados que seriam suspensos da Universidade, por solidariedade pelos colegas, na Assembleia Magna realizada nessa tarde, no ginásio das IAC, os estudantes decretam o luto académico. Para os estudantes



Fig. 34 - Protesto dos estudantes entre o edifício das Matemáticas e as IAC

comparecerem à Assembleia, houve vários professores que demonstraram colaboração e não realizariam aulas nesse dia. Nesse ano, pela segunda vez não se realizaria a *Queima das Fitas*. O luto académico teria também como objetivos substituir as aulas sempre que possível em momentos de debate sobre o estado da universidade e do país. Nesta altura José Hermano Saraiva fala ao país, com uma mensagem forte em que se comprometia a restabelecer a ordem na Universidade de Coimbra (Cruzeiro, 146, 1989).

No início de maio a UC é encerrada por ordem ministerial, as secções da AAC realizam em vez da *Queima das Fitas*, várias noites culturais, onde passa o músico de intervenção Zeca Afonso, que entoava vários dos hinos da crise e chama novas pessoas para o movimento (Borges, Machado, 11, 2019).

Acirrados pela decisão do encerramento da UC, reúnem-se nos jardins das IAC cerca de 6000 estudantes, que votam a greve aos exames como método de acentuar o luto académico enquanto não fossem levantadas as suspensões e as represálias aos estudantes. No primeiro dia de exames a Alta encontrava-se cercada por um grupo de polícias que apenas deixam subir à Alta professores, funcionários e estudantes que provassem que teriam exame.

A greve teve uma adesão superior a 80%, note-se que à data se um estudante reprovasse o ano era enviado para a Guerra Colonial, por isso, esta greve mostrou a grande coragem dos estudantes da altura, unidos e solidários pelos colegas suspensos e com vontade de mudar as circunstâncias da universidade (Lamy, 297, 1990).

Com o Governo a usar os órgãos de comunicação social contra os estudantes acusando-os de atentados contra a integridade física da comunidade, estes decidem organizar a *Operação Flor*, numa ação onde, oferecendo flores à população, lhes explicariam os seus motivos e reivindicações; o mesmo fizeram com balões cheios de hélio, com mensagens penduradas, que quando se aproximava um polícia, os estudantes largariam e estes voariam impedindo que as autoridades vissem o que estava escrito. Os estudantes mostraram então que era incoerente acusá-los de violência, quando o que tinham para a população seria a oferta de balões e flores (AAC, 22, 2009).

Neste ano a equipa de futebol da Académica chega à final do Jamor, num jogo contra o Benfica, pela primeira vez o Presidente da República não assistiria ao jogo, e este não seria transmitido pela Televisão. A equipa da Académica entra de luto em campo, com as capas aos ombros, enquanto nas bancadas tarjas enormes eram exibidas pelos estudantes, à semelhança das que tinham sido mostradas no dia 17 de abril. A Académica perde, mas o ambiente era intenso. Neste jogo foram presos sete estudantes. (Martins, 62, 2013).

Com o fim da época de exames, José Hermano Saraiva decreta a suspensão das atividades da AAC encerrando também a sua sede. Com este evento viram-se na necessidade de demitir o Ministro da Educação Pública e o reitor da Universidade de

Para além da Utopia



Fig. 35 - Protesto dos estudantes em Lisboa

Coimbra, contudo vários estudantes acabariam também por ser castigados e enviados para a Guerra do Ultramar. Os distúrbios continuariam e em 1971 as instalações são novamente encerradas, não permitindo o acesso aos estudantes do único espaço que teriam para a participação e discussão na Academia. Para controlar os estudantes a Universidade encerra a sala de estudo a reprografia e o ginásio, controlando os lugares de reunião, assim como a possibilidade de disseminarem mensagens a grande escala (Silva, 319, 2017).

Uma das questões mais particulares deste acontecimento foi a relação com a cidade que foi potenciada assim como a apropriação plena do edifício por parte da comunidade académica, que o usaram como símbolo da sua reivindicação. Enchem jardins e o ginásio para se reunirem e constroem a imagem d' "O pequeno castelo que teria uma voz enorme" (Viegas, 11, 2019) A descida do edifício sede da alta para a Praça da República parece ter permitido uma maior ligação à cidade, funcionando como rótula entre a Universidade e a comunidade Coimbrã. Este acabaria por se tornar um símbolo da modernidade pré-democracia, correspondendo a sua imagética com a sua politização estudantil em prol da liberdade. Segundo muitos o 25 de abril nasceu em Coimbra de 69 (Abreu, 2019).

A Academia depois da Crise

Em 1973, a Academia cria a Comissão Pró-Reabertura da AAC, reivindicando a abertura das IAC, contando com o apoio de 1200 estudantes. O movimento alegava que o edifício se tratava do centro cultural estudantil, no qual poderiam socializar e conviver. Acusam as instituições universitárias de quererem eliminar os espaços de reunião dos estudantes, de romper os lugares onde se integraria na vida social e política. Nesta altura voltar-se-ia a lutar para conquistar o espaço da Academia, alegando que seria essencial no convívio e debate de ideias que era a base do que era uma associação de estudantes. As reivindicações deste grupo viriam a ser parcialmente resolvidas já após o 25 de Abril (Silva, 321, 2017).

Com a Democracia assistimos a uma liberalização do ensino superior a UC passa a ter mais do dobro dos estudantes que no período do Estado Novo, trazendo consigo novos desafios para a AAC. A Academia não se voltaria a mobilizar da mesma forma que se mobilizou em 1969. Dizem os atuais dirigentes que não há motivos para tal, (Amado, 2019) A *Academia* só se voltaria a mobilizar pontualmente como por exemplo no aumento exponencial do preço das propinas, no início dos anos 90. Desta vez não em Coimbra, mas em Lisboa em frente da Assembleia da República onde milhares de estudantes pintaram de negro as escadas do Parlamento (Campos, 127, 2009). Vimos um alheamento dos estudantes em relação às causas políticas e culturais, se em '69 tivemos Assembleias Magnas com milhares de estudantes, hoje não passam de uma ou duas centenas. Para isto talvez tenha colaborado o facto das direções das associações de estudantes num período pós 25 de Abril se terem politizado (Abreu, 2011).

Para além da Utopia



Fig. 36 - Assembleia Magna nos jardins (2017)

Apesar da luta dos estudantes o edifício continuaria a não pertencer totalmente à *Academia* como hoje ainda não o é, acabando por consumir as apropriações do Estado e da Universidade de parte do edifício dos estudantes. O Corpo III acabou por ser ocupado pelos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra, ocupando o ginásio e a antiga sala de estudo com cantinas, estando hoje o ginásio sem função definida e os pisos inferiores da cantina original ocupados por armazéns e arrumos. A sucessivas mudanças de programa levaram a uma delapidação da imagem original deste corpo. A gestão do Teatro Académico foi lentamente transitada para a Reitoria, sendo hoje mais difícil aos estudantes ali realizar espetáculos. É, contudo, notório o investimento realizado, visível pelo bom estado de conservação do Teatro.

Com a gestão independente dos três corpos acabou-se por gerar uma cultura de lote. Os estudantes acabaram por ficar com uma secção bastante menor do edifício do que dispunham inicialmente, levando a que os estudantes se apropriassem, por vezes, abusivamente do espaço que ocupavam, para aumentar o seu espaço. O edifício foi adulterado e alterado, carecendo de um plano geral. As IAC hoje estão com as marcas da idade, e a maior parte das alterações parecem ter contribuído para uma desvalorização de certos elementos ou aspectos do espaço e instituição.

O desenvolvimento da *Academia* está diretamente relacionado com o espaço que ocupa, assim como os momentos mais importantes foram marcados por movimentos que vinham de base, ou em que as direções foram apoiadas pela maioria dos estudantes. Sendo o espaço um propulsor de ação dos estudantes, quanto mais abrangente e aberto for o edifício, maior se antevê a participação estudantil, cumprindo assim os princípios fundamentais da AAC.

2.

ci
da
de



0 — 100

■ Rio Mondego ■ IAC ■ Massa edificada

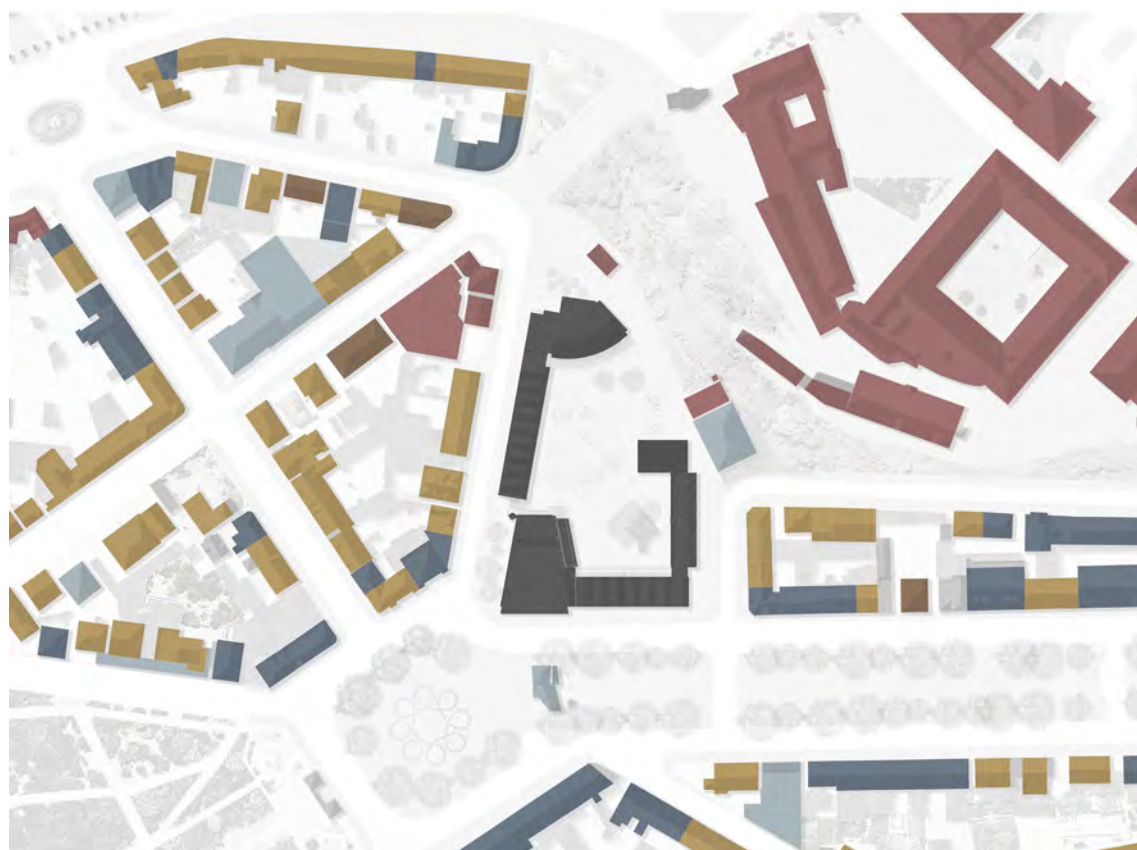
Fig. 37 - Planta urbana de Coimbra

Caracterização e Análise das Instalações Académicas de Coimbra

Dado as IAC tratarem-se de um edifício com uma longa e rica história, de usos complexos e por vezes contraditórios, bem como a sua posição central na cidade de Coimbra e o seu papel urbano face à universidade. A importância do conjunto para a vida estudantil, a análise das condicionantes e elementos para suportar o processo de projeto teve o objetivo de perceber quais as necessidades dos estudantes e quais seriam as melhores opções para uma vivência qualificada.

Isto envolveu decompor vários aspectos de análise, como o estudo da sua envolvente, a nível de programa, acessibilidade e dinâmica urbana, o estudo das movimentações e dos fluxos em relação ao edifício, através de um mapa de fluxos preenchido no lugar por utilizadores das IAC e perceber a opinião dos estudantes de hoje em relação ao edifício, através da realização de um inquérito online. O cruzamento destas camadas de análise, pretenderam partir para a proposta de intervenção de forma informada e com o conhecimento decorrente dos vários níveis de investigação.

Os inquéritos foram realizados com o intuito de perceber diretamente com a comunidade académica a sua perceção do espaço e relação com o edifício. Foram divulgados por via eletrónica, os quais respondidos por 46 estudantes. Divididos por setores: TAGV; Cantinas; Jardins; Corpo de gabinetes da AAC e questões gerais, usaram-se questões de escolha múltipla de forma a entender facilmente a opinião dos estudantes, e questões abertas para desenvolverem algumas ideias sobre este. A abordagem de aproximação direta aos estudantes, no que concerne ao mapa de fluxos e aos inquéritos deveu-se à necessidade de estabelecer uma ponte direta entre projeto e utilizadores, respeitando a sua relevância na vida académica e de forma a entender de que maneira a sua melhoria espacial servirá melhor os estudantes.



0 _____ 50

- Habitação ■
- Habitação e Comércio ■
- Comércio ■
- Serviços ■
- Universidade ■

Fig. 38 - Planta de Usos e funções

Envolvente Urbana

As Instalações Académicas de Coimbra localizam-se como referido no remate da Avenida Sá da Bandeira ladeando a Praça da República. Fica ainda entre a antiga Rua de Entre-Muros e a Rua Oliveira Matos, conformando um quarteirão já na cota baixa em relação à Alta Universitária ladeada pela Encosta nascente junto às Escadas Monumentais desenhadas por Cottinelli Telmo. Este edifício veio enquadrar a Alta Universitária que padecia de remate perante a escarpa natural da Encosta Nascente criando uma forte ruptura entre Praça da República e Alta.

Caracterizando a envolvente, a Avenida Sá da Bandeira surge na época oitocentista e edificou-se com um centro linear onde se foi implantar nova habitação, assim como um conjunto de novos equipamentos, como o Mercado Municipal D Pedro V e o Teatro Circo Avenida, posteriormente transformado em centro comercial (Ferreira, 52, 2007). A avenida é caracterizada por edifícios de média dimensão, entre 3 e 5 pisos, tendo algumas exceções como o Centro Comercial Avenida e o Edifício Golden. Formalmente a avenida desenha-se como uma *Boulevard*, com passeios de 4 metro, faixas para automóveis de 11 metros, e um ajardinado central de 32 metros, funcionando assim como espaço social de passeio e convívio, além da sua função como elo de ligação (Ferreira, 49, 2007). A Avenida é hoje marcada pela presença do comércio e alguns estabelecimentos de restauração.

Como remate da Avenida, desenha-se a Praça da República, construída em 1893, é um elo de distribuição ligando a Avenida a Celas, aos Olivais, à Alta Universitária e ao Jardim Botânico. A praça é rodeada de edifícios com 4 a 5 pisos e também a este pela entrada do Jardim da Sereia, a praça é quadrangular e tem 70 por 70 metros, estando hoje agregada ao espaço ajardinado da Avenida Sá da Bandeira. Esta Praça adquiriu uma grande centralidade dada a confluência de vários pontos da cidade que se desenvolveram recentemente como Celas e a Solum, relacionando estes pontos com a Alta da Cidade através do Bairro de Santa Cruz e da Rua Padre António Vieira a nível pedonal e viário, sobretudo no que toca aos transportes públicos. Funciona como grande espaço de encontro, pelas suas esplanadas e grande espaço vazio central, muitas vezes ocupados por grupos de estudantes para conviver, quer durante o dia, quer durante a noite, sendo

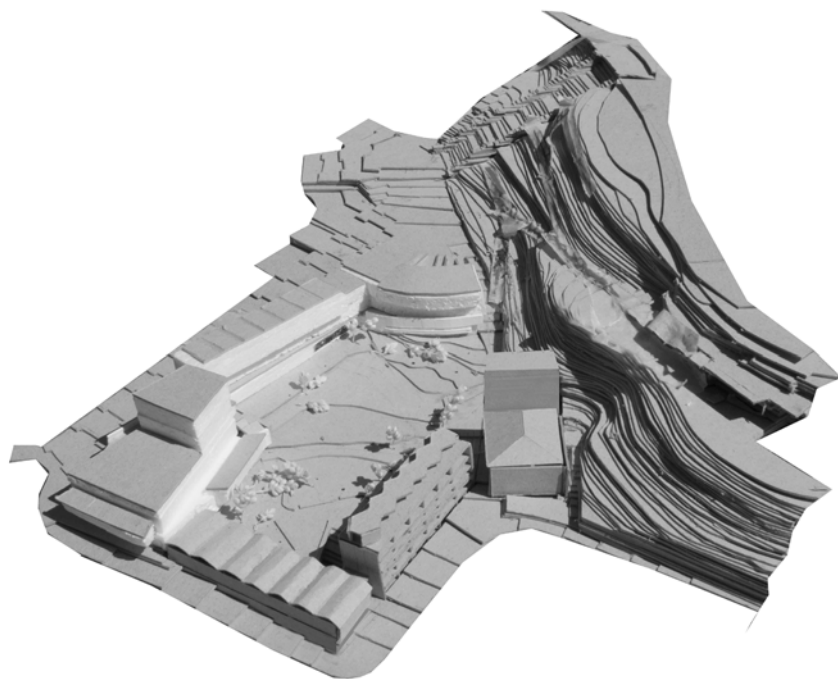
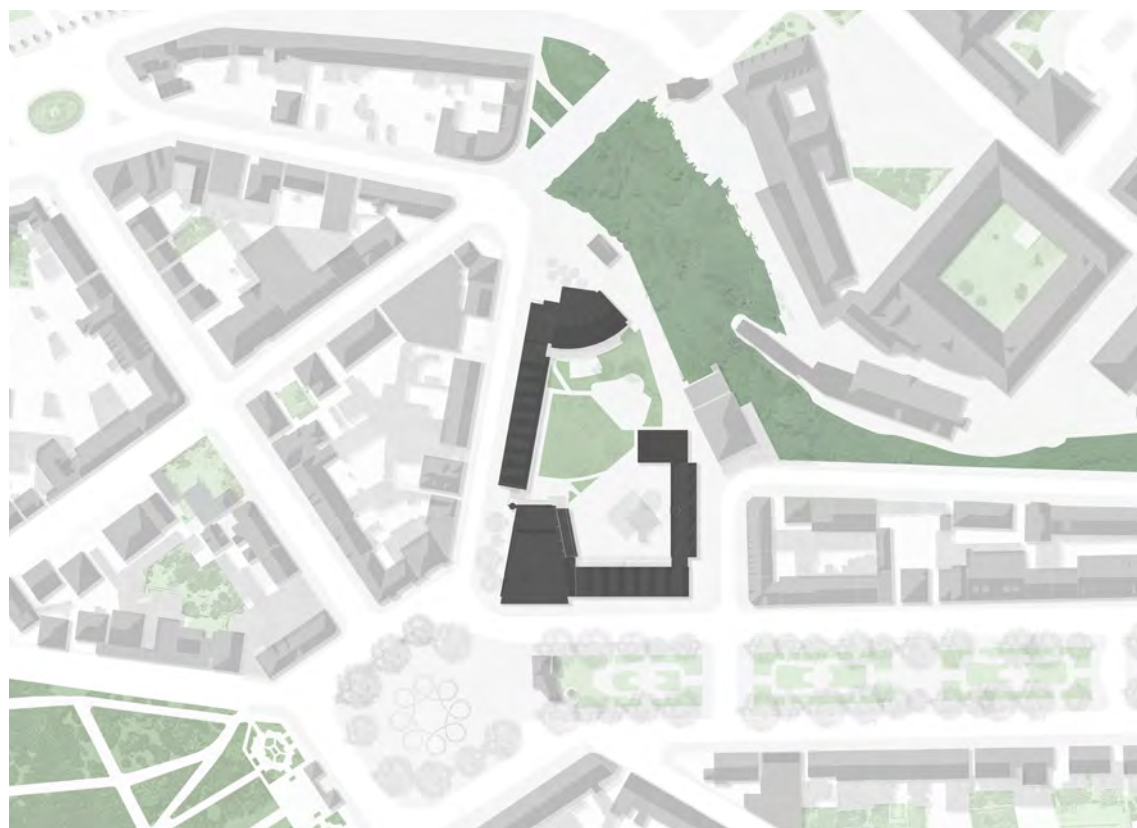


Fig. 39 - Maquete das IAC e envolvente próxima



0 50

Fig. 40 - Planta de espaços verdes

fundamental na vida social da cidade estabelecendo uma ligação com as IAC.

O Bairro de Santa Cruz e Bairro Sousa Pinto estão a sudeste das Instalações Académicas. O Bairro de Santa Cruz nasce a quando da Avenida e Praça da República numa operação de estruturação, expansão e urbanização da cidade sobre a forma de prédios de aluguer com rés do chão e um ou dois pisos acima para habitação, hoje, a maior parte destes edifícios contem no seu piso térreo espaços comerciais ou de restauração e habitação temporária ou para aluguer nos pisos superiores. Conflui com as IAC na Rua Oliveira Matos, estabelecendo a ligação à Alta pelas Escadas Monumentais.

O Bairro Sousa Pinto, a sul das Instalações Académicas, está diretamente relacionado com os Arcos e o Colégio de São Bento, ficando reduzido à sua expressão atual após as demolições da Alta. É caracterizado por conter edifícios para habitação com logradouro que se vira para a rua Castro Matoso, onde começam a surgir algumas edificações mais recentes ligadas ao comércio. É neste Bairro que estão concentradas muitas Repúblicas de Estudantes, como a Ay-Oh-Lynda ou a República dos Fantasmas, importantíssima na Crise Académica de 1969.

A Oeste das Instalações Académicas vemos a Encosta Nascente da Alta, situando-se entre as Escadas Monumentais e a Rua Padre António Vieira. A encosta manifesta-se num declive natural com vegetação baldia, contendo apenas um percurso, o Caminho das Virgens, entre a Praça António Luís Gomes, junto à entrada do Corpo III das IAC, encaminhando para as traseiras do Departamento de Arquitectura e o Edifício II da Faculdade de Psicologia. Trata-se de um percurso mais suave que as Escadas Monumentais. É usado principalmente pelos estudantes que tem aulas nestes edifícios. A Casa das Caldeiras faz o remate entre a Encosta e o início da Rua Padre António Vieira em conjunto com as IAC. Inicialmente estava previsto no projeto a demolição deste edifício que fazia o aquecimento de águas para os Hospitais da Universidade, foi alvo de uma requalificação e ampliação em 2008, pelo arquitecto João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes, para servir os Encontros de Fotografia e uma parcela da Faculdade de Letras, no âmbito do Plano de Pormenor do da Alta Universitária do Arquitecto Gonçalo Byrne, sendo constituída pelo volume onde estão os fornos e um paralelepípedo de betão que se encastra na Encosta quase como um volume abstrato, relacionando-se com os jardins da AAC e criando uma praça entre as IAC e o próprio. (Martins, 63, 2019) Este edifício constitui um espaço importante para os estudantes pois é usado por muitos como sala de estudo informal.

A Rua Padre António Vieira, surge no início do séc. XX ligando a Avenida à Alta da Cidade sendo rematada pelas IAC mais tarde no séc. XX. (Calmeiro, 367, 2014) apenas possui construções do lado norte, existindo apenas um muro de contenção no lado oposto. Hoje é uma rua Residencial, pontuada com estabelecimentos de diversão noturna.

Na envolvente próxima há dois tipos de espaços verdes, os formais, e os baldios. A nível formal podemos considerar os Jardins das IAC, a alameda central da Avenida Sá da

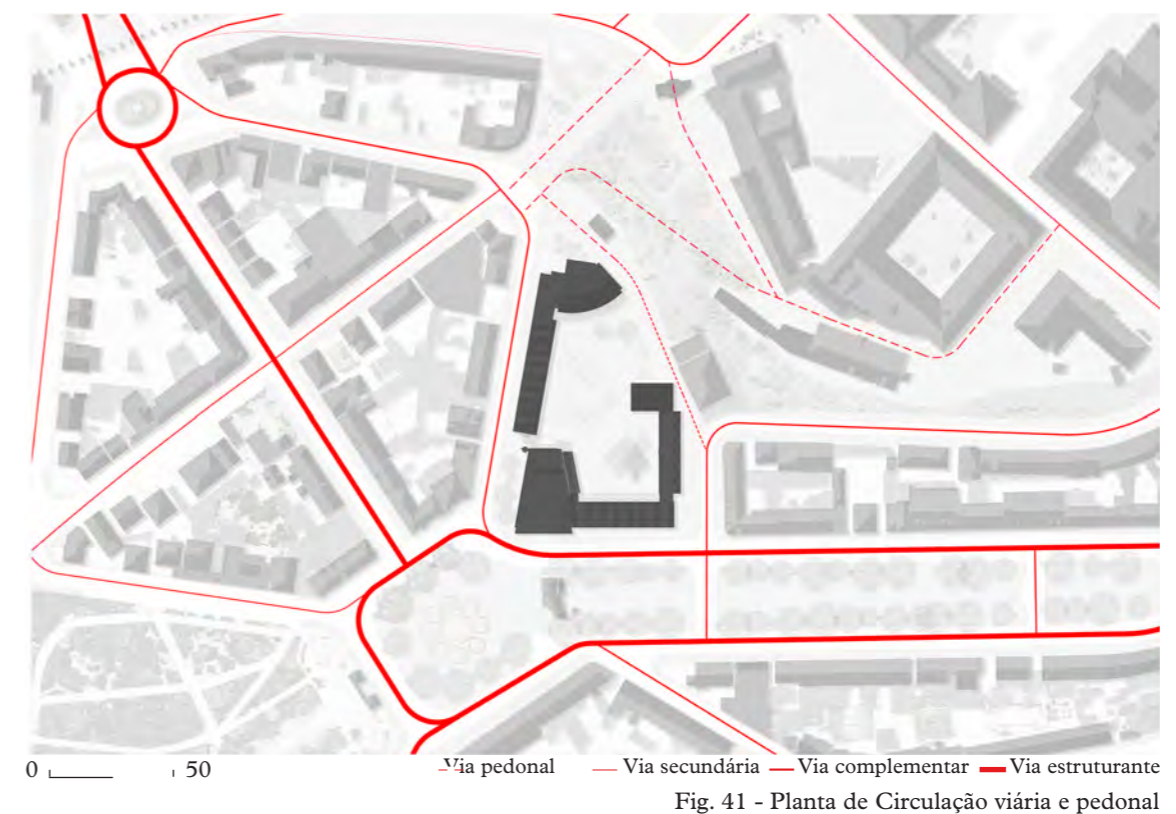


Fig. 41 - Planta de Circulação viária e pedonal

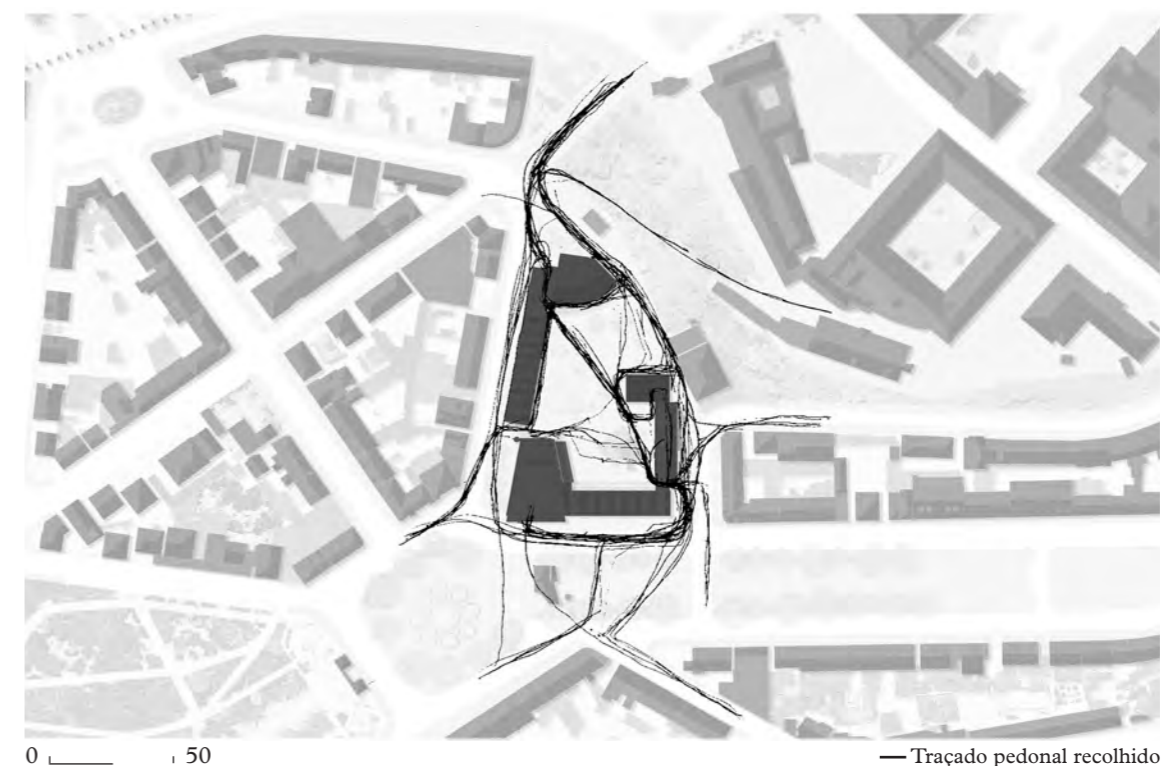
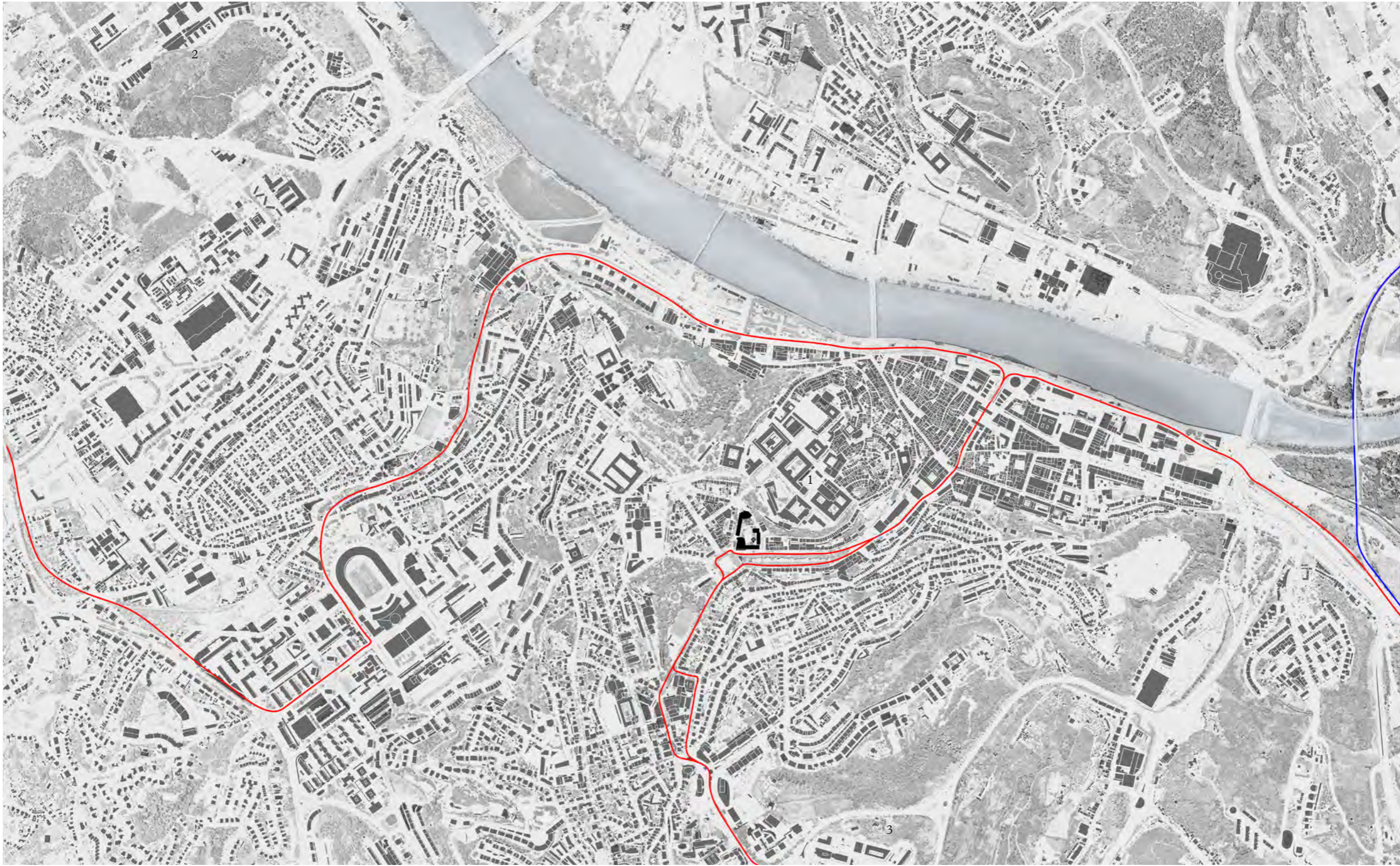


Fig. 42 - Planta de Fluxos pedonais





0 100

■ IAC 1 - Polo I 2 - Polo II 3 - Polo III — Linha de BRT — Linha de comboio

Fig. 43 - Planta do percurso do Metrobus

Bandeira e o Jardim da Sereia, enquanto que, a Encosta nascente da Alta é constituída por espaços verdes baldios. Os Jardins das IAC destacam-se por ser um espaço verde amplo no meio da cidade, refugiado da confusão da Avenida Sá da Bandeira onde segundo os inquéritos os estudantes se sentem seguros, ao contrário do que é sentido no Jardim da Sereia.

Fluxos Urbanos

A Avenida Sá da Bandeira desagua na Praça da República que funciona como rótula entre Celas, Baixa e Solum o que faz dela um eixo estruturante da Cidade, quer pedonal, quer viário. As Instalações Académicas além de estarem em relação com este estabelece também uma ligação com a subida para a Alta pelas Escadas Monumentais, na Praça António Luís Gomes e pelo início da Rua Padre António Vieira.

A grande densidade viária é corroborada pela grande incidência de transportes públicos, sobretudo autocarros, tornando a Praça da República local de paragem para a maior parte dos percursos dos transportes urbanos, sendo esta a paragem que muitos estudantes usam para aceder à Universidade. Além do autocarro, está também previsto a instalação de um sistema de *metrobus* (Sistema BRT Bus Rapid Transit) englobado no Sistema de Mobilidade do Mondego. A Linha do Hospital parte da baixa, na zona da Loja do Cidadão tendo paragem nas em frente às Instalações Académicas, seguindo depois para os Hospitais e Polo III (I.P., 2019).

Estando as IAC intrinsecamente ligadas a estes eixos estruturais e a subida para alta, pode-se considerar o edifício como uma rótula urbana (Silva, 265, 2017), sobretudo ao nível pedonal. Posto isto, foi feito um estudo dos fluxos na zona das IAC. O mapa de fluxos foi recolhido com a participação de 40 estudantes, utilizando uma planta onde se pedia para os próprios desenharem os seus percursos quando se deslocam às Instalações Académicas.

Podemos perceber com isto que há uma grande concentração na entrada para a Rua Padre António Vieira, assim como na entrada para as cantinas no topo das monumentais. Enquanto que a entrada das cantinas foi desenhada para um grande fluxo. A entrada da Rua Padre António Vieira mostra-se subdimensionada para o atual fluxo, o que causa algum constrangimento perante a pouca amplitude da entrada que se tornou entrada principal.

A rua de Entre-Muros é também bastante utilizada para o acesso ao edifício por quem desce das monumentais ou pela Encosta das Virgens, apesar do seu estado precário. Nos Jardins vemos uma grande movimentação transversal que liga o Bar da AAC com as o Corpo III, já os restantes percursos nos jardins são bastante ténues. Os terraços tanto deste corpo, como o terraço curvo são muito pouco percorridos.

O edifício mostra-se pouco permeável, pois vemos uma grande circulação em volta deste e não percursos que o atravessem não atuando como rótula entre a Avenida e a Alta.

Para além da Utopia



Fig. 44 - Corpo I



Fig. 45 - Interior do Corpo I

O Edifício

As Instalações Académicas de Coimbra surgem num momento de transição do paradigma da arquitetura moderna. Este edifício materializa também a construção de uma nova tipologia com um novo desenho, o *centro cultural*. A materialização de um ideário de humanização de uma arquitetura encontrou numa cultura cada vez menos elitista um caminho aberto para se demonstrar. As IAC fomentaram uma nova forma de construir e pensar o equipamento e a cidade, tendo a arquitetura um papel preponderante (Silva, 14, 2017). O edifício desenhou-se a partir da delimitação do quarteirão a partir de três corpos formal e programaticamente distintos, abrindo-se no espaço central valorizando assim os espaços colectivos (Silva, 259, 2017).

O Corpo I remata a descida da Rua Padra António Vieira. Define-se por um embasamento que conforma as diferenças de cota e alberga o rés do chão, onde estão situados os serviços da AAC desenvolvendo-se ainda três pisos para cima. A entrada faz-se pelo Início da Rua Padra António Vieira ou pelos Jardins na Sala de Estudo, Este corpo é apenas servido por uma caixa de escadas central, sem ligação direta ao exterior. É um edifício estruturalmente regrado com um módulo de 6.5m, sendo essa a medida que o define formalmente. Os Alçados longitudinais acima do embasamento marcados pelo ritmo de pilares e lage num jogo onde a estrutura vai criando saliências e recuos marcando assim um jogo de sombras. Os vãos são abertos 1m acima da cota do piso sendo esse pano de parede definido por uma parede revestida a tijolo pelo exterior.

No interior o esquema repete-se em todos os pisos, é definido por um generoso corredor central, rodeado por gabinetes por ambos os lados, este corredor central é iluminado graças à sequencia de janelas interiores que permitem a entrada de luz. Os gabinetes vão variando a sua dimensão consoante os módulos que ocupam, sendo o mais pequeno de 3.75m por 3m, em todos eles há a colocação de uma estante embutida. A sua Cobertura é visitável sendo rematada por um elemento de formas hexagonais que atravessa o comprimento do edifício criando sombreamento, prefazendo assim um miradouro para a Avenida e para a praça da República. Este Corpo é ainda composto por um pequeno volume no seu topo nos jardins junto á Casa das Caldeiras. Pela impossibilidade de demolição desta, está inacabado albergando a sala de estudo e uma sala anexa e na sua

Para além da Utopia



Fig. 46 - Corpo II - TAGV



Fig. 47 - Corpo II - Salas de ensaio e bar

cobertura prefaz um terraço no primeiro piso do Bloco. Programaticamente o Corpo I alberga os gabinetes das Secções, Organismos Autónomos e Direção Geral, sendo o primeiro piso pontuado por serviços, inicialmente um posto médico, reprografia e sala de estudo, estes dois últimos que se mantem até hoje com alterações, havendo agora também algumas salas concessionadas a serviços privados.

O Corpo II, a frente da Avenida Sá da Bandeira é o mais importante alçado do conjunto pela sua presença urbana e pelo seu desenho. As Salas de Ensaio desenvolvem-se em dois pisos, estando um deles enterrado no lado do pátio, enquanto que o teatro se desenvolve em três níveis, havendo uma ligação entre estes dois volumes. O módulo de ensaios é acessível pela mesma entrada que o Corpo I e o teatro tem uma entrada própria na Avenida Sá da Bandeira. Com a mesma modulação estrutural este edifício contudo fecha-se para a avenida, deixando apenas pequenas frestas para a entradas de luz, a estrutura já não é tão marcada, mas dispõe também do mesmo embasamento do Bloco I em pedra, já no piso superior o alçado é pontuado pela pedra e pelos painéis de azulejo de Abel Manta que ilustram a evolução do Traje Académico. A cobertura é, a par dos painéis, o momento mais expressivo da composição, sendo formada por abóbodas baixas de betão que se elevam dos panos de parede para deixar entrar luz nas Salas de Ensaio.

O seu interior é definido também pela estrutura, tendo as salas de ensaio um ou dois módulos, sendo servido por um corredor que vira para o interior do jardim, protegido da luminosidade por uma pérgola que se vira para os jardins. Em duas das salas de ensaio encontramos dois pequenos auditórios pertencentes ao T.E.U.C. e ao C.I.T.A.C., dotado de bancadas, pequenos camarins e um piso em soalho elevado, ou seja, duas pequenas *black boxes* (Santos, 19, 2008). Existem ainda mais salas de ensaio sem bancadas e um mini auditório. A entrada deste Corpo na Rua Padre António Vieira, onde se localiza o bar é onde este corpo se mais relaciona com o exterior com a abertura de três grandes vãos que iluminam esta zona comum.

O Teatro abre-se à cidade por um *foyer* definido por um envidraçado que enaltece o seu carácter público e acessibilidade (Silva, 304, 2017). O edifício é maior do lado da Avenida fazendo assim notar-se do exterior a forma da sua plateia. No *foyer* temos duas escadas simétricas que nos dão acesso tanto ao balcão superior como ao Café Teatro e ainda, um nível acima ao terraço que prefaz um balando sobre a avenida. O Café desenvolve-se ao longo do edifício, com um grande envidraçado que se projeta para a Praça da República. A sala de espetáculos conta com uma forma trapezoidal que mais se adequa ao tipo de espetáculos que ali se iriam realizar, não possuindo camarotes. (Silva, 307, 2017) A Plateia no piso inferior, conta com lugares para 768 pessoas, descendo em rampa, enquanto que o balcão em escada possui mais 436 lugares sentados. Na sua periferia e virado para os jardins temos ainda os gabinetes e camarins que forma uma plataforma em terraço que vai percorrer todo o Corpo III. No piso subterrâneo temos ainda uma sala que é usada para ensaios entre outros.

Para além da Utopia



Fig. 48 - Entrada Corpo III



Fig. 49 - Jardins das IAC

O Corpo III define-se pelo grande volume longitudinal que faz frente à Rua Oliveira Matos e o edifício curvilíneo das cantinas que recebe as Escadas Monumentais e a Praça António Luís Gomes. O Volume longitudinal desenvolve-se por três níveis, assim como o volume curvilíneo, apesar de não estarem em cotas coincidentes, dois dos três pisos deste volume encontram-se semi enterrados tendo apenas ligação com o exterior para os jardins.

A entrada para o Volume longitudinal faz-se a partir da sua ligação com os jardins, e também pela entrada principal do volume curvo na Praça António Luís Gomes Esta entrada é como uma boca que se projeta na praça lançando umas escadas para receber os estudantes. O segundo volume tem também uma entrada de serviço pela Rua de Entre-Muros dando acesso aos seus níveis mais baixos. Formalmente o volume da Rua Oliveira Matos vai-se relacionar com o Corpo I, na medida que possui o embasamento e a linguagem formal do piso superior semelhante aplicando também a expressividade da estrutura e o tijolo, contudo a proporção do embasamento também é diferente, sendo maior devido à grande quantidade de cotas que este tem de vencer. Na cobertura vemos o mesmo tratamento abobadado do Corpo II. Para os Jardins, este volume tem um desenho tripartido em que o piso médio, é afastado da linha de fachada e de estrutura, colocando o segundo piso em consola, permitindo a este ter um vão longitudinal que atravessa todo o volume.

No interior vemos que nos topos, o edifício é dividido pelos três pisos, enquanto que o espaço central abre-se para um pé direito duplo, um amplo espaço marcado pela presença da estrutura saliente no seu teto, iluminado pelos grandes vãos que se viram para os jardins e um rasgo da altura das vigas para a Rua Oliveira Matos. O último piso desenvolve-se tendo sido ocupado por espaços de convívio com equipamento para jogar bilhar, xadrez, entre outros. O volume curvilíneo abre-se em leque, com uma ampla sala de refeições curva que se projeta em consola para os jardins, assim como as cozinhas para a Praça António Luís Gomes. O átrio de entrada possui divisórias em que se instalaram sapateiros, cafetarias e até um pequeno balcão de um banco. Os pisos mais abaixo desenvolvem-se também em curva, com um corredor ao centro e gabinetes para ambos os lados. O lado semi enterrado é iluminado graças a um percurso por baixo da consola das cozinhas, sendo o piso abaixo apenas iluminado nos seus vãos para os jardins. O volume tem ainda um terraço curvo que liga à saliência do bloco longitudinal terminando num acesso aos jardins e à praça da República. O Corpo foi inicialmente constituído por uma cantina, salas de estudo e de estar e uma sala polivalente/ginásio. Hoje temos duas cantinas, uma no corpo curvilíneo, outra na antiga sala de estudo. A sala polivalente está desocupada, havendo ainda armazéns e arrumos das cantinas nos pisos inferiores do edifício curvilíneo.

Os Jardins desenvolvem-se no espaço entre os três blocos isolando-se da cidade. Trata-se de um amplo relvado que centrando-se no lago e fazendo uso de diversos materiais e pavimentos vai clarificando a ligação entre os três Corpos. (Silva, 311, 2017) Cria duas zonas de paragem, uma junto ao lago e outra junto à pérgola de formas irregulares, ligadas por um sistema de percursos orgânicos.

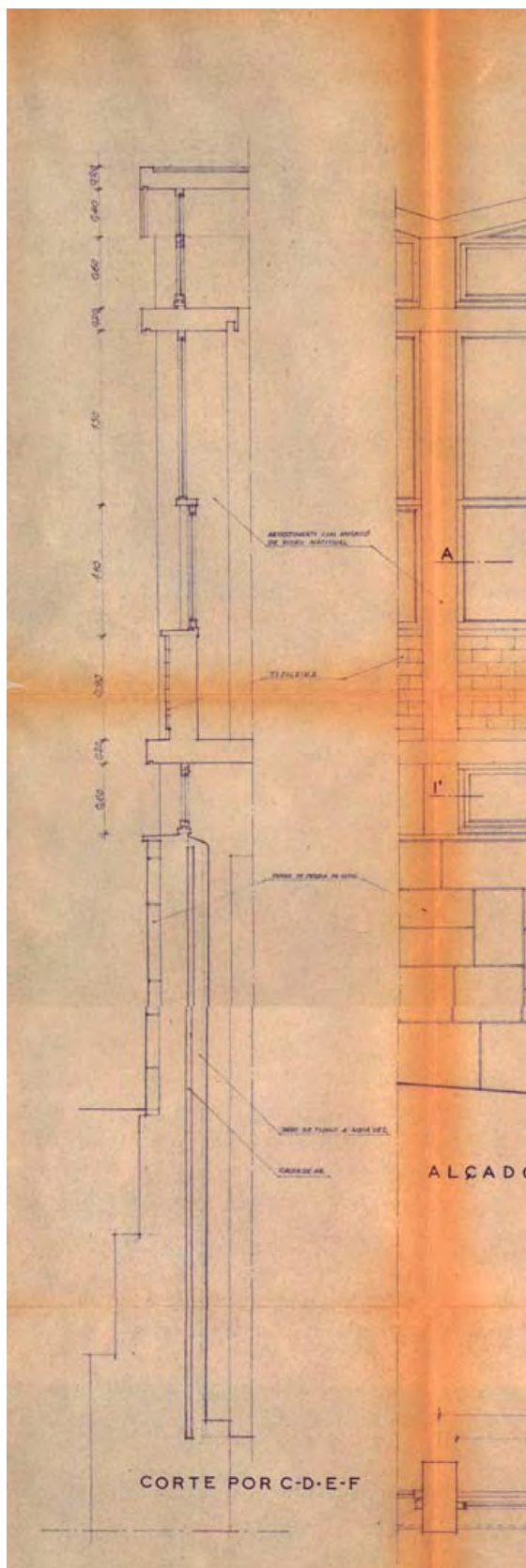


Fig. 50 - Pormenor construtivo Corpo III



Fig. 51 - Fachada do Corpo III

Definição Construtiva do Existente e Patologias

O edifício é definido com poucos materiais, os quais, bastante comuns na Arquitectura Moderna, betão armado, ferro, vidro e madeira. O edifício foi desenhado em função da estrutura, que o define espacialmente. Considerando a divisão já mencionada acima, o Corpo III, a estrutura define-se por um sistema de pilar e viga de betão sendo as lajes pré esforçadas. As coberturas foram construídas recorrendo a abóbodas de fusos cerâmicos. As fundações deste Corpo são executadas com muros de alvenaria de pedra rija. (Pessoa, 1957) O Corpo I é construtivamente semelhante ao Corpo III, com a exceção das fundações que se materializam em estacaria de betão, moldada no terreno, assim como verificado no Corpo II. (Pessoa, 1957)

A nível estrutural todo o edifício encontra-se em bom estado, não existindo casos de risco de colapso nem havendo necessidade de reforçar a estrutura. Há apenas a notar a fissuração do edifício na junção entre o Corpo II e o Corpo I já causam uma fenda visível, assim como nos topos do Corpo I começam a ser visíveis fissuras nos azulejos tipo pastilha.

A maior parte dos problemas associados ao edifício são relacionados com infiltrações e humidade, decorrente do mau estado e falta de manutenção de coberturas. No Corpo II já existe musgo a cobrir grande parte das abóbodas. A situação torna-se insustentável dado à presença de infiltrações em zonas onde passam correntes elétricas como no Teatro de Bolso do TEUC, onde entra água quando existe chuva forte, já tendo causado danos no pavimento de madeira. (Proença, 2019)

Já nos espaços do Corpo I, há gabinetes que começam, também, a ter a presença de fungos (Rogério, 2019), assim como há inúmeros relatos de inundações em algumas salas do rés do chão. Ao longo de todos os corpos também é possível ver a condensação, quer nas cantinas, quer por exemplo na sala de estudo, enunciando o insuficiente tratamento térmico do edifício, sendo este um dos pontos negativos apontados nos inquéritos realizados aos estudantes

A nível dos vãos exteriores todo o tratamento do conjunto foi originalmente feita através de caixilharia de metal, com uma secção, bastante reduzida, 3 centímetros, e vidro simples tomando diferentes formas consoante o local. A situação atual mostra-nos o efeito do tempo, grande parte dos caixilhos estão enferrujados, especialmente no Corpo I e II não tendo, portanto, o desempenho desejado, havendo também algumas situações onde os próprios vidros estão partidos. O vão aberto na sequência da construção das escadas do Corpo II para os jardins também não foi executado da melhor forma, estando o caixilho associado à parede por via de uma placa de aglomerado de madeira, criando assim situações de infiltração.

Os revestimentos exteriores são maioritariamente em pedra, de estereotomia regular em todo o Teatro e no primeiro piso do alçado para a Avenida Sá da Bandeira,

Para além da Utopia



Fig. 52 - Cobertura do Corpo I



Fig. 53 - Fachada do Corpo I



Fig. 54 - Fachada do Corpo III



Fig. 55 - Encontro do Corpo I e II

Para além da Utopia



Fig. 56 - Interior do Corpo I



Fig. 57 - Teatro de Bolso do TEUC - Corpo II

sendo irregular nos embasamentos que vão formando os diferentes corpos. Além da pedra, é usado também o reboco, essencialmente para o Corpo I, e os pisos superiores do Corpo III, assim como o tijolo nos panos de peito nos diferentes corpos.

Os interiores são desenhados com uma pormenorização intensa, influenciada por exemplos nórdicos, devido ao uso abundante de madeira e linóleo, assim como a marmorite, materiais que resistem à sua intensa ocupação. Os interiores do Corpo I revelam assim também influências Corbusianas, contudo utilizando a madeira e formica na definição dos elementos de arrumos, por exemplo. (Bandeirinha, 87, 1998).

Como mencionado, com a exceção do TAGV nenhum dos corpos foi alvo de reabilitação, o que resulta num deteriorar de um edifício que já conta com mais de 60 anos de utilização intensa. Resultado disto são os casos mencionados de infiltrações, humidade, fissurações e a debilidade de toda a rede eléctrica do edifício.

É também de notar a falha do edifício no que concerne à segurança contra incêndios, havendo problemas ao nível das saídas de emergência e sobretudo no Corpo I. Tendo em conta que o edifício é desenvolvido em altura e possui apenas um conjunto de escadas que não tem saída direta para o exterior, cria uma situação preocupante mencionada inclusivamente nos inquéritos.

A situação mais gravosa é de facto a eléctrica, devido a uma constante mudança e sobre-ocupação do edifício, vimos um crescimento avultado das estruturas e, portanto, necessidade reforçar as ligações eléctricas que são hoje ultrapassadas e confusas (Amado, 2018) o que causa um enorme risco aos utilizadores essencialmente no Corpo I. A situação dos esgotos também não é a melhor por via da colocação do bar no topo poente do Corpo II. (Byrne, 2012)

Alterações ao Projeto original

A modificação deste conjunto edificado tem sido crescente o que em si não é um problema, a Academia é mutável e os estudantes de 1962 não são os mesmos de hoje, assim como as necessidades espaciais não são as mesmas. O problema surge quando as alterações/adições à traça inicial tendem a pecar por qualidade ou por falta de integração, não sendo consensuais dentro da Academia. O edifício está sobrelotado e houve uma sobre-utilização do mesmo, tendo as alterações pontuais e desgarradas ao longo do tempo retirado alguma identidade ao edifício (Bandeirinha, 2007).

No Corpo I as alterações mais notórias fazem-se sentir no interior, especialmente no rés-do-chão, onde houve uma mudança substancial no programa, com a inclusão do Bar e da zona de serviços. Para a adaptação das salas de ensaio a bar, tiveram de ser demolidas algumas paredes e foram colocados os balcões para atendimento. Houve também a colocação de extratores de ventilação do espaço que acabam por tapar cerca de metade da altura dos vãos, afetando assim os alçados e a iluminação interior. Todo o

Para além da Utopia

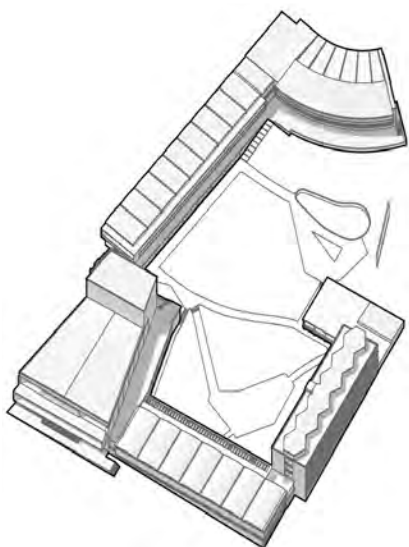


Fig.58 - Instalações Académicas - 1963

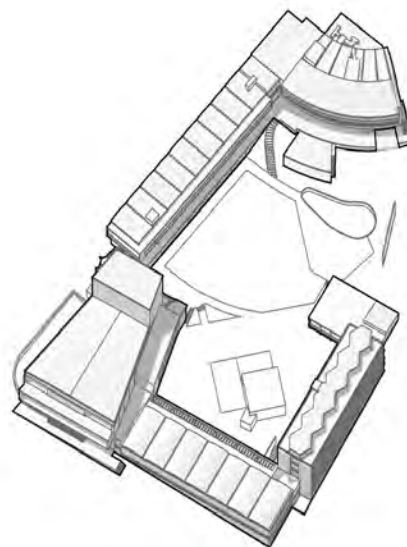


Fig. 59 - Instalações Académicas - 2020

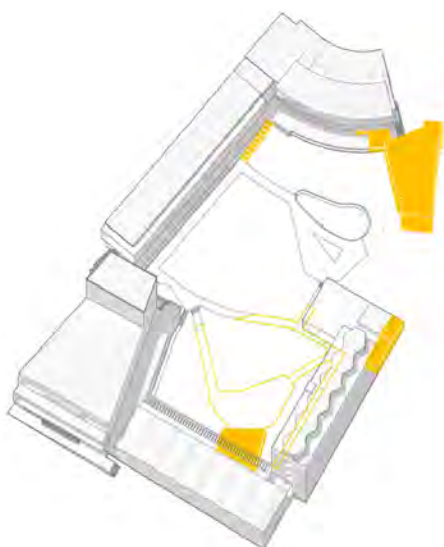


Fig. 60 - Demolições

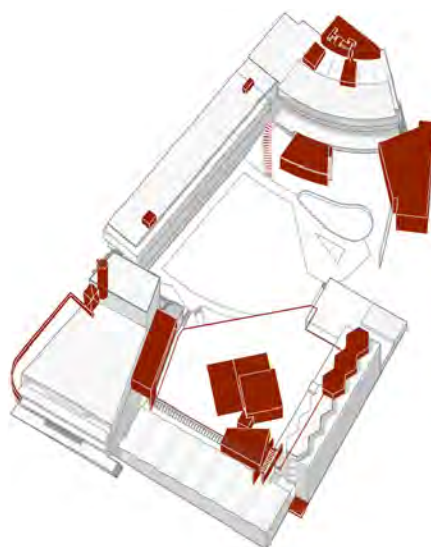


Fig. 61 - Construções

pavimento de marmorite foi substituído por tijoleira negra. Os estudantes acham o bar escuro e pouco ventilado, não sendo convidativo, especialmente durante o período diurno.

De ressaltar também a abertura das escadas para os jardins, ligando a cota da Avenida Sá a Bandeira com o interior das IAC. No primeiro piso vemos a intervenção das estruturas teatrais da Academia, onde foram construídos os dois pequenos auditórios, o Teatro de Bolso do TEUC e o Teatro Estúdio do CITAC, onde além de estruturas de madeira para a plateia, foram também pintadas as paredes e vãos de negro para criar o efeito de *black-box*.

A atual sala de estudo também foi alvo de algumas modificações, quer ao nível da demolição de paredes internas e renovação do mobiliário. Apesar da recente remodelação, em 2016, os estudantes consideram-na pequena e pouco confortável, não estando localizada no sítio ideal por causa do barulho que vem dos Jardins. A intervenção no edifício das Caldeiras levou a que fosse considerado criar um espaço de respiração entre este e as IAC, levando à demolição de um módulo estrutural, abrindo assim a Rua de Entre-Muros. Esta decisão foi levada a cabo a quando do projeto para a Casa das Caldeiras, visto a sua demolição não ter sido possível pelo equipamento ainda estar a funcionar a quando da construção das IAC (Silva, 277, 2017), deixando um espaço indefinido e inacabado, tendo os atelier de João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes estabelecido um compromisso entre os dois edifícios, voltando a estabelecer relações com o espaço público (Martins, 97, 2019).

A cobertura, antes utilizada apenas como espaço de estar foi encerrada com envidraçados, que albergam assim um novo espaço fechado, deixando de se ter a leitura de terraço habitado. Ao longo da fachada que remata a Rua Padre António Vieira observamos uma quantidade considerável de caixas de ar condicionado, tirando alguma clareza à composição modernista.

O Corpo III mudou quer a entidade que o gere, quer o seu programa com a gestão dos SASUC, assistimos a um conjunto de obras pontuais com vista à adaptação do edificado a duas novas cantinas e umas lavandarias que não estavam previstas originalmente.

Ao nível da cobertura são notórias as obras pontuais, pois esta está repleta de pequenos tanques de água e de caixas de elevador saliente que dificultam a percepção da clareza do desenho do quinto alçado. Foi colocada tela asfáltica nas coberturas, que como posta em períodos diferentes, mostra também aspectos diferentes. Foram também feitas outras intervenções como a construção de um acrescento no antigo Restaurante que recebe as Monumentais, com vista

à ampliação do espaço da cozinha retirando assim dignidade ao conjunto que é indispensável à organização espacial da encosta nascente da Alta de Coimbra (Costa, A. 1997) quebrando a relação com esta, que estava prevista em estudos prévios.

No interior houve as adaptações necessárias à instalação de uma nova cantina nas

Para além da Utopia



Fig. 62 - Jardins das IAC atualmente



Fig. 63 - Gabinetes do TAGV

anteriores salas de estudo do Corpo III, assim como os pavimentos foram substituídos para peças de cerâmica e os revestimentos nomeadamente dos pilares que passaram a ser de madeira. Nos tetos, cobriram as abóbodas, para dar lugar a um jogo de planos em gesso cartonado. Vemos também que praticamente toda a caixilharia deste corpo foi substituída por uma solução de alumínio que em nada se assemelha à caixilharia anterior. De ressaltar também a construção de um edifício associado às cantinas do volume curvo que serviria para serralharia e carpintaria dos SASUC, contudo, também a quando das obras das Caldeiras este teve de ser demolido pois foi iniciado ilegalmente (Mendes, 2004). Apesar de todas estas obras de adaptação e alteração programática muitos destes espaços estão agora vazios, como o antigo ginásio, que leva a maior parte dos estudantes a considerar que há grande parte dos espaços que são geridos pelos SASUC estão desaproveitados, segundo os inquéritos.

O Corpo II, do TAGV foi o espaço que sofreu as intervenções mais qualificadas, tendo em conta a sua remodelação em 1992 pelo Arquitecto André Santos. A intervenção pautou-se pela abertura de uma ligação direta entre o exterior e o palco, desejo antigo, assim como de um volume de escadas em caracol que sobe até à zona técnica do teatro. Estes dois volumes assumem um carácter próprio, pela sua materialidade em betão junto à parede de pedra do Teatro. No lado interior, vemos que o terraço entre as salas de ensaio e o TAGV foi ocupado por um novo volume envidraçado que se projeta para os jardins, albergando uma nova zona de administração. Em 2015 volta-se a reabilitar o edifício, desta vez numa abordagem mais técnica ao nível do som, e sistemas de projeção, assim como nos camarins (Santos, 2017).

Os jardins sofreram também uma grande reforma, onde o seu espaço de estar foi condicionado pela construção de vários volumes. O mais notório é o novo bar exterior, uma estrutura pavilhonar desenhada pelo arquitecto Nuno Ribeiro Lopes, associando também alguns volumes debaixo da pala de sombreamento para arrumos ou casas de banho. Este edifício inicialmente seria temporário, substituindo uma estrutura precária que serviria de bar exterior, tendo-se mantido por mais anos do que o previsto. O intuito da estrutura seria inicialmente ser também um palco para as estruturas da AAC poderem atuar perante os jardins. (Gonçalves, 2007) Associada a este novo volume assistimos também à pavimentação em calçada de calcário de todo o recinto do Bar, desde a sala de estudo até ao TAGV, redesenhando os caminhos e espaços de estar de Manuel Cerveira, Na zona do terraço também houve alterações junto ao Corpo III, com a mudança das escadas de acesso, torcendo-as, assim como a construção de um pequeno volume, bastante precário que hoje serve de Sala de Ensaio de Grupos Académicos. Nos espaços ajardinados foram colocadas umas vedações de corda que impedem a circulação nos relvados. À luz dos inquéritos, a maior parte das intervenções nos jardins acabaram por prejudicar a sua imagem, coadjuvado com a falta de mobiliário urbano, sendo a esplanada considerada como o ponto mais positivo das mudanças que foram ocorrendo.

A maior parte das alterações nascem da tripartição da gestão do edifício entre



Fig. 64 - Corpo III - Cantinas



Fig. 65 - Carpintarias SASUC

AAC, SASUC e TAGV, mas também de uma ideia de renovação permanente, dada a passagem temporária dos utilizadores, carecendo uma ideia de um planeamento supra-geracional (Bandeirinha, 2019), que tome em consideração uma ideia de conjunto. Hoje todos se preocupam apenas pelo seu espaço, e não pelo edifício como um todo. Contudo, todas as alterações que o edifício foi sendo alvo não partiram de más intenções, apenas foram feitas com má qualidade (Antunes, 2018).

Apesar do estado de degradação e desgaste os estudantes consideram o edifício importante pela dinâmica interna e história que não se encontra em nenhum outro edifício. As alterações feitas por várias direções apenas pretenderam fazer face às necessidades sentidas pelas diversas estruturas (Viegas, 2007) O edifício vai perdendo assim a sua unidade e clareza formal, e com isso a vivência passa a ser menos qualificada, notório quando nos inquéritos vários estudantes dizem que as IAC quando construídas eram mais convidativas e que a falta de conservação e reabilitação prejudicam a dinâmica atual do edifício.

Programa em Falta

Após o levantamento realizado à ocupação do edifício verifica-se que há um número significativo de estruturas internas, quer Secções, quer Organismos Autónomos que não tem o espaço necessário ao desenvolvimento da sua atividade. No caso da criação de uma nova secção essa irá certamente ter problemas de espaço. (Mesquita, 2006) Esta recolha foi complementada com o contacto com as estruturas da AAC, informação recolhida através notícias da comunicação social e recorrendo aos inquéritos online, elaborou-se um resumo do que os estudantes, sentem falta e gostariam de ver materializado. Aqui cabe uma relação entre as estruturas existentes e as suas necessidades espaciais, assim como, quais os anseios dos estudantes.

No que concerne aos Órgãos Centrais e Intermédios verificamos que nem a Assembleia Magna, nem a Comissão Disciplinar dispõe de sala própria, assim como o Conselho Fiscal apenas dispõe de um espaço improvisado no Rés-do-Chão do Corpo I. Pelo contrário, a Direção-Geral está satisfeita com o espaço a ela destinado, não necessitando de nenhum acrescento. Nos Órgãos Intermédios verificamos que apenas o Conselho Desportivo tem uma sala atribuída, ficando o Conselho Cultural e Conselho Internúcleos sem sala destinada.

A nível das Secções Culturais é onde verificamos a situação mais precária. A Secção de Fado encontra-se neste momento com salas de ensaio em espaços dos SASUC, Sala Tó Nogueira (Corpo I) e ainda em alguns gabinetes improvisados para o efeito. A situação da Secção de Fado é pouco sustentável devido às más condições acústicas, além do espaço dos SASUC ser necessário num futuro breve para a Faculdade de Psicologia. Ao mesmo tempo constatamos que a Secção de Yoga que não dispõe de sala de práticas, improvisando espaços também em espaços dos SASUC, assim como o Centro de Informática da AAC.

Para além da Utopia

Academia

AAC

Estruturas internas AAC Orgãos de gestão AAC

Conselho Desportivo	Assembleia Magna
Secção de Andebol	Direção-Geral
Secção de Atletismo	Conselho Fiscal
Secção de Badminton	Comissão Disciplinar
Secção de Basebol	
Secção de Basquetebol	
Secção de Bilhar	
Secção de Boxe	
Secção de Cultura Física	
Secção de Desportos Motorizados	
Secção de Desportos Náuticos	
Secção de Futebol	
Secção de Ginástica	
Secção de Halterofilismo	
Secção de Judo	
Secção de Karaté	
Secção de Lutas Amadoras	
Secção de Natação	
Secção de Patinagem	
Secção de Pesca Desportiva	
Secção de Radiomodelismo	
Secção de Rugby	
Secção de Taekwondo	
Secção de Ténis	
Secção de Tiro com Arco	
Secção de Voleibol	
Secção de Xadrez	

Conselho Cultural

Centro de Estudos Cinematográficos
Centro de Informática
Grupo Ecológico
Secção de Astronomia, Astrofísica e Astronáutica
Rádio Universidade de Coimbra
Secção de Defesa dos Direitos Humanos
Secção de Escrita e Leitura
Secção de Fado
Secção de Fotografia
Secção de Gastronomia
Secção de Jornalismo “A Cabra”
Secção Experimental de Yoga
Secção Filatélica
SOS Estudante

tvAAC

Conselho Internúcleos

Núcleos de proximidade de faculdade ou departamento (26)

OA

Estruturas autónomas da AAC

TEUC
CITAC
TAUC
Orfeon
Coro Misto
GEFAC

O mesmo se pode dizer da Secção de Astronomia, que neste momento não tem qualquer espaço no edifício.

Algumas estruturas necessitam de espaços maiores para reunião, como é o caso da SOS Estudante, ou da Secção de Fotografia para realização de workshops, não necessitando necessariamente de mais espaço nos seus respectivos gabinetes. Ainda nos Espaços Colectivos, o Centro de Estudos Cinematográficos reclama por uma reabilitação do Mini-Auditório, aumentando as condições de segurança e de qualidade do espaço (Santos, 2018)

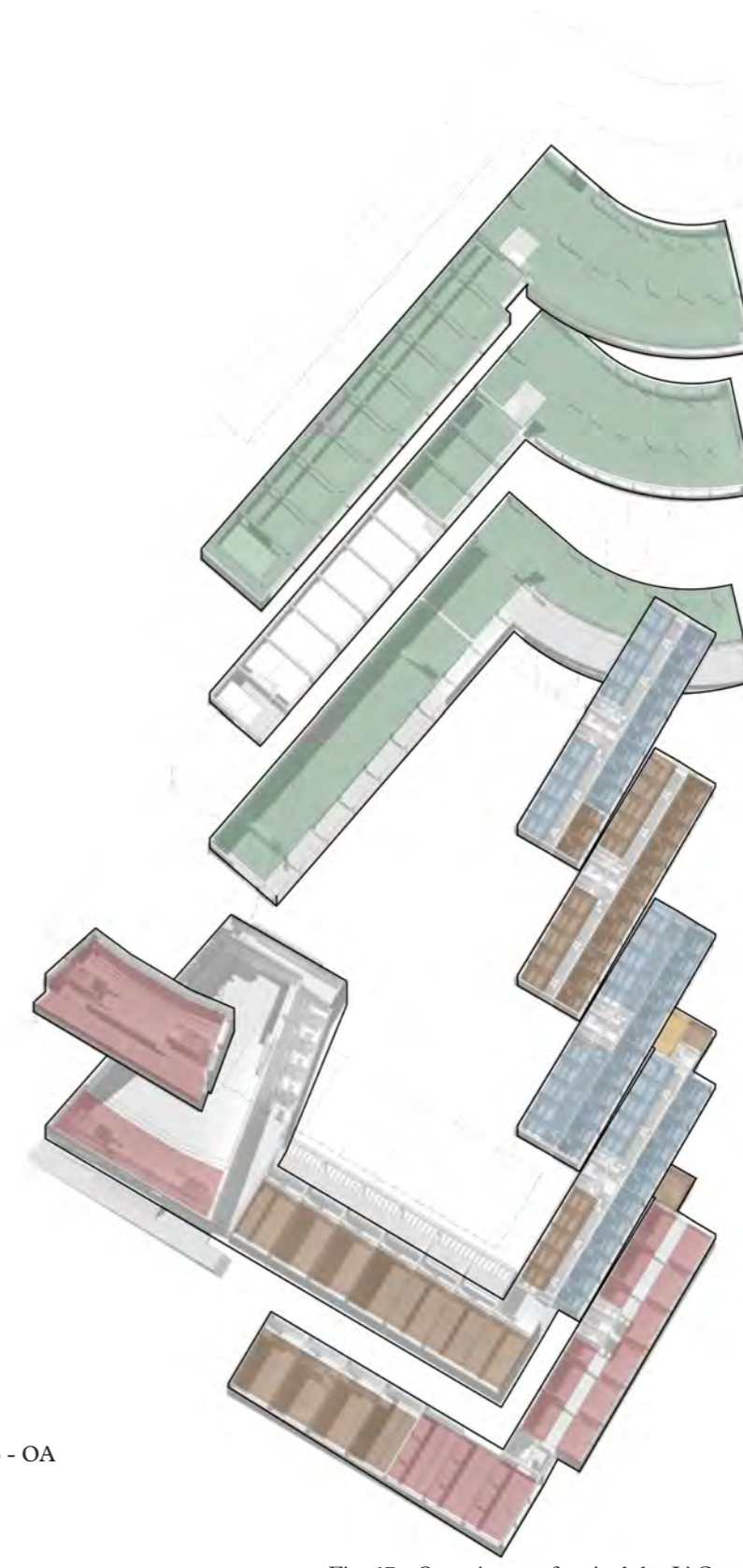
Os Organismos Autónomos, sentem-se satisfeitos com o espaço a eles atribuídos, sentindo dificuldades ao nível da manutenção, assim como a Secção de Defesa dos Direitos Humanos e a TVAAC que se encontra em instalações temporárias no Terraço desde o início da sua atividade. (Mesquita, 2006)

Dentro das Secções Desportivas importa relevar que muitas delas não necessitam de gabinete no edifício pois terão o seu espaço de reuniões e administração ou no Estádio Universitário, ou no Pavilhão Jorge Anjinho, necessitando muito pontualmente de estar no edifício-sede.

Os estudantes mostram nos inquéritos que o espaço não utilizado ou a ser ocupado por concessões deveria ser ocupado por Secções da AAC, quando questionados se o edifício serve para satisfazer as necessidades as opiniões dividem-se, entre o que os estudantes consideram que cumpre minimamente as suas necessidades e que os estudantes acham necessário uma reforma, destacando o desajuste perante as dinâmicas atuais de funcionamento. Muitos revelam que as IAC não são a primeira opção onde recorrem nos vários serviços/espacos, como salas de estudo, ou bar, muito pelo descuido e falta de tratamento dos espaços. Em síntese pede-se mais espaço, reabilitação e reordenação dos espaços, mais área de estudo.

No Corpo I o piso térreo gera mais questões e observações. Aqui surgem algumas críticas aos serviços que aqui estão instalados, sugerindo outros como minimercados, farmácias, espaços de co-working, correios ou espaços para as estruturas, de forma a fortalecer o papel do edifício e da AAC no apoio aos estudantes.

Quanto à sala de estudo os estudantes criticam a falta de diferenciação de espaços de estudo, como ausência de divisórias, entre outros. Sugere-se ainda a sua mudança de local, sendo perceptível que o atual espaço da sala de estudo é insuficiente, tanto na sua dimensão física como material. Analisando as salas de estudo na cidade de Coimbra vemos que há muito mais espaços de estudo informais do que formais, ou seja, cafés ou esplanadas, o que mostra uma tendência para o estudo fora de bibliotecas, optando por espaços onde possa haver momentos de convívio, e à vontade para fazer pequenas refeições sem sair do lugar. Os estudantes apontam então para um espaço dinâmico e prático, que promova a eficiência do estudo.



- Espaço de Estudo
- AAC e Secções
- Gabinetes e Salas de Ensaio - OA
- Espaço Colectivo
- Cantinas e SASUC

Fig. 67 - Organograma funcional das IAC



0 100

■ Instituição de Ensino Superior ■ Espaço de Estudo formal ■ Espaço de Estudo informal

Fig. 68 - Análise das Salas dos espaços de estudo de Coimbra

Os estudantes criticam o conforto e ambiente do bar atual, ou seja, manifestam a vontade de um espaço com mais luz natural e ventilação, uma maior abertura, criando condições para uma permanência do espaço mais qualificada no horário diurno. É identificado também a falta de espaços de estar e convívio em que não seja necessário consumir para permanecer, como no bar.

Surgem muitas menções em relação às cantinas e sua expansão dada a atual sobre ocupação. Existe também alguma tendência a referir o programa inicial no espaço das cantinas dos grelhados o que manifesta a vontade dos estudantes em haver um ginásio ou programas mais desportivos nas IAC.

Algumas respostas indicam também a vontade de conectar mais este espaço com os Jardins, que estão neste momento fechados, assim como a colocação de mobiliário urbano e iluminação, falando-se também num redesenho do espaço.

Para além da Utopia

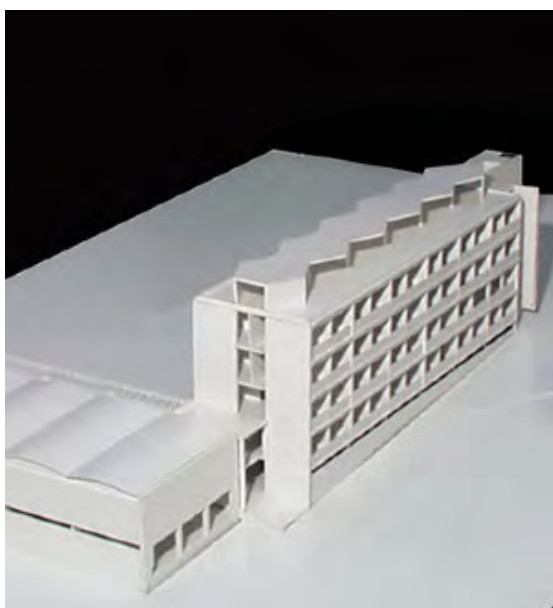


Fig. 69 - IAC, Projeto de Gonçalo Byrne



Fig. 70 - Casa do Estudante de Aveiro



Fig. 71 - Polo Zero, Porto



Fig. 72 - IIT Campus Center

Casos de Estudo

Para o desenvolvimento deste projeto importante recorrer a algumas noções de sobre a Intervenção em Património Moderno, lançando algumas bases para e enquadrando a intervenção proposta. Explorou-se ao mesmo tempo o projeto de reabilitação existente para as IAC, da autoria de Gonçalo Byrne e BB Arquitectos. Foi também importante investigar três edifícios no qual funcionam espaços coletivos para estudantes, sedes das Associações de Estudantes e diversos serviços.

Ao estudar algumas cartas de Património do século XX pode-se orientar a intervenção e estudo com balizas adequadas à proteção e desenvolvimento de um dos poucos exemplos de arquitectura modernista na cidade de Coimbra, cruzando estes elementos e diretrizes com a análise realizada e os elementos recolhidos com os casos de estudo.

Escolheram-se a Casa do Estudante de Aveiro dos arquitectos Vitor Carvalho e João Almeida, o Pólo Zero, na Praça de Lisboa, e finalmente o IIT Student Center do Arquitecto Rem Koolhaas.

Pretende-se fazer um cruzamento entre os três casos apresentados e as propostas de reabilitação de Byrne para o edifício com vista a chegar algumas conclusões sobre que tipos de espaço são utilizados pelos estudantes hoje e como coincidem com os anseios quer das estruturas da Academia, quer com os estudantes.

Além destes casos de estudos, no decorrer do processo acrescentam-se outras referências de projeto que incidem mais em questões formais e em resolução de determinados problemas específicos das Instalações Académicas. Estando devidamente mencionadas no capítulo de Projeto. Os casos apresentados aqui são as que mais ajudaram na concepção programática e descoberta de novas dinâmicas das instalações académicas.

Para além da Utopia

Notas sobre a Intervenção no Património Moderno

A preservação do Património Moderno apenas começou a ser uma questão colocada em causa nos anos 90, sendo construções relativamente recentes, não havia reflexão sobre este tema até ao início da deterioração do edificado moderno. Um dos problemas maiores na proteção do Património Moderno é a disseminação dos exemplos, que dominando grande parte da paisagem urbana, provocam em grande parte dos casos uma má memória na comunidade, (Macdonald, 2013) provocando um entrave à classificação e tratamento dos edifícios. Outros dos fatores é a percepção de que o modernismo se associa a um estilo superficial e não a uma nova forma de entender a materialidade e a economia da construção. (Tostões, 2015)

Com o início dos anos 90 surgem várias instituições dedicadas ao estudo e preservação deste património, como a Modern Heritage Comittee da Association for Preservation Technology ou a Documentation and Conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the Modern Movement [DOCOMOMO], esta última com o intuito de, continuando a prática contemporânea, conservar o legado moderno com o contributo de historiadores e conservadores. (Macdonald, 2013)

É também nesta altura que surgem além das instituições supramencionadas a iniciativa de agências governamentais norte-americanas e europeias para lançar várias conferências, workshops e produções científicas sobre o tema. (Macdonald, 2013) É em 1991 que o Conselho da Europa lança uma lista de recomendações para a preservação do Património Moderno. Estas indicações são divididas em cinco grandes grupos: a identificação, proteção, gestão, sensibilização e cooperação. Estas recomendações pretendem, portanto, um levantamento sistemático do edificado deste período, com vista ao aumento do conhecimento em relação a este, selecionando os seus elementos de maior valor.

A gestão do Património passaria por cativar interesse através da utilização destes edifícios, com programas não necessariamente os originais, conservando fisicamente os equipamentos e produzindo conhecimento sobre os métodos utilizados com vista à realização de um registo a nível nacional ou local da informação recolhida. Mostra-se também importante a formação de técnicos qualificados para este efeito, criando também uma rede entre os estados para a educação da população e instituições, levando a uma simbiose entre os estados europeus no que toca à preservação do Património Moderno.

Nos anos 2000 e na mesma linha surge a Internacional Scientific Committee on Twentieth-Century Heritage [ICOMOS] que lança em 2011 o Documento de Madrid, que elenca um conjunto de diretrizes para a conservação do Património do Séc. XX, alertando que parte deste já não é recuperável. O documento começa por enunciar que é necessário perceber o significado cultural do Património, que pode ir desde o seu desenho, à sua utilização, mas também às associações históricas que são feitas ao edifício.

Para além da Utopia

O Significado cultural é o conjunto de valores que são deixados para as gerações vindouras do edifício, quer seja pelos seus valores materiais edificados, como os lugares, objetos e associações que o edifício se pode relacionar. Diz-nos também que é necessário avaliar a intervenção estabelecendo limites às alterações e mudança com auxílio de especialistas multidisciplinares, como forma de garantir a manutenção do seu significado cultural. O conhecimento técnico é essencial dada a característica experimental da utilização de alguns materiais, sendo as técnicas de conservação devem ser adaptadas à situação, assim como as normas vigentes no que concerne à segurança contra incêndios e à eficiência energética, com vista à manutenção do edificado. (ICOMOS, 2011)

Quanto às alterações, este documento diz-nos que devem ser controladas para respeitar o significado cultural, assim como as ampliações e outras intervenções devem seguir os critérios de escala, forma e implantação, mantendo coerência, mas evitando cair na imitação, fazendo o máximo para não pôr em causa a autenticidade e a integridade do conjunto, complementando sem entrar em competição, sendo o desenho claro entre existente e novo. Importante também é saber respeitar e analisar as diferentes alterações que o edifício foi sofrendo ao longo do tempo, devendo sempre ser mantidos todos os elementos posteriores que façam parte do seu significado cultural. Devem também ser lançadas bases para que o edifício se adapte às novas exigências do ponto de vista da sustentabilidade, sem fazer danos ao significado cultural. (ICOMOS 2011) À semelhança do documento do Conselho da Europa, o Documento de Madrid pretende também que se lancem bases para uma ampla divulgação e estudo do Património Moderno, assim como incluí-lo nos programas educativos profissionais.

Estes dois documentos para a conservação do Património Moderno lançam linhas de intervenção bastante claras sobre quais os passos a seguir. A classificação das Instalações Académicas de Coimbra data de 2010, seguindo-se em 2013 da classificação como Património da Humanidade da UNESCO, ou seja, o trabalho de registo e levantamento do património foi realizado. As Instalações Académicas estão inseridas numa Zona Especial de Proteção, devido à Classificação do edifício e do Conjunto da Alta e Sofia como Património da Humanidade, sendo alvo de regulamento específico. Em traços genéricos o Regulamento aponta para intervenções que valorizem o conjunto e consolidem o ambiente urbano, em que as alterações sejam devidamente integradas na envolvente, desaconselham-se demolições, a não ser que melhorem a acessibilidade ou as condições gerais do edificado. (CMC, 2012)

Estando a classificação do edifício consumada falta agora intervir de forma consciente e proporcionada, num edifício que não perdeu a sua função original, mas que apesar disto, o seu programa não é entendido da mesma forma, necessitando de uma intervenção que não só respeite o seu significado cultural, como o releve.

Para além da Utopia

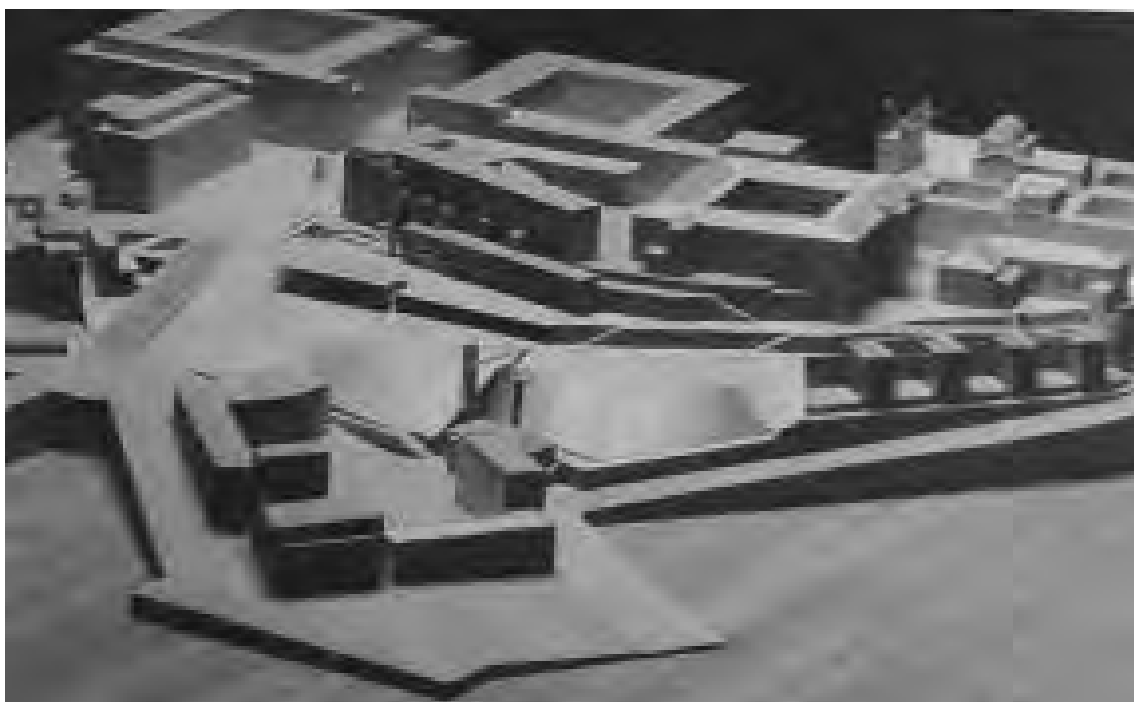


Fig. 73 - Maquete do Concurso “Alta de Volta”, Gonçalo Byrne



Fig. 74 - Projeto para os jardins das IAC - PROAP

Intervenção nas Instalações Académicas de Coimbra

Gonçalo Byrne, BB arquitectos e PROAP, 2004

Este projeto está enquadrado no Plano de Pormenor da Alta Universitária, também desenhado por Gonçalo Byrne, que estende a sua intervenção desde a Rua Larga até às Instalações Académicas, requalificando o espaço urbano e aponta à requalificação de outros edifícios como a Casa das Caldeiras, o Colégio das Artes e de São Jerónimo e o Laboratório Chimico, além da construção de novos volumes e de uma reflexão sobre a mobilidade entre Praça da República e Alta. A nível programático o projeto não varia muito do programa atual, há contudo alguns aumentos de espaços, como é o exemplo da sala de estudo que passa para o Corpo III. Neste corpo há ainda a construção de um auditório no ginásio, com uma pequena cafetaria de apoio. Mantem-se os gabinetes no Corpo I com uma zona de serviços no rés do chão.

Este projeto pretende garantir essencialmente condições de segurança, funcionalidade e conforto ao conjunto edificado, abrange dois corpos, excluindo o Teatro, pois este tinha sido reabilitado à data do projeto. (Byrne, 2012)

O projeto propõe a demolição do volume da sala de estudo, com vista à abertura da Rua de Entre-Muros e a conformação de uma ampla praça com a Casa das Caldeiras, construindo nesse lugar um módulo de acessos verticais no Corpo I, para pessoas de mobilidade reduzida assim como de cargas.

Byrne pretende também deslocar a entrada para extremo poente do Corpo II, o atual Bar, permitindo um novo átrio de entrada, assim como receber o grande fluxo de estudantes que hoje utilizam esta entrada. Esta solução permitiria também resolver a questão das cotas altimétricas que neste momento necessitam de um conjunto de degraus na entrada para o edifício. Byrne com este novo átrio pretendia também uma articulação entre a Rua Padre António Vieira e o interior todo quarteirão, fazendo umas escadas sobre a pérgola do jardim, o que resulta numa nova relação interior/exterior, e também um acréscimo na luz natural do Corpo II.

Além disto no Corpo I e II pretendia-se ainda a limpeza e recuperação integral dos espaços interiores, assim como a impermeabilização e isolamento térmico na cobertura dos edifícios, reconstruindo sistemas de drenagem e isolando quando possível o edifício pelo interior. A caixilharia seria substituída por perfis em alumínio de secção idêntica à original. Pretendia-se ainda a construção de duas coretes técnicas em cada topo do edifício.

No corpo III o arquitecto propõe recuperar as fachadas de acordo com o desenho original, nomeadamente a fachada curvilínea que faz frente à Praça António Luís Gomes. Byrne intenciona transformar o espaço de lavandarias e cantinas num espaço multifuncional e de apoio ao estudo. No piso de relação com os jardins é refeita a pequena cafetaria que ali existia. (Byrne, 2012)

Para além da Utopia

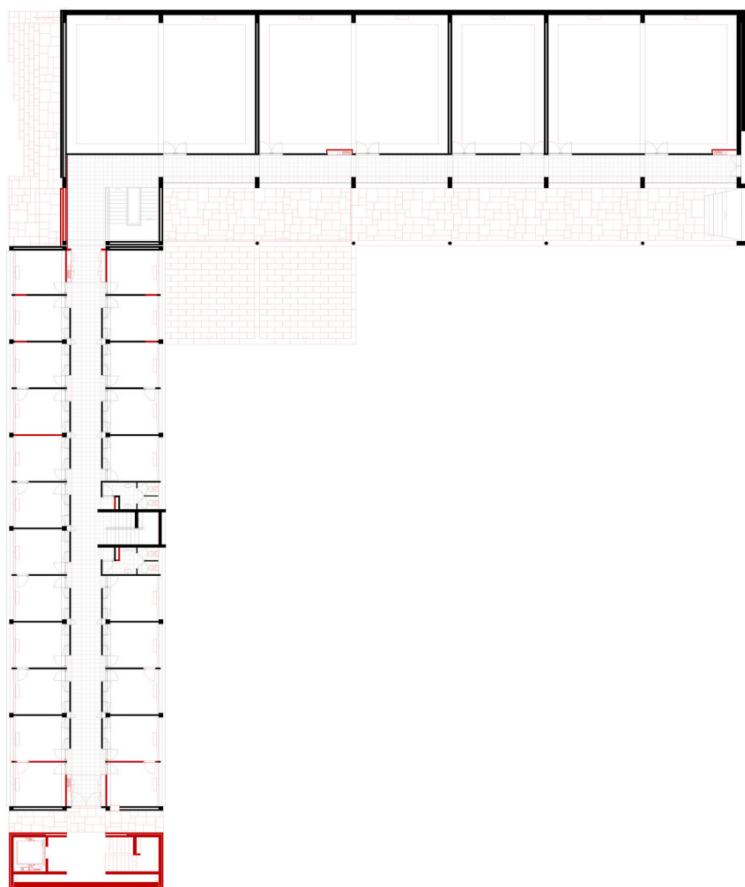


Fig. 75 - Planta da Proposta de Gonçalo Byrne

Existe também um projeto de reabilitação dos jardins da AAC realizado pelo gabinete de arquitectura paisagista PROAP que faz parte do Plano de Pormenor da Alta de Coimbra. O projeto paisagista altera por completo os jardins, não havendo qualquer referência ao desenho original de Manuel Cerveira. O novo desenho passa a ser muito mais geométrico e regular, separando o espaço em três partes, um de relação com o Corpo II e I, outro de relação entre a cota baixa do Corpo III e o edifício das Caldeiras e finalmente a zona do lago encontro com o volume curvilíneo das cantinas.

A primeira zona tem uma grande concentração de elementos arbóreos assim como um grande reforço do mobiliário urbano, conformando uma zona de esplanada que se relaciona com a cafetaria redesenhada por Gonçalo Byrne. A segunda zona é o espaço de respiração e entradas do Corpo I e do Edifício das Caldeiras. A terceira zona volta a ter uma grande concentração arbórea e de mobiliário urbano, formando um percurso transversal de acesso à nova praça urbana da Casa das Caldeiras ao Corpo III, sendo pontuado por bancos e pelo novo desenho do lago.

Este projeto pretende abrir um pouco mais o edifício e enquadrá-lo com a Alta Universitária. São de ressaltar algumas opções que são tomadas como a ligação entre os jardins e a entrada do Corpo I, a colocação de um novo núcleo de acessos verticais e a colocação da Sala de estudo numa ampla sala do Corpo III, com algum distanciamento das zonas urbanas de maior fluxo, dando origem a um certo isolamento. Contudo a construção de um novo auditório é redundante com a presença do TAGV e sacrifica o espaço interior de maior amplitude do conjunto. Nos Jardins é de notar o descarte completo do desenho original em prol de um desenho novo, uma decisão questionável pois apesar do mau estado, o desenho tem qualidades, é um dos poucos exemplares de jardins modernos, sendo um dos lugares mais marcantes no conjunto.

Para além da Utopia



Fig. 76 - Entrada da Casa do Estudante de Aveiro

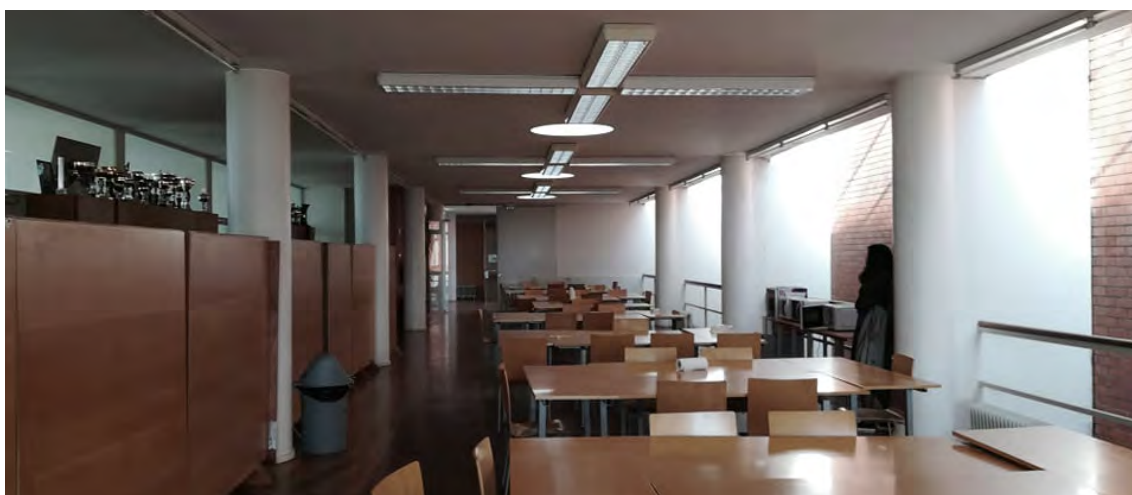


Fig. 77 Sala de Estudo, 2º Piso



Fig. 78 - Bar do Estudante

Casa do Estudante de Aveiro

João Almeida, Vitor Carvalho, 2000

O edifício é sede da Associação Académica da Universidade de Aveiro e além dos serviços de gestão e administração da instituição engloba em si também a sede de alguns núcleos culturais da Academia aveirense assim como algumas tunas. É constituído essencialmente por de salas de reunião e salas de ensaios dos grupos à semelhanças das IAC. Desenha-se também com um Auditório, um Bar com refeições rápidas, esplanada e uma zona de estudo.

A necessidade de uma nova sede surge das precárias instalações da Associação Académica da Universidade de Aveiro que anteriormente estariam no Edifício 1 da Universidade de Aveiro. O edifício previsto para a zona de Santiago implanta-se no novo Campus do Crasto. Este plano desenhado pelo arquitecto Carrilho da Graça em 2000, surge da necessidade de expandir a universidade para lá do Campus de Santiago (Antunes, 35, 2013) A ideia do novo Campus era criar uma vivência coletiva. Os edifícios foram entregues por via de concursos limitados, não havendo assim possibilidade de uma grande discussão entre a comunidade Académica de Aveiro.

A nível urbano o caso de Aveiro apenas lida com edifícios universitários, afastando-se do núcleo Urbano Aveirense. O edifício é aberto e transparente, sendo muito mais intuitiva a fruição por todo o edifício e a relação entre as zonas de gestão associativa são muito mais diretas do que em Coimbra. A Casa do Estudante de Aveiro não tem um espaço interno de recobro da cidade, também não o precisaria de o ser, o próprio campus já todo ele é.

No que concerne a esta Casa do Estudante, notam-se os bons acessos pedonais e serviços universitários, situando-se bem perto da ponte que liga a Avenida dos Departamentos e o Campus do Crasto. É de notar também a proximidade da Sede aos espaços desportivos da Universidade nomeadamente ao Estádio Universitário e Polidesportivo, desenhados pelos arquitetos da Casa do Estudante, assim como do Campo Sintético imediatamente em frente da sede. Apesar do Plano de Carrilho da Graça contemplar uma maior concentração de edificado, a envolvente mostra-se relativamente vazia e algo desleixada, dada o não conclusão da construção do Campus do Crasto.

Formalmente, o edifício é composto por um volume branco pousado num embasamento recuado de tijolo, indo recorrendo à imagem geral da Universidade de Aveiro e espacialmente vai buscar algumas referências à Biblioteca de Álvaro Siza na questão da relação interior/externo, no entanto com a materialidade inversa. (Arroteia, et. al, 2004) À entrada no primeiro piso nota-se que não existe nada que se assemelhe a uma recepção, entramos pela zona de infraestruturas e acessos verticais, e somos recebidos pelo bar. Este é espaçoso e a luz natural é abundante. Tem ligação direta com a esplanada que, note-se, já tem alguns acrescentos pouco qualificados, assim como uma parede de vidro que não permite a entrada por esta. O bar tem espaços diferenciados, além da esplanada,

Para além da Utopia



Fig. 79 - Planta da zona da Universidade de Aveiro - 1 Casa do Estudante 2- Ponte Pedonal 3 - Alameda dos Departamentos

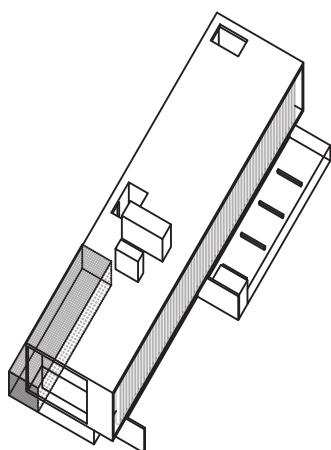


Fig. 80 - Núcleo de serviços

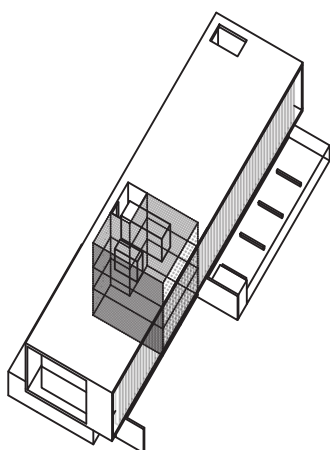


Fig. 81 - Núcleo de Infraestruturas e Acessos

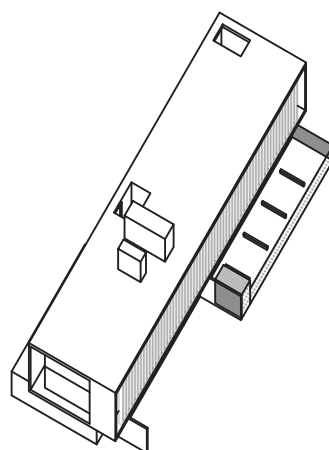


Fig. 82 - Acrescentos dúbios

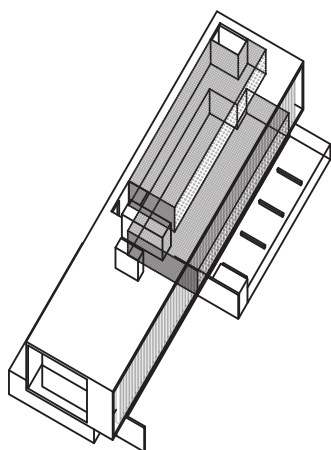


Fig. 83 - Zonas Públicas

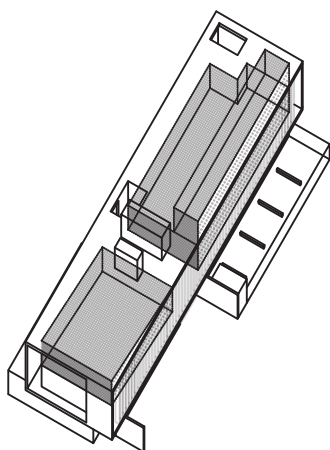


Fig. 84 - Núcleo de Administração

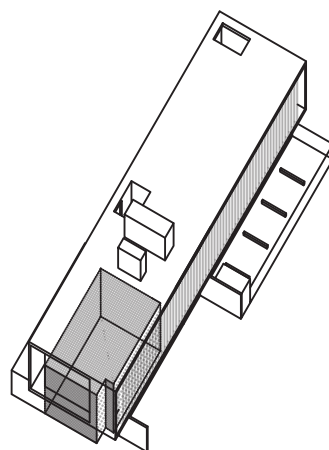


Fig. 85 - Auditório

no espaço interior tem uma zona de jogos, um pequeno palco e o balcão.

O edifício foi desenhado de forma a que o programa público se situasse no rés do chão, distribuindo posteriormente para mais dois pisos. No entanto verificamos que onde estava previsto combinar sala de estudo e cafetaria, hoje é apenas cafetaria/bar sendo a sala de estudo no segundo piso. O primeiro piso serve integralmente para a administração da Associação, secretaria e auditório que se desenvolve desde o rés-do-chão. Com a inclusão de programa público no segundo piso e apesar da maior reserva do primeiro piso, temos a impressão de que podemos percorrer todo o edifício, e não só um piso específico, ao contrário do Caso de Coimbra, sem sentirmos que estamos a andar por lugares mais reservados. O que também se mostra relevante no segundo piso é que apenas separado por um biombo temos gabinetes de administração da Associação, ou seja, há uma grande permeabilidade visual com a zona de estudo aproximando a gestão dos estudantes. Na sala de estudo verifica-se também a existência de equipamentos que permitem aos estudantes efetuar as suas refeições como um micro-ondas e um pequeno frigorífico.

Conversando com alguns estudantes vemos que o edifício está bem desenhado e possui todos os elementos para funcionar, no entanto, a sua implantação causa constrangimentos aos estudantes. Mencionam que o edifício é contra as políticas de proximidade da UA, e por isso mesmo alguns serviços como o Gabinete de Apoio ao Estudante saíram da Casa do Estudante para um lugar mais próximo. O edifício mostra-se relativamente longe das zonas de maior movimento da Universidade, facto esse que possivelmente justifica a pouca movimentação ao longo do dia, excetuando os dirigentes da Associação e Núcleos. Já foi intenção de algumas direções da Associação passar a Sede da Associação para uma zona mais central da Universidade. De notar também o afastamento da cidade estando a ligação muito distante quer pedonal, quer viária.

Para além da Utopia



Fig. 86 - Planta da ZOna da Praça de Lisboa - Porto

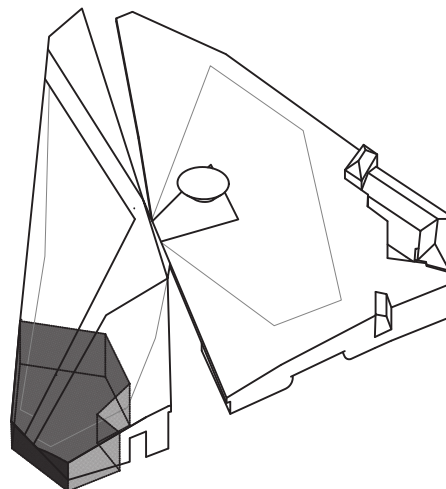


Fig. 87 - Localização do Polo Zero

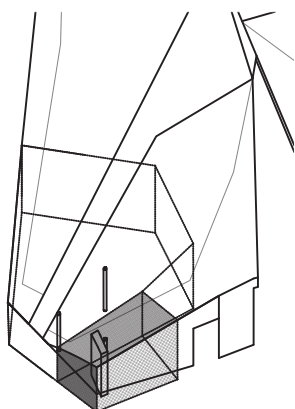


Fig. 88 - Zona de estar e refeição rápida

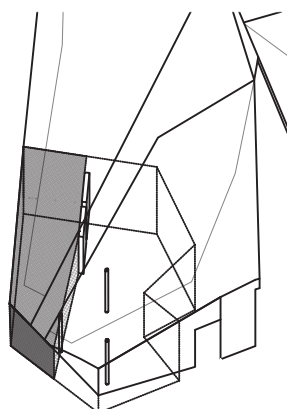


Fig. 89 - Zona de estudo

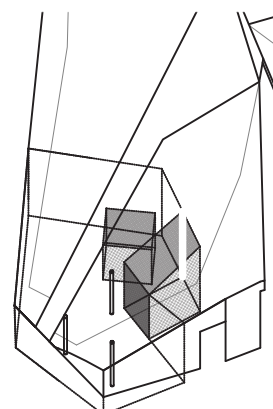


Fig. 90 - Serviços

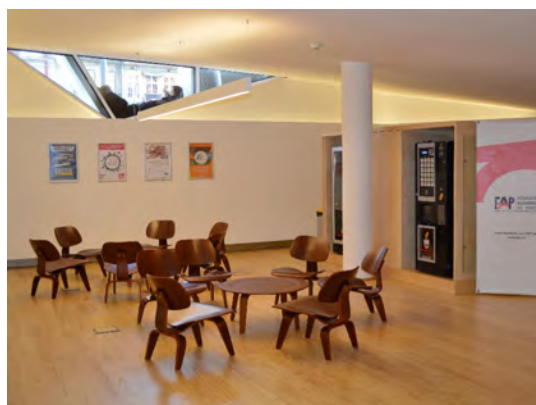


Fig. 91 - Fotografia da zona de estar



Fig. 92 - Fotografia da Zona de estudo

Polo Zero, Porto

A Federação Académica do Porto difere da AAC, na medida que se trata de uma estrutura que não representa diretamente os seus estudantes, mas antes é um conjunto de Associações Autónomas, não tendo em si outros organismos quer culturais, quer desportivos. A sua sede na Rua do Campo Alegre é meramente administrativa sem espaços públicos para os estudantes. Surge por isso, a vontade desta instituição em criar um espaço de encontro e de serviço aos estudantes da Academia do Porto quer no que concerne ao estudo, quer no que toca aos novos programas e objetivos deste espaço, parecendo relevantes no que toca a uma nova maneira de ver os espaços para estudantes.

Este projeto surge em 2001 pela vontade da Federação Académica do Porto de se ligar mais diretamente à cidade do Porto, criando um espaço para que todos os estudantes pudessem ter um lugar com acesso à internet. Contudo, este projeto sofreu uma grande mudança no seu conceito, quando foi concluído que a comunidade em geral tinha acesso bastante facilitado à internet, não só em sua casa, como na maior parte dos espaços públicos. (Freitas, 2016)

O espaço resulta de uma Parceria entre a Federação Académica do Porto, a Câmara Municipal do Porto e as Instituições de Ensino Superior da cidade. A Câmara do Porto cede então em 2013 um espaço no novo edifício da Praça de Lisboa desenhado por Balona e Menano. Este edifício veio também proporcionar novas dinâmicas nesta zona do Porto, com uma cobertura ajardinada e uma forte zona comercial no piso térreo.

O espaço localiza-se na periferia do edifício na praça de Lisboa na Rua Felipe de Nery. Inicialmente, como supramencionado os objetivos para este espaço eram outros, por isso em 2015 a Federação lança um questionário à comunidade Académica com o intuito de perceber quais são as necessidades dos estudantes e como cabem neste novo espaço. Daí resulta um lugar de estudo e ligação ao mundo do trabalho, a estrutura considera-a como a sua porta para a cidade.

O espaço é dotado de uma zona de estudo com duas mesas com capacidade para albergarem sessenta estudantes de cada vez, conta ainda com duas salas de reunião para dez pessoas, limitadas por vidro. Estes espaços servem sobretudo para as reuniões de apoio ao empreendedorismo e outros programas da Academia do Porto ou para grupos de estudo mais privados. Conta ainda com uma zona de estar, e com uma zona de pequenas refeições, com máquinas de vending e uma pequena copa para que os estudantes não tenham de sair do Polo Zero para almoçar ou jantar. Uma vez que é amplo, todo o espaço é convertível num auditório informal para o caso de outro tipo de eventos.

Os estudantes estão bastante satisfeitos com o espaço pois dizem que é dos poucos que tem horário alargado e os recursos necessários ao estudo. Estes enaltecem também a sua localização que permite ter uma ligação direta com os transportes públicos.

Para além da Utopia



Fig. 93 - IIT McCormick Tribune Campus Center

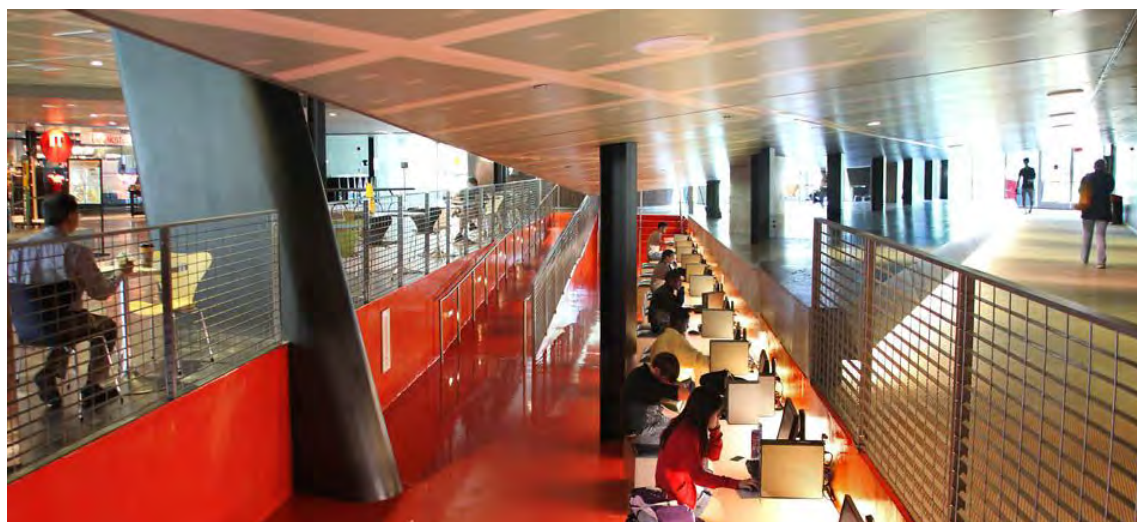


Fig. 94 - IIT McCormick Tribune Campus Center - interior



Fig. 95 - IIT McCormick Tribune Campus Center - Espaços de estar

2.6.3 - IIT McCormick Tribune Campus Center

O Centro de Estudantes da Illinois Institute of Technology surge primeiramente no edifício de Mies Van der Rohe, o Commons Building, que era sucintamente um espaço de estar para a Academia em geral. Situa-se no campus da Illinois Institute of Technology, projetado também por Mies, desenhado a partir de uma grelha orientadora, racionalizando o terreno do qual a arquitetura iria surgir. (Christenson, 4, 2017) O Commons Building localiza-se numa área central do campus no vazio atravessado por uma linha aérea de metro. A norte localizam-se as áreas residenciais do Instituto e a sul os complexos letivos.

O edifício constitui o Centro de Estudantes do IIT, é composto por auditórios, um café, uma pequena livraria e reprografia, o mencionado restaurante no Commons Building, zonas de estar para Estudantes, assim como várias zonas de trabalho e estudo com acesso a equipamentos tecnológicos. O espaço é dotado ainda de múltiplas zonas que contém as organizações estudantis. (OMA, 342, 2006) Os espaços de estudo e trabalho espalham-se ao longo do edifício, de várias formas, e apesar de não haver ligações diretas entre administração, espaço de trabalho das organizações estudantis e os espaços de estudo, a forma como são colocadas em diálogo com o edifício e outros programas dá-nos uma percepção de transparência e fluidez em todo o edifício, não perdendo ainda assim a reserva necessária ao estudo.

Apesar de um contexto distinto daquele que é das organizações estudantis em Portugal, a condição mais fragmentada das associações de estudantes nos Estados Unidos da América vai de encontro à Associação Académica de Coimbra, na medida em que nas suas instalações tem de caber uma grande variedade de estruturas, quer culturais, quer desportivas, quer de associativismo académico (SGA, 2020).

O projeto do Atelier OMA surge quando o IIT lança um concurso para reurbanizar o vazio que atravessa o campus de Mies Van der Rohe, sendo que, ao contrário do que se passa em Coimbra, os estudantes nesta zona reduziram de 7000 nos anos 40 para cerca de 3200 nos anos 2000 (OMA, 338, 2006). Surge então a questão de como construir mais área para menos pessoas, acrescendo o facto de haver uma zona inabitada pela presença aérea do metro.

O edifício relaciona-se com o pré-existente criando um invólucro, incorporando-o num novo contexto, como se abraçasse o edifício de Mies, que foi restaurado e refuncionalizado para ser um restaurante universitário. (OMA, 339, 2006) Este gesto de quase esconder o Commons Building é uma atitude dicotómica, pois apesar de quase desrespeitar o existente, depois homenageia Mies nas paredes do edifício. (Becker, 2003)

Perante estas dificuldades, o conceito geral do projeto foi espalhar o programa, ao invés de concentrar, permitindo assim conseguir relações e contaminações entre as várias partes, permitindo uma maior ocupação dos lotes e gerando também em si potencialmente uma maior permeabilidade. (OMA, 338, 2006) O projeto pretendeu assim concentrar em



Fig. 96 - IIT McCormick Tribune Campus Center - Planta de localização

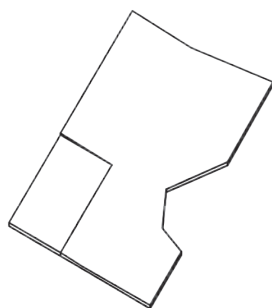


Fig. 97 - IIT SC

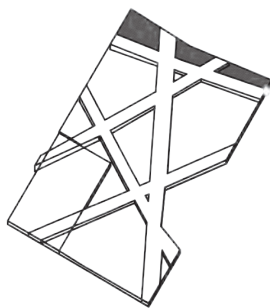


Fig. 98 - Serviços

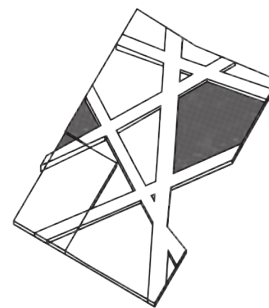


Fig. 99 - Espaços de estar

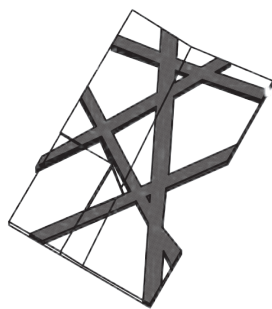


Fig. 100 - Percursos

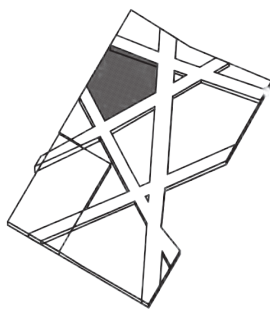


Fig. 101 - Administração

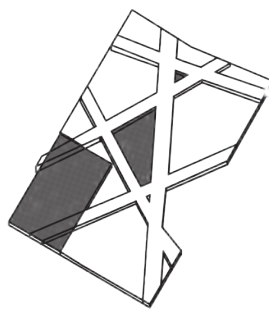


Fig. 102 - Espaços de Refeição

si a condição urbana do lugar, condensando os percursos dos estudantes, os quais, foram captados por um conjunto de estudantes durante dias com a intenção de gerar um mapa de fluxos que indicaria as linhas que representam os percursos da comunidade. (Becker, 2003) Koolhaas propôs também construir uma pequena cidade dentro do campus, com a construção de habitação, um Centro Cultural, um aumento da zona desportiva, uma nova biblioteca, assim como um centro comercial, também na mesma lógica de atravessamentos e conexões urbanas, com o intuito de unificar o campus e que o edifício do Centro de Estudantes promovesse a conexão e proteção dos estudantes e comunidade académica.

O projeto é marcado então por uma grande cobertura atravessada pelo canal de metro, da qual vão nascendo e conectando os diferentes programas. A cobertura serve então para elemento agregador e como barreira sonora ao metro, que também é revestido por um tubo de metal e betão minimizando assim os constrangimentos acústicos. Inicialmente Koolhaas estabelece diferentes áreas de influência para ordenar os interiores, relacionando entre si o programa dos espaços próximos. Os espaços ficam divididos então pela área de alimentação, zonas verdes, zona de lazer, espaços de trabalho, gabinetes e zona de compras. A criação destas zonas de influência cria uma articulação entre as necessidades específicas de cada programa, evitando a fragmentação do edifício e se respeita a autonomia das partes e a sua coexistência. (OMA, 338, 2006)

Este projeto é interessante pela forma como a intervenção num edifício existente foi capaz de reabilitar uma zona urbana e como o Centro de Estudantes pode ser uma peça fundamental na organização de um campus, lançando bases para uma nova dinâmica no espaço urbano.

É também importante referir o trabalho que foi feito ao nível da aproximação à vida dos utilizadores do espaço e o quanto isso foi marcante para o próprio desenho, fazendo uso das rotinas diárias como matéria de projeto, faz com que o projeto se enraíze no lugar sem problemas e propulsione a dinâmica do lugar sem interferir com as vivências anteriores. De ressaltar também é a mescla de programas que coabitam neste espaço desde o serviço ao estudante ao lazer.

Para além da Utopia

Análise comparada

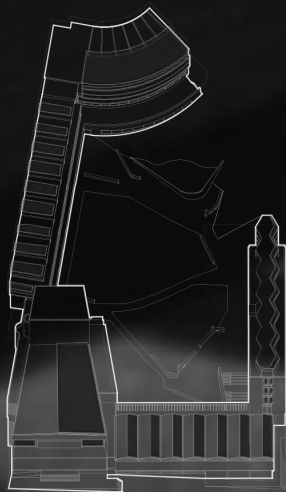
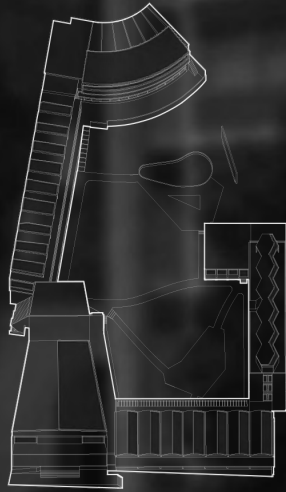
Além do projeto de Byrne, os três exemplos apresentados mostram-nos a abordagem contemporânea ao problema das novas Instalações Académicas, as questões decorrentes desta análise essenciais são: o crescente número de espaços informais e flexíveis de estar e de estudo, a conexão dos mesmos entre o edifício e o contexto e a maior fragmentação entre público e semipúblico.

A separação programática faz com que hoje os estudantes não cheguem a percorrer todos pisos, levando algumas zonas quase ao abandono em Coimbra. No IIT e em Aveiro, a fluidez entre zonas mais reservadas e zonas públicas, levando a uma maior transparência do edifício e por inerência das instituições, assim como uma ideia de aproximação entre os estudantes e as instituições.

Como podemos ver nos três casos, há sempre partes dos projetos que incluem zonas informais, que tanto podem servir para estudo, como para espaço de estar, usualmente com uma zona de apoio a refeições, estes espaços permitem quebrar a formalidade da sala de estudo e aparecem como sítios agradáveis para convívio ou para reuniões informais. Pela quantidade de cafés que são usados como zonas de estudo vemos que os estudantes utilizam cada vez mais este tipo de espaços. Também no projeto de reabilitação das IAC há algumas incursões destes espaços, tanto na zona do bar como do auditório do Corpo III.

A conexão dos edifícios com a cidade também é bastante importante, vemos que o Polo Zero tem bastante afluência dado a sua localização no centro do Porto, ligando estudantes e cidade. O IIT Students Centre serve como rótula do Campus de Chicago clarificando e definindo percursos urbanos. Byrne pretende abrir também o edifício à cidade com algumas incursões essencialmente entre a Avenida e os Jardins. Esta abordagem à questão urbana, faz com que a vivência dos edifícios seja fluída e não forçada, incluindo a cidade na vivência dos estudantes.

Estas obras mostram-nos uma abordagem que privilegia a informalidade e dinamismo, abrindo espaço para os estudantes usarem livremente as instalações que lhe foram conferidas. Estes três casos de estudo apresentados apresentam-nos várias soluções contemporâneas de instalações académicas. As diferentes escalas também foram um fator importante na escolha, relevando os espaços essenciais num pequeno espaço, como na FAP e como agregar uma grande variedade de programas como no caso de Aveiro e de Chicago. A compreensão destes exemplos permite dar corpo a algumas opiniões dos inquiridos.





3.

pro

je

to

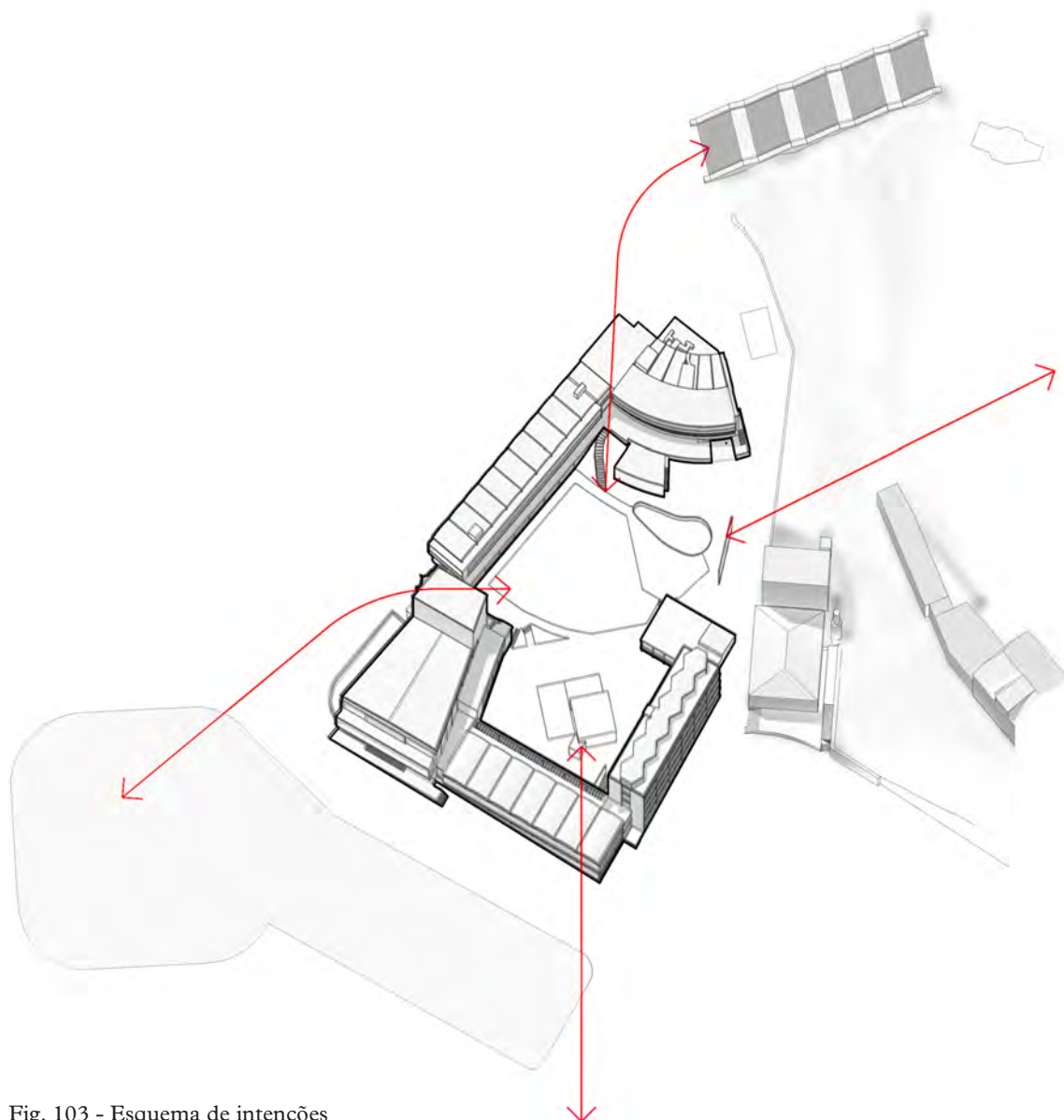


Fig. 103 - Esquema de intenções

Desenvolvimento do Projeto

Estratégia Geral de Intervenção

Ao contrário da maior parte dos edifícios modernos que necessitam de reabilitação, cujo principal tema é a refuncionalização, o desafio deste projeto prende-se com a reabilitação de um edifício para o mesmo programa para a mesma comunidade que, contudo, se modificou desde o desenho original de Alberto Pessoa e Abel Manta, multiplicando-se e mudando a sua forma de ocupar o espaço.

A área de intervenção proposta engloba o edifício das Instalações Académicas de Coimbra, assim como a intervenção a nível urbano na Praça António Luís Gomes, espaço de chegada das Escadas Monumentais, e a Oeste pela Encosta Nascente da Alta entre a Casa das Caldeiras e o Colégio de São Jerónimo. Optou-se por abranger esta área na medida em que a configuração atual destes espaços não permite uma boa conexão urbana com o conjunto edificado, além de não promoverem a condição de charneira com a cidade, inerente a um edifício desta dimensão e programa implantado entre a Praça de República e a Alta de Coimbra. A degradação e estado baldio da Encosta Nascente acaba por ajudar à quebra da continuidade urbana. A vontade de intervir na encosta tem precedentes nos estudos prévios do edifício, como pudemos ver com a tentativa de inclusão de um auditório ao ar livre em estudos preliminares do projeto.

A presente intervenção na área das Instalações Académicas pauta-se pela sua integração com o existente, numa linha de continuidade, percebendo as dinâmicas formais com vista a não colidir com o original. Sendo impossível estender o projeto original, tal como projetado, com os novos elementos a ter em conta como a ampliação da Casa das Caldeiras e tomando em consideração que replicar o projeto de 1963 não serviria os estudantes de hoje. Portanto, a proposta de intervenção não passou pela manutenção do edificado na sua íntegra, nem olha para o conjunto como intocável.

O projeto pretende respeitar o significado cultural das IAC, relacionando-se com as ideias da Documento de Madrid da ICOMOS, integrando as alterações considerando os sistemas construtivos originais e integrando as novas exigências infraestruturais. As ampliações foram pensadas de forma pontual e cirúrgica. Considerou-se fundamental a

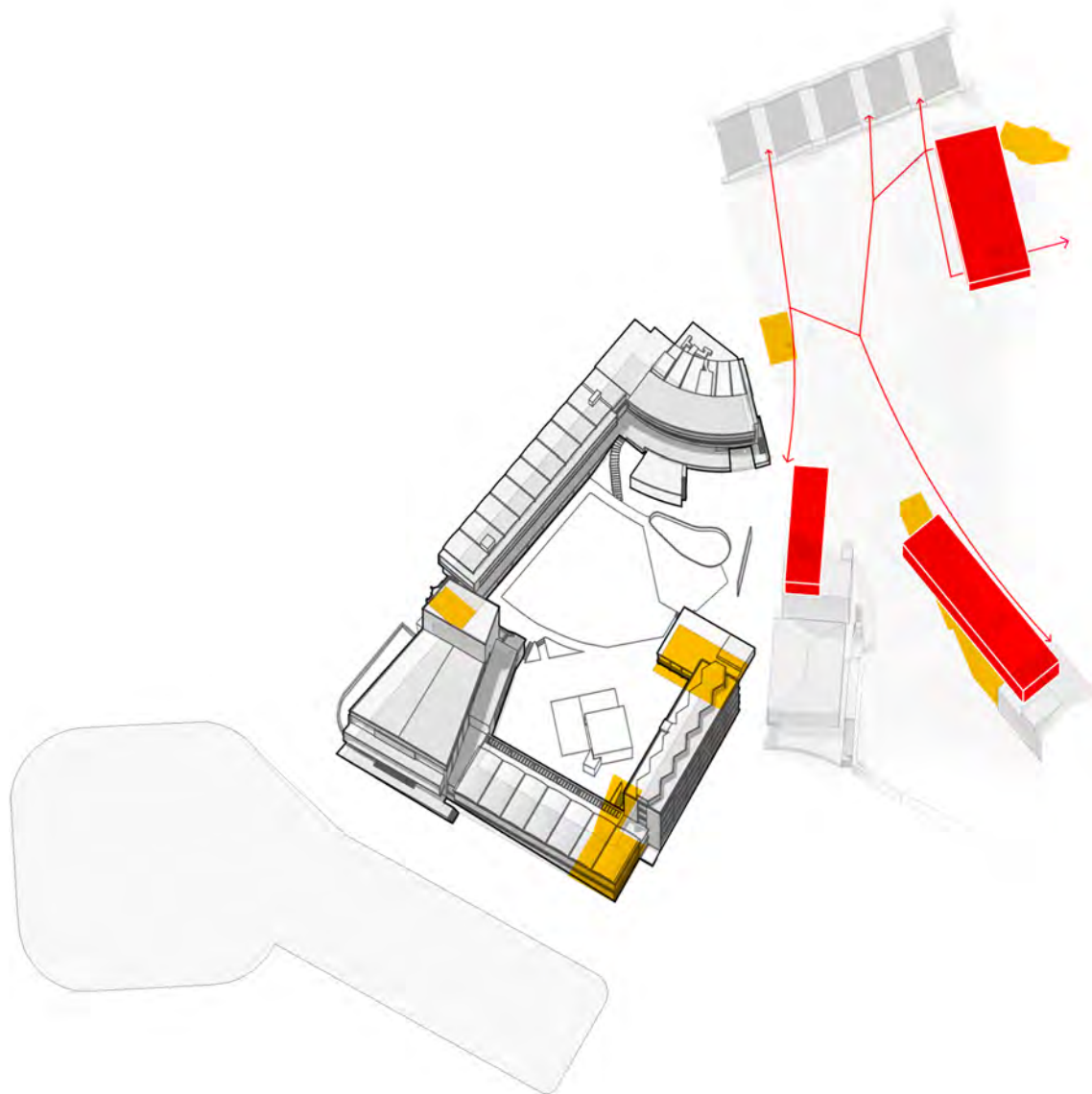


Fig. 104 - Esquema demolições e Construções

compreensão do edifício como um sistema estrutural de betão formado por pilar e viga, sendo este o núcleo compositivo e formal. O preenchimento dos panos de parede tem uma leitura variável podendo ser rasgados conforme o projeto pedir.

Para a realização do projeto tomou-se ainda em consideração as opiniões dos inquéritos e também dos mapas de fluxos como matéria de reflexão. Partiu-se dos desenhos dos anos 50, depois passou-se à análise das intervenções pontuais que se realizaram, avaliando a sua pertinência hoje. A ideia de limpeza surge numa óptica de valorização do conjunto ao invés da lógica de construção transitória que tem sido usual. O exercício foi deixar o edifício ficar sozinho com a sua arquitectura, para perceber o que é essencial neste conjunto. Seguiu-se uma reflexão das problemáticas de hoje onde se tornou importante uma clarificação dos elementos construídos posteriormente, com vista a devolver a coerência formal e compositiva do conjunto.

A intervenção marca-se também por uma abertura do edifício à cidade, a imagem atual é de um conjunto fechado sobre si o que cria uma ideia de opacidade das instituições. Esta lógica de transparência revela-se tanto no caso de Chicago, como o caso de Aveiro. Pretende-se, então, a ideia de transparência do conjunto, numa lógica de revitalizar o espaço para revitalizar as instituições. É necessário que, por exemplo, o edifício permita que a TAUC se quiser mostrar à cidade num concerto ao ar livre, é necessário que as IAC sejam o palco maior dos estudantes e da sua capacidade de produção e organização, como foi outrora o Teatro Académico na Alta. Como referido no primeiro capítulo, a Academia foi tão mais profícua quão melhores foram as suas instalações.

A abertura à cidade dá origem a incursões urbanas no edifício que vão permitir, em conjunto com o desenho da Encosta Nascente, uma nova permeabilidade urbana, sensível aos percursos que são hoje percorridos além de um uso efetivo dos espaços, valorizando as intervenções efetuadas do Plano de Pormenor do arquitecto Gonçalo Byrne, como a abertura da Rua de Entre-Muros.

Para suprir as necessidades atuais de espaço terá de haver um aumento da área destinada ao estudantes, quer para Secções, quer para o uso livre da comunidade estudantil, contudo optou-se por não se construir no quarteirão das IAC um grande volume de novas construções de forma a valorizar o vazio central e a composição volumétrica.

O Projeto é descrito tendo em conta uma divisão por: Frentes Urbanas, Corpo de Gabinetes, Modulo de Ensaios e Bar, Cantinas e TAGV, Jardins e Encosta apenas como uma forma de organização e clarificação. Explica-se também o processo que levou ao desenho final, como forma de acompanhamento do percurso de tomada de decisões, a partir de fragmentos tanto dos desenhos rigorosos e imagem tridimensionais realizadas, como dos esboços que acompanharam o desenvolvimento.

Não se pretende com este projeto um novo plano para a Alta de Coimbra ou a resolução de todos os problemas da comunidade Académica. Pretende-se sim, que os estudantes se voltem a sentir em Casa e tenham liberdade e oportunidade de desfrutar

Para além da Utopia

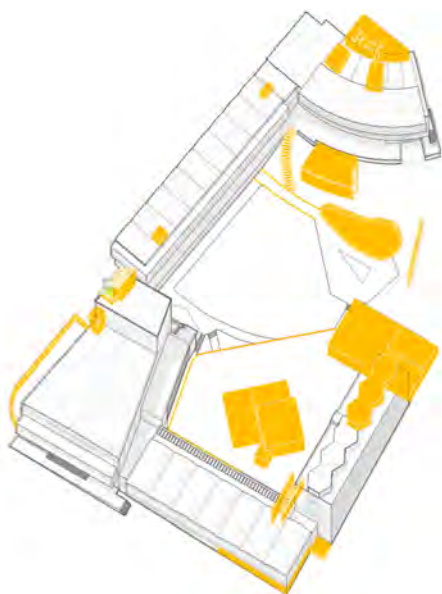


Fig. 105 - Proposta de demolições

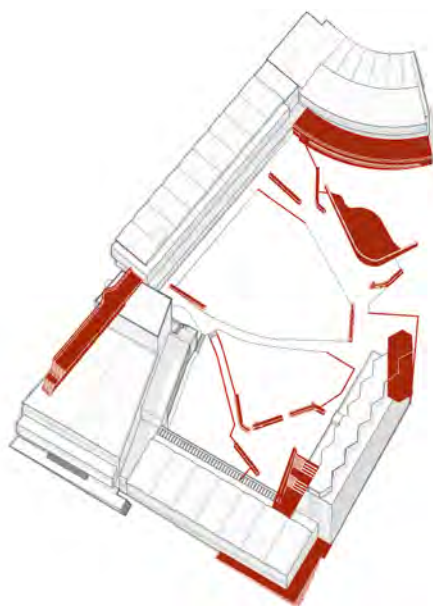


Fig. 106 - Proposta de Construções

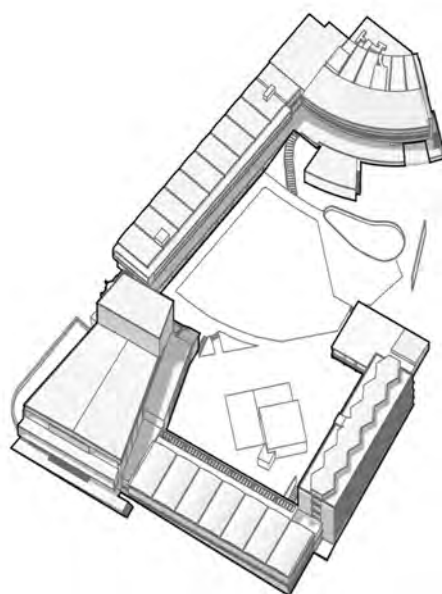


Fig. 107 - Situação atual

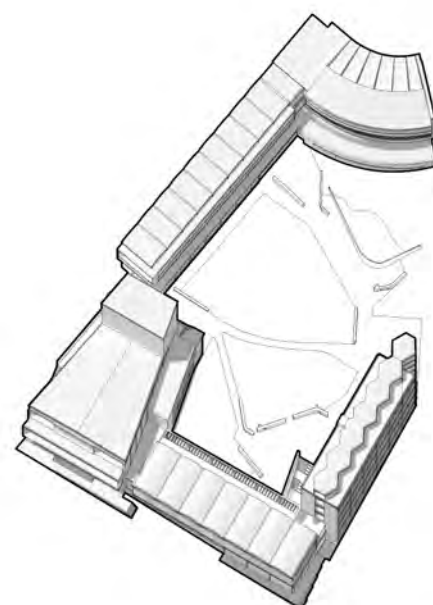


Fig. 108 - Proposta

do seu edifício, ao mesmo tempo que se propõe como rótula entre a Cidade e a Alta com soluções de mobilidade suave, promovendo um edifício e, por implicação uma Academia mais inclusiva.

Programa

O projeto de Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra procura dar resposta às novas dinâmicas dos estudantes, diferentes dos anos 60. O programa proposto é o mesmo de hoje, contudo há algumas incursões do programa original, assim como de outros programas, com vista a realizar o potencial catalizador do edifício. Seguindo a divisão já feita na análise ao edifício, o Corpo III é dos que mais alterações sofre, a maior parte do espaço ocupado pelos SASUC é libertado, excetuando no piso de relação com a Praça António Luís Gomes, onde se vai manter a cantina com uma cafetaria no novo átrio.

Surge uma nova área para os órgãos de Comunicação Social que agregará as estruturas dos media da Academia. No piso abaixo e de relação com os jardins temos o espaço da Secção de Fado, com salas de ensaio de várias dimensões para os diferentes grupos. Ainda neste piso temos a inclusão de um espaço de Coworking, com vista a uma relação entre o meio académico e a transição para o mundo profissional, podendo também servir como espaço de ponte entre os vários programas e iniciativas de Empreendedorismo Jovem da Universidade de Coimbra e da Associação Académica.

Ainda no Corpo III recuperamos o programa original do Ginásio, conhecido hoje como Cantina dos Grelhados que poderá servir como espaço prático de algumas Secções como a Secção de Yoga, que terão uma relação franca com o Jardim. No piso acima onde antes se localizavam as Lavandarias dos SASUC e atualmente a Cantina Monumentais desenha-se uma ampla Sala de Estudo, suprimindo assim uma carência que se vai sentindo. Propõe-se localizar essas cantinas na Cantina Amarela, visto que a afluência desta atualmente é manifestamente baixa, tolerando assim um aumento do fluxo de refeições. O TAGV/Corpo II aglutina-se ao III com um elemento que faz a ligação entre a Praça da República e os Jardins agregando os dois elementos, mantendo integralmente o seu programa.

No Corpo I retira-se o módulo inacabado da atual Sala de Estudo, que dá origem a um volume de acessos verticais. Os gabinetes de trabalho mantêm-se, mas são agora acompanhados por algumas Salas de Estudo em grupo assim como uma sala para reuniões de maior dimensão. O piso térreo mantém os serviços e comércio, acrescentando-se uma loja de conveniência e as lavandarias dos SASUC à atual papelaria e bar. Este último aumenta a sua dimensão e cria uma relação mais franca quer com a Sá da Bandeira, quer com os jardins.

Os jardins sofrem uma reforma onde se retiram todos os volumes, promovendo a utilização integral do espaço com novas zonas de estar e de paragem assim como

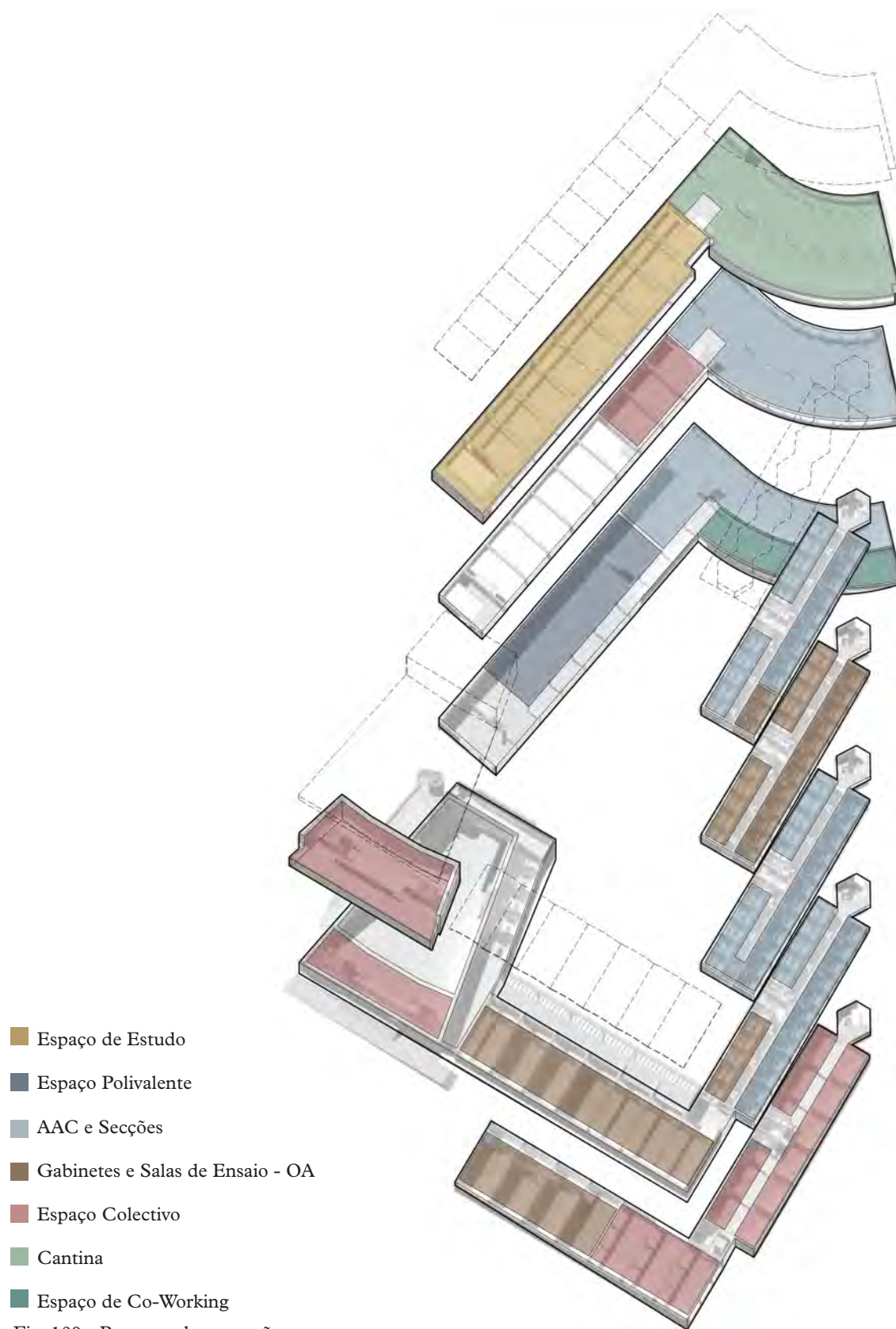


Fig. 109 - Proposta de ocupação

novo mobiliário urbano e um redesenho dos percursos, lago e uma nova entrada para o Corpo III, onde se colocará o mural ilustrativo das Atividades Culturais da Academia. Desenha-se um novo espaço de estar de rótula entre o edifício e a Casa das Cadeiras que é complementado por um edifício enterrado que vai conter a Sala de Ensaios da Fan-Farra Académica de Coimbra e um espaço polivalente

A Praça António Luís Gomes ganha uma nova dimensão para receber as Monumentais e albergar uma nova vida com mais espaço para esplanada. Na Encosta Nascente opta-se por um sistema de escadas rolantes e escadas regulares promovendo maior acessibilidade à Alta de quem procede da Praça da República. Redesenham-se todos os percursos e colocam-se mais dois elementos na paisagem, umas Cantinas, indo de encontro à diminuição de espaço no Corpo III e um edifício de apoio à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação para substituir os edifícios precários que hoje existem no fim do Caminho das Virgens a que se associa um miradouro para a Praça da República e os Jardins da AAC.

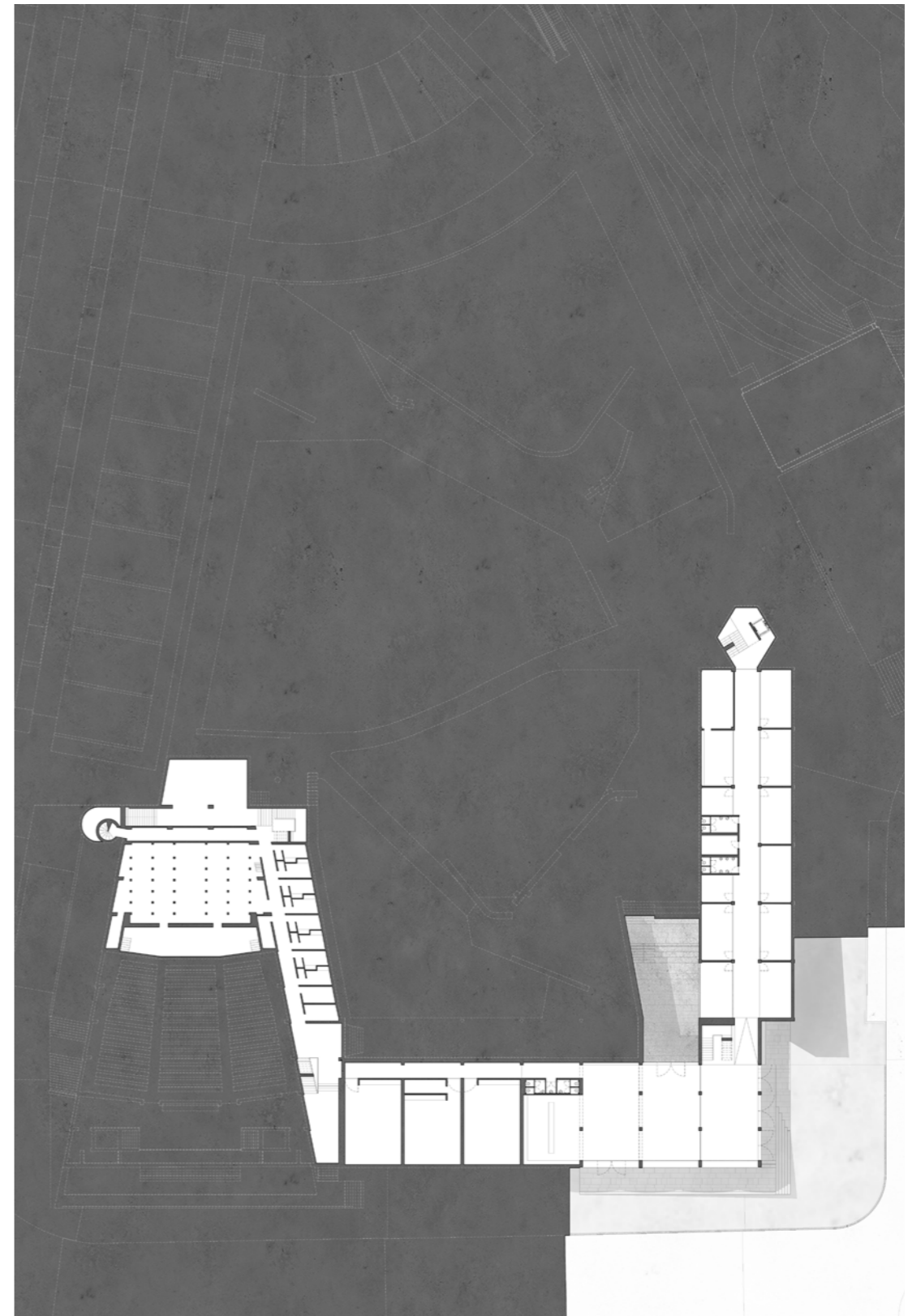


Fig. 110 - Planta piso 0



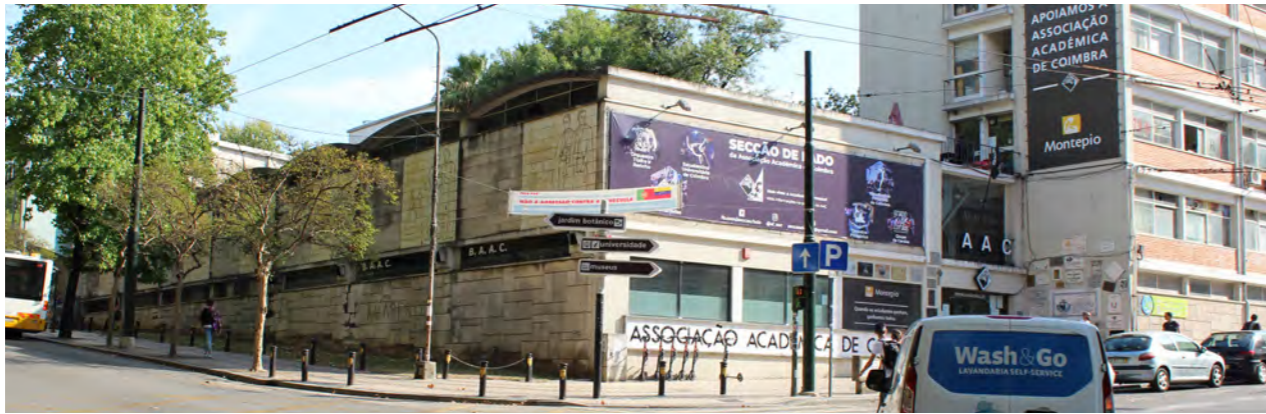


Fig. 111 - Corpo I e II

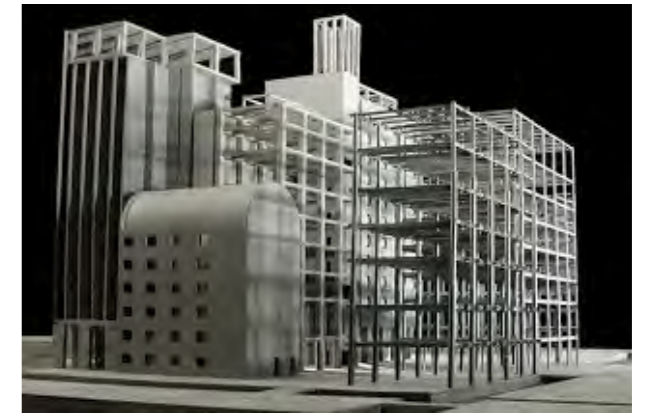


Fig. 112 e 113 - Meelfabriek de Peter Zumthor

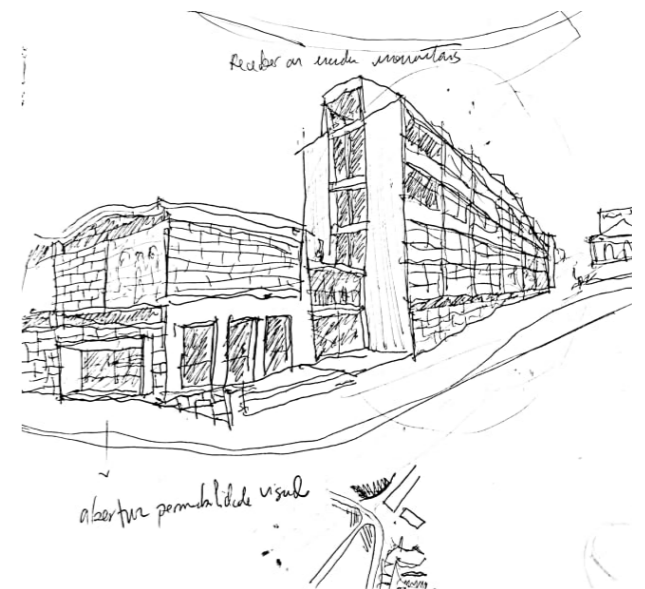
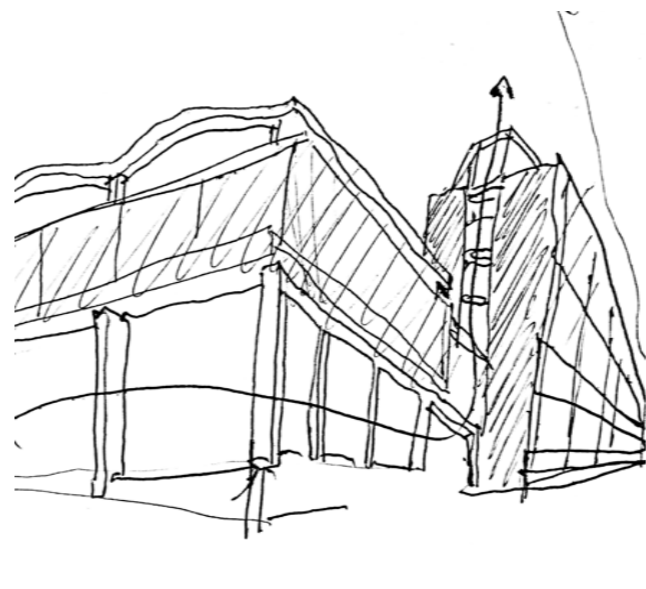
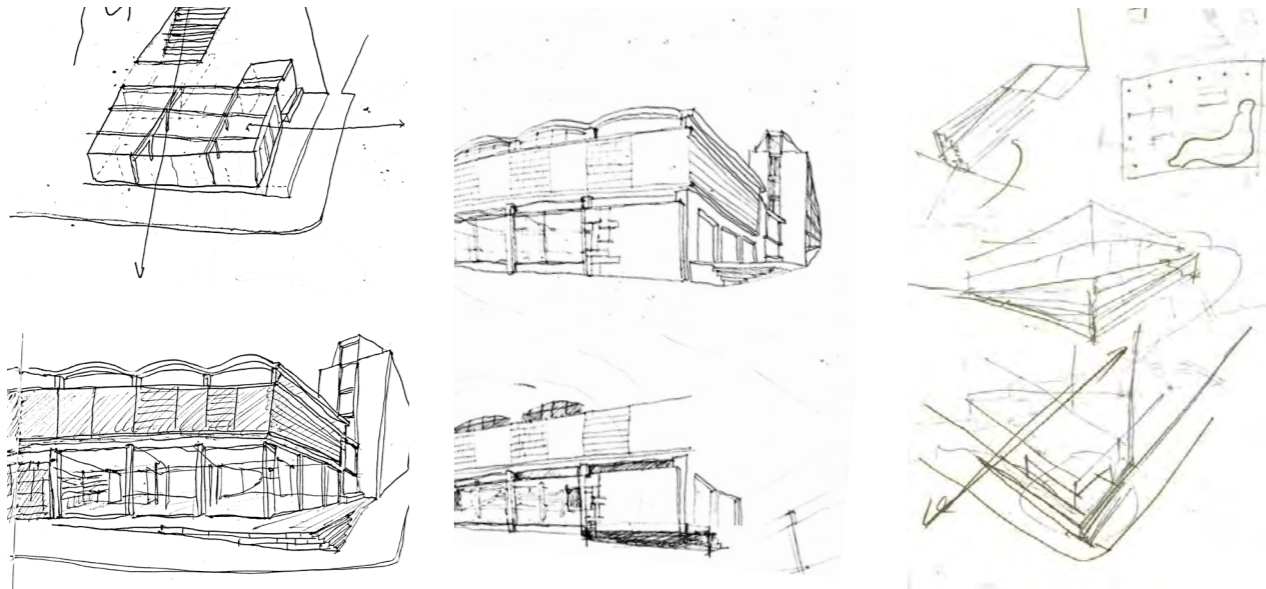


Fig. 114 e 121 - Esquissos de Projeto



Fig. 122 - Maquete de estudo

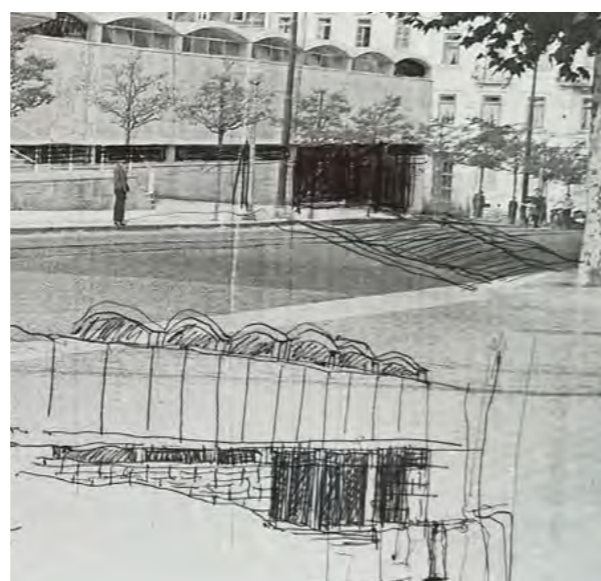


Fig. 123 - Esquisso de Projeto



Fig. 124 - Fotomontagem

Frentes Urbanas

Avenida Sá da Bandeira e Corpo II

Deparamo-nos hoje com uma situação bastante diferente do desenhado nos anos 50. No Cruzamento entre a Avenida Sá da Bandeira e a Rua Padre António Vieira a entrada entre o Corpo I e o bloco de salas de ensaio e bar foi desenhado como uma entrada de serviço para acesso aos gabinetes. Com a concentração do Programa da AAC e OA entre Corpo I e II esta situação inverteu-se e hoje verificamos que o fluxo de pessoas que utilizam esta entrada é manifestamente superior ao que seria quando projetado. Hoje considerada a entrada principal do conjunto edificado, apesar de não ter dimensão para tal. Associada a este uso vemos também a oportunidade de projeto: ligar visual e pedonalmente a Avenida Sá da Bandeira e os Jardins da AAC usando o programa público enquanto rótula e como referência a Meelfabriek de Peter Zumthor em Colónia onde há uma franca permeabilidade do piso térreo.

Começou-se por um desenho tímido de um vão saliente virado para a Avenida apenas ocupando um módulo estrutural, contudo foi claro que esta não seria a melhor opção, e não seria um gesto forte o suficiente que este ponto pedia. Estudou-se então a abertura de dois vãos e também um redesenho dos vãos que se abrem para o início da Rua Padre António Vieira à semelhança do que o Arquitecto Gonçalo Byrne propunha. Contudo e continuando com a lógica de abertura e transparência resolveu-se rasgar todo o canto do edifício, respeitando a lógica compositiva e estrutural do mesmo. A estrutura mantém-se saliente e fecha-se o bar com um pano de vidro na parte interior do pilar, mantendo a bandeira na parte superior da caixilharia em continuidade com o rasgo existente.

A abertura permite uma nova relação do Bar com a Avenida, colaborando com o novo acesso ao Jardins. O desencontro de cotas de cerca de um metro é resolvido com um plinto que acompanha o rasgo e para o lado da Rua Padre António Vieira se fragmenta em escada. Na Avenida Sá da Bandeira, as duas paragens de autocarros existentes aglutinar-se-ão numa única, maior, e que permitirá também um espaço coberto virado para a nova entrada do Bar, proporcionando um momento de paragem.

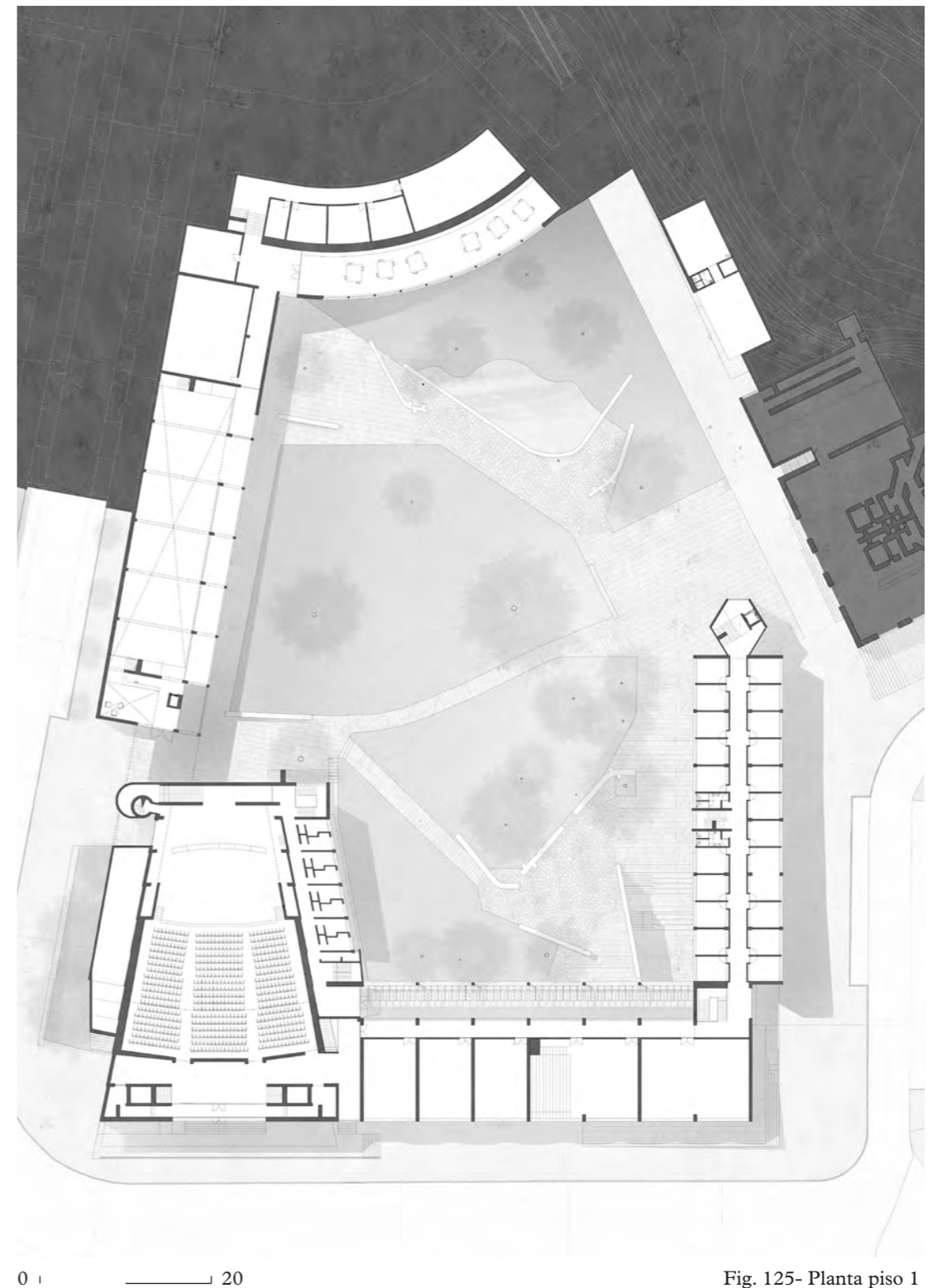


Fig. 125- Planta piso 1





Fig. 126 - Encontro entre Corpo II e III



Fig. 127 - Casa do Cinema Manuel de Oliveira de Alvaro Siza

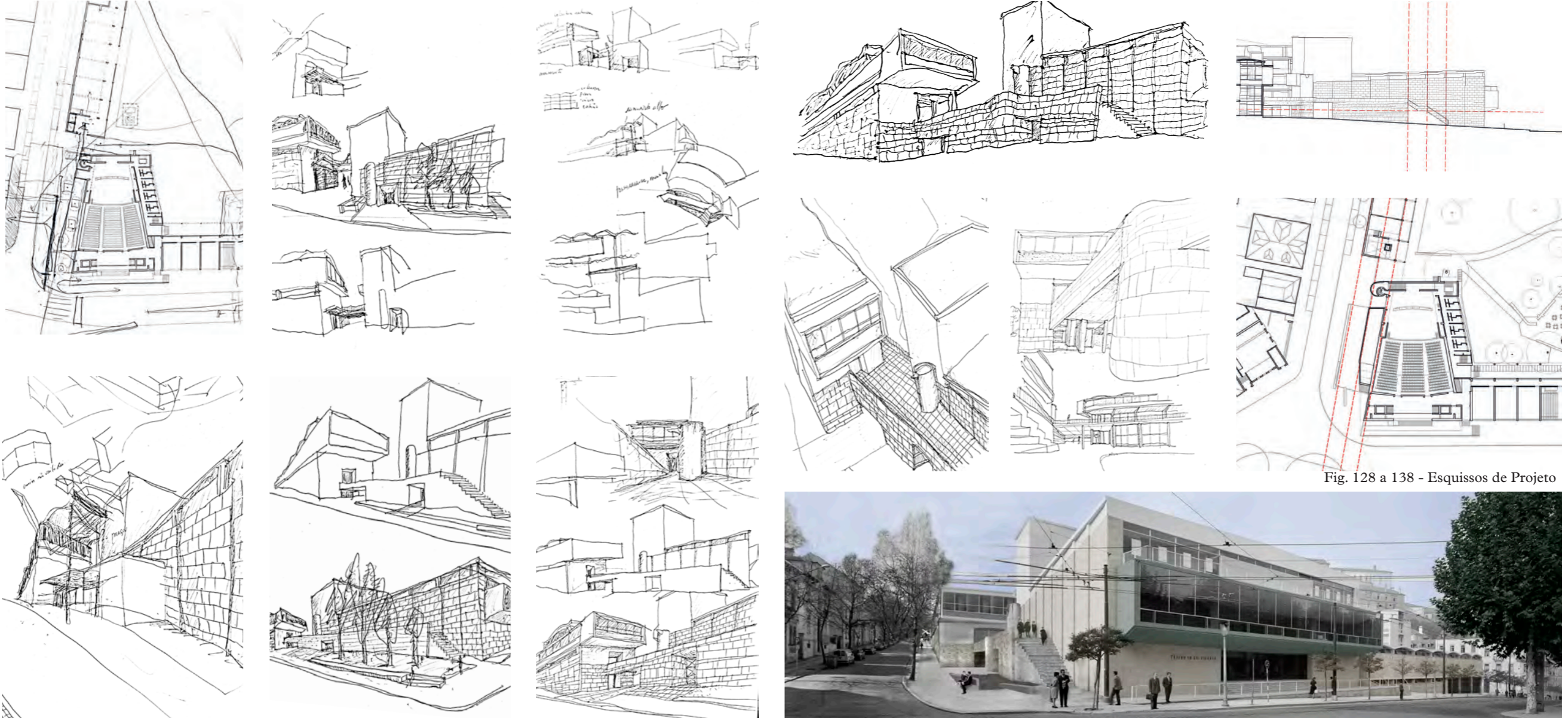


Fig. 128 a 138 - Esquissos de Projeto



Fig. 139 - Fotomontagem

Relação entre Corpo II e III

Entre o Corpo II e o Corpo III vemos um conjunto de escadas que une os dois volumes e conforma o acesso aos jardins e à varanda do Ginásio, contudo parece redundante pois o acesso aos jardins é feito por um novo conjunto de escadas, estando a rua à mesma cota tanto do lado que se relaciona com a Praça da República como nos jardins. Tendo isto em conta parece natural a demolição das escadas para a rua, originando um fluxo contínuo destes dois espaços. Esta opção já era tomada em consideração no Projeto do Concurso Alta de Volta de Gonçalo Byrne, contudo não no projeto final.

Esta opção tem um senão, na demolição da escada passa a existir uma separação efetiva os dois corpos. O facto destes possuírem dois volumes em balanço, em frente um do outro, cria uma tensão que, apesar de interessante formalmente, no caso de demolição do conjunto de escadas, quebra o sentido de conjunto desejado e a unidade formal dos vários corpos. De notar também o lugar de paragem que se conformou no muro que contorna o pequeno espaço verde na lateral do Teatro Académico, que funciona como ponto de encontro.

Na entrada para os jardins resolveu-se também fazer uma entrada para o novo programa do Ginásio. Inicialmente começou-se por desenhar uma abertura para os jardins apenas com uma pala que continuava a varanda do Ginásio. Esta opção mostrou-se frágil quanto à relação entre os volumes. Tentou-se então desenhar um elemento que unisse os dois volumes e conformasse a entrada para os jardins, com o prolongamento da cobertura abobadada ou o desenho de um volume mais baixo entre os dois. Tomou-se então a opção de continuar apenas com o volume mais baixo, sem o prolongamento da cobertura. A referência do Arquitecto Álvaro Siza na Casa do Cinema de Serralves surge como exemplo de resolução de uma escadaria agregada a um volume. Desenha-se um novo conjunto de escadas, associado à lateral do Teatro Académico, dando acesso à cota da varanda, ao mesmo tempo que cria um novo espaço de arrecadação e armazém tanto do Teatro como da AAC. Esta solução surge como gesto agregador dos volumes dos Corpos II e III, ao mesmo tempo que agrega também os Volumes posteriores do Projeto de André Santos referidos anteriormente.

Em frente ao novo volume de escadas mantém-se o pequeno espaço verde que, graças à abertura de uma passagem para os jardins ganha um carácter de continuidade do espaço verde para o exterior, onde se assume o carácter de lugar de paragem com mobiliário urbano. O volume conforma assim a entrada para os jardins, num momento de compressão entre Praça e Jardim. Este movimento abraça o volume cilíndrico através de um pano de pedra que termina nas escadas, marcado por uma esterotomia diferente da do edifício existente.

Para além da Utopia



Fig. 140 - Corpo III

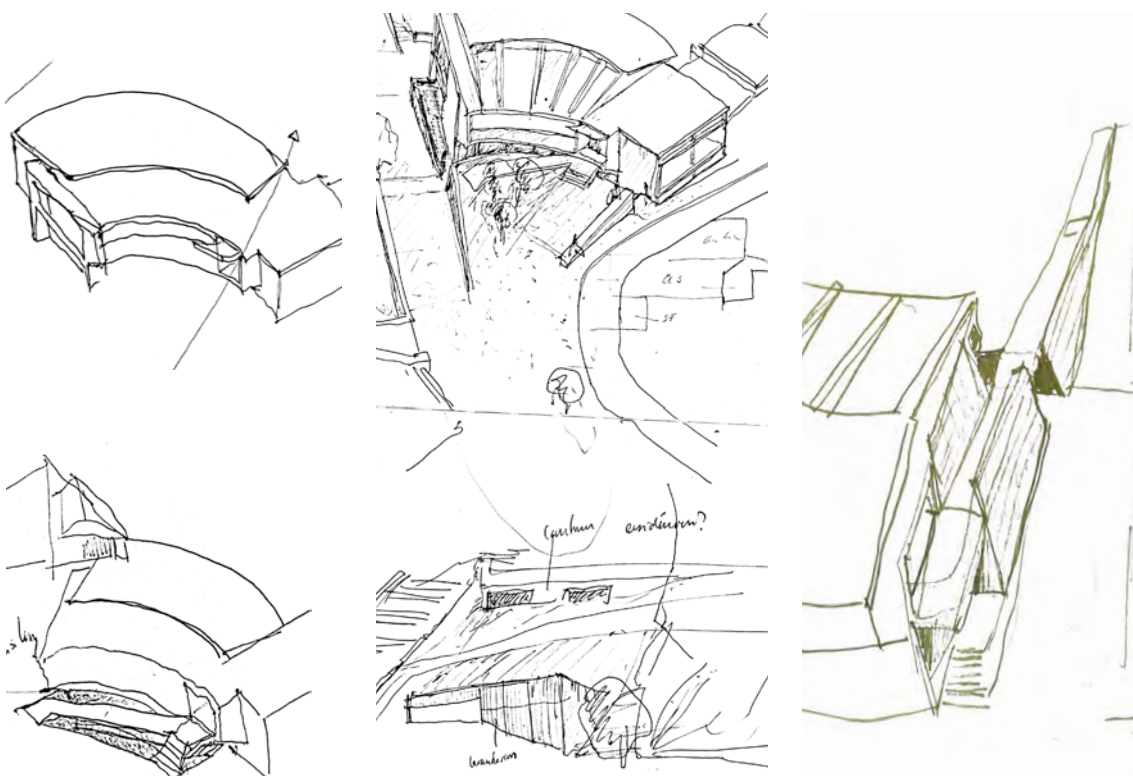


Fig. 141 a 144 - Esquissos de Projeto



Fig. 145 - Fotomontagem do projeto

Praça António Luís Gomes

A entrada do Corpo III encontra-se neste momento bastante descaracterizada pela construção de uma ampliação, mas acrescenta o facto de se associar à Praça António Luís Gomes que recebe de forma deficiente as Escadas Monumentais, pois não há um espaço de chegada que seja proporcional à sua dimensão. Deparamo-nos também com a possibilidade de constituir um ambiente urbano bastante interessante usando os elementos que hoje já existem, os estabelecimentos comerciais no início da Rua Castro Matoso, estas que necessitam de mais espaço de respiração tanto para esplanadas, quer para circulação, ao invés do que acontece.

A Solução começou pela limpeza e restituição do alçado das cozinhas, devolvendo a curva original, posto isto e dando-se seguimento ao projeto do Arquitecto Gonçalo Byrne e aumenta-se o patamar de chegada das Escadas Monumentais pela dimensão da largura das mesmas, redesenhando a via. A Praça ganha assim uma maior amplitude. Este espaço é complementado pela colocação de árvores sombreando as novas esplanadas. Quis-se desenhar também o espaço adjacente à entrada para as cantinas, aproveitando para resolver uma certa confusão causada pelos sucessivos de conjuntos de escadas, uma para aceder às cantinas, outra para aceder ao piso inferior e ainda à frente destes alguns degraus para resolver a diferença de cotas para a Rua Oliveira Matos. Retirando o muro existente em frente às cantinas e colocando um banco onde hoje estavam as últimas escadas mencionadas clarificamos o desenho ao mesmo tempo que se resolve o espaço para as pessoas que aguardam à porta da cantina.

Existe ainda a questão da acessibilidade à cantina por parte de pessoas de mobilidade reduzida, pois hoje apenas existe um conjunto de escadas, sendo impossível aceder por cadeira-de-rodas ao Corpo III. Começou-se por desenhar uma rampa que ladeava a curva das cantinas, contudo este gesto não se mostrou apropriado, na medida que iria prejudicar a imagem do alçado curvo. Associou-se então o desenho da rampa ao lado do edifício que se vira para a Rua de Entre-muros e em vez de fazer a chegada pela entrada atual. Esta opção permite uma entrada direta para a sala de refeição, assim como solidificar esta rua pedonal.

No início da Rua Oliveira Matos vemos no edifício um mural de cerâmica em pastilha que vemos no lugar onde estava projetado o painel de Abel Manta que hoje está colocado no jardim. Visto que este mural não foi o inicialmente pensado, e para criar um *foyer* de entrada para as cantinas, rasga-se essa parede e surge agora um pano de vidro, que vai coadjuvar à ideia pretendida de transparência

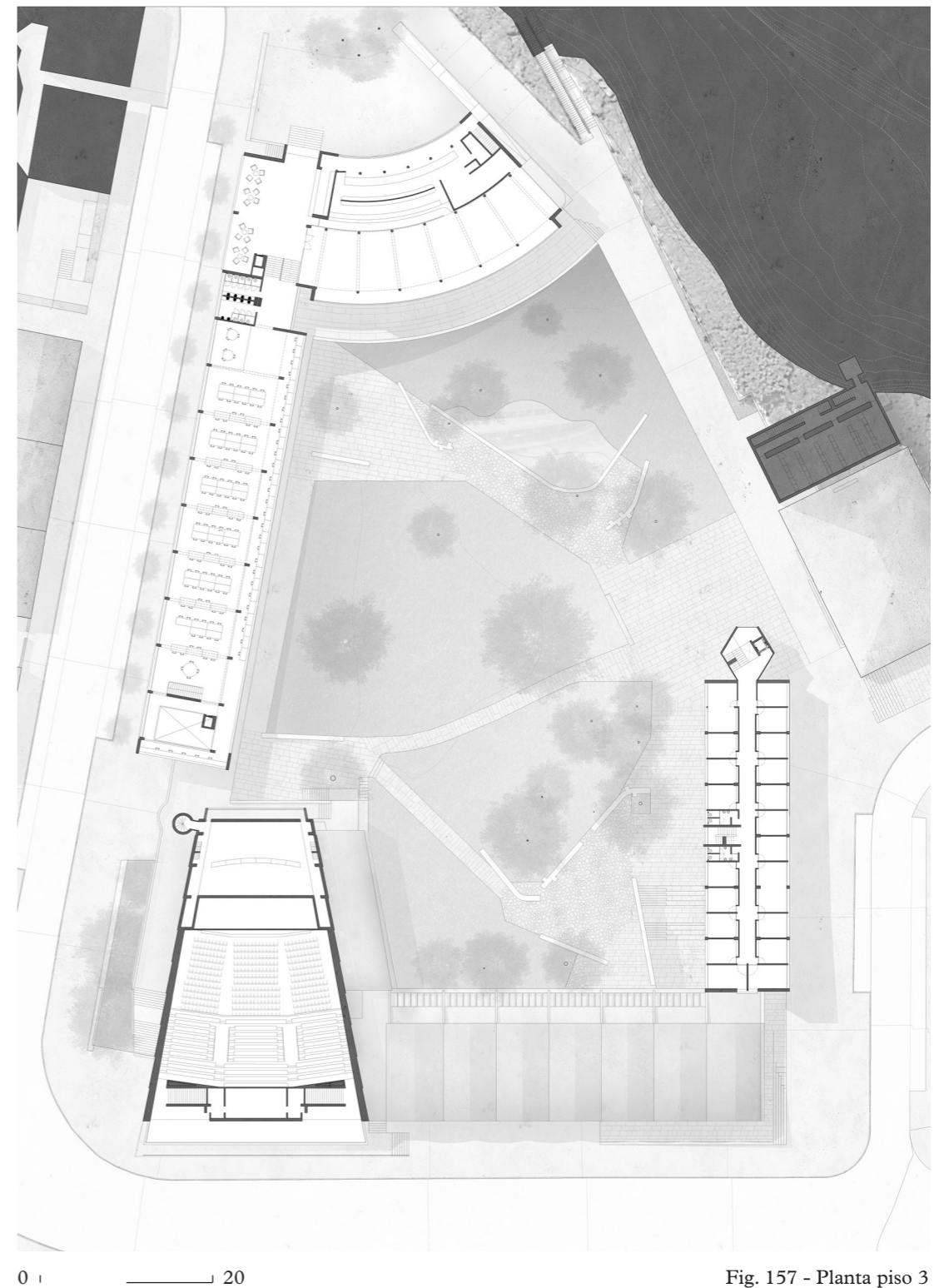


Fig. 157 - Planta piso 3



Fig. 147 - Corpo I



Fig. 148 - Corpo I visto dos jardins



Fig. 149- Casa da Arquitectura de Guilherme Machado Vaz

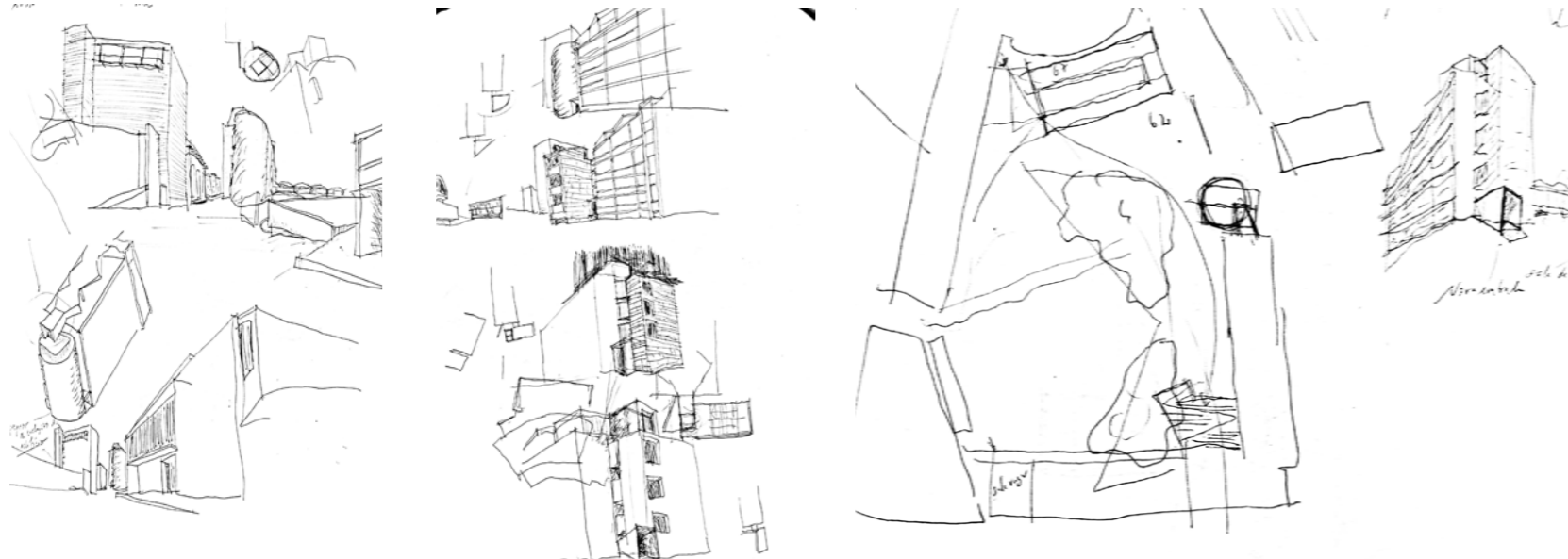


Fig. 150 a 154 - Esquissos de Projeto



Fig. 155- Fotomontagem de estudo

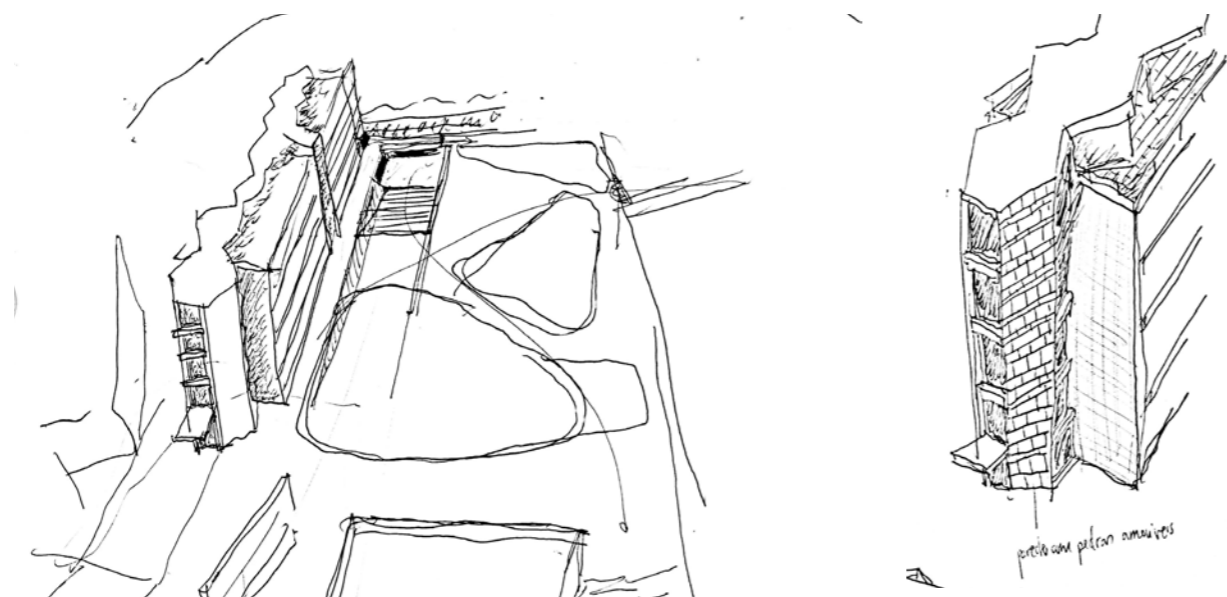


Fig. 156- Fotomontagem

Corpo I

A preocupação principal na abordagem a este volume é a questão da acessibilidade. O volume com mais pisos do conjunto é apenas servido por uma caixa de escadas que não é suficiente em caso de emergência e não permite a um estudante com mobilidade reduzida aceder às atividades que se desenvolvem nos pisos superiores.

No projeto do arquitecto Gonçalo Byrne este propõe a demolição do volume da actual sala de estudo para a instalação de um volume vertical regular na continuidade do Bloco de Gabinetes onde instala as escadas e elevador. Esta opção pareceu bastante interessante, contudo, visto que o edifício é composto por um conjunto de volumes de distintas formas que vão compondo o quarteirão, não parece coerente que este novo volume associado ao Corpo I seja desenhado com a mesma forma geométrica.

Foram estudadas várias opções, com diferentes formas com vista a respeitar a lógica compositiva do volume. Desenhou-se uma opção circular que embora interessante na sua relação com o edifício das Caldeiras, criava uma relação difícil com a cobertura do edifício, pareceu interessante então, visto que a dificuldade se situava na cobertura, aumentar um módulo hexagonal, continuando este elemento. Esta solução permite uma relação de continuidade com o edifício e a sua lógica. Neste desenharam-se escadas e um elevador que, tal como no projeto do arquitecto Gonçalo Byrne não resolvem na plenitude os regulamentos de acessibilidades, (Byrne, 2012) mas acabam por salvaguardar parte destes problemas dando acesso integral ao edifício. Neste volume, no primeiro piso desenha-se também uma nova entrada que permite o acesso mais direto para quem se desloca da Rua de Entre-Muros.

Na opinião dos estudantes, mostrou-se importante haver uma zona mais comercial e de serviços nas IAC. Pretende-se então valorizar o corredor de forma a não parecer um centro comercial. Neste piso quebram-se as paredes existentes envidraçando todos os módulos para a sua transformação em serviços, algo parcialmente feito hoje. Decidiu-se também instalar os serviços de lavandaria self service dos SASUC neste espaço, assim como a instalação de uma loja de conveniência, algo que praticamente não existe na zona da Alta.

Os pisos superiores sofrem uma reorganização substancial, já que um dos topos agora é rasgado para a utilização do novo núcleo de acessos. Com a mudança de diversos grupos para o Corpo III pode-se então redistribuir as salas de forma a que todas as estruturas tenham lugar no edifício, assim como desenhar uma sala para reuniões de grande dimensão. Com a saída das instalações da TV AAC do terraço, retiram-se todos os envidraçados que fechavam os espaços com vista ao espaço se tornar visitável e como espaço de exposições temporárias como já aconteceu.

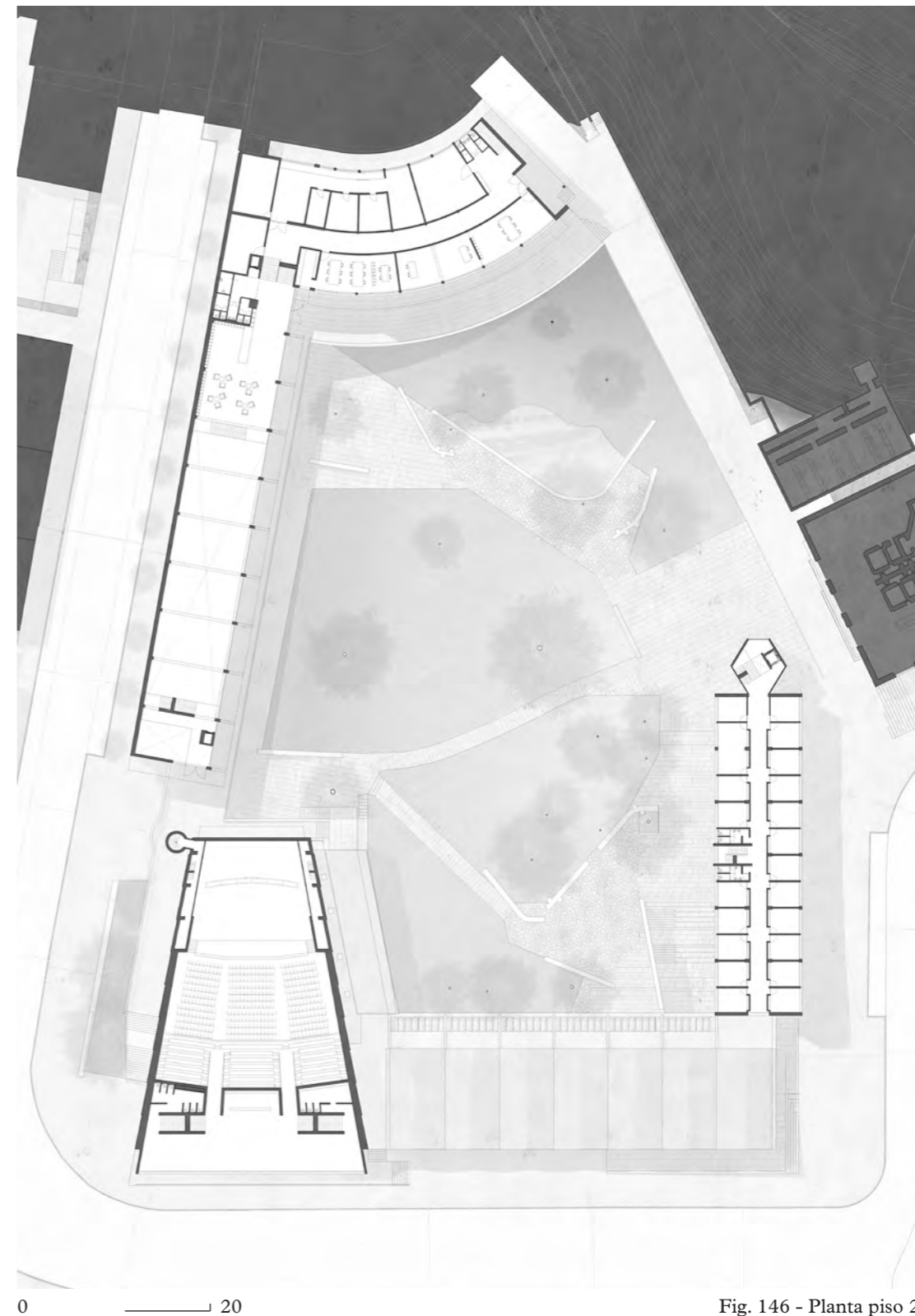


Fig. 146 - Planta piso 2



Fig. 158 - Corpo III



Fig. 159- Polo Zero, Porto



Fig. 160- Fotomontagem da Herdade de Torre Vã de João Mendes Ribeiro

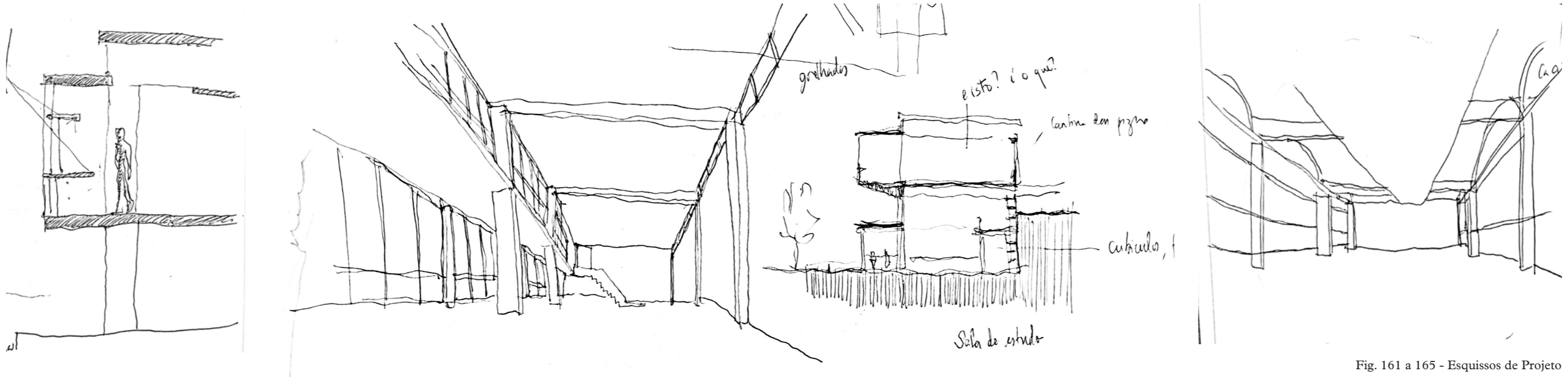


Fig. 161 a 165 - Esquissos de Projeto

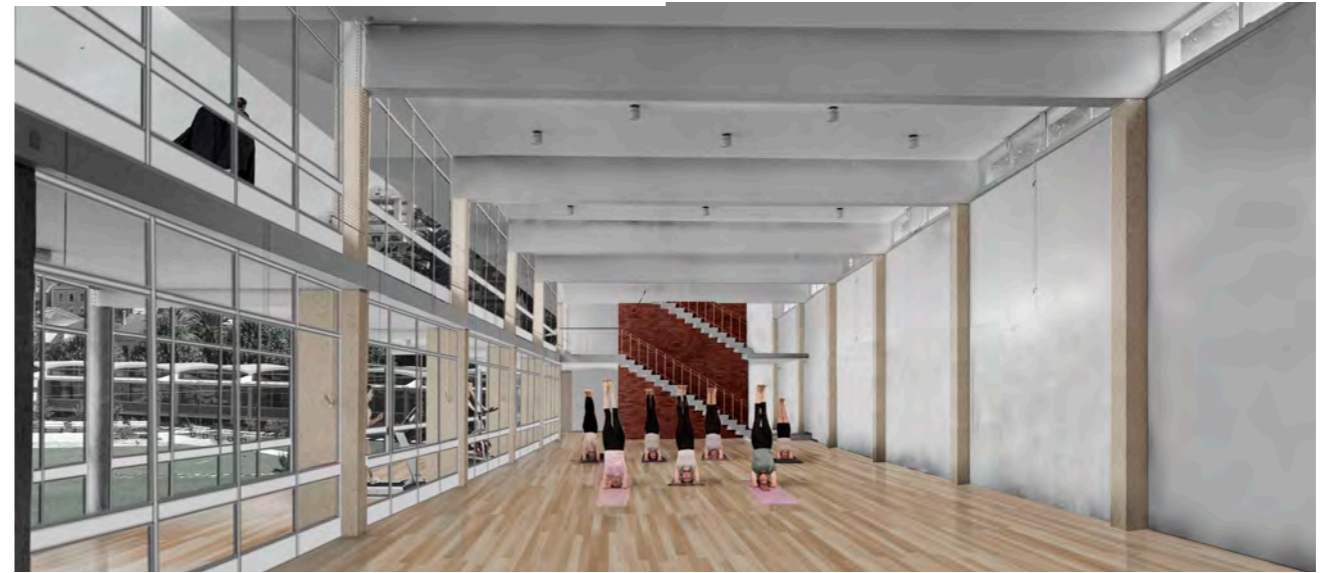


Fig. 166 e 167 - Fotomontagens

Corpo III

O Corpo III das Cantinas foi um dos edifícios que mais alterações sofreu desde os anos 50, especialmente devido às sucessivas mudanças de programa nos espaços sob gestão dos SASUC. Como já referidas, as alterações exteriores mais notórias foram a remoção do acrescento das cozinhas para a Praça António Luís Gomes e a demolição das escadas entre o Teatro Académico e o Ginásio. A nível global pretende-se também limpar as coberturas de todos os pequenos volumes, como depósitos de água e caixas de elevador que tiram a clareza quer do leque curvilíneo das cantinas, quer das abóbadas ao longo do volume que faz frente à Rua Oliveira Matos.

As cantinas irão ter o seu espaço significativamente reduzido, especialmente no que toca ao armazenamento nos pisos inferiores, para dar lugar a programa associado à Academia. Na entrada do Corpo III nasce um novo átrio, ocupando as duas salas existentes o que permite um espaço de respiração quando existe uma afluência significativa às Cantinas Azuis. Este átrio é servido também por uma pequena cafetaria onde já atualmente existe um balcão. Inclui-se também no átrio um novo elevador que faz ligação entre os três pisos do edifício.

Nos dois pisos inferiores à sala de refeição no corpo redondo, propõe-se retirar o programa dos SASUC e no piso abaixo e colocar o programa afeto aos órgãos de comunicação social e no inferior propôs-se as novas instalações da Secção de Fado.

No Piso da Comunicação Social aproveitou-se a zona do lado enterrado para colocar os estúdios da RUC, que não precisam de luz natural, ganhando mais espaço e arrumação para espólio, tratando da acústica do espaço. O último estúdio, de maior dimensão, é público, ou seja, servirá também para requisição para estudantes ou habitantes de Coimbra que precisem de usar um espaço com estas qualidades. Este tem comunicação directa para o exterior para a rua de Entre-Muros. Viradas para os Jardins estão as instalações da TVAAC e da Secção de Jornalismo.

No piso inferior localizar-se-á a Secção de Fado, que passa a ter espaço para todos os grupos, aumentando significativamente o seu espaço. Com duas Salas de grande dimensão para grupos como a Estudantina e alguns espaços menores para ensaios dos Grupos de Fado.

No novo desenho do espaço do terraço implanta-se um novo programa público, uma sala de coworking, é um espaço longitudinal, com uma parede de estantes e cacifos no lado em que está enterrado e um janelão longitudinal que permite uma comunicação visual, franca com os jardins para os quais conta com comunicação direta. Desenhou-se uma nova entrada onde se coloca o painel de Abel Manta fazendo a recepção aos estudantes nos jardins, e não a despedida como acontece atualmente. Com uma capacidade para 20 pessoas, conta com mesas de tamanhos variáveis onde também há espaços vazios para as múltiplas atividades que os utilizadores poderão ter. O teto é abobadado referenciando-se

Para além da Utopia

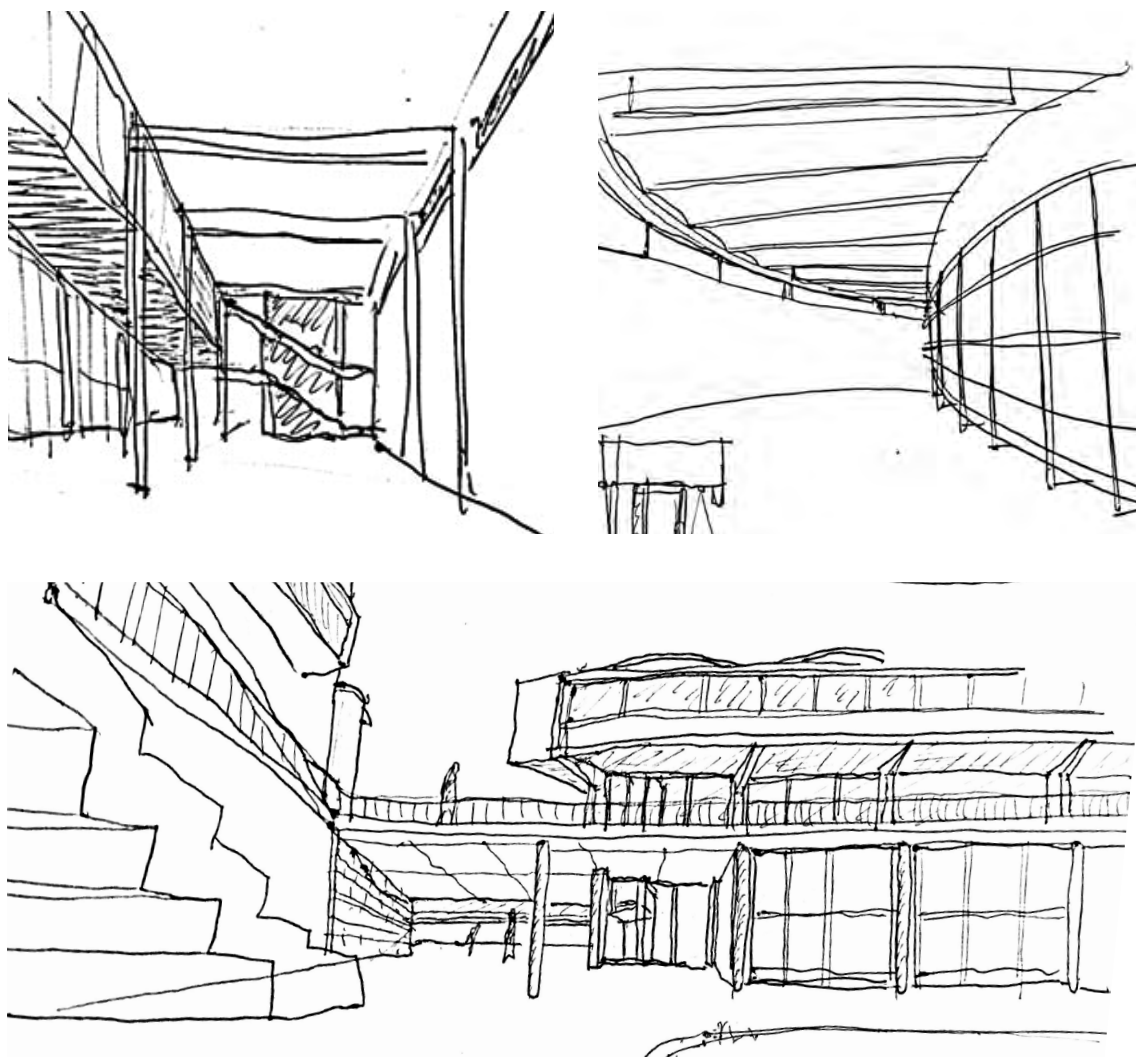


Fig. 168 a 170 - Esquissos de projeto



Fig. 171 - Fotomontagem

nas coberturas do edifício.

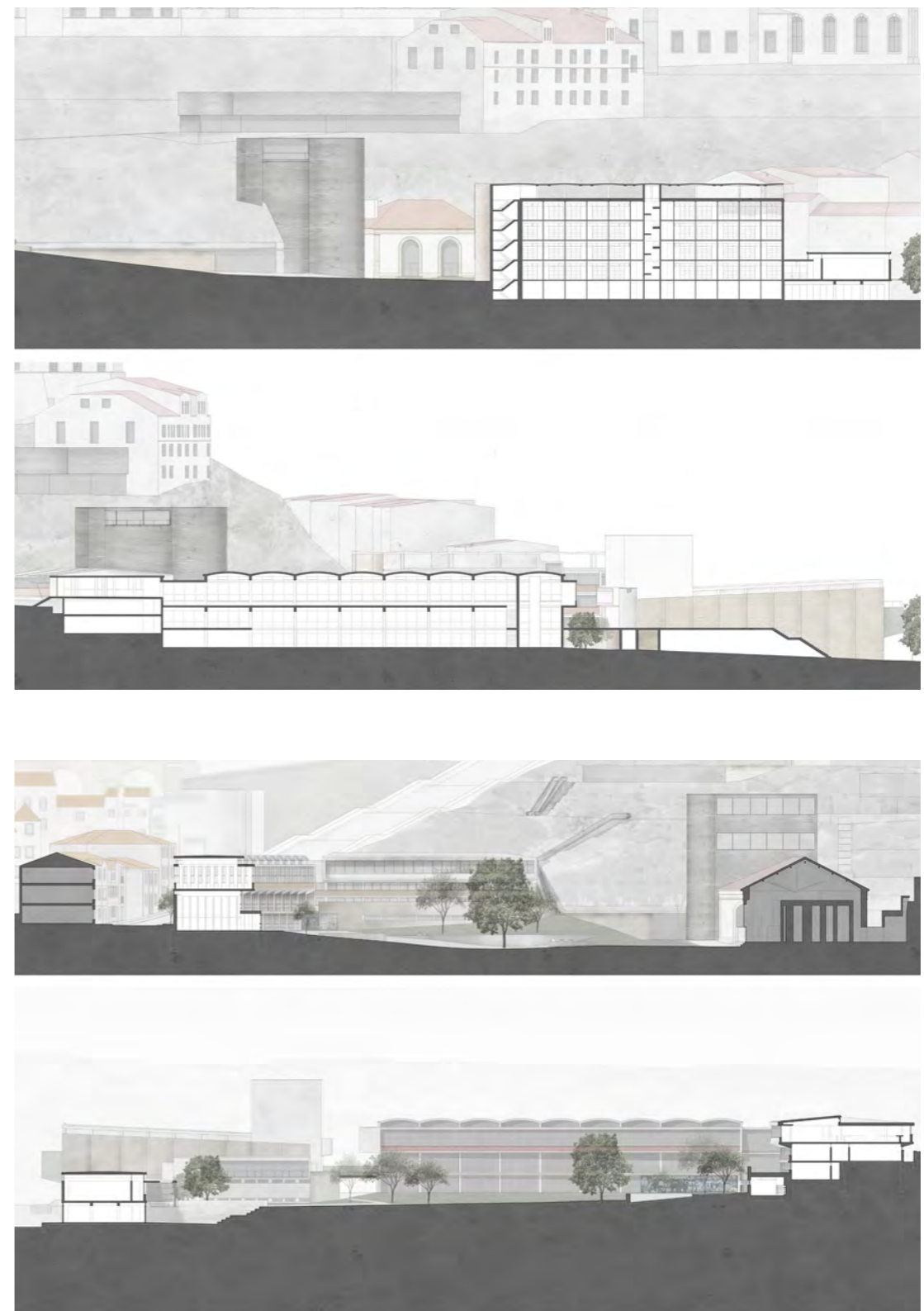
Na nova entrada entre o Corpo II e III, surge também um átrio que faz ligação com o novo volume de escadas e de acesso aos Jardins, este átrio difere do anterior por ter um pé direito triplo, fazendo a ligação visual entre os dois programas deste volume, o Ginásio e a Sala de Estudo, este átrio possui uma zona de atendimento para assuntos relacionados com estes programas. Na sua relação com o jardim, desmaterializou-se o canto de forma a criar um mais amplo espaço de entrada nos jardins e uma maior conexão interior exterior. É instalado também um elevador para servir a sala de estudo.

No piso superior do volume do ginásio implantamos a nova sala de estudo, toda a área ocupada pelas Cantinas Monumentais e pelas antigas Lavandarias dos SASUC são libertados e suas divisões postas abaixo, criando uma ampla nave para instalar o novo espaço de estudo. Nesta nave são retirados todos os tetos falsos que não permitem a visibilidade das abóbodas. Uma das preocupações para este espaço foi a criação de múltiplas zonas de estudo diferentes entre si, desde o estudo em grupo e lugares mais individualizantes. Para o estudo em grupo desenha-se uma divisória em relação aos restantes espaços para haver a liberdade de comunicação entre os intervenientes, não prejudicando a concentração dos restantes, à semelhança daquilo que acontece no Polo Zero no Porto. É criada uma caixa de vidro, onde há uma continuidade visual, mantendo a amplitude do espaço.

Na nave são dispostas mesas transversalmente à sua direção onde estão dispostos a maioria dos lugares disponíveis. Na consola que se vira para os jardins, desenha-se uma mesa corrida para os lugares de estudo individual, é dada maior privacidade por brises que se associam ao caixilho e funcionam tanto como divisória como para a filtragem da luz poente ao fim do dia. No total a sala de estudo passa a disponibilizar 150 lugares.

Desenharam-se espaços informais como zonas de lounge e de refeições rápidas, com uma pequena copa onde os estudantes podem aquecer a sua comida, por isso pareceu importante dotar alguns espaços com estes equipamentos, colocando-o no topo entre a cantina e a sala de estudo, inserimos também cacifos para arrumação, seguindo a referência da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Nova em Carcavelos e do Polo Zero no Porto.

No Piso abaixo, por ser importante haver espaços de dimensão generosa para eventos de grande dimensão, assim como espaço para algumas secções desportivas, como referido restituímos o ginásio e espaço polivalente. É recolocado o pavimento em madeiras e duplicada a escada para o acesso à sala de estudo.



0 ' ——— 20

Fig. 172 a 175 - Fotomontagens de Projeto





Fig. 176 - Jardins das IAC

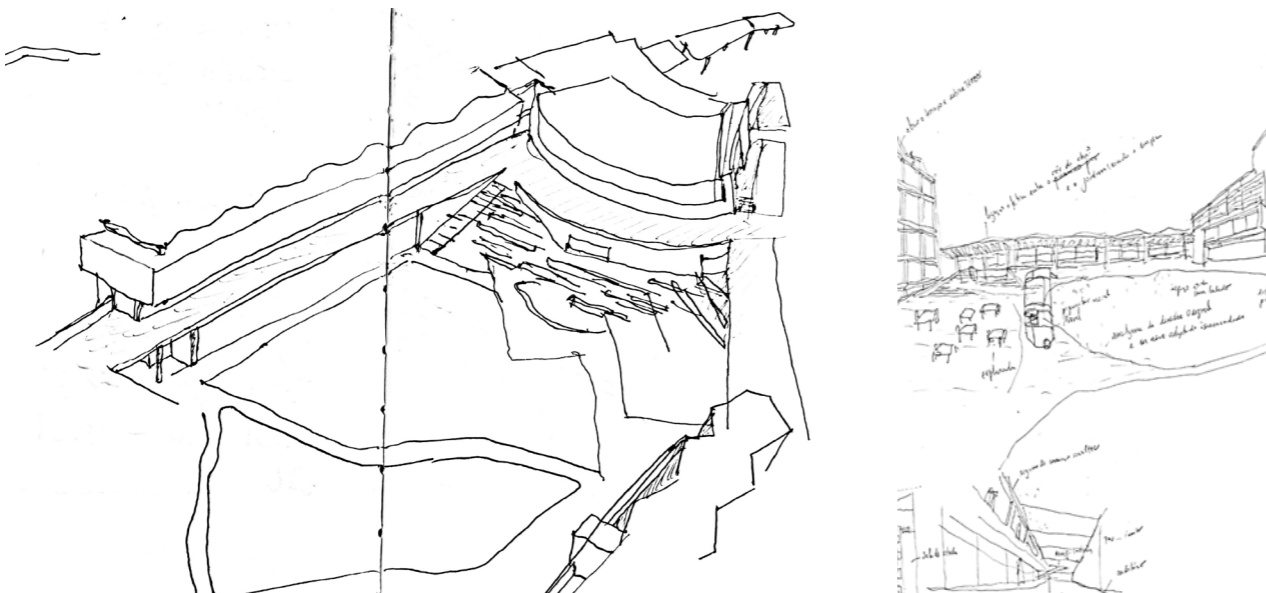


Fig. 177 - Praça do Fonte Nova de José Adrião



Fig. 178 - Ginásio de Livio Vacchini

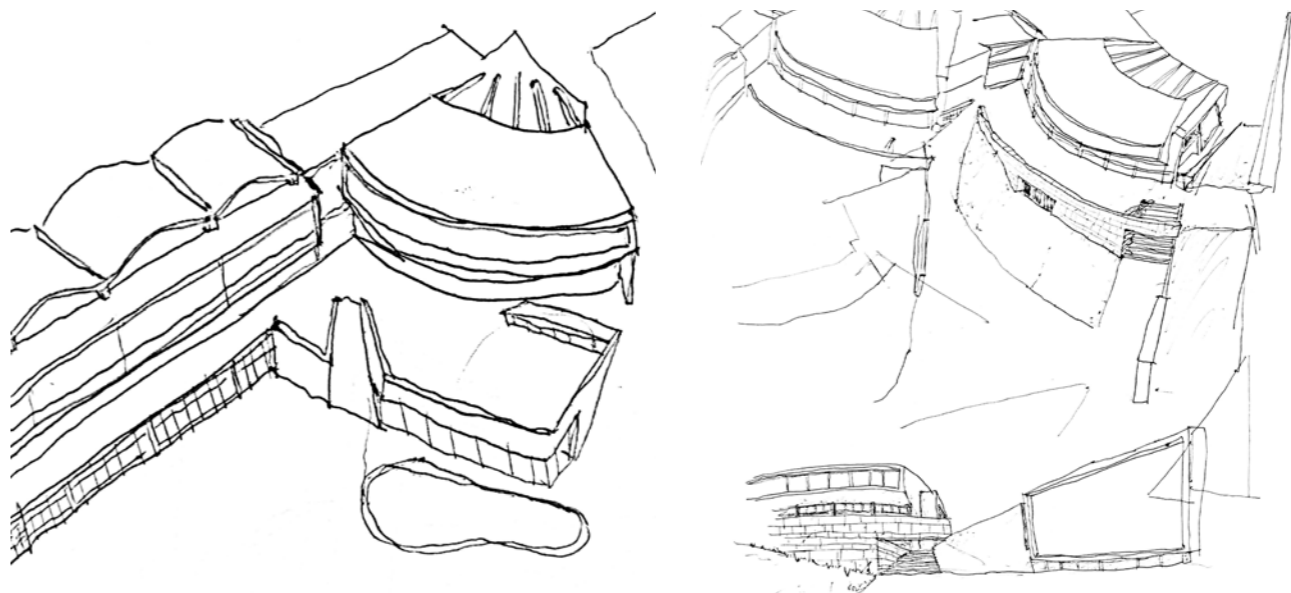


Fig. 179 a 182 - Esquissos de projeto



Fig. 183 - Fotomontagens de projeto

Jardins

Os Jardins têm um papel fundamental no desenho do edificado, assim como do funcionamento de todo o conjunto. Perante um desenho que privilegia o quarteirão com o seu centro vazio, este funciona como elo entre os três corpos. O desenho dos jardins foi um momento desafiante onde houve bastantes avanços e recuos, até chegar ao desenho apresentado. Havia por um lado a vontade, indicada nos questionários da recuperação do desenho original, por outro, a necessária mudança perante a intervenção no edifício e a mudança de paradigma no que toca à utilização do espaço.

Uma das grandes decisões passou por retirar o Bar Exterior. Apesar dos estudantes serem bastante receptivos à existência deste equipamento, o volume acaba por ocupar uma grande área nos jardins e acaba por retirar a massa verde. A própria estrutura não valoriza este espaço interno, tendo um carácter temporário e podendo tanto estar nestes jardins como em outros quaisquer. O que é importante neste elemento é a possibilidade de os estudantes poderem usufruir do bar no exterior, e poderem usar a esplanada. Esta lacuna foi, no entanto, prevista com uma extensão do bar interior para o exterior com o aumento significativo da largura das escadas que permitem não só uma pequena esplanada logo à saída do bar interior como a forma das escadas em auditório permitem a utilização destas mesmas. O desenho das escadas abre para os jardins reforçando a ligação franca com o exterior, assim como a ligação visual com a Avenida Sá da Bandeira. Considerando também que a dinâmica de fluxos se alterou com a abertura das escadas para o jardim acontece hoje um percurso que atravessa os jardins na diagonal entre as cantinas e o Corpo I. A nova intervenção vai criar dois fluxos, a entrada entre o TAGV e o Corpo III, a entrada pelo volume hexagonal de acessibilidades no topo do Corpo I e a entrada pelo terraço curva do Corpo III.

Uma das questões que se colocou foi a forma como se desenhava a ocupação do Terraço do Corpo III para a sala de coworking. Nesta zona optou-se também pela demolição da Casa do Lago da Fanfarra Académica de Coimbra, pois em nada valorizava o conjunto nem oferece condições às próprias estruturas que o utilizam para ensaiar com qualidade, sendo deslocalizado para um novo edifício.

Desenharam-se várias opções, testando vários programas, entre os quais a realocação do mini auditório, no entanto, verificou-se que qualquer desenho que não respeitasse a curva original iria criar uma tensão desnecessária com o volume do Ginásio, além de roubar o espaço onde a cota dos jardins começa a subir o que não iria permitir alcançar uma franca área verde onde os estudantes possam desfrutar, portanto decidiu-se usar os limites existentes e desenhar uma entrada onde os volumes se encontram.

Os limites do espaço verde foram desenhados de forma a que não existisse uma sensação da existência de canteiros, nem de zonas verdes desnecessárias. A leitura pretendida é a de um contínuo relvado atravessada por fluxos que vão abrindo e criando espaços de estar. Há três locais de paragem distintos, um perto no lago, recuperando

Para além da Utopia

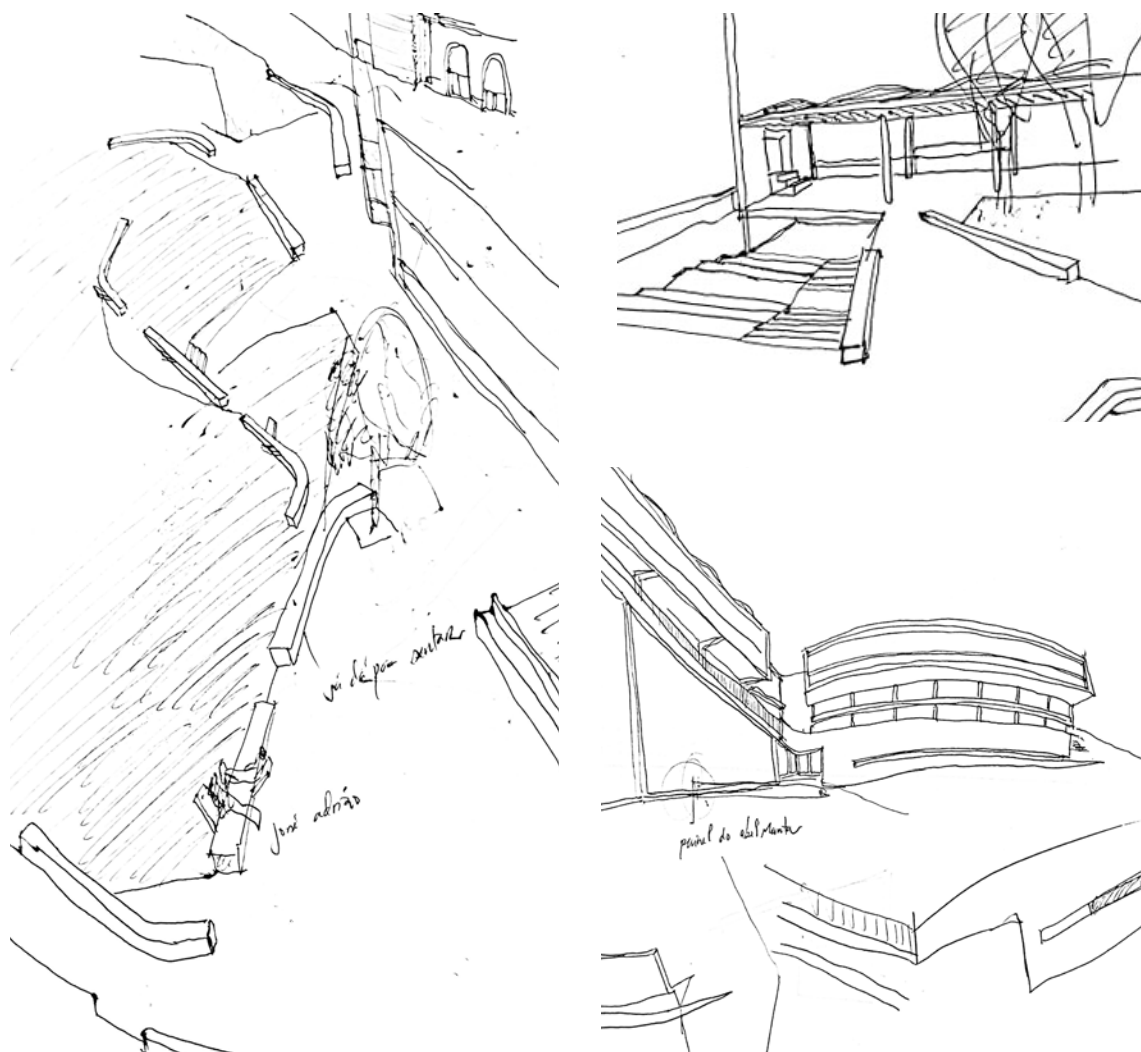


Fig. 184 a 186 - Esquissos de projeto

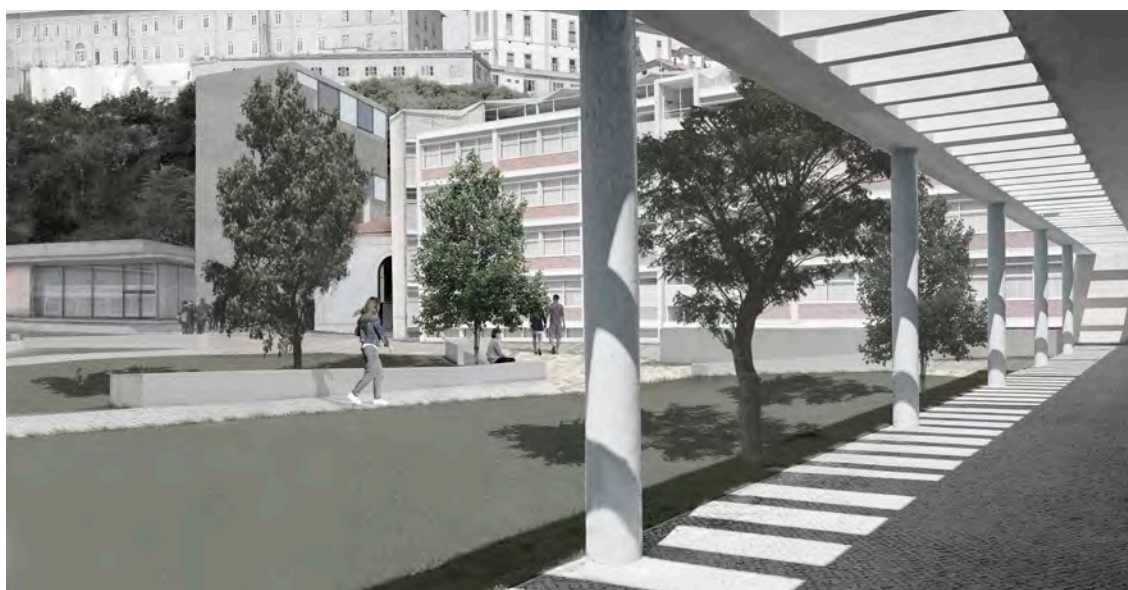


Fig. 187 - Fotomontagens de projeto

o desenho original; outro junta à zona das escadas onde anteriormente tínhamos o bar exterior; e finalmente temos um largo entre a nova abertura para o Bloco de Gabinetes e a Casa das Caldeiras. Este é desenhado com uma forma regular, que torce quando os edifícios se encontram indo de encontro ao desenho retilíneo da intervenção do arquitecto João Mendes Ribeiro.

O desenho dos jardins é complementado por uma nova forma de pensar o mobiliário urbano deste espaço, usando como referência a Praça do Fonte Nova em Lisboa do Arquitecto João Adrião, onde se desenham uns bancos corridos em betão que vão formando espaços associados aos movimentos que são criados nos jardins.

O lago neste momento revela-se praticamente inutilizável, estando muitas vezes em condições impróprias, acabando por dar um aspeto insalubre aos jardins. Foi ponderando eliminar este, contudo foi do entendimento do projeto que seria proveitoso um elemento de água bem trabalhado e que pudesse ser de facto utilizado pelos estudantes. Desenhou-se então um muro que no fundo delimita a subida das cotas dos Jardins para a Rua de Entremuros, num gesto que vai abraçar a curva das cantinas. A margem do lago é marcada pelas curvas naturais contornando as árvores existentes.

No que toca à questão do sombreamento, pareceu importante manter as árvores que hoje estão nos jardins. Contudo e indo de encontro à opinião dos estudantes é proposto um desbaste dos elementos arbóreos com vista a uma imagem equilibrada dos jardins.

Para além da Utopia



Fig. 188 - Encosta

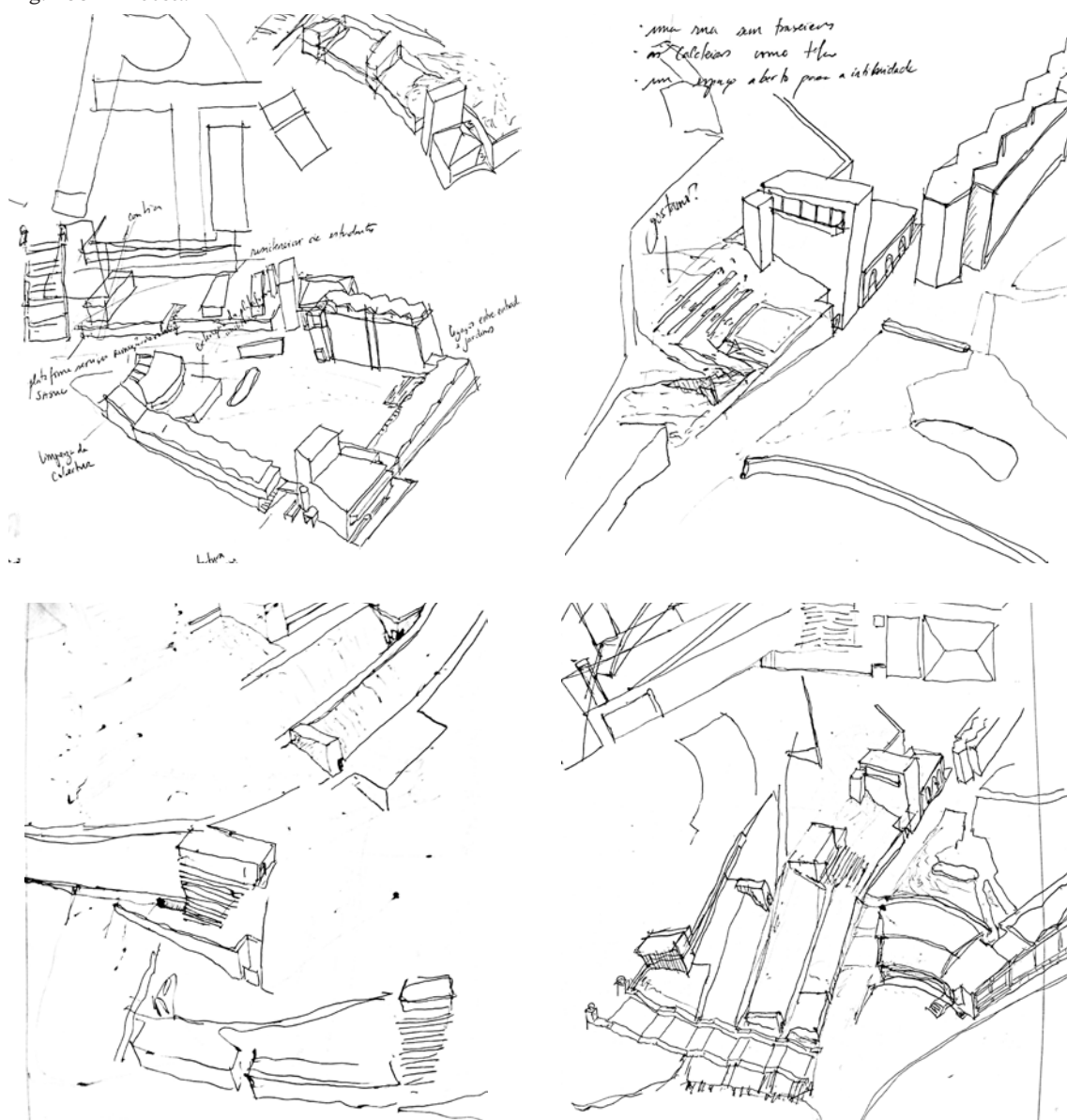


Fig. 189 a 193 - Esquissos de projeto

Encosta Nascente da Alta

A Encosta Nascente da Alta incluiu-se no projeto, como referido anteriormente, para reafirmar as Instalações Académicas de Coimbra enquanto eixo de rotação entre a Alta de Coimbra e a Cidade. Para tal foi necessário refletir sobre que soluções de mobilidade leve serviriam para suprir as vinte cotas de diferença entre a Praça António Luís Gomes e a Praça de Dom Dinis em complementariedade com as Escadas Monumentais. Aproveitou-se a oportunidade para redesenhar este pedaço de cidade que está esquecida trazendo consigo não só uma má imagem, como também perigo para os utilizadores, pois a presença de vegetação baldia neste terreno íngreme causa várias quedas de árvores e os muros de suporte também começam a mostrar sinais de debilidade.

Analisado o Plano de Pormenor de Gonçalo Byrne para a Alta vemos que havia a intenção de colocar uma nova cantina no topo das Monumentais. Pareceu uma decisão acertada pois iria necessariamente diminuir a pressão que sofrem as atuais cantinas. Além deste pensou-se num módulo de residências universitárias, esta ideia foi descartada pois, apesar de a encosta estar orientada a nascente, o espaço disponível acabaria por resultar numa residência de baixa capacidade ou numa sobrecarga de construção na Encosta.

Com a execução da maquete de estudo percebeu-se que a forma da encosta é bastante interessante que não seria necessário construir em demasia, a solução passou por um conjunto de caminhos que seguem o terreno, pontuados por elementos que vão resolvendo as necessidades programáticas.

A solução do arquitecto Gonçalo Byrne para a mobilidade da encosta passou por um lance de escadas rolantes paralelas às Escadas Monumentais. Na leitura do projeto pensou-se que esta não seria a melhor opção pois apenas duplica uma ligação direta entre cota alta-baixa, pareceu mais interessante haver um prolongamento dos descansos das Escadas Monumentais fazendo assim com que estas sejam um espaço de usufruto da cidade ao invés de apenas uma solução de ligação de cotas. Houve também o cuidado de redesenhar uma antiga via que liga a Rua do Bairro Sousa Pinto à Rua de Entre-Muros.

Optou-se por um desenho de escadas rolantes acompanhados por um lance de escadas regulares, porém os lances são desfasados ligando aos patamares das Escadas Monumentais, a subida para o Departamento de Arquitectura, Faculdade de Psicologia e o acesso às novas cantinas. A solução das escadas rolantes pareceu interessante de forma a que este pedaço de cidade se torne acessível a estudantes e habitantes de Coimbra de mobilidade condicionada. o início do percurso de escadas rolantes inicia-se na quebra de direção da rua de Entre-Muros, que coincide com a entrada para o terraço das Cantinas, criando um espaço interessante de cruzamento e criando outra dinâmica a este espaço que atualmente está descaracterizado.

O projeto passou também por definir também o traçado da Rua de Entre-Muros, escolheu-se o desenho de dois muros que seguem a direção das Escadas Monumentais



Fig. 194 - Planta do Projeto



Fig. 195 - Corte do Projeto



Para além da Utopia

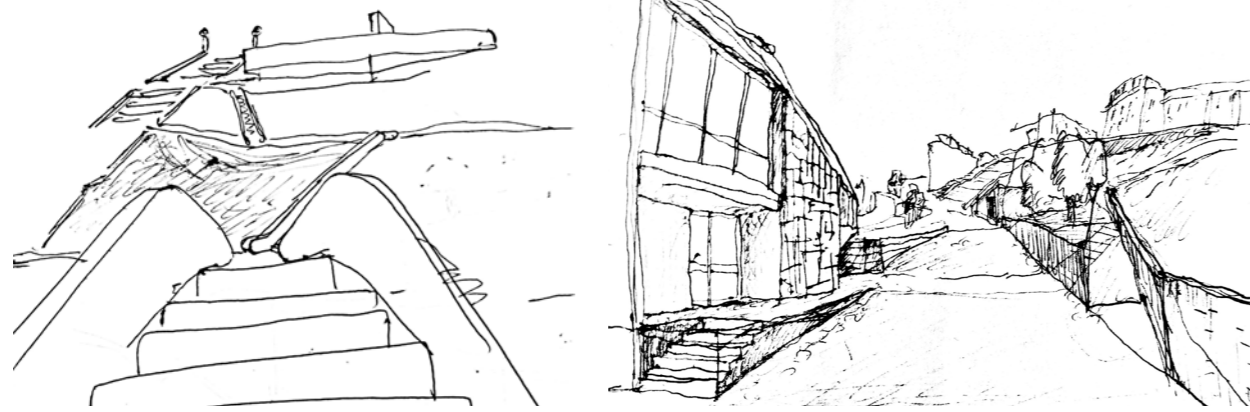


Fig. 196 e 197 - Esquissos de projeto



Fig. 198 - Escadas Rolantes de Montemor-o-Velho de Miguel Figueira



Fig. 199 - Percursos Pedonais do Porto de Pablo Pitta e dEPA



Fig. 200 - Maquete de estudo



Fig. 201 - Fotomontagem

e o alinhamento da Casa das Cadeiras. Ponderou-se utilizar apenas o muro, contudo, deixando apenas este elemento este espaço continuaria a ter carácter de traseiras, algo que se pretende mudar. Inicialmente houve a tentação de, segundo alguns desenhos do projeto original desenhar um anfiteatro na parte posterior do edifício das Caldeiras, contudo verificou-se que as cotas eram demasiado íngremes para o efeito. Com esta opção posta de parte desenhou-se um edifício enterrado que faz frente para os jardins da AAC e ao mesmo tempo desenha também um novo espaço de entrada no volume de betão. Este edifício alberga a Sala de Ensaios da Fanfarra Académica, comportando também um espaço polivalente. O edifício define a parede de suporte da encosta com um carácter de muro habitado pretende quebrar a barreira da encosta e trazer vida às traseiras do edifício das Caldeiras. No entanto não deixa de manter o Bloco de betão como um momento isolado na Encosta.

Optou-se também por desenhar um novo volume, na subida para as traseiras do Departamento de Arquitectura e na continuidade do Edifício II da Faculdade de Psicologia. Neste momento existem três edifícios que são utilizados por secções da AAC, encontrando-se num estado bastante precário. À cota destes edifícios existe um espaço de respiração onde temos um ponto de vista bastante interessante para as IAC e os Jardins, resolveu-se então desenhar um espaço de paragem regular que remata a rampa de Acesso ao Departamento de Arquitectura e o percurso que liga ao Bairro Sousa Pinto. Na sua continuidade desenhou-se um edifício longitudinal que acompanha a subida de cota e vai ligar ao edifício da Faculdade de Psicologia servindo de extensão desta Faculdade. No topo das monumentais desenhou-se a cantina com uma implantação semelhante à do arquitecto Byrne, que funciona também como fim do percurso assistido da Encosta das Virgens. Edificou-se como um prolongamento da cota de chegada das Escadas, havendo apenas um volume saliente com os acessos à cota da Alta. A cantina veio suprir a diminuição do espaço de cozinhas e armazenamento que foi retirado do Corpo III, a sua cobertura verde é um prolongamento da massa arbórea da Encosta das Virgens, o que levou à sua inutilização como parque de estacionamento. Retiraram-se também os volumes no topo das monumentais, o pequeno quiosque instalado em frente do Colégio de São Jerónimo e o pórtico do estacionamento, para que este espaço fique mais limpo e claro na sua relação com a Praça de Dom Dinis.

Este Desenho clarifica este espaço expectante ao mesmo tempo que lhe traz outra vivência na sua relação com a cidade.

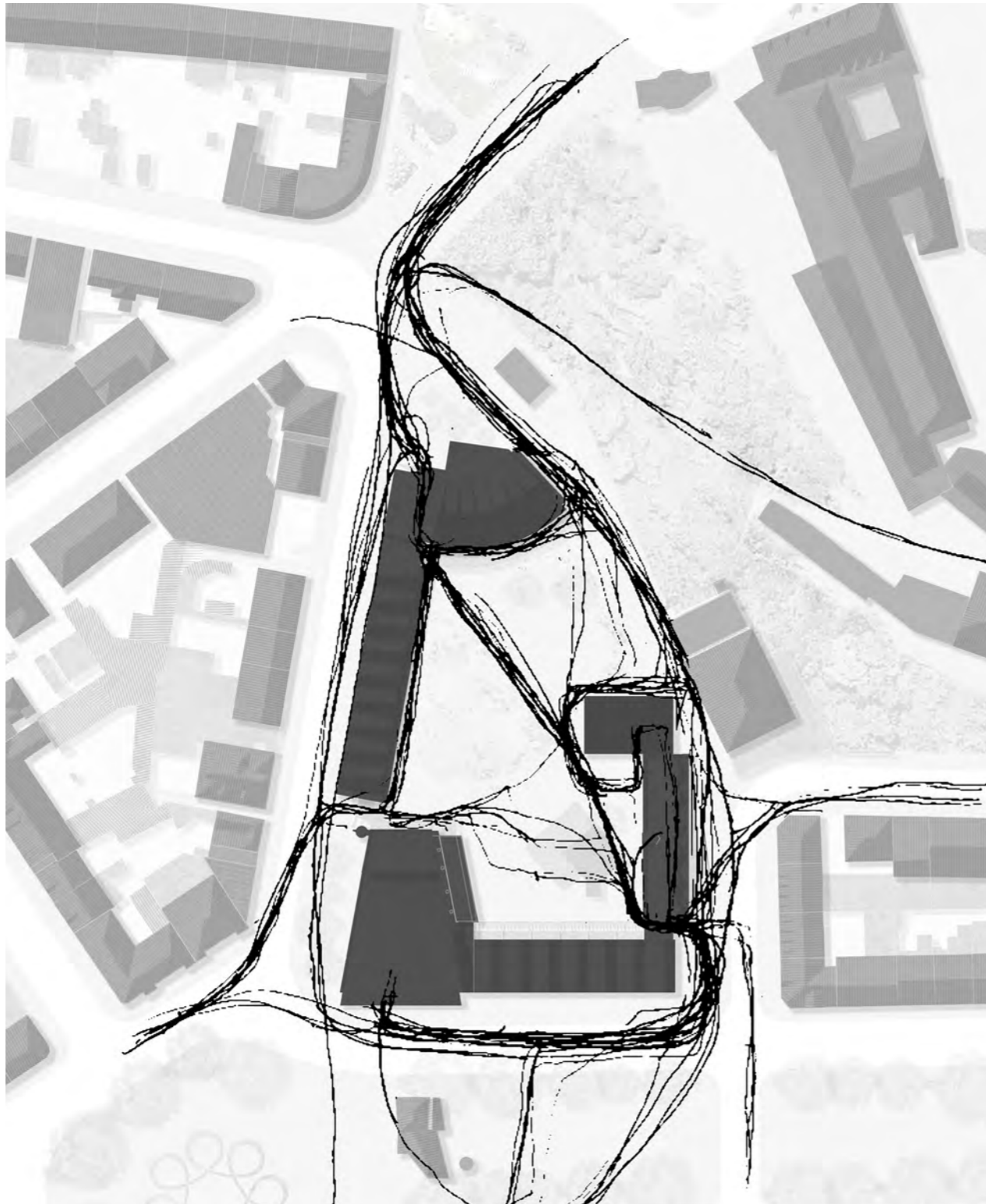


Fig. 202 - Planta de Análise de Fluxos

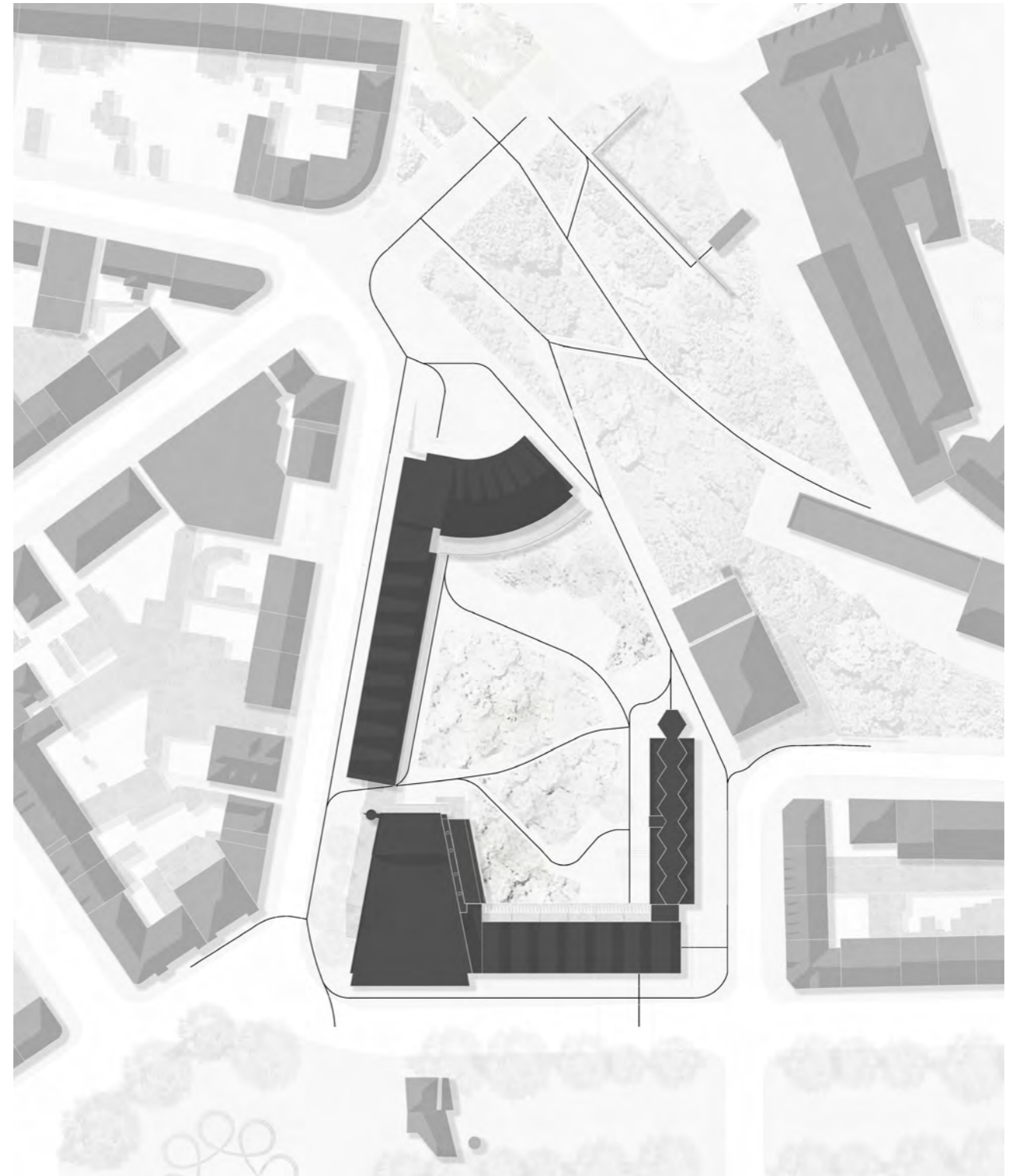


Fig. 203 - Planta de Proposta de Fluxos

O novo mapa de fluxos

Sendo uma das ideias fulcrais do projeto a condição das Instalações Académicas de Coimbra enquanto rótula entre a Alta e a restante cidade, foi fundamental um pensamento crítico sobre os fluxos e a movimentação de pessoas à volta e dentro do complexo académico.

Pretende-se uma clarificação da circulação, assim como uma já referida abertura clara do edifício à cidade, permitindo uma melhor conexão urbana do conjunto.

A circulação no próprio interior do edifício também foi alvo de reflexão, especialmente na questão da mobilidade reduzida, foram colocados elevadores quer no Bloco III onde não existiam, quer no bloco de gabinetes, multiplicando as caixas de escadas, aumentando assim a exclusividade do conjunto edificado, assim como uma aproximação às normas regulamentares atuais, não sendo possível cumprir na integra sem prejudicar o conjunto.

Uma mudança bastante importante que se propõe, tendo em conta os fluxos foi a clarificação da entrada pela Rua Padre António Vieira, havendo um alargamento e a nível interior a criação de um maior átrio, à escala da sua utilização. Cria-se também a dinâmica de atravessamento entre a Avenida Sá da Bandeira e os Jardins da AAC resultando numa ideia de permeabilidade, ausente do desenho original. Este desenho tem como objectivo dignificar o conjunto e a vivência da própria comunidade estudantil.

O desenho dos jardins pretende também estabelecer os principais fluxos de atravessamento, em conjunto com o desenho original. A diagonal Corpo II/Corpo III é um dos momentos mais notórios do novo desenho que não estava previstos originalmente. A inexistência das escadas de acesso ao jardim no projeto original, contudo com a construção das escadas e o aumento da sua dimensão e importância neste projeto levou a que se tornasse fulcral uma valorização desta diagonal no desenho dos jardins.

Importante também é a definição da rua de Entre-Muros na lógica de ligação da Praça António Luís Gomes e a Rua Padre António Vieira. Este percurso foi reposto ao mesmo tempo da reabilitação da Casa das Caldeiras. Existe um momento de paragem entre as Caldeiras e as IAC marcando a entrada nos jardins da IAC e a transição da Rua Padre António Vieira que antes era feita com a traseira do Paineiro de Abel Manta.

Na Encosta das Virgens privilegiou-se uma cuidada convivência entre as Escadas Monumentais, enquanto anteriormente esta era maioritariamente utilizado pelos estudantes de Arquitectura e de Ciências da Educação. As alterações propostas permitem um acesso facilitado à praça de Dom Dinis servindo toda a alta.

Pretende-se respeitar o desenho original e os atuais fluxos de pessoas, interpretando as novas dinâmicas de abertura do edificado e privilegiando a transparência e a circulação integral de todo o edifício.



Fig. 204 - Termas de São Pedro do Sul de João Mendes Ribeiro



Fig. 205 - Casa da Música dos OMA

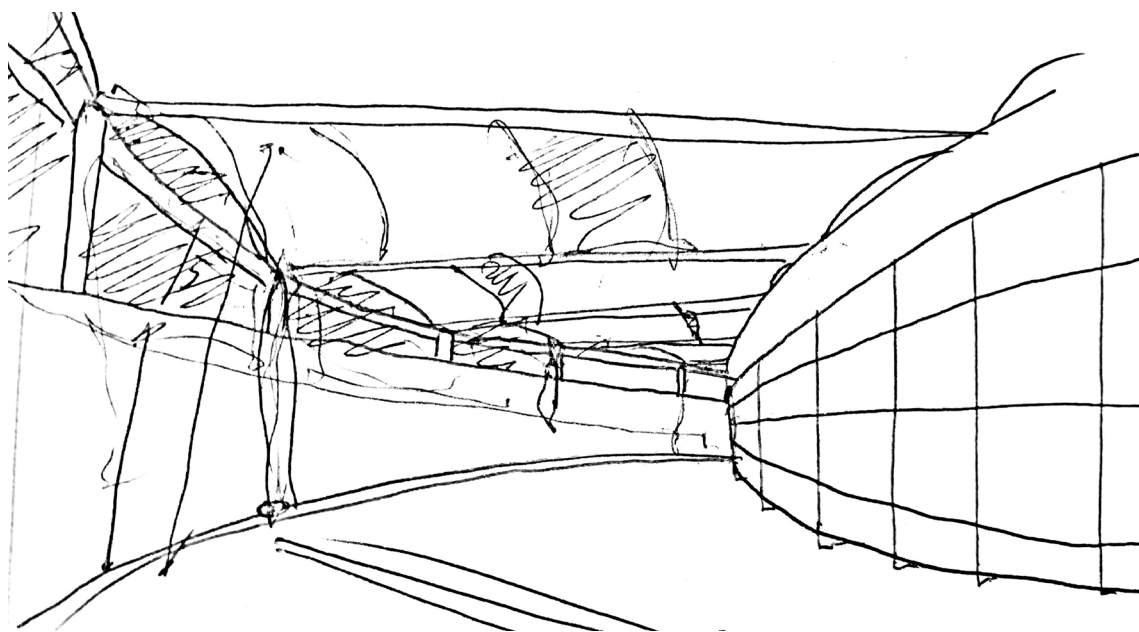


Fig. 206 - Esquisso de projeto

Definição Material e Construtiva da Proposta

Na abordagem à materialização do desenho projetado, foi importante a leitura e compreensão do objeto edificado, de forma a que as soluções tomadas vão de encontro uma coerência formal entre a nova intervenção e o que se mantém, é exatamente onde o novo e o existente coabitam que se colocam os pontos mais importantes do projeto. É de referir também que grande parte dos problemas inerentes da idade do edifício mostram-se, como mencionado anteriormente, nas patologias que o edifício hoje possui. É, portanto, importante dar solução a estes constrangimentos, que impedem a melhor utilização do conjunto. Importou também atender às técnicas construtivas originais, para as correções necessárias, assim como à coerência formal como é recomendado pela ICONOS.

No que concerne ao isolamento térmico do edifício, foi necessário tomar uma decisão importante, sendo que o ideal seria isolar todo o edifício com vista à melhoria das condições térmicas e do ambiente interior, no entanto, existem alguns constrangimentos a esta ação, nomeadamente na Zona do Bar e Salas de ensaio, pois a espessura do caixilho, formado por tubulares e cantoneiras a suportar vidro simples tem apenas a espessura de 3 cm e é colocado em contacto com a laje, havendo apenas 2 cm de reboco a separá-los. No exterior vemos um aparelho de pedra fixado com argamassa, o que torna impossível o isolamento pelo exterior, assim como no interior. De forma a manter a imagem original, esta zona não será isolada termicamente, optou-se por uma maior ventilação com as novas aberturas propostas e a instalação de um sistema de aquecimento, ventilação e ar condicionado [AVAC] colmatando assim alguns constrangimentos que a decisão poderia acarretar. No Teatro Académico não serão necessárias intervenções deste nível pois foi assegurado o conforto térmico na intervenção de 2004.

Ainda no Corpo II importa falar das novas aberturas que são rasgadas de pilar a pilar, respeitando os módulos estruturais são limitadas ao exterior por um caixilho deslizante com uma expressão mínima tal como os originais. No interior retira-se toda a tijoleira negra e coloca-se um pavimento em epóxi tipo marmorite fazendo assim uma associação ao pavimento existente.

Na cobertura deste corpo, assim como das cantinas e restante Corpo III, optou-se por uma solução que mantivesse o aspecto do betão à vista, assim como no original.

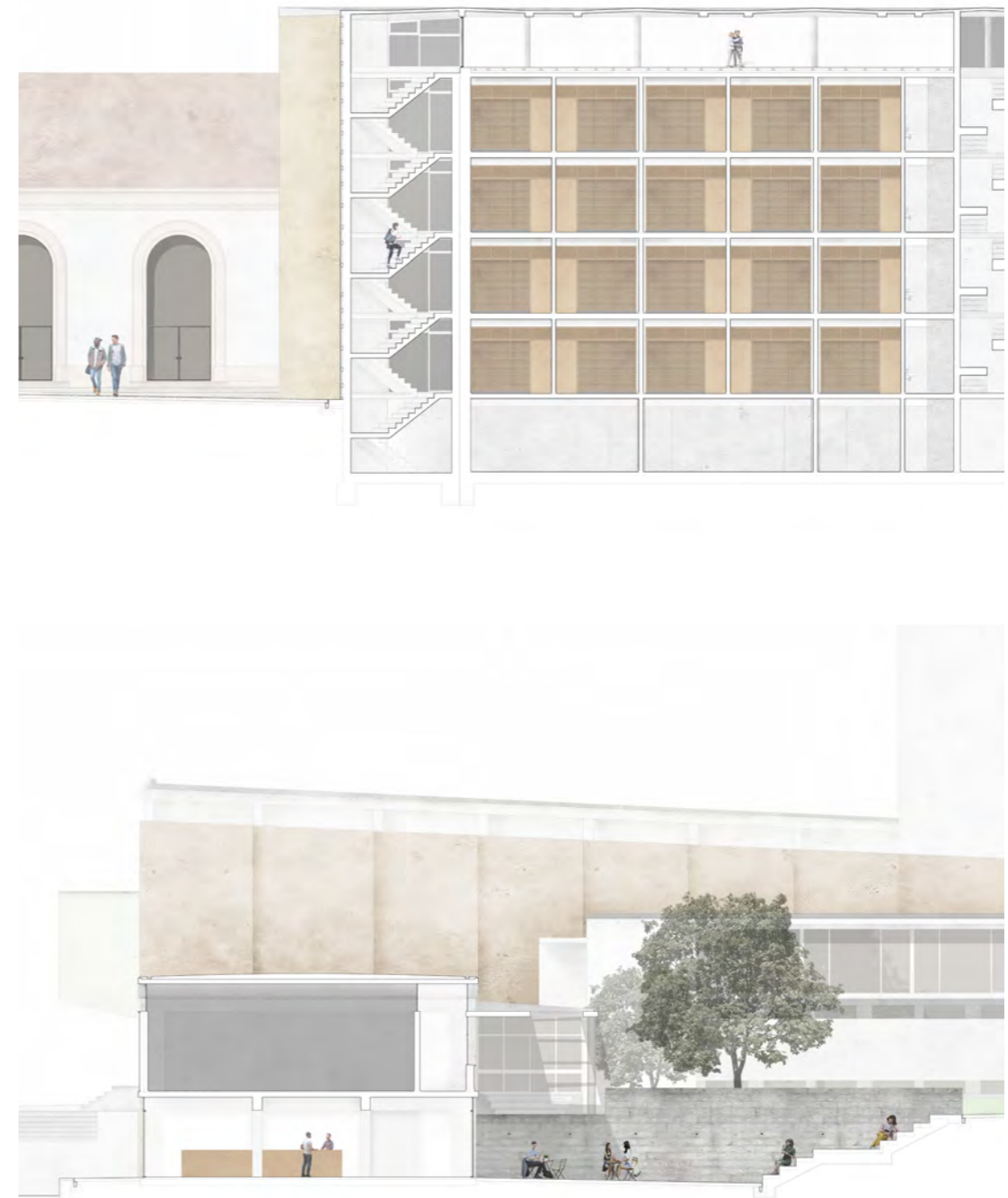


Fig. 207 e 208 - Cortes do Projeto



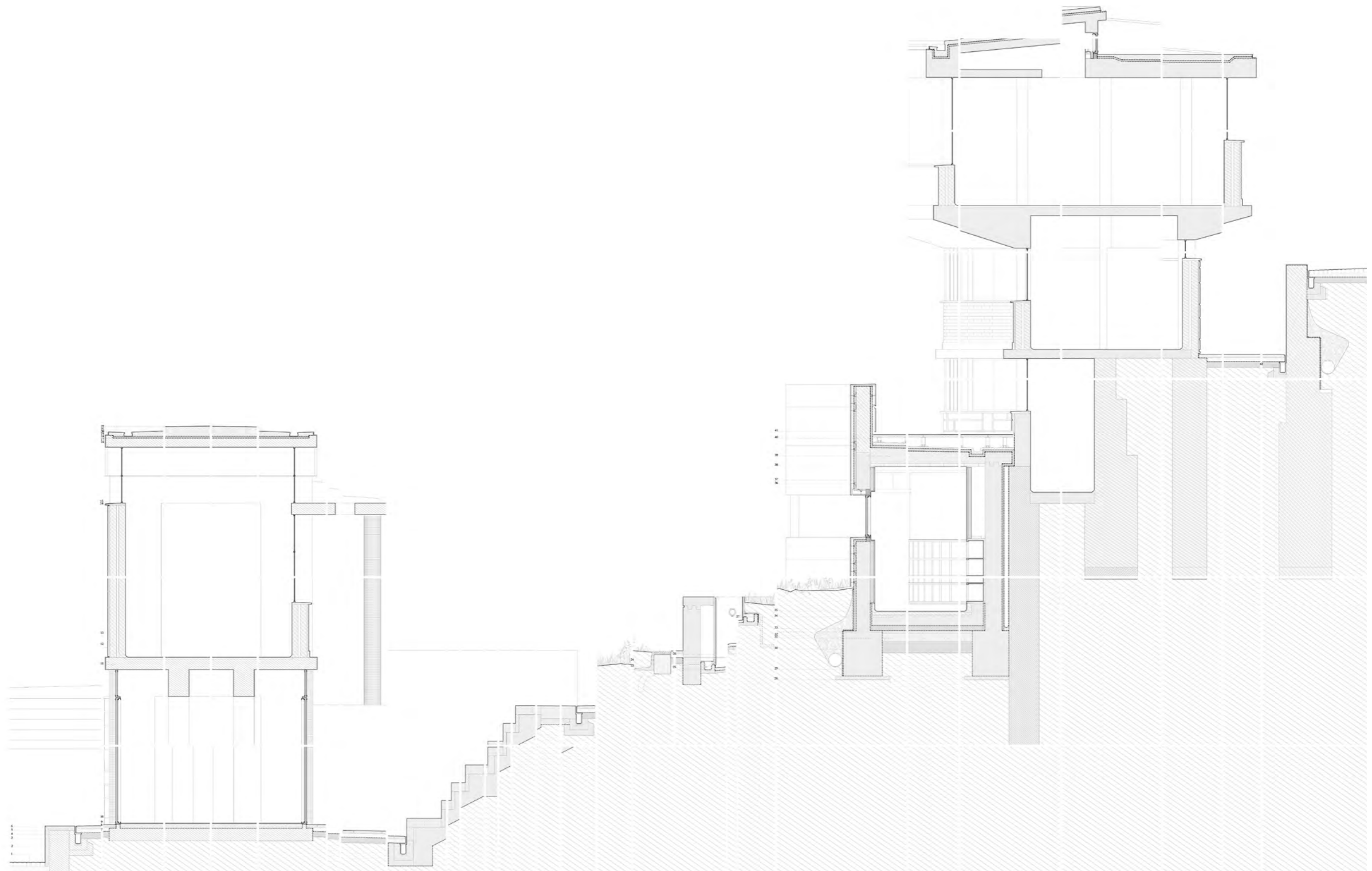


Fig. 209 - Pormenor Construtivo

Optou-se por uma solução semelhante à Casa da Música, onde é feito um tratamento com telas, onde posteriormente assenta uma camada de betão de regularização, encaminhando para uma caleira ao longo de toda o perímetro do edifício.

No Corpo I há duas questões construtivas principais a ser tratadas, o novo volume de acessos e o tratamento térmico do espaço. Quanto ao isolamento térmico opta-se por uma solução interior dentro de uma parede de gesso cartonado, que permite o maior conforto interior. Coloca-se também um sistema de AVAC que percorre o edifício no interior de um teto rebaixado também em gesso cartonado nos corredores centrais distribuindo-se assim pelos diferentes gabinetes e pelo espaço comum. Na cobertura aplica-se a mesma função percorrível do terraço do Corpo III, retirando todas as divisórias de vidro existentes e colocando um pavimento em lajetas de pedra sob pedestais, isolando e impermeabilizando toda a cobertura do edifício. O novo volume de acessos possui uma estrutura autónoma que se aglutina ao Corpo I assim como já acontecia com o volume da antiga sala de estudo. Este elemento é integralmente em betão, dado o facto de servir para acessos, com um conjunto de escadas e um espaço para elevador, necessitando assim desta carga estrutural, é posteriormente revestido a pedra da mesma forma que nos restantes novos volumes propostos aglutinando-se ao edifício existente com uma junta de dilatação que é revestida com uma peça metálica.

Já no volume curvilíneo das cantinas apercebemo-nos que este já anteriormente sofreu uma mudança na caixilharia, assim como aconteceu o mesmo no piso da nova sala de estudo, posto isto e como já não é reconhecível aqui a caixilharia original optou-se por colocar os mesmos caixilhos do Corpo I que ao mesmo tempo que mais se aproximam do original, por serem terem a espessura reduzida ao mesmo tempo que o vidro duplo proporciona um melhor e mais adequado desempenho térmico tendo em conta os programas propostos para estes locais, sala de estudo e cantina.

O novo volume que surge do terraço existente segue o alinhamento estrutural em leque do edifício curvilíneo das Cantinas e delimita-se pela medida existente, 5,5 metros. Constrói-se uma parede de betão armado de 30 centímetros com distanciamento de 20 centímetros do muro de contenção em alvenaria hidráulica de pedra rija, com vista a deixar uma folga para passar uma calha para recolha de águas entre estas duas paredes. O espaço interior terá um vão de 5 metros que será suportado por um sistema de laje aligeirada em abobadilha curva e vigota. Tomou-se esta decisão, com vista a respeitar a lógica construtiva do edifício, ao mesmo tempo interpretando-a de forma a conseguir dar uma nova espacialidade, remetendo às coberturas abobadadas dos restantes corpos. O volume é revestido a pedra calcária de 2 cm de espessura com fixadores no betão e alvenaria. No interior as vigotas são postas à vista e as restantes paredes são de gesso cartonado. No lado interior vemos também um armário para uso dos utilizadores do espaço de Coworking em madeira de pinho. Na parte superior ao armário coloca-se o sistema de canalização de recolha de água. Os pavimentos à semelhança do bar são revestidos em epóxi autonivelante tipo marmorite, rematando no gesso cartonado. O isolamento é feito

Para além da Utopia



Fig. 210 - Pormenor Construtivo

pelo exterior aproveitando os fixadores da pedra. Na parte superior vemos uma cobertura percorrível em lajetas de pedra suportadas por pedestais. Na ligação entre a nova cobertura percorrível e o edifício curvilíneo coloca-se uma cantoneira com vista a rematar as telas de impermeabilização.

No que respeita aos jardins há um novo desenho no qual é colocado o pavimento de pedra calcária. Nas zonas onde é necessário colocar a pedra opta-se pela solução de colocar uma camada de 15 centímetros de betão de regularização e limpeza, com uma tela antes de colocar a pedra em lajetas de 6 centímetros de espessura, sempre com a pendente necessária a encaminhar as águas. Nas escadas de acesso ao Bar, opta-se por colocar a pedra com a espessura do degrau. Ainda nos jardins temos um ponto que merece atenção: o lago. Não possuindo artificios que proporcionem a mudança e limpeza da água, o lago acaba por ficar com um aspecto lamentável e pouco salubre, acabando por ser pouco apreciado pela comunidade académica. Optou-se, portanto, por colocar um sistema de recirculação de água, com vista à renovação e limpeza deste. Este sistema funciona de forma semelhante aos de uma piscina. Do lado do jardim temos a renovação de água e do lado das Cantinas temos a recolha de água, que pode ser posteriormente usada para a rega do jardim, por exemplo. tanto a entrada como a saída são definidas com chapa de aço pintada a negro reduzindo a sua presença. a maquinaria necessária para este processo está junto do novo volume construído no terraço das Cantinas. Este sistema é usado por exemplo na manutenção do espelho de água da Adegas Mayor do Arquitecto Álvaro Siza em Campo Maior. Para definir a sua forma é também usado um muro de betão.

As soluções procuram, portanto, homogeneizar a intervenção quer de ampliação, quer de reabilitação, de forma coerente, porém não escondendo tudo o que é nova intervenção.

Para além da Utopia

Considerações Finais

Este projeto é reflexo de uma investigação em torno dos estudantes e do seu papel enquanto atores no cenário urbano da cidade. Encara-se a utopia de todos terem lugar na Universidade e no fundo na sociedade como matéria de projeto. A história da Academia faz-nos refletir sobre o papel ativo da comunidade académica nos assuntos que os rodeiam, assim como na importância da vida cultural e recreativa enquanto formação complementar.

As Instalações Académicas de Coimbra representam este ideal coletivo, quer pelas instituições que nele estão representadas, quer pela sua referência enquanto centro social e cultural. A deterioração do edifício desde a sua inauguração é uma perda para a cidade e para a cultura arquitectónica, que vê um dos seus mais notáveis exemplos modernistas perder a sua integridade e identidade. Até hoje várias foram as intenções para o edifício, as que envolviam mudanças mais significativas não acabaram por ver a luz do dia, por falta de consenso, por falta de financiamento ou quem sabe, por falta de interesse. Contudo, as alterações que ocorreram não estão dissociadas de uma grande mudança do paradigma universitário que decorreu da democratização do ensino pós 25 de Abril, assim como as novas formas de estar e interagir entre a comunidade académica. Os estudantes não são os mesmos da década de 60, a quantidade de universitários cresceu exponencialmente e os seus interesses mudaram com eles. Este foi um fator determinante nesta dissertação, pois não se resolveriam os problemas das IAC fazendo um restauro integral e voltando ao projeto original. Os edifícios não são intocáveis, não se podendo descartar automaticamente alterações que, não prejudicando o conceito global do edifício, o valorizem. O receio da intervenção pode levar a uma estagnação que neste caso específico, um edifício coletivo em constante transformação, e posteriormente ao abandono.

A sua condição enquanto espaço social também deve implicar a participação da comunidade nas decisões e alterações ao conjunto. A sua importância na vivência do espaço não se deve sobrepor a uma visão estritamente analítica e formal de um certo conjunto. Posto isto, torna-se fundamental uma aproximação às vontades dos intervenientes no espaço, pois, sem a participação destes o projeto pode ser formalmente interessante, mas não irá de acordo ao que realmente será necessário. Neste projeto pretendeu-se colmatar

Para além da Utopia

esta situação com os inquéritos, o mapa de fluxos e várias conversas informais com utilizadores das IAC. A reabilitação do edifício deve ser o espelho da comunidade onde se insere, assim como da análise formal à envolvente.

A ideia da abertura do edifício à cidade não se trata apenas de uma decisão meramente formal, mas vai de encontro ao que foi sendo demonstrado pela Academia desde os tempos do antigo Teatro Académico. Deve haver a possibilidade da Tuna Académica poder facilmente dar um concerto nos jardins, ou o TEUC fazer uma atuação que extravase os limites do edifício. A comunidade académica e coimbrã deve-se sentir à vontade para usufruir desses e participar na ideia coletiva das IAC, só assim esta se concretiza.

À análise das dinâmicas dos estudantes em Coimbra, juntaram-se as contribuições de três casos de estudo distintos que nos mostram as várias opções a considerar no que diz respeito às instalações académicas. A importância dos espaços multifuncionais e informais é transversal aos casos de Aveiro, Chicago e Porto, assim como é importante uma forte relação com a envolvente.

O projeto baseou-se na criteriosa fusão destes fatores, resultando na proposta apresentada. Pareceu também importante para a narrativa do projecto apresentar ao mesmo tempo que a solução final, os caminhos que levaram ao desenho. Os desenhos, maquete ou esquemas usados no decorrer do projeto são aqui expostos como forma de contextualizar as opções tomadas, reforçando o papel do processo na arquitectura. O resultado deste trabalho é uma proposta que parte do território e vai até ao pormenor construtivo.

Este trabalho pretende dar um contributo para a discussão em torno das IAC, apresentando algumas soluções, para um problema cada vez mais discutido dentro da *Academia*. Não se trata apenas de recuperar um exemplar notável da Arquitectura Moderna em Portugal, mas também de dar condições e valorizar um conjunto de instituições que foram direta ou indiretamente contribuindo para a história da cidade e do país.

Para além da Utopia

Fontes de Imagens

Fig. 1 - **Fotografia aérea das Instalações Académicas de Coimbra** - Fotografia de Francisco Paixão

Fig. 2 - **Ilustração a partir de uma imagem de Abel Manta** - Manipulada pelo autor, original disponível em: <http://historia-dos-tempos.blogspot.com/2009/08/os-dias-loucos-do-prec.html> obtido em junho de 2020

Fig. 3 - **IAC em construção** - Retirado da dissertação “Monumentalidade Moderna”

Fig. 4 - **Ilustração do Colégio de São Paulo, o Apóstolo** - disponível em <https://e-cultura.blogs.sapo.pt/tag/coimbra> obtido em maio de 2020

Fig. 4 e 5 - **Perfil e Planta de localização do Colégio de São Paulo, o Apóstolo** - desenhos retirados da dissertação “A Rua Larga de Coimbra” manipulado pelo autor

Fig. 6 e 7 - **Imagens do Colégio de São Paulo, o Apóstolo** - retirado de <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/tag/d.+jo%C3%A3o+iii> obtido em maio de 2020

Fig. 8 - **Imagem aérea do Colégio da Trindade** - retirado de <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/06/associacao-academica-de-coimbra.html> obtido em maio de 2020

Fig. 9 - **Sede temporária da AAC** - retirado do livro “A velha alta... Desaparecida”

Fig. 10 e 11 - **Perfil e Planta de localização do Colégio de São Paulo, o Eremita** - desenhos retirados da dissertação “A Rua Larga de Coimbra” manipulado pelo autor

Fig. 12 - **Estudantes na preparação da Tomada da Bastilha** - retirado de <http://penedosaudade.blogspot.com/2010/> obtido em junho de 2020

Fig. 13 - **Baile da AAC no Salão do Colégio de São Paulo, o Eremita** - Imagem do Arquivo do Museu Académico

Fig. 14 - **Fachada Principal do Colégio de São Paulo, o Eremita** - retirado do livro “A velha alta... Desaparecida”

Fig. 15 - **Planta do Projeto de Cottinelli Telmo da Cidade Universitária de Coimbra** - Retirado da dissertação “Monumentalidade Moderna”

Fig. 16 - **Planta ilustrada da Alta de Coimbra antes das demolições** - Imagem do Arquivo do Museu Académico

Fig. 17 - **Ilustração da Tomada da Bastilha II** - Imagem do Arquivo do Museu Académico

Fig. 18 - **Planta de localização das Instalações Académicas de Coimbra** - Retirado da

Para além da Utopia

dissertação “Monumentalidade Moderna”

Fig. 19 a 23 - **Imagens do processo de projeto das IAC** - Retirado da dissertação “Monumentalidade Moderna”

Fig. 24 - **Planta de localização atual das IAC** - Imagem produzida pelo autor

Fig. 25 a 28 - **Fotografias das IAC** - Biblioteca de Arte da Fundação Caloust Gulbenkian disponível em <https://www.flickr.com/photos/biblarte/> obtido em junho de 2019

Fig. 29 e 30 - **Perfil e planta de localização das Instalações Académicas de Coimbra** - desenhos retirados da dissertação “A Rua Larga de Coimbra” manipulado pelo autor

Fig. 31 - **Fotografia aérea das Instalações Académicas de Coimbra** retirado de <https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2020/04/27/varela-pecurto/> obtido em junho de 2019

Fig. 32 a 34 - **Fotografias da Crise Académica** - retiradas de <http://originais2010.blogspot.com/2019/04/crise-academica-de-1969-luta-das-capas.html> obtido em maio de 2020

Fig. 35 - **Protesto dos estudantes em Lisboa** retirado de <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/25-mar-2020/estudantes-na-rua-contras-propinas-e-pga-11980870.html> obtido em maio de 2002

Fig. 36 - **Assembleia Magna nos jardins (2017)** - retirado de <https://www.acabra.pt/2017/04/assembleia-magna-nos-jardins-da-aac-regime-fundacional-pano-fundo/> obtido em maio de 2020

Fig. 37 e 38 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 39 - **Fotografia de Maquete** - Produzida pelo autor

Fig. 40 a 43 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 44 e 45 - **Fotografias do edifício** - Retiradas de <https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2017/11/03/antonio-bracons-aac-associacao-academica-de-coimbra-2017-1/> obtido em maio de 2020

Fig. 46 - **Corpo II - TAGV** - Retirado de https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Teatro_Acad%C3%A9mico_Gil_Vicente2.JPG obtido em junho de 2020

Fig. 47 - **Corpo II - Salas de ensaio e bar** - Fotografia de Carolina Pita

Fig. 48 e 49 - **Corpo II - Fotografias do edifício** - Retiradas de <https://www.skyscrapercity.com/threads/coimbra-avenida-s%C3%A1-da-bandeira.432484/page-4> em junho de 2020

Fig. 50 - **Pormenor construtivo Corpo III** - Retirado da dissertação “Monumentalidade Moderna”

Fig. 51 - **Fachada do Corpo III** - Fotografia do autor

Fig. 52 e 53 - **Fotografias do edifício** - Retiradas de <https://www.ruc.pt/2019/12/17/a-velhice-do-edificio-sede-da-aac/> em junho de 2020

Fig. 54 e 55 - **Fotografias do edifício** - Fotografia de Carolina Pita

Fig. 56 e 57 - **Fotografias do edifício** - Retiradas de <https://www.ruc.pt/2019/12/17/a-velhice-do-edificio-sede-da-aac/> em junho de 2020

Fig. 58 a 61 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 62 - **Jardins da AAC atualmente** - Fotografia de Francisco Paixão

Fig. 63 - **Gabinetes do TAGV** - Fotografia do autor

Para além da Utopia

Fig. 64 e 65 - **Fotografias do edifício** - Fotografia do autor - Retiradas de <https://www.skyscrapercity.com/threads/coimbra-avenida-s%C3%A1-da-bandeira.432484/page-4> em maio de 2020

Fig. 66 a 68 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 69 - **IAC, Projeto de Gonçalo Byrne** - retirado de <https://www.bbarquitectos.pt/05-Requalificacao-da-Associacao-Academica-de-Coimbra> obtido em fevereiro de 2020

Fig. 70 - **Casa do Estudante de Aveiro** - Fotografia do autor

Fig. 72 - **IIT Campus Center** - Retirado de <https://www.architonic.com/en/project/oma-the-mccormick-tribune-campus-center/5100219> obtido em maio de 2020

Fig. 73 - **Maquete do Concurso “Alta de Volta”, Gonçalo Byrne** - Retirado da dissertação “O Poder da Arte”

Fig. 74 - **Projeto para os jardins das IAC** - PROAP - Retirado de <http://www.proap.pt/pt-pt/project/alta-universitaria-de-coimbra/> obtido em maio de 2020

Fig. 75 - **Planta da Proposta de Gonçalo Byrne**- Retirado de <https://www.bbarquitectos.pt/05-Requalificacao-da-Associacao-Academica-de-Coimbra> obtido em maio de 2020

Fig. 76 e 77 - **Fotografias da Casa do Estudante de Aveiro** - Fotografias do autor

Fig. 78 - **Bar do Estudante** - Retirado de <https://www.facebook.com/AAUAv/> obtido em junho de 2020

Fig. 79 a 90 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 91 e 92 - **Fotografias do Polo Zero** - Retiradas de <https://www.juponline.pt/educacao/artigo/14754/polo-zero-torna-se-finalmente-realidade.aspx> obtido em maio de 2020

Fig. 93 a 95 - **Fotografias do IIT Campus Center** - Retiradas de <https://oma.eu/projects/iit-mccormick-tribune-campus-center> obtido em maio de 2020

Fig. 96 a 109 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 96 a 109 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 110 - **Planta do piso 0** - Produzida pelo autor

Fig. 111 - **Corpo I e II** - Fotografia do autor

Fig. 112 e 113 - **Meelfabriek de Peter Zumthor** - Retiradas de https://afasiaarchzine.com/2010/07/peter-zumthor_22-2/ obtido em janeiro de 2020

Fig. 114 e 121 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 122 - **Maquete de estudo** - Produzida pelo autor

Fig. 123 - **Esquisso de Projeto** - Produzido pelo autor

Fig. 124 - **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 125 - **Planta do piso 1** - Produzida pelo autor

Fig. 126 - **Encontro entre Corpo II e III** - Fotografia do autor

Fig. 127 - **Casa do Cinema Manuel de Oliveira de Alvaro Siza** - Retirada de <https://www.jn.pt/artes/casa-do-cinema-e-dos-momentos-mais-importantes-da-historia-de-serralves-11025564.html> obtido em janeiro de 2020

Fig. 128 e 138 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 139 - **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 140 - **Corpo III** - Fotografia do autor

Fig. 141 e 144 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 145 - **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 146 - **Planta do piso 2** - Produzida pelo autor

Para além da Utopia

Fig. 147 - **Corpo I** - Fotografia de Carolina Pita

Fig. 147 - **Corpo I visto dos jardins** - Retiradas de <https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2017/11/03/antonio-bracons-aac-associacao-academica-de-coimbra-2017-1/> obtido em maio de 2020

Fig. 150 e 154 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 155- **Fotomontagem de estudo** - Produzida pelo autor

Fig. 156- **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 157 - **Planta do piso 3** - Produzida pelo autor

Fig. 158 - **Corpo III** - Retirada de <https://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings/aac>

Fig. 158 - **Polo Zero, Porto**- Retirada de <https://trabalhador.pt/os-melhores-locais-para-estudar-no-porto/> obtido em maio de 2020

Fig. 160- **Fotomontagem da Herdade de Torre Vã de João Mendes Ribeiro** - Retirada de <http://www.herdadatorreva.com/> obtido em maio de 2020

Fig. 161 e 165 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 166 e 167 - **Fotomontagens** - Produzida pelo autor

Fig. 168 e 170 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 171- **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 172 a 175 - **Cortes do Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 176 - **Jardins das IAC** - Fotografia de Francisco Paixão

Fig. 177 - **Praça do Fonte Nova de José Adrião** - Retirada de <https://joseadriao.com/portfolio/fonte-nova/> obtido em fevereiro de 2020

Fig. 178 - **Ginásio de Livio Vacchini** - Retirado de <https://www.subtilitas.site/post/110200304854/livio-vacchini-gymnasium-losone-1997-photos> obtido em maio de 2020

Fig. 179 e 182 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 183- **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 184 e 186 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 187- **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 188 - **Encosta** - Fotografia de Francisco Paixão

Fig. 189 e 193 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 194 - **Planta do Projeto** - Produzida pelo autor

Fig. 195 - **Corte do Projeto** - Produzido pelo autor

Fig. 196 e 197 - **Esquissos de Projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 198 - **Escadas Rolantes de Montemor-o-Velho de Miguel Figueira** - Retirado de <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/as-pedras-rolantes-de-montemor-o-velho/> obtido em maio de 2020

Fig. 199 - **Percursos Pedonais do Porto de Pablo Pitta e dEPA** - Retirado de <https://www.depa.pt/Pedestrian-Walkways> obtido em maio de 2020

Fig. 200 - **Maquete de estudo** - Produzida pelo autor

Fig. 201 - **Fotomontagem** - Produzida pelo autor

Fig. 202 e 203 - **Desenhos de análise** - Produzidos pelo autor

Fig. 204 - **Termas de São Pedro do Sul de João Mendes Ribeiro** - Retirado de <https://www.hotelvouga.com/balneario-romano/> obtido em maio de 2020

Fig. 205 - **Casa da Música dos OMA** - Retirado de <https://www.onepark.co/pt-pt/places/9000-parking-boavista> obtido em maio de 2020

Fig. 206 - **Esquisso de projeto** - Produzidos pelo autor

Fig. 207 a 2010 - **Desenhos de projeto** - Produzidos pelo autor

Para além da Utopia

BIBLIOGRAFIA

Publicações

Arroteia, Jorge, Portas, Nuno, Toussaint, Michel (2004) *Trinta anos de arquitectura: Universidade de Aveiro*, Lisboa, White & Blue

Associação Académica de Coimbra (2017) *Estatutos da Associação Académica de Coimbra*, Coimbra

Associação Académica de Coimbra (2009) *17 de Abril de 1969, Porque o sonho continua*, Coimbra, Comunicação e Imagem da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra

Associação Académica de Coimbra (2005) *A estrutura da causa*, Coimbra, Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra

Associação Académica de Coimbra (1991) *Guia do Caloiro 1991*, Coimbra, Gabinete de Apoio ao Estudante da Direção-Geral da AAC

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (1984) *A velha Alta... Desaparecida*, Coimbra, Almedina

Bandeirinha, José António (1998) *Os Edifícios da Associação Académica e o Teatro de Gil Vicente*. Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, n. 8: (82-87)

Bandeirinha, José António, e Susana Constantino (2015) *Conservação do Património: Edifícios Modernos. As Instalações Académicas de Coimbra, um Caso de Estudo*. Construção Magazine, nº66 Março (20-25)

Carvalho, Paulo Archer (1990) *In memoriam: notas para a tipologia mental da comunidade estudantil de Coimbra (1870-1945)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra

Campos, Joana, Murtinho, Vitor (2019) *O Património como projeto de intervenção urbana: o caso do Colégio da Trindade da Universidade de Coimbra*, Novas Fronteiras, Outros Diálogos: Cooperação e Desenvolvimento Territorial, Lisboa, Âncora Editora

Para além da Utopia

Campos, João Pedro (2009) *AAC - Os Rostos do Poder*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra

Costa, Alexandre, Távora, Fernando, Byrne Gonçalo, Ferreira, Raul Hestenes. (1997), *A Alta de Volta: concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente*. Coimbra: Edarq

Christenson, Mike (2017) *Critical Dimensions in Architectural Photography: Contributions to Architectural Knowledge*, Dacota do Norte, North Dakota State University

Cruzeiro, Celso (1989) *Coimbra, 1969. Crise académica, o debate das ideias e prática, ontem e hoje*, Porto, Edições Afrontamento

Figueira, Jorge (2007) *Em A noite em Arquitectura*, Lisboa, Relógio d'água Editores

Lamy, Alberto Sousa (1990) *A Academia de Coimbra 1537-1990*, Lisboa, Rei dos Livros

Leitão, Ana Maria, Costa, Anabela (2014) *O Real Colégio de São Paulo: acervo documental de um colégio universitário de Coimbra (1559-1834)*, Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra: (7-59)

Lobo, Rui Pedro (1999) *O Colégio da Trindade: estudo do edifício e levantamento da situação actual*, Coimbra:

Office for Metropolitan Architecture (2006) *AMOMA REM KOOLHAS I*, Madrid, Revista El Croquis

Ribeiro, Artur (2002) *Do Associacionismo da Associação Académica de Coimbra e da Tomada da Bastilha*, Coimbra, Coimbra Editora

Riso, Vincenzo (ed) (2014) *Modern Building Reuse: Documentation, Maintenance, Recovery and Renewal Proceedings of the Advanced Training Seminar Architecture: Sustainability, Conservation and Technology*, Guimarães, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Jeffrey Levin (ed) (2013) *Conservation Perspective the CGI Newsletter*, Los Angeles e Getty Conservation Institute

Torgal, Luís Reis, Ésther, Angelo Brigato (2014) *Que Universidade?*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra

Tostões, Ana (2015) *Património Moderno: a conservação e a reutilização como um recurso sustentável*, Revista Joelho, Coimbra, edarq

Pascoeiro, Liliana (2009) *Breve Contextualização ao tema da Democratização do acesso ao Ensino Superior, A presença de novos públicos em contexto universitário*, Educação, Sociedade & Culturas, n° 28

Para além da Utopia

Dissertações

Andrade, Inês Bernardo (2014), *Repúblicas Universitárias - Uma Estratégia para a Regeneração Urbana de Coimbra*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Boas, Ruben Neves (2010) *A Rua Larga de Coimbra - Das origens à atualidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Calado, Pedro (2010) *Próxima Paragem: Metro Mondego*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Calmeiro, Margarida (2014) *O Urbanismo Antes dos planos: Coimbra 1834 - 1934*, Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Caseiro, Virgílio (1992) *O Orfeon Académico de Coimbra desde 1880, Causas determinantes, objectivos e evolução*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Coimbra.

Ferreira, Carolina (2007) *Coimbra aos pedaços: uma abordagem ao espaço urbano da cidade*, Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Martins, Carlos Miguel (2013) *Coimbra 1969 -1970/80: Luto Académico, Tradição Coimbrã e Mudança Política*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Coimbra.

Martins, Milla Ouverney (2019) *Centro de Artes Visuais, Casa das Caldeiras e Estufas Tropicais do Jardim Botânico, em Coimbra Para uma leitura do processo criativo de João Mendes Ribeiro*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto

Mendes, Rui (2004) *Instalações Académicas De Coimbra*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra

Rosinhas, Maria Isabel (2015) *O Teatro Baquet – Da fundação às cinzas (1859-1888)* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto

Rosmaninho, Nuno (2006) *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade

Para além da Utopia

Santos, Ana Carolina (2008) *O Espaço Entre*, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra

Silva, Alexandra (2009) *Movimento Estudantil e Resistência Cultural em Coimbra na Década de 1980*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra

Silva, João Miguel (2013) *A In-temporalidade da Arquitectura, O Colégio da SS. Trindade* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Silva, Susana Constantino (2016) *Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927—1959]. Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo*. Coimbra: Almedina.

Silva, Susana Constantino (2017) *Monumentalidade Moderna - As Instalações Académicas de Coimbra e a Arquitectura dos Centros Culturais no Pós-Guerra* Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, Coimbra

Artigos de Imprensa

Diário as Beiras (maio de 2011) *Maló de Abreu: “O meu sonho foi o de restaurar as tradições”* consultado em <https://www.asbeiras.pt/2011/05/malo-de-abreu-o-meu-sonho-foi-o-de-restaurar-as-tradicoes/> obtido em maio de 2020

Jornal da Universidade (abril de 2006) *AAC a “rebentar pelas costuras”*

Jornal a Cabra (outubro de 2007) *AAC: há 46 anos na Rua Padre António Vieira*

Jornal a Cabra (novembro de 2016) *Aumentar a consciência cívica” com os 96 anos da Tomada da Bastilha* consultado em <https://www.acabra.pt/2016/11/aumentar-consciencia-civica-os-96-anos-da-tomada-da-bastilha/> obtido em maio de 2020

Jornal a Cabra (abril de 2018) *‘Casa da Liberdade’ desvenda a antiga casa dos estudantes* consultado em <https://www.acabra.pt/2018/04/casa-da-liberdade-desvenda-a-antiga-casa-dos-estudantes> obtido em abril de 2020

Jornal a Cabra (abril de 2019) *Especial 50 anos da Crise Académica n.º295*

Jornal a Cabra (dezembro de 2019) *DG/AAC não interfere e bar não comenta,* <https://www.acabra.pt/2019/12/manutencao-dos-jardins-da-aac-dg-aac-nao-interfere-e-bar-nao-comenta/> obtido em maio de 2020

Para além da Utopia

Jornal a Cabra (novembro de 2019) *Fragmentação do espaço da AAC é tema no debate entre candidatos à DG/AAC* consultado em <https://www.acabra.pt/2019/11/fragmentacao-do-espaco-da-aac-e-tema-no-debate-entre-candidatos-a-dg-aac/> obtido em maio de 2020

Jornal a Cabra (maio de 2016) *Na abertura da sala de estudo falou-se de ação social* consultado em <https://www.acabra.pt/2016/05/abertura-da-sala-de-estudo-ficou-para-segundo-plano/> obtido em maio de 2020

Jornal a Cabra (março de 2016) *Obras na sala de estudo da AAC retomadas* consultado em <https://www.acabra.pt/2016/03/retomadas-as-obras-na-sala-de-estudo-da-aac/> obtido em maio de 2020

Jornal a Cabra (dezembro de 2017) *Reitoria e Direção-Geral em conversação sobre a nova gestão do edifício* consultado em https://issuu.com/acabra/docs/edic_a_o287 obtido em maio de 2020

Jornal a Cabra (novembro de 2019) *Tomada da Bastilha celebra 99 anos* consultado em <https://www.acabra.pt/2019/11/tomada-da-bastilha-celebra-99-anos/> obtido em maio de 2020

JornalismoPortoNet (outubro de 2016) *Pólo Zero, um espaço polivalente* consultado em <https://jpn.up.pt/2016/10/12/polo-zero-um-espaco-polivalente/> obtido em maio de 2020

Jornalissimo (outubro de 2013) *5 Perguntas a Daniel Freitas sobre o Pólo Zero*, consultado em <https://www.jornalissimo.com/dicas/745-5-perguntas-a-daniel-freitas-sobre-o-polo-zero> obtido em março de 2020

Público (novembro de 2007) *AAC Conservadora ou irreverente?* (entrevista por André Jegundo), consultado em <https://www.publico.pt/2007/11/03/jornal/aac--conservadora--ou-irreverente-236180> obtido em janeiro de 2020

Público (fevereiro de 2007) *“Edifício da Associação Académica sobrelotado e ‘mastigado’ pelos estudantes”* (entrevista por André Jegundo), consultado em <http://www.publico.pt/j120857>. obtido em janeiro de 2020

Público (dezembro de 2006) *Construção de bar nos jardins da AAC levanta polémica*, consultado em <https://www.publico.pt/2006/12/29/jornal/construcao-de-bar-nos-jardins-da-aac-levanta-polemica-114295> obtido em janeiro de 2020

Público (janeiro de 2007) *Obras embargadas nos jardins da AAC*, consultado em <https://www.publico.pt/2007/01/04/jornal/obras-embargadas-nos-jardins--da-aac-114947> obtido em janeiro de 2020

Para além da Utopia

Público (julho de 2013) *Pólo Zero dos Clérigos pronto para ser cedido à Federação Académica do Porto* consultado em <https://www.publico.pt/2013/07/05/jornal/polo-zero-dos-clerigos-pronto-para-ser-cedido-a-fap-26784303> obtido em março de 2020

Rádio Universidade de Coimbra (dezembro de 2017) “*O Edifício da AAC vai passar a funcionar (...) como devia*” Alvorada, consultado em <https://www.ruc.pt/2017/12/14/alvorada/> obtido em janeiro de 2020

Rádio Universidade de Coimbra (dezembro de 2019) *A velhice do edifício sede da AAC Minerva*, consultado em <https://www.ruc.pt/2019/12/17/a-velhice-do-edificio-sede-da-aac/> obtido em maio de 2020

The New York Times (Outubro de 2003) *Architecture Review; A Building With a Song in Its Heart* consultado em <https://www.nytimes.com/2003/10/02/arts/architecture-review-a-building-with-a-song-in-its-heart.html?pagewanted=all> obtido em abril de 2020

TSF (julho de 2015) *TAGV em Coimbra encerra para obras de remodelação*, consultado em <https://www.tsf.pt/vida/artes/tagv-em-coimbra-encerra-para-obras-de-remodelacao-4656222.html> obtido em janeiro de 2020

Instrumentos de Planeamento

Infraestruturas de Portugal (2019) *Sistema de mobilidade do Mondego, Adaptação a uma solução BRT - Metrobus*

Município de Coimbra (2012) *Regulamento Municipal de Edificação, Recuperação e Reconversão Urbanística da Área afeta à candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da UNESCO, incluindo a Zona de Proteção*. Coimbra, Diário da República

Município de Coimbra (2014) *Plano Director Municipal*. Coimbra, Diário da República

Byrne, Gonçalo (2012) *Estudos projectos e trabalhos preparatórios - Instalações Académicas de Coimbra* consultado em <http://worldheritage.uc.pt/pt/#aac/>

Conselho da Europa (1991) *Recomendação n.º R (91) 13 sobre a proteção do Património Arquitectónico do século XX*, consultado em http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=171&lang=pt

Iberian working party for documentation and conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the modern movement (2007) *Carta de Cádiz*, consultado em http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=171&lang=pt

Para além da Utopia

Comité Científico Internacional para o Património do Século XX (2011) *Critérios para a conservação do Património Architectónico do século XX Documento de Madrid* consultado em http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=171&lang=pt obtido em janeiro de 2020

Comunicação

Silva , Polybio, Soares, José Paulo (2019) *Tomada da Bastilha II e Tradição Académica*, Coimbra

Webgrafia

Architectonic (2003) *The McCormick Tribune Campus Center*, <https://www.architectonic.com/en/project/oma-the-mccormick-tribune-campus-center/5100219> obtido em março de 2020

Associação Académica de Coimbra (2020) <https://www.academica.pt/> obtido em junho de 2020

Associação Académica da Universidade de Aveiro (2020) <https://aauav.pt/> obtido em janeiro de 2020

BB Arquitectos (2020) *Requalificação da Associação Académica de Coimbra*, <https://www.bbarquitectos.pt/05-Requalificacao-da-Associacao-Academica-de-Coimbra> obtido em janeiro de 2020

Coroflot (2012) *McCormick Tribune Campus Center/IIT Wayfinding*, <https://www.coroflot.com/nicolengo/McCormick-Tribune-Campus-CenterIIT-Wayfinding> obtido em janeiro de 2020

Federação Académica do Porto (2020) <https://www.fap.pt/> obtido em janeiro de 2020

Office for Metropolitan Architecture (2018) *IIT McCormick Tribune Campus Center*, <https://oma.eu/projects/iit-mccormick-tribune-campus-center> obtido em janeiro de 2020

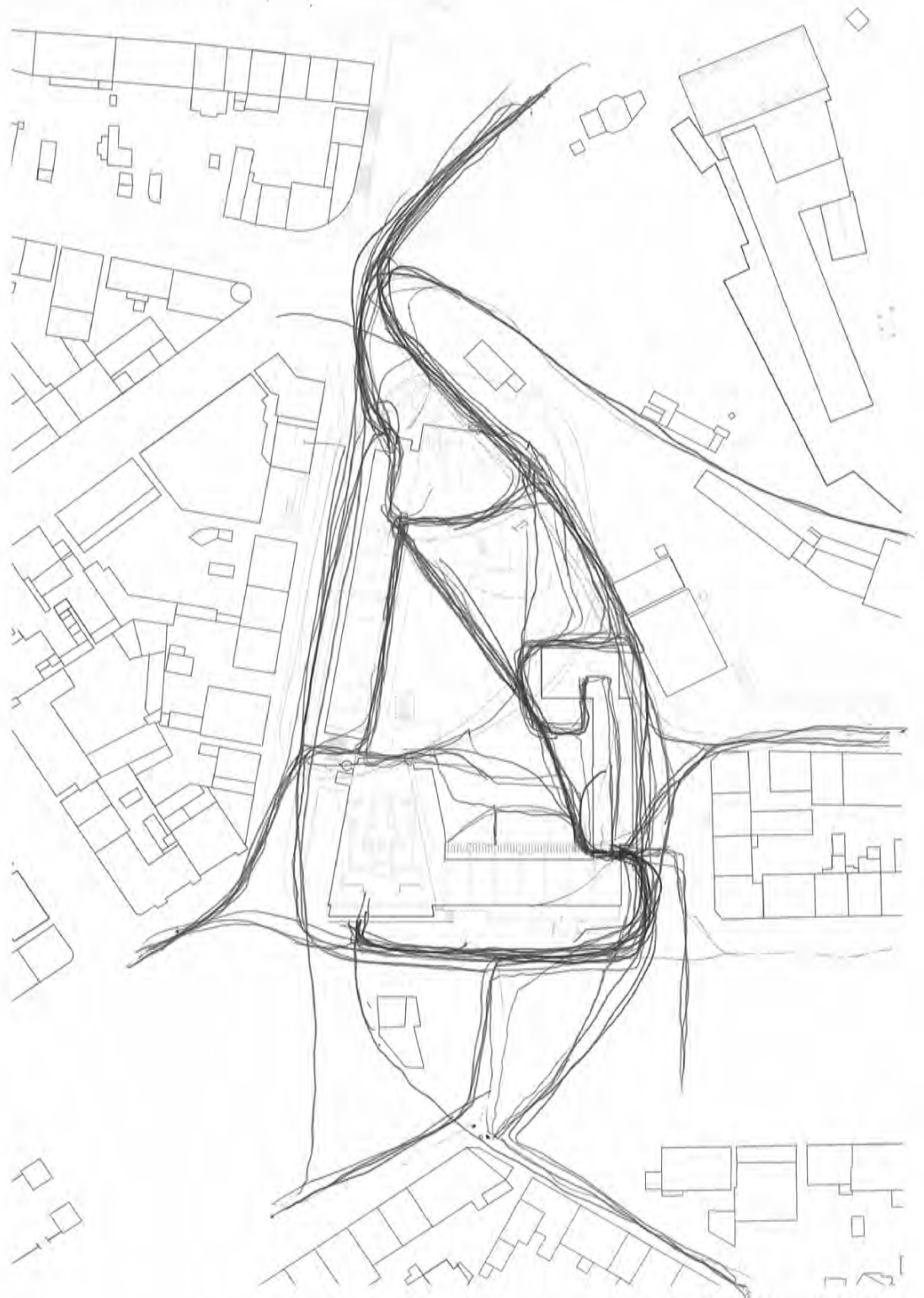
Proap (2005) *Alta Universitária de Coimbra*, <http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/alta-universitaria-de-coimbra/> obtido em janeiro de 2020

a

ne

xos

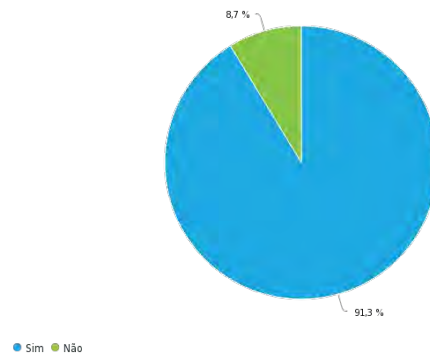
Anexo 1 - Diagrama de Fluxos



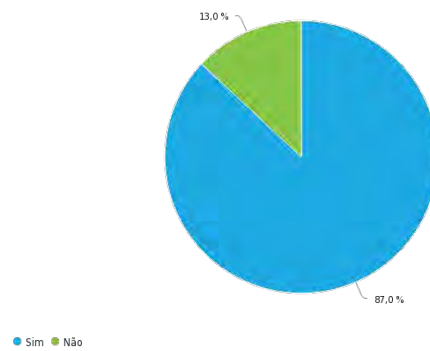
Para Além da Utopia
Diagrama de Fluxos

Anexo 2 - Inquérito e respostas

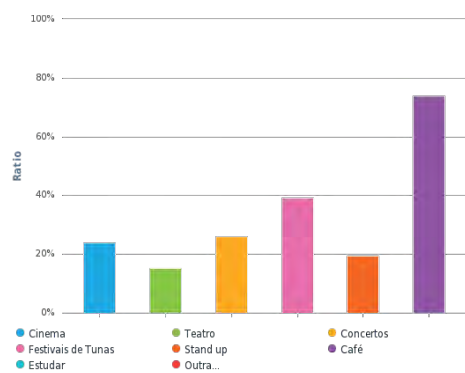
1 - Frequentas as Instalações Académicas de Coimbra?



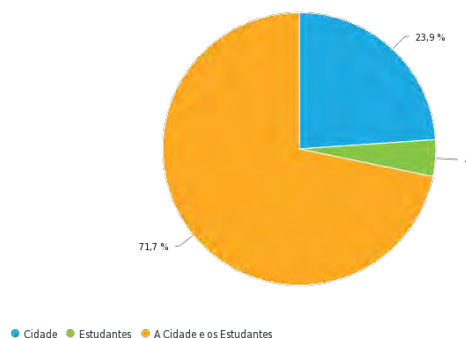
2 - Frequentas o TAGV?



3 - Que Actividades fazes lá?



4 - Achas que o TAGV serve mais a cidade ou os estudantes?



5 - Porquê?

- Porque quando passo lá vejo mais pessoas velhas do que universitários
- É um espaço de espetáculos diversificado e no centro da cidade o que só por si já lhe confere grande importância
- Serve os estudantes porque é um bom sítio para estudar e serve a cidade porque é um sítio que recebe eventos e por isso serve a cidade
- Para um teatro que se diz académico prática uns valores de aluguer demasiado elevados
- Consegue conciliar no seu calendário tanto a actividades redireccionadas para os estudantes como para a cidade
- A maior parte das actividades realizadas no TAGV dirigem-se ao público geral porque tem programas para todas as faixas etárias e programas esses de qualidade.
- O programa é mais direccionado para uma faixa etária jovem
- É um edifício que está projetado para servir a comunidade estudantil e ao mesmo tempo a cidade
- Programas vários para todos. Devia ser mais barato para estudantes.
- Oferece um programa cultural diverso bem como de um café onde todos os habitantes da cidade de Coimbra podem estudar ou conviver.
- Está inserido na rua, tem acesso fácil por todos.
- Não frequento o espaço, mas o conjunto de actividades parecem ser amplas e diversas. Creio que serve a cidade, nela estão estudantes, trabalhadores, reformados, etc. Vejo este espaço a ser utilizado por gente mais jovem, mas não exclusivamente.
- Tem oferta para todo o tipo de pessoas, desde espetáculos ao espaço de convívio.
- Acho que serve ambos, no entanto devia ter ofertas mais ofertas culturais para tentar alcançar um público mais abrangente. Considero, no entanto, que essa tarefa não deve apenas ser da obrigação do TAGV, mas, também, de outros organismos culturais, que podem derivar da AAC, procurando assim uma maior proximidade com a

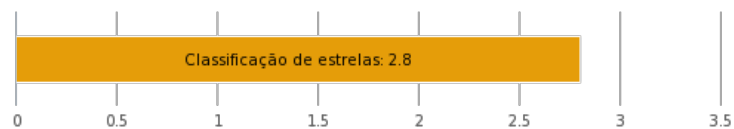
comunidade estudantil, tarefa essa que pode ser incumbida aos grupos académicos, ou em parcerias com outras instituições.

- Espaço confortável que serve de apoio aos estudantes (pelo espaço de estudo e convívio), enquanto não deixa de ser um local de espetáculos que atrai toda a sociedade
- O programa está adaptado a uma cidade jovem de estudantes.
- Serve a cidade, permitindo que seja passado vários filmes europeus e não só, os designados filmes indie. Os estudantes, deixando-os a estudar no espaço café e a existência dos vários festivais de Tunas
- Enquadra eventos que são atractivos tanto para a comunidade estudantil como para os habitantes da cidade, seja enquanto sala de espetáculos seja como cafetaria.
- Centro Cultural que junta tanto a cultura popular como a cultura estudantil
- É um equipamento cultural público acessível a todos
- Porque as actividades culturais são diversas, atendendo públicos distintos e grande parte deles tem um preço acessível, sendo viável a presença de estudantes
- Precário não é de todo adaptado, é caro para alugar pelos próprios estudantes...
- Recusa-se a trabalhar com os estudantes de maneira construtiva e tem preços exorbitantes, que tornam quase impossível organizar lá um evento.
- Faz espetáculos para todos.
- Porque consegue ter uma agenda cultura que proporciona não só aos estudantes, como também à cidade uma diversidade de espetáculos.
- Tem uma oferta diversificada que pode servir os estudantes e toda a cidade
- Inclusiva
- Porque é palco de cultura para a cidade, mas não renega que essa venha pela mão dos estudantes (espetáculos com tunas, por ex). Conjuga também isso com o café-espço de estudo, que servem igualmente os dois.

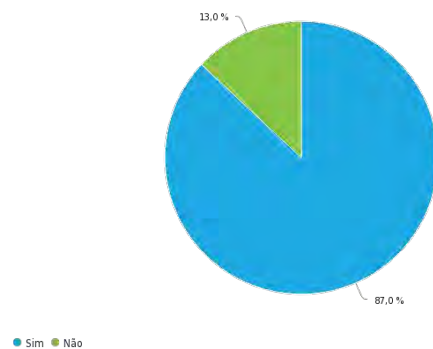
- Proporciona oportunidades de os estudantes demonstrarem o seu trabalho musical e teatral, mas ao mesmo tempo tem ofertas variadas de arte, cinema, teatro etc. que não dizem respeito apenas aos estudantes. Atrevo-me a dizer que o TAGV é mais da cidade, que dos próprios estudantes
- Conjuga as duas funções, não é perfeito mas funciona
- só devido à sua localização e dimensão arquitetónica e programática assume um papel importantíssimo na dinamização cultural da cidade
- Preços elevados
- Vêm-se pessoas de faixas de idade distintas, desde estudantes a idosos
- Cultura
- Programação não focada na Academia além de os horríveis festivais de tunas
- Os estudantes estudam e vêm os espetáculos e a cidade também

- Tenho algumas dúvidas quanto aos estudantes, já que têm adotado algumas políticas como demover a utilização de computadores e o aumento do preço. Isto no que toca ao café. Quanto ao espaço de espetáculos, penso que serve ambos pela receptividade às iniciativas dos estudantes e à programação bastante variada.
- Espaço de convívio, cultura e trabalho
- Espaço agradável, porém preços altos
- Fancy e caro
- Os concertos que traz são mais para jovens
- Programa cultural aberto a toda a cidade e ainda espaços para estudar
- Porque é um espaço frequentado por ambas as partes, com atividades para as mesmas
- É um espaço que não frequento mas com bastante curiosidade de lá ir. É um espaço que serve para vários tipos de atividades e para vários tipos de idades

6 - Como Classificas os espaços das Cantinas?



7 - Achas que há espaços subaproveitados?



8 - O que propunhas para esses espaços?

- Mais espaços de estudo ou um ginásio
- salas de estudos, espaços de oficinas promovidas pela AAC ou por grupos particulares de estudantes ...
- Uma reabilitação geral na verdade
- Salas de estudo 24h
- Que reabram novamente como cantinas, e/ou salas de estudo 24h
- Mais salas de estudo
- Uma nova reorganização do espaço e a redesenho do

espaço público sem parecer que a esplanada é um anexo

- Cantina e espaço de estudo

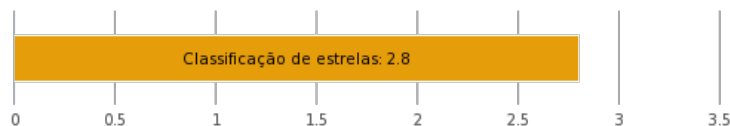
A- adaptação às exigências atuais; Requalificação, etc..

- Melhor distribuição dos espaços de organismos bem como mais salas de estudo
- Salas de convívio e de estudo agradáveis.
- Oficinas de estudo, trabalho manual, etc, espaços de refeição mais otimizados, espaços mais abertos, mais iluminados. Maior conforto do local.

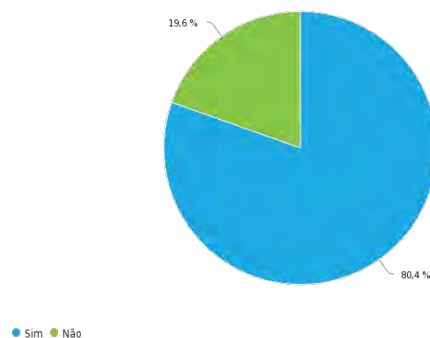
- Espaços de estudo/convívio/trabalho até mais tarde com oportunidade de “lanchar”; ginásio
- Salas de Estudo, espaços de trabalho colaborativo, laboratórios de práticos, ou qualquer outra coisa que possa ajudar o crescimento intelectual. Considero também que ha a necessidade de um espaço polivalente com ofertas de lazer que possam servir os estudantes.
- Mais espaços de estudo e exposições
- Mais atividades na FCDEF
- Recuperar alguns espaços para cantinas, pois, em algumas alturas do ano uma pessoa demora muito tempo na fila da cantina
- Espaços de refeição com diferentes ambientes, como também espaços para estudo ou para consumo de refeições trazidas de casa
- Ou expansão do espaço atual das cantinas de modo a providenciar o serviço das cantinas mais rapidamente ou ceder esse espaço para uso das Secções da AAC ou outras atividades integradas na Associação que possam dar uso a esse espaço para preparar as suas respetivas atividades com maior facilidade
- Requalificação como áreas de estudo
- Voltar a ser cantina, de modo a dividir a fila das azuis e trazer mais estudantes para dentro dos jardins da AAC diariamente
- Micro-ondas, cacifos
- Abrir mais cantinas com pratos sociais
- Cedência para as actividades das Secções da AAC.
- Salas de estudo

- A abertura de umas cantinas
- Recuperação do mobiliário
- Que os SASUC os aproveitassem e reabrissem, mas com mais refeições sociais, em vez de constantemente mantê-los ativos através de concessões a privados, com preços muito mais altos para os estudantes.
- Salas de estudo ou de convívio. As antigas lavandarias estão ali sem servirem de propósito a ninguém, por exemplo. E os Grelhados poderiam servir para mais do que convívios.
- espaço para secções que não têm
- Dinamização
- Melhor comida, expansão do espaço
- Organizada de Verão e de Inverno
- Aproveitar para expansão dos espaços da AAC e/ou dos SASUC
- Estudo!
- Não estou a ver que espaços estejam desaproveitados
- Realização de atividades culturais ou desportivas, comércio, gabinetes de apoio/serviços aos estudantes
- Espaços p secções da aac
- Salas de convívio confortáveis
- Salas de estudo!
- Salas de estudo, mais cantinas com refeição social ou reestruturação para espaço desportivo
- As cantinas amarelas, são um dos espaços bastantes desaproveitados. Deviam oferecer refeições sociais, de maneira a que cantinas, como as azuis e rosa, fossem menos sobrecarregadas.

9 - Achas os Jardins da AAC um espaço convidativo?



10 - E seguro?



11 - O que mais gostas nos jardins?

- Da esplanada e do bar
- Ser amplo, com versatilidade e íntimo (mais para a comunidade estudantil)
- As festas, porque o espaço em si está degradado
- Ser das poucos espaços em Coimbra onde se pode estar sem lidar diretamente com o trânsito
- O espaço em si é ótimo só não é aproveitado da melhor forma
- O projecto original
- O solo espaço verde
- O refúgio verde no meio da cidade
- Espaço verde livre no meio da cidade
- A exposição solar
- As árvores
- Não tenho opinião forte acerca do local. É somente um pequeno parque verde
- Considero ser um espaço agradável
- Praticamente nada, só utilizo como espaço de transição. No entanto, reconheço as capacidades que o espaço tem.
- O espaço para convívio
- Ar livre
- O jardim
- O ambiente agradável e propício ao convívio que o espaço ajardinado cria, ou poderia criar
- Bar
- Espaço verde
- De poder tomar um café ao ar livre num espaço menos barulhento que a Praça da República
- Do espaço verde
- O ambiente
- O potencial para espaços verdes
- A natureza aliada a um espaço comercial (bar).
- O espaço
- O convívio entre estudantes
- A esplanada rodeada daquele ambiente tranquilo
- As árvores.
- O bar é bem aproveitada a ambiência
- Beber
- Esplanada
- Os jardins mesmo
- Do espaço aberto e arquitetura de referência
- Do bar e o relvado podia ser aproveitado para ser usado como espaço de lazer tipo o base na cordoaria do Porto!
- a esplanada, em dias de bom tempo
- O espaço aberto
- relva
- O verde
- O verde e a esplanada
- O outdoor
- Café, convívio com amigos
- Além de ser ao ar livre para vários tipos de atividades mas principalmente o convívio entre os vários estudantes de Coimbra (desde UC, ISMT, e IPC)

12 - O que achas que está mal?

- Podia estar melhor cuidado, as zonas verdes, lago, etc...
- O não aproveitamento dos espaços envolventes, as casas de banho e o seu estado de degradação do “relvado/ajardinado”
- A degradação e falta de cuidado com o espaço
- O modo como o espaço é gerido
- Não é aproveitado da melhor forma (organização, equipamentos, actividade etc)
- manutenção do espaço
- As árvores que parecem mato grosso
- A acumulação de serviços
- A falta de limpeza e organização
- o modo como os jardins são utilizados (promoção, atividades lá elaboradas); o estado de conservação dos espaços (lago, árvores, cantos manhosos, ..)
- A degradação do espaço
- Está mal aproveitado
- Bem, relacionado à minha resposta anterior.. É apenas um parque, por vezes não há nada de mal nisso. Por vezes a inexistência de programa fixo abre portas a diversos tipos de programa inimagináveis!
- Não se torna apelativo de lá permanecer
- O BAR, o pavimento, e espaços de estar exteriores sem que seja necessário pagar ou sentar na relva.
- A falta de segurança
- Devia haver comida tipo baguetes/tostas
- O bar da AAC no meio do jardim, preferia como era o jardim, antes de se instalar o bar da AAC
- Espaço ajardinado descuidado, acessos em mau estado, zonas mal iluminadas e que funcionam como pontos mortos e inseguros, envolvente edificada desligada desse espaço exterior
- Pouco aproveitamento do espaço abundante
- Pouco organizado
- Acho que os estudantes se apropriam pouco do espaço para atividades além do café
- Do bar, que corta completamente o espaço que parece mais dividido, pequeno e muito menos convidativo
- Deveria estar melhor arranjado
- Espaço verde mal cuidados/calçada destruída/lago descuidado e não aproveitado

- Falta de insonorização da Sala de Estudo e a manutenção dos jardins.
- Estão mal aproveitados
- Por vezes a limpeza
- Os edifícios envolventes precisam de obras e ser requalificados, bem como aquele pequeno lago estar sempre limpo, como raramente acontece
- A limpeza, e não são jardins muito grandes.
- A disposição do espaço e a sua apresentação
- Falta de organização espacial que se reflete na falta de aproveitamento coerente dos belos jardins
- Espaço feio
- De inverno raramente estão abertos
- Existência de um bar e regulares festas deplorantes

num espaço que deveria ser sério e de convívio cívico e democrático

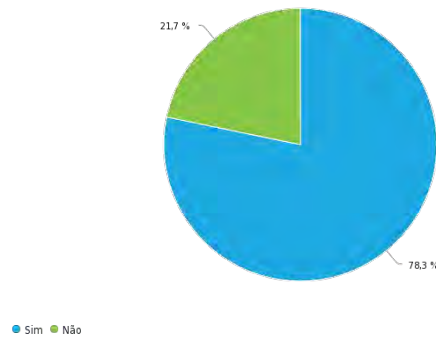
- O relvado pouco aproveitamento do espaço
- Considero o espaço degradado, pouco limpo, antigo, insuficiente para a dimensão estudantil em Coimbra
- tv
- Os estabineis la montados, chamado de bar da acc
- Tudo, não é aproveitado!
- Manutenção da saúde do espaço
- Haver muito poucas atividades lá realizadas em contexto da academia
- Tentar criar um espaço ali que também fosse para o inverno, mantendo a ideologia do ar livre.

13 - O que achas que poderia melhorar?

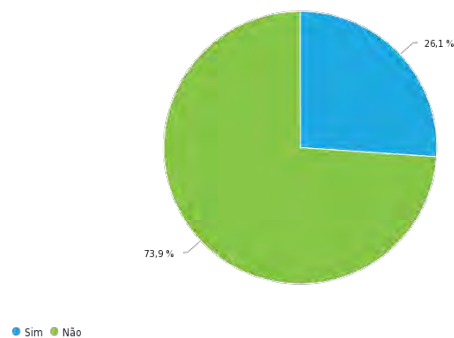
- Melhorar as condições inexistentes das casas de banho, retirar a relva falsa da esplanada, cuidar do jardim
- Tudo o que descrevi em cima com especial ênfase para as casas de banho e a zona relvada que podia servir melhor os utilizadores dado ter grande potencial
- Tudo! Se é um jardim podia começar por ter um jardim minimamente cuidado
- Ausência de carros estacionados, limpeza, alguma luz durante a noite
- Apontado na resposta anterior
- manutenção e arquitetura do espaço mais direccionada para o modelo de actualização actual
- As árvores que parecem mato grosso
- Redesenho deste espaço
- O aspeto da zona verde como o melhoramento das ligações pedonais cruzadas
- Esplanada que dignifique os jardins e que não promova cantos manhosos; demolição de alguns elementos como o lago e o barracão; redesenho dos jardins
- Pavimento novo e regularizado, mais zonas de sombreamento e de abrigo de chuva
- O espaço público e as áreas interiores públicas
- Talvez uma zona mais arborizada com alguma presença de flora ou fauna interessante, à semelhança dos outros parques verdes de coimbra. Mas numa pequena area como essa também há que ser contido. Portanto não sei.
- Tentar, de alguma forma, cativar para não ser apenas um local de passagem
- Desenho de mobiliário urbano, melhor iluminação.
- Organização do espaço
- Comida
- A esplanada deveria de estar toda a mesma altura, quantas vezes que já não ia caindo por nao ver o pequeno degrau que existe entre o abr e a esplanada exterior.
- Tudo aquilo que eu disse que estava mal na resposta anterior

- Providenciar uma zona de convívio maior e mais acolhedora e desenvolvimento da zona verde em seu redor
- Aproveitamento controlado da totalidade do espaço
- Acrescentar mais mobiliário urbano nele
- Let the jardins be the jardins
- Deveria estar melhor arranjado
- Renovar paisagisticamente todo o espaço e cuidarem dele.
- Essas mesmas coisas.
- Um espaço mais verde
- A limpeza
- Respondi já anteriormente. Limpeza mais frequente do espaço exterior e requalificação dos edifícios envolventes.
- Podia haver bancos
- Nivelar minimamente o chão
- Estarem abertos mais vezes
- Alteração da política de gestão, administração e aproveitamento do espaço
- Já disse no 11
- Relativamente ao bar, poderia ter mais opções de refeição. O espaço exterior poderia ser melhor potencializado para eventos, exposições, etc
- O aumento da área a utilizar, a limpeza, o estado dos edifícios
- Remodelar tv e jardins
- O ambiente verde
- Colocar mais mesas, concertos
- O aspeto
- Haver mais atividades relacionadas com a academia
- Realização de várias atividades estudantil

14 - Achas que faz sentido o piso 0 da Associação ser um piso dedicado a serviços e comércio?



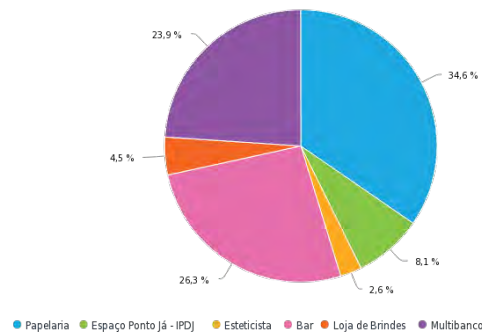
15 - Frequentas todos os Pisos?



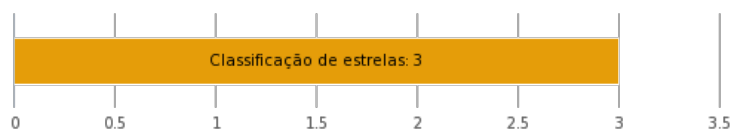
16 - Que serviços fazem falta no Edifício?

- Uma mercearia/mini mercado, um Santander, um espaço que ajude os estudantes a arranjar casa, quer residências quer quartos e aps privados
- não sei porque não uso muito
- Serviços não é o problema.
- Salas de trabalhos de grupo
- Um banco
- Mais espaço comum tanto dentro do edificio como fora
- Serviço de atendimento ao estudante, bancos, lavandarias, minimercado
- espaços informativos; espaços direccionados para pessoas que não façam parte da associação
- Não sei
- Espaços de estar, lazer, estudo e aquecidos.
- Não frequento, não consigo comentar.
- Uma pequena enfermaria
- Apoio aos alunos
- Não faço ideia
- Pequenos cúbiculos de escritórios para aluguer ao aluno
- Um local para procurar propostas de arrendamento ou um mini-mercado
- Pequeno supermercado
- Uma reprografia com bons serviços e preços baixos
- Correios, Farmacia, e mesmo um mini mercado
- Serviços básicos para o estudantes no rés-do-chão
- Não faltam serviços! Falta espaços para as estruturas da Casa e excesso de espaços para os OA.
- Nenhum
- Correios
- Todas as secções terem sede no edificio principal
- Não tenho opinião formada.
- Nenhuns
- espaços de estar e de estudo com qualidade
- Faz falta tirar bilhetes para os autocarros
- Espaço de informação útil
- não sinto falta de nada que não exista
- Correios, Livraria,gaming
- Mais espaços de estudo
- Loja do cidadão, ctt
- Melhores Condições

17 - Classifica a utilidade dos serviços atuais da A.A.C.



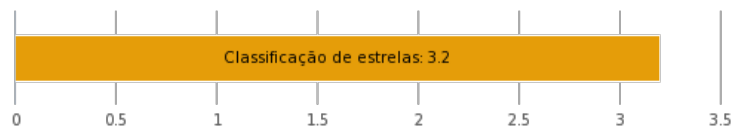
18 - Classifica o espaço da Sala de Estudo



19 - O que propunhas na Sala de Estudo?

- Mais espaços reservados, como nas bibliotecas
- isolamento acustico
- Mudar tudo, aquilo é pequeno abafado cheira mal e não é nada convidativo ao estudo, principalmente em noites académicas
- Tornar o espaço um pouco mais acolhedor, como por exemplo regularizar a temperatura, isolar melhor o som
- Um espaço mais afastado da zona comum
- Divisórias
- Mais salas de estudo
- Extensão
- Deixar de existir naquele lugar
- Devia ser maior, tendo em conta a quantidade de estudantes e a carência de espaços de estudo
- Ser maior e talvez ter associada um biblioteca ou um banco de apontamentos e sebatas de todas as faculdades
- Aquecimento e conforto
- Parece-me bem. Não frequento, estudo em casa.
- Não costumo frequentar, por isso, não consigo manifestar
- Mais espaço, mobiliário mais confortável, divisões para diferentes formas de estudar,
- Um horário mais extenso
- Mais espaço mais isolamento
- Melhor sistema de ventilação
- Não conheço
- Expandir o espaço
- reabilitacao e tratamento devido
- Salas para reuniões de grupo
- AQUECIMENTO E ISOLAÇÃO
- Ampliação da sala de estudo pois está sempre cheia
- Nada
- Insonorização do espaço e ar condicionado
- Mudar de local. Incompatível com a esplanada e os jardins da AAC
- Cadeiras melhores
- Melhor sonorização
- Ar condicionado. No inverno é gelada e no verão um forno, já para não falar que fica cheia de mosquitos. Precisa de pintar as paredes, estão cheias de humidade e recuperar algumas cadeiras.
- Renovação das cadeiras. Isolamento sonoro.
- Ventilação adequada
- até está bem assim
- Mais confortável
- Mais espaço de forma a que mais Estudantes possam lá estudar, visto que está (ou quase) sempre lotada
- Conheço mas não frequento
- Melhor isolamento sonoro
- Não sei
- não utilizo muito, pelo que não sei o que faz mais falta
- Melhoria do ruído e do controlo da sala
- silencio
- Maior e ar condicionado, pq mau cheiro
- Mais mesas
- Melhor isolamento das janelas por causa do barulho

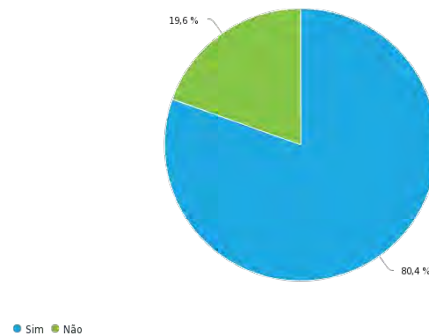
20 - Classifica o espaço do Bar da A.A.C.



21 - Que alterações farias no bar? Mudarias o Bar de Sítio?

- Sim, ou tentaria que chegasse mais luz natural ao seu interior, uma vez que de dia parece que estamos numa cave
- se possível aumentaria o espaço
- Não
- A concessão atual está a reduzir a qualidade do espaço devido ao fraco atendimento. Não o mudaria de sítio.
- Mais iluminação, mais mesas
- O bar exterior mudava-o para a sala de estudo e fazia uma sala de estudo noutra espaço.
- Mudava para uma zona que pudesse ser independente do edifício e da sala de estudo
- Não, apenas mudaria o conceito
- Mais luz natural, melhor ventilação
- Tem de ser maior e sugeria pô-lo e, contacto directo com os jardins
- Talvez, para o jardim.
- Talvez. Não sou grande fã de bares.
- Acho que seria um espaço agradável para trabalhos em grupo, não permitiria fumar lá dentro para ser mais confortável, punha mais mesas e cadeiras com outra disposição e, por fim, uma maior oferta em termos de café/pastelaria
- espaço pouco iluminado, não convidativo a frequentar durante o dia. o exterior tem um péssima relação com o espaço de entorno e provoca um mau uso ou a não existência de uso dos espaços do jardim.
- O número de pessoas presente deveria ser mais controlado para que não seja um espaço de risco em caso de crise
- Mesmo sítio mas mais espaçoso
- Sim
- Não sei
- Diminuir a esplanada normal.
- nao
- Sim, para um local que recebesse mais luz natural e para uma atividade que fizesse uma frente de rua visualmente mais aberta
- Voltaria a tornar a AAC efectivamente dona do bar, e não arrendá-lo
- Tornar o bar mais apelativo ao associativismo
- Serviço de mesa tem de ser melhorado. Empregados pouco profissionais. Sítio é ideal.
- Sim. Colocava o bar onde está a sala de estudo e a sala de estudo onde está o bar.
- Não mudaria o bar de sítio.
- Nao
- Não pode albergar tanta gente a noite, não há uma saída de emergência bem pensada. Pois a porta frontal está também sempre fechada. Colocaria Wi-Fi
- Não mudaria de sítio porque não há mais espaço nenhum mas é chato porque é mesmo ao lado da sala de estudo, e os clientes fazem barulho por vezes. Acho o bar meio caro.
- Sim, o bar é extremamente pequeno para a discoteca que lá funciona
- talvez sim de modo a virar-se para os jardins
- Os “bancos” que foram retirados das laterais serem repostos!
- Foco do espaço de algo comercial para um espaço agradável para conviver e estudar
- não
- Saídas de emergência, aumento da área, maior luminosidade
- nao ser concessionado
- Mais luz, ambiente natural
- Nunca!
- Saida mais alargada para melhorar circulação escuro
- Empregava pessoas que quisessem trabalhar e atender os clientes em vez de estarem na conversa e preocupadas em arranjar o cabelo em frente ao espelho
- O bar está no local indicado, central a zona de noites dos estudantes. Tentava criar um pouco mais de espaço no mais e ter melhor ventilação

22 - Gostas do edifício?



23 - Porquê?

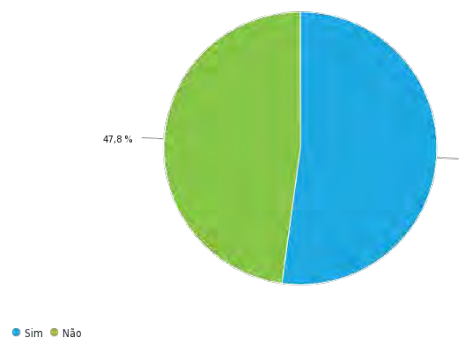
- relaciona-se bem com a envolvente apesar de degradado e é dinâmico
- é um marco na cidade e reuni num só sitio varios serviços de apoio ao estudante
- Eu gosto do edificio, era uma sequestro de ajustes e uma boa reabilitação e estava perfeito! O sitio em si é ótimo
- Pela estrutura que representa, mas considero-o mal aproveitado
- Valor histórico e simbólico.
- Porque tem classe e é bem construído urbanamente arquitetonicamente e construtivamente, pena a merda do mato grosso.
- Pela história e por ser um edificio pensado para servir a comunidade de estudantes
- Porque simboliza o estudante em coimbra e fornece importantes serviços e atibidades para os Estudantes e para a Cominidade
- Personifica a memória e histórias do passado dos estudantes; local onde os estudantes se cruzam e juntam
- Demasiado degradado e pouco convidativo, hoje em dia só vou lá quando preciso e não porque posso ou quero lá ir
- Tem um pátio central, é dinâmico, ambíguo e entretido.
- Tirando a fachada do Café Teatro, as condições são pessimas, antiquadas, feias num sentido que o modernismo foi importante, mas só 'foi'. O completo degredo, zonas sujas e de aspecto debilitado. A junção de volumes feios de ar condicionado e estores do século passado fazem-me pensar que estou a vaguear os corredores de uma Republica Académica, ao invés de um espaço citadino que tantos programas aparenta ter.
- Considero um marco na cidade, em especial para os estudantes
- Um optimo exemplo do modernismo em Portugal, apesar de mal aproveitado.
- Acaba por ser um espaço que, bem ou mal, serve as necessidades dos estudantes
- Pouco espaçoso
- Edificio histórico que representa os estudantes e que consegue albergar todas, ou quase todas as secções existentes na universidade de coimbra
- Tem alguns defeitos e adaptações infelizes, mas como um todo tem imenso potencial

- Não é atrativo, sendo que apenas a fachada principal apela a sua história como edificio da AAC
- Faz parte da cidade e da vida quotidiana de Coimbra.Por ser uma conquista estudantil e um espaço dos estudantes
- É bonito, funcional, (razoavelmente) confortável e convidativo
- É a casa dos estudantes, sempre assim me sinto não sei porque.
- Velho e feio.
- É apelativo e eficiente
- Tem que ser mais rentabilizado e dinâmico
- Apesar do edificio se encontrar mal aproveitado e um tanto quanto esquecido pelos estudantes que acham que o edificio se restringe ao bar e a papelaria existe muita história nos pisos acima disso que se encontra esquecida.
- É a casa dos estudantes
- Precisa de requalificação e reestruturação nos espaços atribuídos
- Gosto da dinâmica que aqui existe. Um só sitio junta gente tão diferente entre si. O facto de haver secções tão distintas faz com que o edificio transbordar de atividade e juventude, e isso faz-me sentir como se, pelo menos a sede, pertencesse exclusivamente aos estudantes. Isto é Académica.
- Pela história e pelo trabalho que lá se desenvolve que muita gente não sabe
- gosto
- Feio.
- Bem localizado
- Arquitetura de referência e memórias inesquecíveis
- É histórico!
- Poderiam ser criados mais espaços comuns, onde os alunos se pudessem juntar, quer seja para estudar ou para conviver. Para estas duas finalidades deveriam existir espaços diversificados, mas em maior quantidade e com mais conforto
- Agrupamento de várias atividades e serviços para os estudantes
- imensas oportunidades
- No meio de tanta trapalhada por mas decisões, vem a história
- E bonito
- é moderno

24 - O que achas do edificio vendo fotos antigas?

- bonito, mas acrescentava uma esplanada para apanhar sol
- acho que devia voltar à sua genese! principalmente a frente das cantinas e o jardim
- Um espaço muito mais limpo, agradável , e até moderno
- Bastante diferente, talvez se pudessem tirar algumas ideias, como por exemplo espaço para estudo e convívio
- Um espaço cuidado e bem organizado
- Acho que é preciso recriar alguns desses espaços
- Top mundial
- Um espaço limpo de convívência e sem acumulação de serviços que nada tem a ver com a comunidade académica mas antes empresas
- limpeza e organização
- Era e é um espaço magnifico. Com estas fotos podemos ver que na actualidade não estão a aproveitar o potencial dos espaços.
- Muito mais convidativo, com espaço, para actividades extra curriculares destinada aos alunos, dignas e amplas, logo, convidativas
- Limpo, conservado e parece maior do que parece agora.
- Tal como descrevi acima. O aspecto de hoje não reflecte DE TODO o esplendor modernista que poderia (deseja) ter.
- Acho que, atualmente, teria mais a ganhar se tivesse o programa inicial
- uau.
- Potencialidade
- Possante
- Adoro como era antigamente os jardins da aac
- Bem melhor que o atual
- Apelativo, acolhedor
- mal conservado. mal reabilitado. mal aproveitado.
- Mais limpo, amplo e bonito
- Nota-se uma degradação em relação a um fio condutor que claramente existia, que unia todos os pontos dentro da própria AAC. Hoje em dia vemos qque foram adicionados “bocados” aos bocadinhos, sem respeitar minimamente esse fio condutor
- Boa arquitectura
- Muito melhor do que o actual. Um verdadeiro espaço polivalente!
- Acho que está bastante degradado por falta de manutenção da UC.
- Muito melhor do que o de hoje
- Está diferente
- Parece melhor
- Fico triste que tenhamos cedido tantos espaços e que eles estão extremamente degradados em relação ao que estava planeado. Isto também é fruto de quem passou pela Académica sem ter visão e valores para o fazer.
- Bastante interessante
- diferente,puro
- Era mais bonito
- Em comparação, nota-se perfeitamente que o edificio está exponencialmente degradado!
- Igual/ parecido ao actual
- Uma esplanada neste edificio é um crime público. A utilização como espaço de degradantes feste é um crime à humanidade.
- Muito mais limpo e mais aberto!
- Parece bastante mais acolhedor e com espaços mais diversificados do que aquilo que temos nos dias de hoje.
- muito bonito, limpo, amplo, moderno (à data), organizado
- INCRIVEL
- Lindo
- Ja foi brutal, agora está a cair!
- Necessita de uma manutenção mais assertiva para manter um ar saudável e convidativo
- Mostra toda uma história e tradições.

25 - Sentes que o edificio cumpre as tuas necessidades enquanto estudante?



26 - Porquê?

- faltam funções que poderiam ajudar os estudantes, principalmente no início da vida académica
- sinto que pode estar sub aproveitado e que necessita de se modernizar e acompanhar a mudança
- Enquanto estudante sinto que não tenho acesso a praticamente nada! Não devia haver tanta exclusividade para estudantes que pertençam á aac
- Mais uma vez, acho que há espaços mal aproveitados
- Cumpre os mínimos básicos
- Porque de facto cumpre
- Porque a maior parte do edificio serve ou serviços relacionados com bares ou de escritórios vazios para a associação de estudantes
- porque apenas me disponibiliza no geral atividades culturais
- Os espaços não estão conservados, o que afeta o seu funcionamento e utilização; Reorganização programática;
- Não me atrai minimamente
- Os espaços não me servem.
- Creio que não posso opinar porque não sou de sair para bares e estudo em casa. Vejo o edificio como um local de encontro de malta jovem, alguns estudantes, outros visitantes, outros apenas conterrâneos. Vou às cantinas pela conveniência e creio que o teatro é o elemento que mais o une à cidade. E portanto em termos de cumprir as minhas necessidades como estudante assim o faz no único aspecto em que o utilizo. Feio, mas funcional.
- Não considero ser uma primeira opção quando se pensa em ir estudar para algum lado, por exemplo
- Apesar da possibilidade de melhoria, até hoje correspondeu às minhas necessidades.
- Tem serviços necessários e úteis
- Tem praticamente tudo
- Permite ter um espaço de estudo e de convívio
- Não espelha as funções que alberga, funciona como uma entidade fechada sobre si mesma e o espaço sofreu modificações questionáveis, para além de ser lido um pouco como labiríntico
- Apesar de má utilização, sendo que como estudante afastado da AAC cumpro as minhas necessidades noutros locais, aquelas que necessito que a AAC providencie estão

satisfeitas.

- apesar de não estar nas melhores condições é um edificio que faz parte do dia a dia de um estudante. E um equipamento publico que engloba muitos programas fundamentais que nao se encontram em mais nenhum edificio das proximidades
- Por abrigar uma série de atividades voltadas para o estudante
- Muito por funcionar de noite num ambiente de discoteca francamente cada vez mais chungá
- Tem quase todos os serviços de que necessito
- Tem lá as principais estruturas para qualquer estudante.
- Tem tudo o que é necessário para a vida de estudante.
- Faltam dinâmicas que tornem o edificio mais inclusivo, fazendo parte do quotidiano dos estudantes
- Deixa muito a desejar.
- Tem os mínimos
- Eu utilizo este espaço mais para estudar. Mas tenho perfeita noção de que falta espaços e condições para as secções
- Os serviços de que necessito estão lá, e todas as atividades que posso fazer nos tempos livres têm lá representação
- já nem me lembro da pergunta
- N
- Sinto-me lá bem
- Não incentiva os estudantes a se sentirem em casa e participarem na vida associativa
- Por todas as minhas respostas anteriores
- Como já referi, faltam mais espaços diversificados, para que os alunos realmente sintam que é um espaço seu, onde se sintam confortáveis desde o primeiro dia. O edificio não é apenas das secções, dos organismos ou da direção geral e penso que muitos estudantes têm essa ideia errónea.
- já não se adequa à quantidade de estudantes, está pouco divulgado e desatualizado
- Não tem boas condições
- Nunca lá fui
- Porque tenta adaptar-se aos “problemas” que vão surgindo arrajando-lhes soluções.

27 - Tendo em conta os anteriores parâmetros, o que propunhas para melhorar o edificio?

- mais atividades nos jardins sem ser só convívios, mais espaços de estudo, melhorar as condições das cantinas e reabir os grelhados, melhorar as casas de banho ou pelo menos limpá-las com regularidade, colocar no piso 0 comércio e espaços informativos que os estudantes usem mesmo
- um espaço de treino a preços mais economicos, um clube de dança da aac na cantinas dos grelhados ...
- reabilitação
- Uma redistribuição de espaços
- Melhor manutenção do espaço.
- Re aproveitar os grelhados como sala de estudo

- Reorganização do espaço para servir TODOS os estudantes e não empresas
- A reabilitação profunda do edificado e uma reorganização dos espaços
- Uma proposta que dignifique o que já existe e que actualize os espaços para as necessidades dos estudantes de hoje
- incorporar um ginásio (uma actividade de interesse actual), renovar o edificio trazendo-lhe luz e maior controlo térmico
- Proponho que existam espaços onde se possam ir simplesmente para estar. Num dia de chuva, sou obrigada a estar em casa, ou no café. Não existem alternativas senão o isolamento ou o consumo. E nós, todos, devíamos ter um

espaço onde simplesmente estar, conviver, ou estudar. Esta é a minha sugestão.

- Bulldozer. Estou a brincar. Na minha opinião o espaço está lá. É uma sopa pré-feita, basta meter na panela ao lume durante 15 minutos e juntar algum sal para avivar os sentidos. Servido num prato limpo e acompanhado por diversas tapas para gostos distintos. Relembrar que não se trata de criar um prato que fique bem para a fotografia, há que satisfazer também o cliente.

- Penso que beneficiaria se tivesse uma melhor oferta como tinha no início

- mais espaços culturais, de estudo e de convívio um melhor desenho do jardim, e uma possível recolocação dos serviços existentes noutras áreas.

- Remodelação e organização do espaço, assim como o controlo melhorado da sua utilização

- Principalmente o espaço ser maior e venda de comida (baguete, tosta, hambúrguer, etc)

- Acho que algumas partes da aac poderiam voltar atrás no tempo como é mostrado nestas fotos

- Análise e reforma profundas, em termos arquitectónicos e de funcionamento

- Aproveitamento melhor do espaço de modo a criar uma zona mais atractiva para convívio e discussão

- Conservação e restauro

- Resgatar a amplitude dos espaços

- Tirar o bar, a esplanada... Deixar de alugar o espaço de estudantes a privados para que efectivamente ele renda para os estudantes (nem que seja só para a DG mas mesmo assim é melhor que os típicos bares/discotecas que naquilo pegam)

- Mais serviços

- Fazer um novo. É preciso um edificio maior, e mais

moderno. Sala actuais são insuficientes e de dimensões pequenas. É preciso mais salas de reuniões gerais.

- Rede de instalação eléctrica remodelada, melhoramento do isolamento acústico e térmico.

- Aproveitar melhor os espaços . Reestruturação do edificio. Pois os pisos de cima encontram-se esquecidos e mal tratados. Falta de luz , falta de WC em funcionamento

- Reestruturação dos espaços atribuídos e requalificação do edificio

- Melhorar a sala de estudo e uma melhor administração dos espaços. Sei que há espaços dentro da AAC cujo uso é cobrado às próprias secções da casa. O que é só triste.

- As instalações eléctricas, sem dúvida

- uma clarificação do espaço é uma reorganização programática coerente

- Não sei

- Mais Espaços de Estudo!

- Nada de especial

- Foco no associativismo, na cooperação com os parceiros e com as restantes associações residentes no Edificio

- Optimização dos espaços não utilizados e a reorganização do espalho exterior do jardim.

- Como disse: mais espaços diversificados, acolhedores e com condições que proporcionem conforto. Estes devem ser espaços não só de estudo, mas também de convívio.

- maior limpeza, modernização do edificio, maior e melhor identificação de salas, ampliar a área

- arrumar o lixo, e remodelar alguns espaços... tratar melhor da zona exterior. E trazer atividades para os jardins da aac

- Não sei

- Não conheço

- Neste momento nada

para
além
da
utopia

Índice de Desenhos

- 1 - Planta Urbana à escala 1.6000
- 2 - Planta Urbana à escala 1.500
- 3 - Cortes Urbanos à escala 1.500
- 4 - Planta do Piso 0 à escala 1.200
- 5 - Planta do Piso 1 à escala 1.200
- 6 - Planta do Piso 2 à escala 1.200
- 7 - Planta do Piso 3 à escala 1.200
- 8 - Planta do Piso 4 à escala 1.200
- 9 - Planta do Piso 5 à escala 1.200
- 10 - Planta de Cobertura à escala 1.200
- 11 - Corte 1 e 2 à escala 1.200
- 12 - Corte 3 e 4 à escala 1.200
- 13 - Axonometria explodida
- 14 - Axonometria
- 15 - Corte à escala 1.50
- 16 - Corte à escala 1.50
- 17 - Corte à escala 1.50
- 18 - Corte à escala 1.20
- 19 - Plantas de Vermelhos e Amarelos do piso 1 e 2 à escala 1.500
- 20 - Plantas de Vermelhos e Amarelos do piso 3 e 5 à escala 1.500



Legenda:

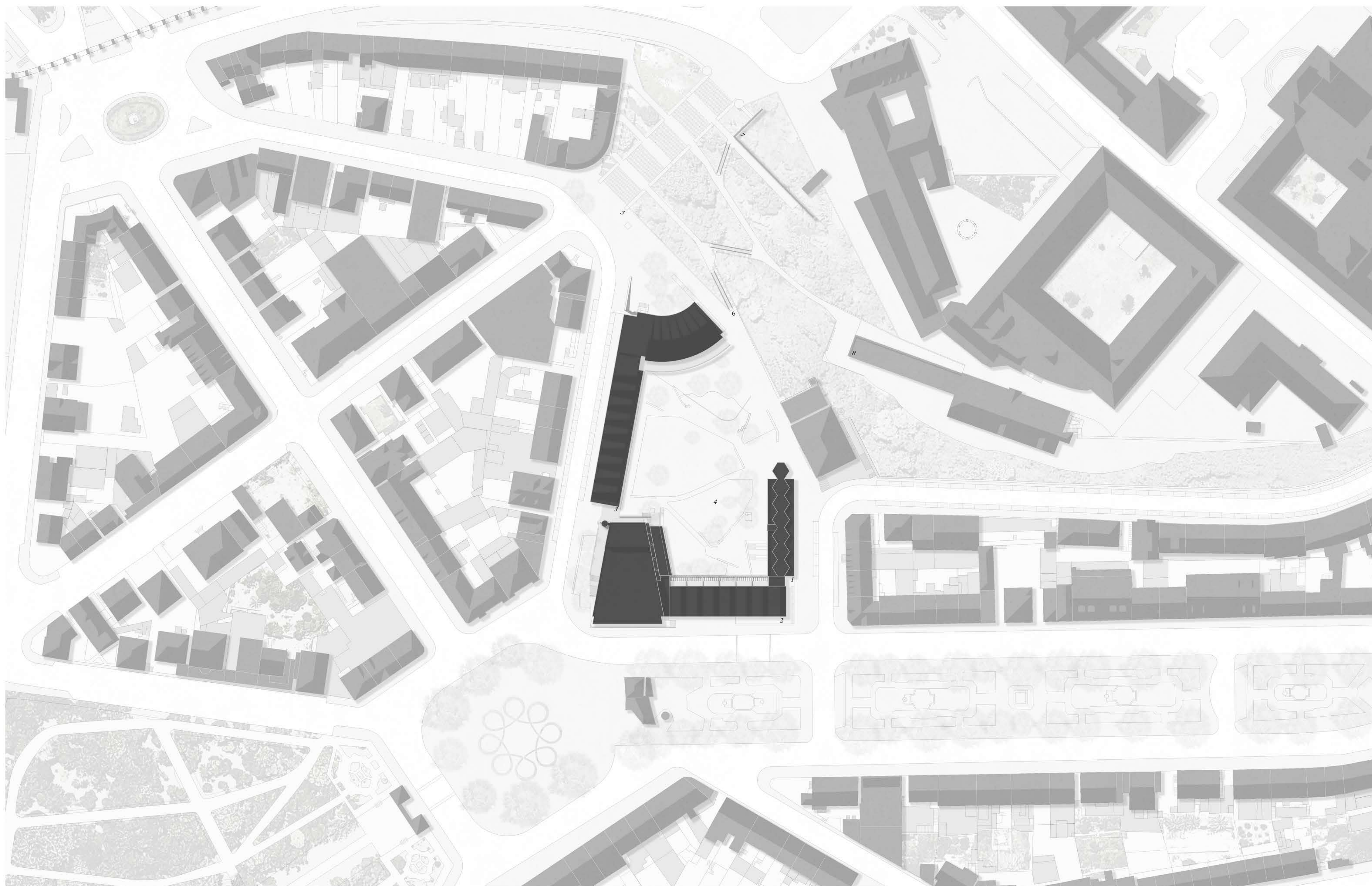
■ Instalações Académicas de Coimbra ■ Edifício
1 - Polo I da Universidade de Coimbra 2 - Polo II 3 - Polo III



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Planta Urbana à escala 1:6000

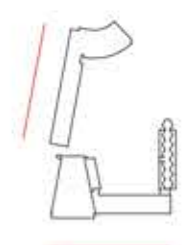
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



Legenda:
1 - Corpo I 2 - Corpo II 3 - Corpo III 4 - Jardins 5 - Praça António Luís Gomes 6 - Escadas Rolantes 7 - Cantinas 8 - Fac. Psicologia e Ciências da Educação



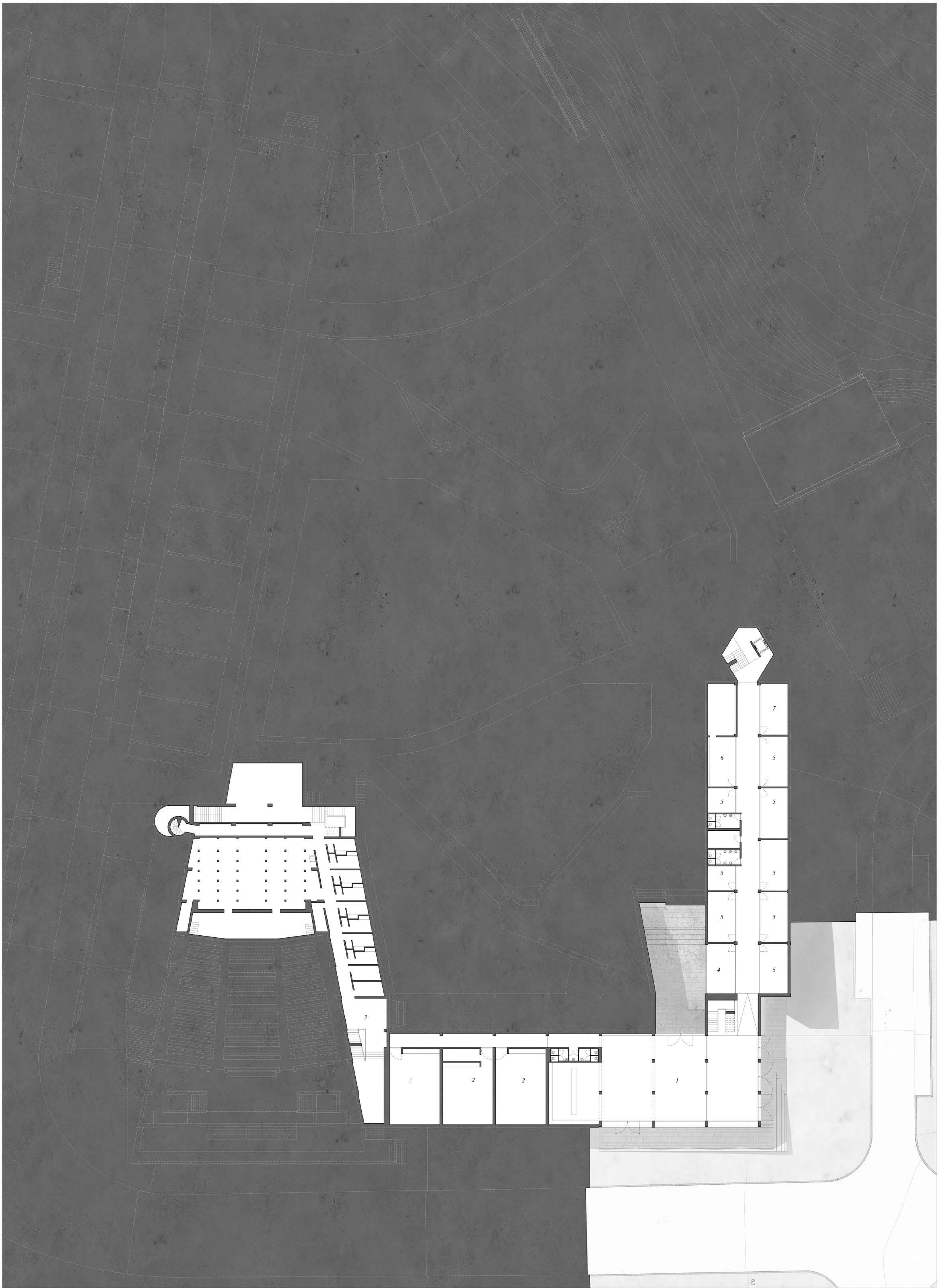
para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Planta Urbana à escala 1:500
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Perfis Urbanos à escala 1:500
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos

PRODUCED BY AN @DESIGN STUDENT VERSION

PRODUCED BY AN @DESIGN STUDENT VERSION

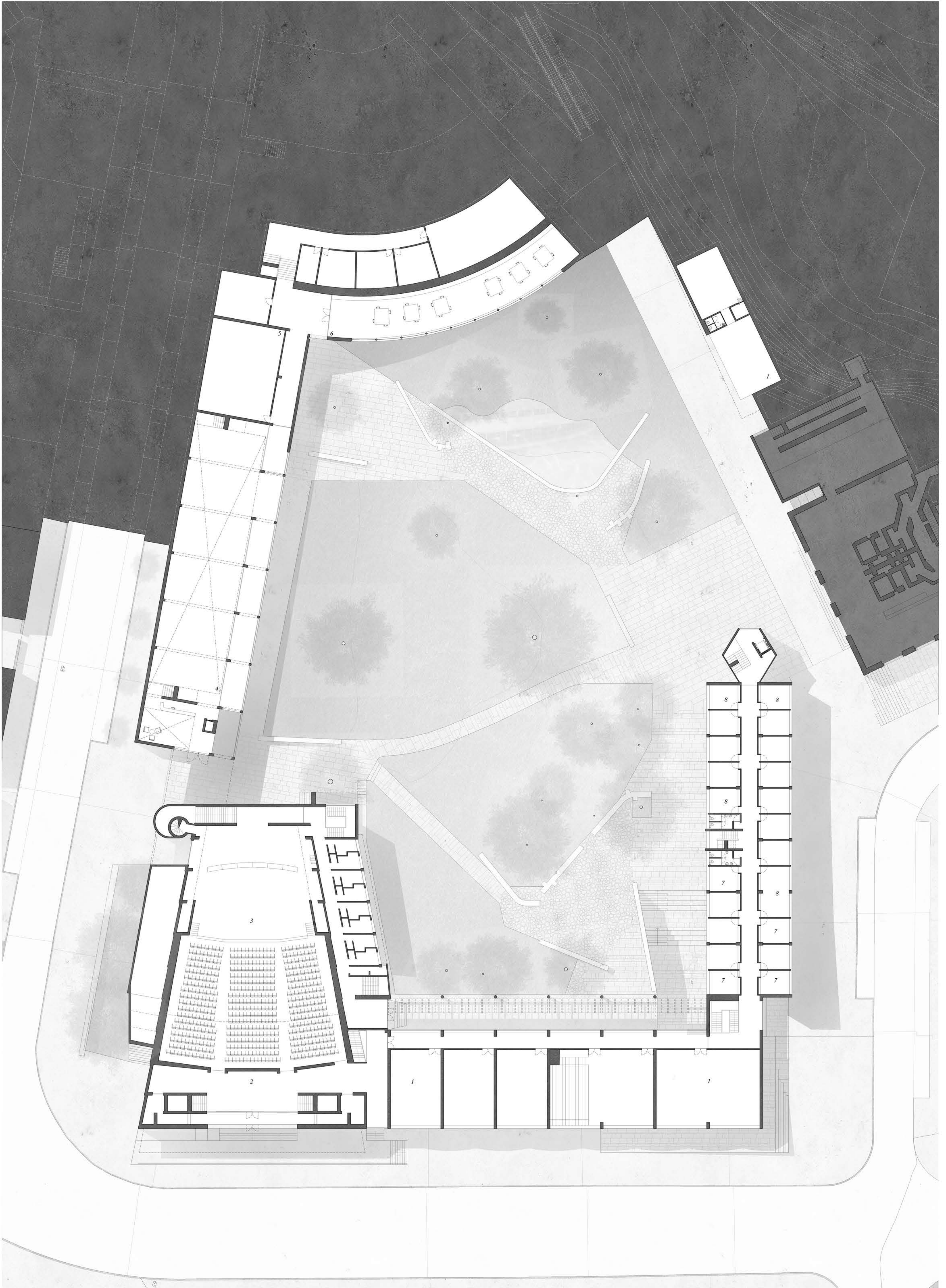


Legenda:
 1 - Bar 2 - Salas de Ensaio - Organismos Autónomos 3 - Bastidores TAGV 4 - Mini-Mercado
 5 - Serviços 6 - Tesouraria 7 - Papelaria

para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Planta do piso 0 à escala 1.200
 Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
 Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
 Gonçalo Ferreira Santos

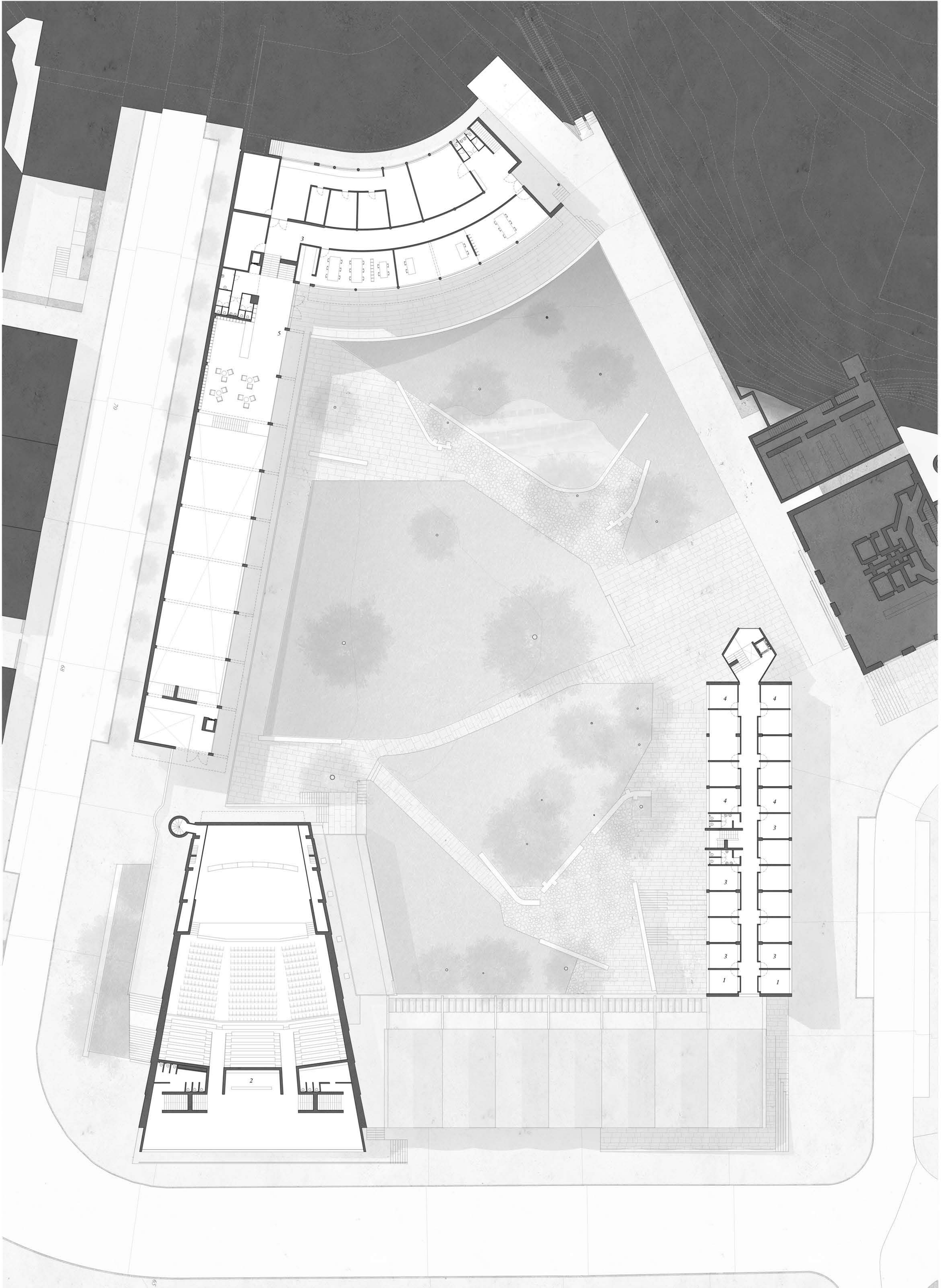




Legenda:
 1 - Salas de Ensaio O.A. 2 - Foyer TAGV 3 - Ginásio/Espaço Multiusos 4 - Auditório 5 - Salas de Ensaio,
 Secções Culturais 6 - Espaço de Co-Working 7 - Gabinetes, Organismos Autónomos 8 - Gabinetes,
 Secções Culturais

para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
 Planta do piso 1 à escala 1:200

Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
 Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
 Gonçalo Ferreira Santos

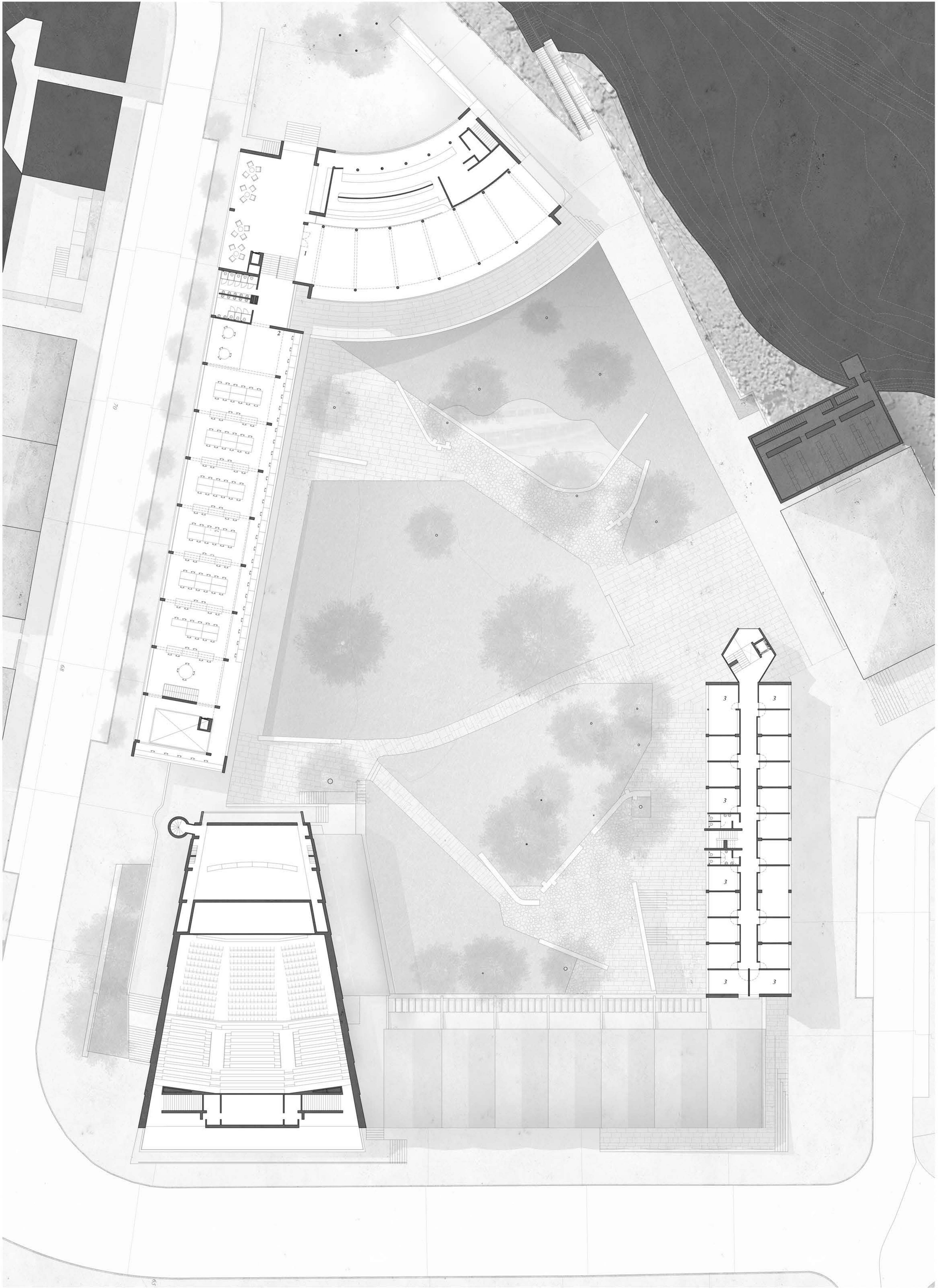


Legenda:
 1 - Salas de Estudo 2 - Cafe TAGV 3 - Gabinetes, Secções Culturais 4 - Direção-Geral 5 - Espaços de Estar

para além da utopia
 Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Planta do piso 2 à escala 1:200

Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
 Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
 Gonçalo Ferreira Santos



Legenda:
 1 - Cantina 2 - Sala de Estudo 3 - Gabinetes, OA

para além da utopia
 Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Planta do piso 3 à escala 1:200

Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
 Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
 Gonçalo Ferreira Santos





Legenda:
1 - Gabinetes, Secções 3 - Gabinetes, OA

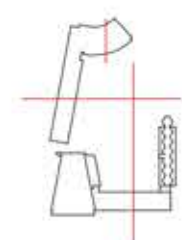
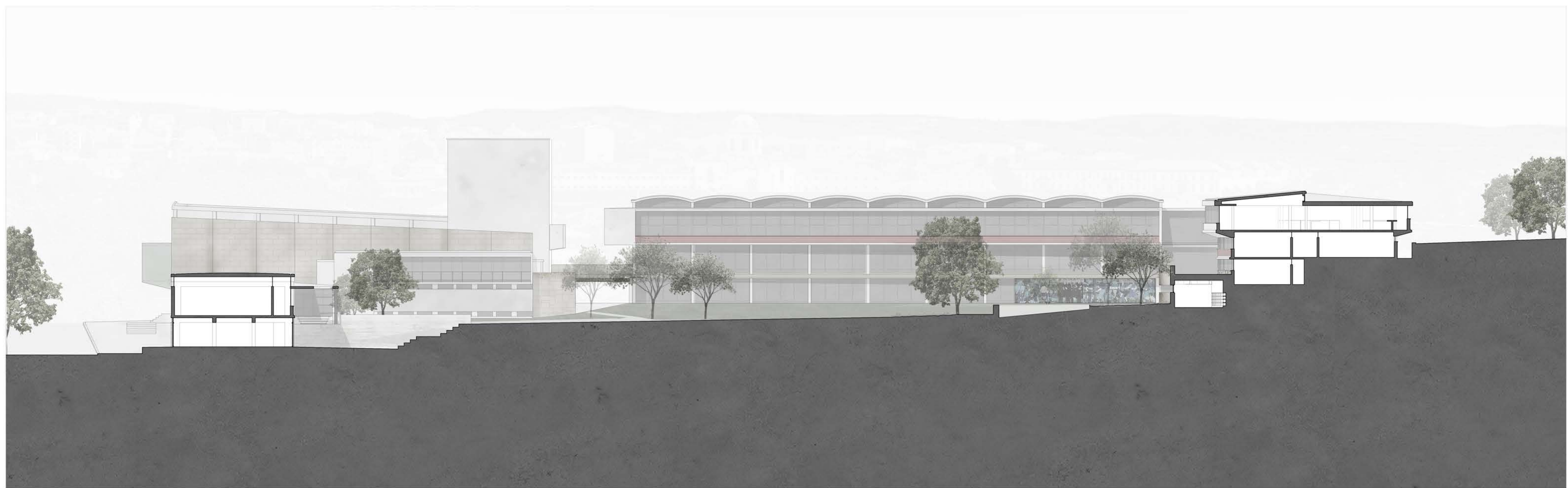
para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Planta do piso 4 à escala 1:200
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



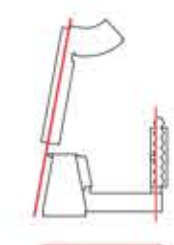
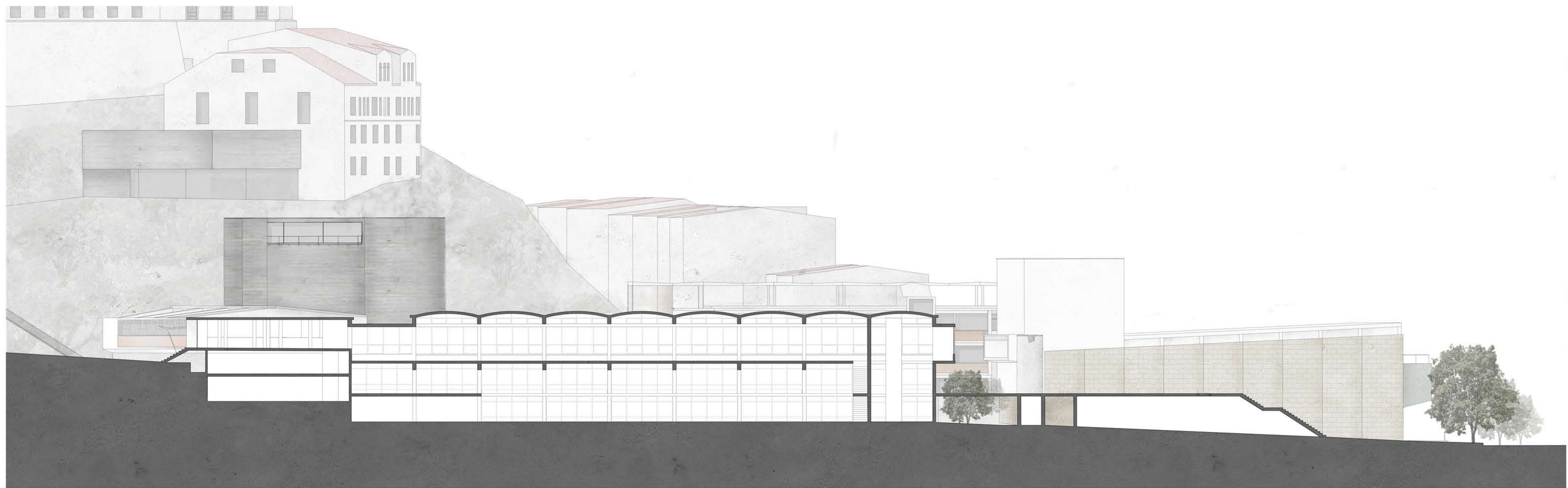
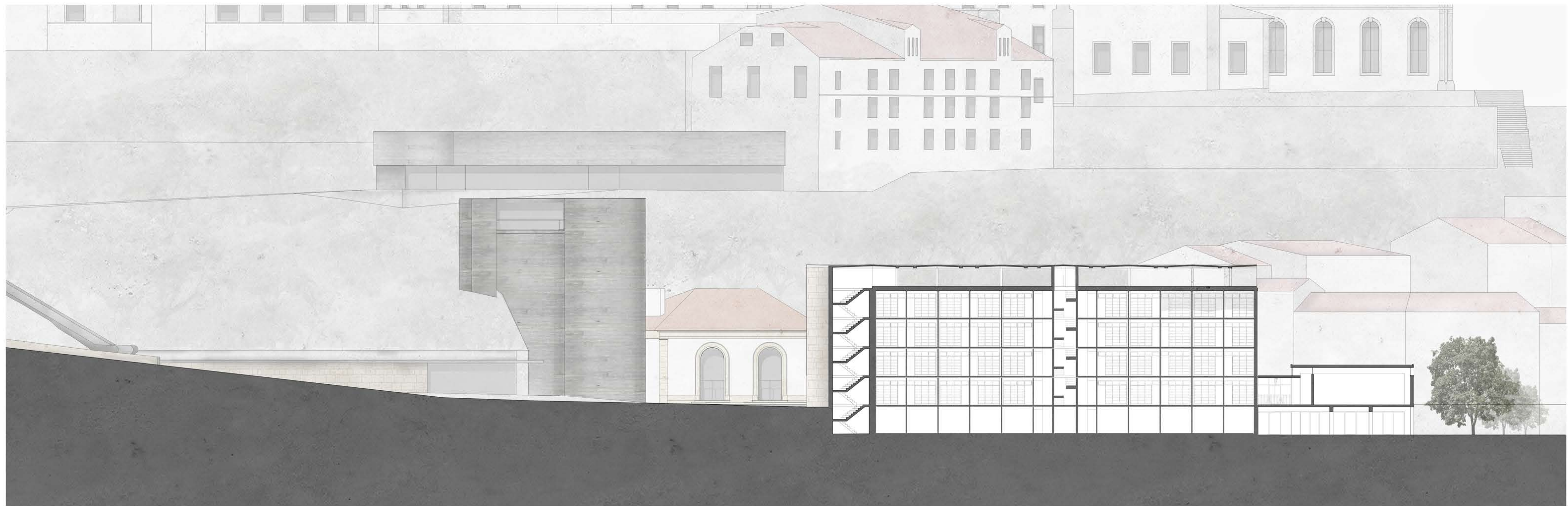
para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Planta do piso 5 à escala 1.200
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Planta de cobertura à escala 1:200
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Corte 1 e 2 à escala 1:200
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Corte 3 e 4 à escala 1:200
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos



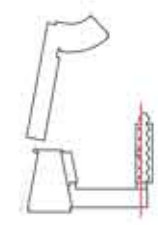
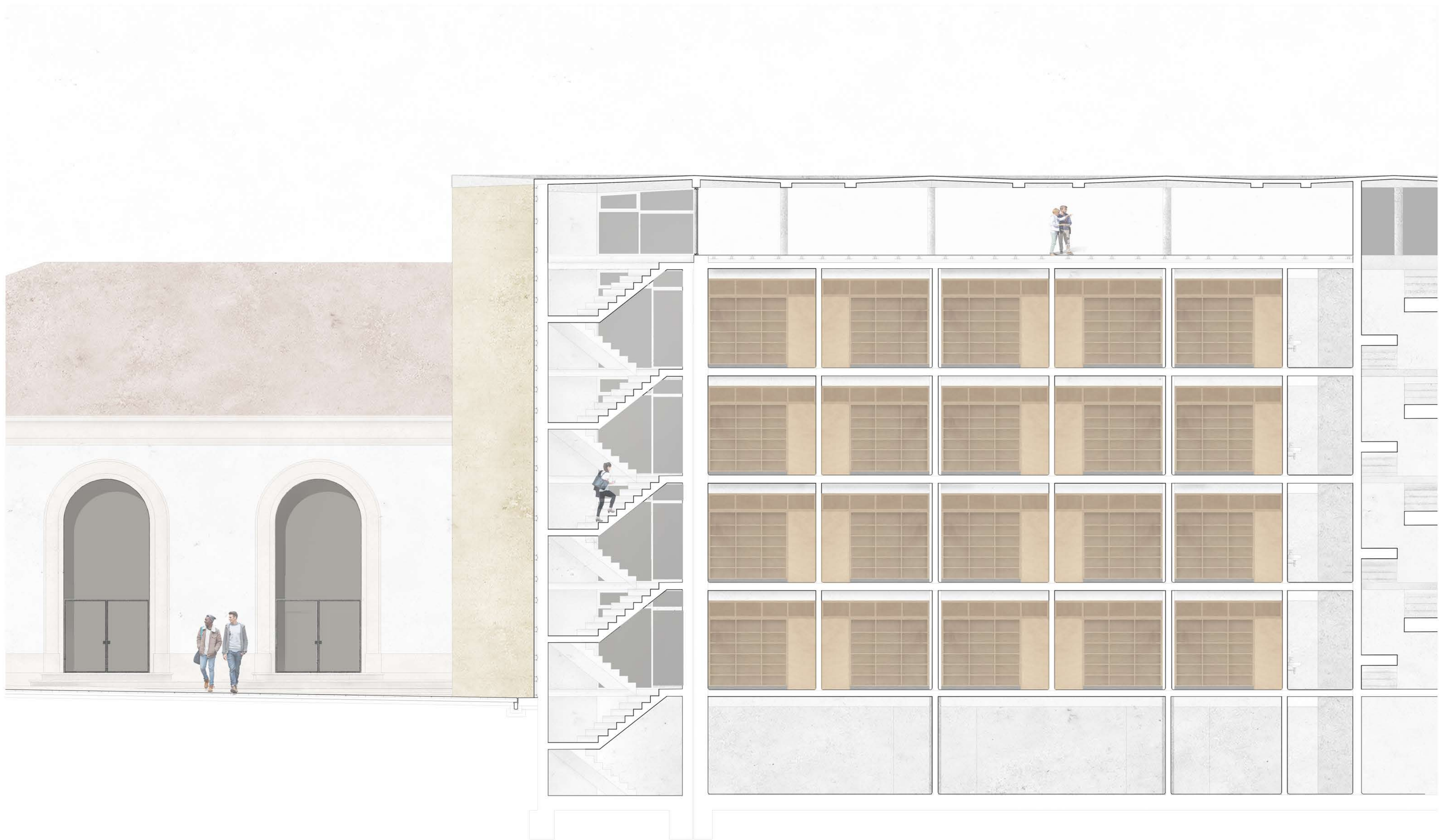


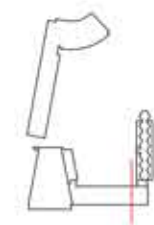
para além da utopia

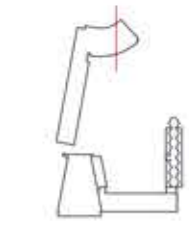
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Axonometria

Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos





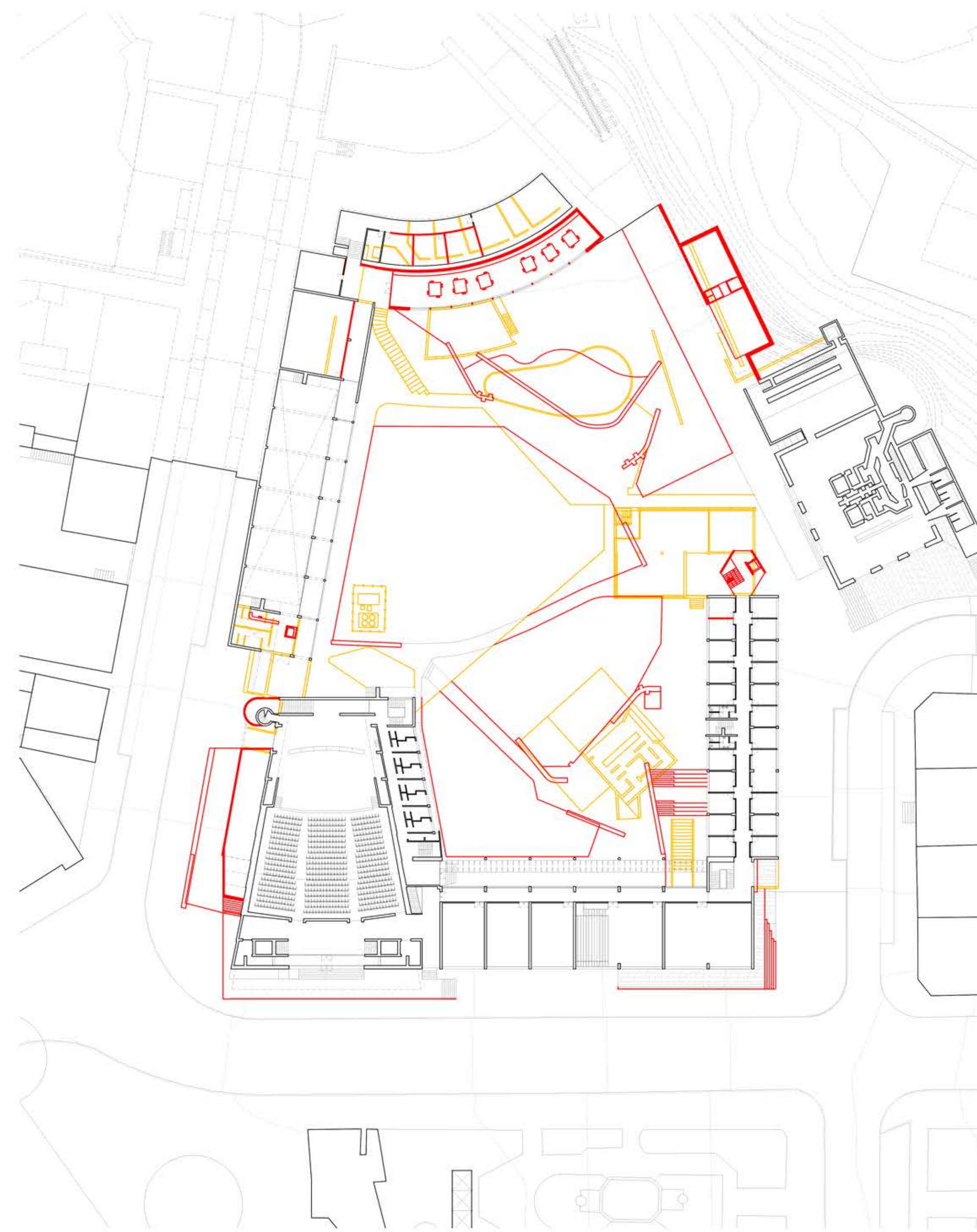
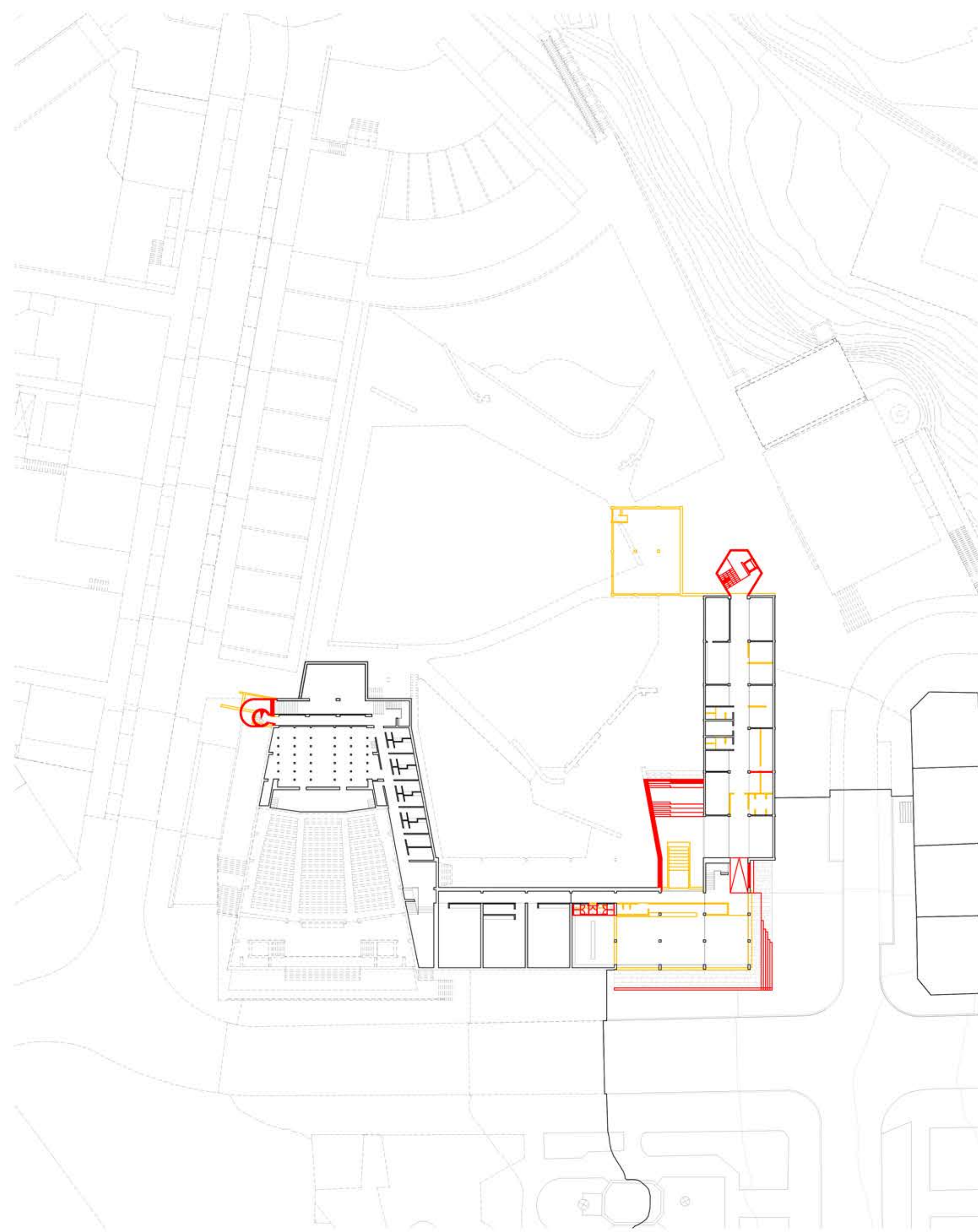


para além da utopia
 Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
 Corte à escala 1:50
 Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
 Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
 Gonçalo Ferreira Santos



1 - Microcubo de granito 2 - Placa de pedra calcária, semelhante à existente 3 - Betão 4 - Coletor de águas 5 - Almofada de arca 6 - Lajeado de calcário 7 - Laje pré-existente 8 - Botoeira 9 - Linóleo com acabamento tipo mármore 10 - Cateilhariia de alumínio 11 - Laje pré-existente
 12 - Alvenaria pré-existente 13 - Aparelho de pedra pré-existente 14 - Pínel de calcário pré-existente 15 - Cálculo de ferro pré-existente 16 - Laje pré-existente 17 - Manta geotéxtil 18 - Tã de impermeabilização 19 - Isolamento térmico 20 - Cantoneira 21 - Calceira 22 - Betão 23 - Cantoneira de betão 24 - Caixa de manuseio 25 - Canal em betão 26 - Placa de aço 27 - Entrada de água 28 - Beiró de limpa 29 - Manta geotéxtil 30 - Tostovermet 31 - Brita 32 - Beiró de limpa 33 - Isolamento térmico 34 - Massame 35 - Linóleo com acabamento tipo mármore
 36 - Peça de fixação 37 - Pedra calcária semelhante à existente 38 - Abobadilha cerâmica curva 39 - Camada de regularização 40 - Pedestais 41 - Alvenaria 42 - Dreno

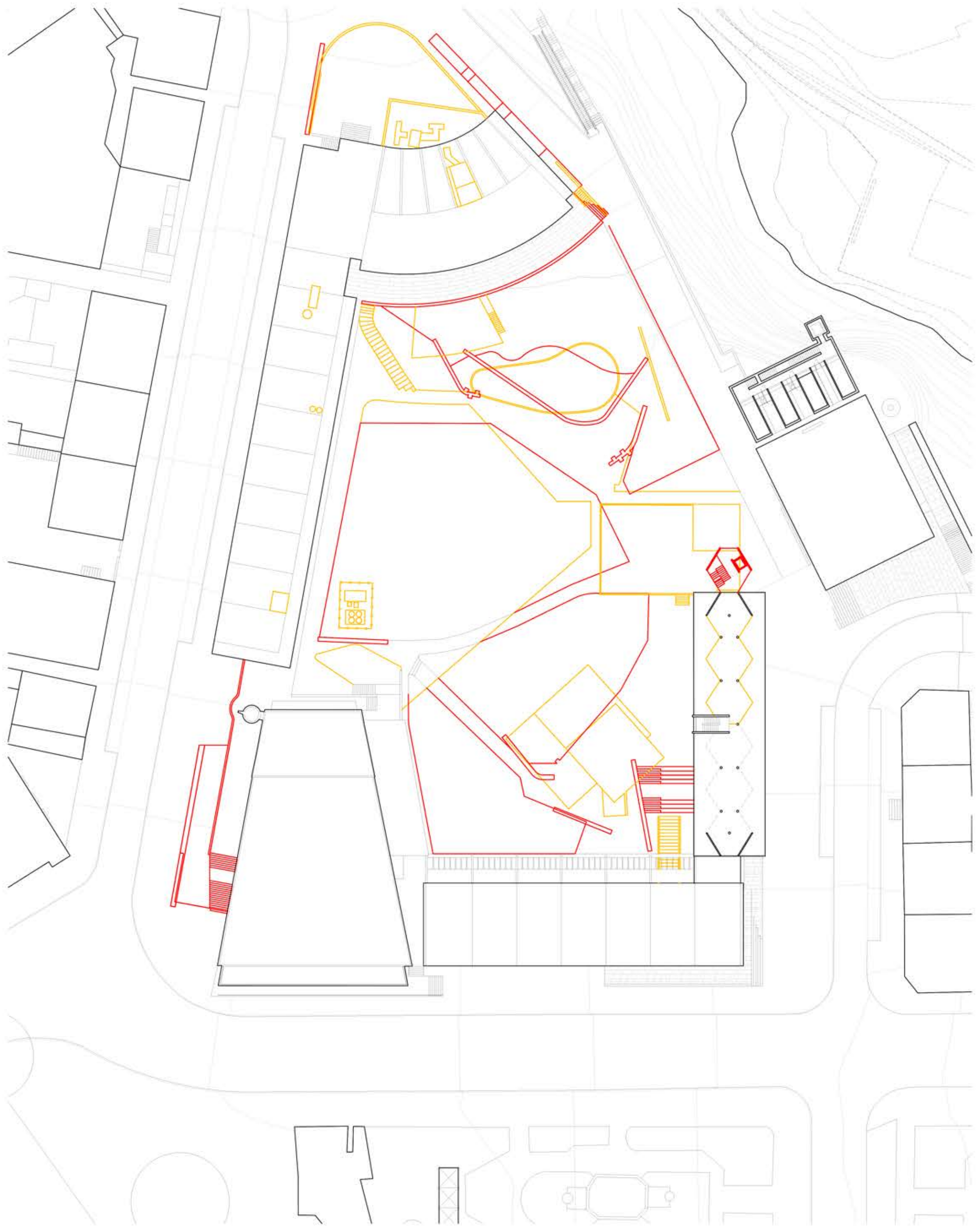
para além da utopia
 Um projeto para a casa dos Estudantes Inês, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
 Curso Construção à escala 1:20
 Disciplina de Mestrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura - ECTUC
 Sob orientação do Professor Doutor Rui Antunes
 Gonçalo Pereira Santos



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra
Esquema de Vermelhos e Amarelos do piso 0 e 1 à escala 1.500
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos

BY AN AUTODESK STUDENT | VISUALIZADO

BY AN AUTODESK STUDENT | VISUALIZADO



para além da utopia
Um projeto para a casa dos Estudantes hoje, Reabilitação das Instalações Académicas de Coimbra

Esquema de Vermelhos e Amarelos do piso 2 e 5 à escala 1.500
Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura - FCTUC
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides
Gonçalo Ferreira Santos